**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Pós-Graduação em História

**Flávia Bruna Ribeiro da Silva Braga**

# "'DITADURA', ABOLIÇÃO E REPÚBLICA: A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889)"

**RECIFE**
**2017**

**Flávia Bruna Ribeiro da Silva Braga**

# "'DITADURA', ABOLIÇÃO E REPÚBLICA:
# A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889)"

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestrado em História no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da Profª Suzana Cavani Rosas.

**RECIFE**
**2017**

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

B813d Braga, Flávia Bruna Ribeiro da Silva.
"Ditadura", Abolição e República : a propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889) / Flávia Bruna Ribeiro da Silva Braga. – 2017.
265 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Suzana Cavani Rosas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017.
Inclui Referências e anexos.

1. História. 2. Ditadura. 3. Republicanismo – Brasil. 4. Positivismo. I. Rosas, Suzana Cavani (Orientadora). II. Título.

981 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2017-096)

FLÁVIA BRUNA RIBEIRO DA SILVA BRAGA

**"'DITADURA', ABOLIÇÃO E REPÚBLICA:**
**A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1875-1889)"**

Dissertação apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre** em **História**.

Aprovada em: **15/03/2017**

**BANCA EXAMINADORA**

Profª. Drª. Suzana Cavani Rosas
Orientadora (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Cristiano Luis Christillino
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Wellington Barbosa da Silva
Membro Titular Externo (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

*A todo brasileiro que ainda luta e acredita no futuro do país, mesmo neste momento de tantas incertezas.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de ter espaço para agradecer desde a minha mãe, que me concebeu, até meu último aluno da comunidade Santa Felicidade, para poder me sentir em paz com todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que chegasse até aqui. Infelizmente, os rigores da Academia me forçam a ser genérica na maior parte das vezes, mas em todo caso, este é o produto coletivo de muita gente. Agradeço aos meus pais, Diva e Jocemir, pela dedicação incondicional, pelo amor e conselhos. À Fabiana, minha irmã, a quem posso confiar cegamente. À Maria Cecília, que é meu coração fora do corpo. À minha segunda mãe, de coração, Edileuza. À minha vovó Noêmia. A Alyson, por ter me tornado alguém melhor e com propósito de vida, e por suas belas críticas a essa dissertação. À minha família, que é a minha base, especialmente meus padrinhos Djanira e Itamar, assim como minhas primas-irmãs, Roberta e Raquel. Ao 'GD', uma extensão de mim. Aos meus companheiros de uma vida: Cássio, Jéssica, André e Israel. Aos meus colegas de trabalho, ao longo de tantos anos, pelo amadurecimento profissional e pessoal, especialmente Luís Eurico, Aleriane, Andréa, Graça e Anna Paula, pessoas que nem sabiam, mas me ensinaram o valor da delicadeza, da suavidade e da paciência. Aos meus professores nesta longa trajetória, que me ensinaram desde a ler (Tia Fátima) até meus orientadores da universidade: Antônio Paulo Rezende, Adriana Paulo, Isabel Guillen, Christine Dabat e Suzana Cavani. Aos meus colegas da faculdade, com quem compartilho a trajetória de luta: Estevam Machado, Rafael Santana, Maria Clara. Aos historiadores Israel Ozanam, Amador Bueno, Marcelo Mac Cord e Tassiana Saccol, pela gentileza de compartilharem suas ideias e trabalhos. Aos funcionários do APEJE, da Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública (Eunice e Poliana, imensamente!!!), aos funcionários da hemeroteca da Faculdade de Direito (Cláudia, imensamente!!!!!!!), da Fundaj, por terem lutado pela minha pesquisa, muitas vezes com perigo real de ser inutilizada. Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa. Aos meus alunos que me fortalecem e dão propósito para continuar lutando, de forma a dar-lhes o exemplo e a inspiração necessários para vencer as adversidades que a vida os impôs. Aos alunos do Vestibular Cidadão, que me renovam. A todos aqueles que me ensinaram a como *não* ser. A todos aqueles que ainda sofrem, passam fome, não têm onde dormir e nunca receberam amor, por sempre me lembrar que a vida está bem além destas páginas. Meu mais sincero e imenso obrigado.

## RESUMO

No final do Império Brasileiro muitos eram os jovens que sonhavam e projetaram um futuro para o país, principalmente em busca do progresso científico e econômico. Dentre esses projetos, a República surgiu como alternativa política e, ao lado do abolicionismo, fervilhou as tensões entre os diversos grupos sociais do império. Ainda mais especificadamente, o republicanismo teve diversas vertentes dentre as quais a parcela "revolucionária" ou "popular" que também sofreu o golpe da Proclamação. Esta dissertação teve como objeto de estudo principal um grupo de jovens, em sua maioria positivistas, que lutaram pela República a partir de Pernambuco entre 1875 e 1889. Em uma corrente contrária à dominação paulista de Quintino Bocaiúva, a experiência positivista em Pernambuco se uniu às do Pará e Rio Grande do Sul em termos de defesa de uma republica positiva, a Ditadura comtista. Com variações e adaptações específicas, o Partido Republicano de Pernambuco foi uma das poucas experiências a defender explicitamente a Ditadura Positivista, se aliar a liderança de Silva Jardim e a se unir a uma contrapropaganda interprovincial que lutou contra a dominação paulista do Partido Republicano nacional. Ao proporem a integração do proletário escravo, através de garantias sociais, serem contrários à imigração e defenderem a abolição do legislativo, os positivistas em Pernambuco estão dentre as correntes políticas do final do Império no Brasil que foram muito pouco estudados. O positivismo enquanto doutrina política revelou-se bastante relevante para entender a formação intelectual das elites que virão conformar o novo regime, numa experiência de longa duração que ainda necessita ser melhor compreendida para os desafios atuais no nosso país.



**PALAVRAS-CHAVE:** Republicanismo. Positivismo. Pernambuco. Ditadura.

## ABSTRACT

At the end of Brazilian Empire many young men dreamed and projected a future for the country, mainly based on scientific and economic progress. In these projects, Republic became a political alternative and, aside abolitionism, increased tensions between several social groups in the Empire. Deeper more, republicanism had several orientations, in which the "revolutionary" or "popular" wing also received the 'coup' of Republic. This essay had as main objective a group of young men, mostly positivists, who fought for Republic from Pernambuco between 1875 and 1889. They're counter the paulista's dominator Quintino Bocaiuva, the positivist experience in Pernambuco has joined to Pará's and Rio Grande do Sul's defense of Republican Dictatorship, the comtian dictatorship. With variations and specific adaptations, the Pernambuco Republican Party was one of the few experiences to defend explicitly the Positivist Dictatorship, to ally with Silva Jardim and to became part of a interprovince counter advertising that fought the paulista's dominance. When they proposed the slave integration to society, thought social guarantees, being counter immigration and defend the legislative abolition, the positivist in Pernambuco are in the political wings in Brazilian Empire that were poorly studied. The positivism as political doctrine has revealed very important to understand the elite's intellectual formation that will became the new regime, in a large experience that needs to be more understood to current challenges in our country.



**KEY-WORDS:** Republicanism. Positivism. Pernambuco. Dictatorship.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - CAPA DO *DIABO A QUATRO* EM OFERECIMENTO ÀS LEITORAS (1876) ---------- 51
FIGURA 2 - ALEGORIA DA REPÚBLICA GUIANDO UMA LIBERTA---------- 55
FIGURA 3 - A HUMANIDADE AO LADO DO PEDESTAL DE LITTRÉ (1876)---------- 63
FIGURA 4 - SPARTACUS SOBRE O MONTE DOS GUARARAPES---------- 64
FIGURA 5 - CHARGE ANTICLERICAL NO DIABO A QUATRO (1875) ---------- 66
FIGURA 6 - ANÚNCIO DA PEÇA O DOUTOR ALBERTO DE ANÍBAL FALCÃO (1877) ---------- 70
FIGURA 7 - HOMENAGEM DO DIABO A QUATRO A ANÍBAL FALCÃO (1877)---------- 72
FIGURA 8 - O COMÉRCIO BATE À PORTA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA (1875)---------- 86
FIGURA 9 - SRª MARIA AUGUSTA ESTRELLA E JOSEPHA AGUEDA, HOMENAGEM DE O ETNA - 103
FIGURA 10 - DETALHE DO BARRETE FRÍGIO NO JORNAL AVE LIBERTAS---------- 106
FIGURA 11 - DOM PEDRO II ENTRE LIVROS POSITIVISTAS (1876)---------- 120
FIGURA 12 - JOSÉ MARIANO PRÓXIMO AOS 30 ANOS (1880) ---------- 163
FIGURA 13 - MARTINS JÚNIOR AOS 19 ANOS (1879)---------- 163
FIGURA 14 - SILVA JARDIM COM A DIRETORIA DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO (JULHO/1889)---------- 178
FIGURA 15 - O TERCEIRO REINADO E SUA CORTE---------- 182
FIGURA 16 - ANÚNCIO DA LOJA GRACIOSA (1889)---------- 188
FIGURA 17 - ANÚNCIO DO RESTAURANTE GOMES---------- 189

# LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - ORIGEM PROVINCIAL E NACIONAL DO MOVIMENTO REPUBLICANO EM PERNAMBUCO (1875-1889).....28
TABELA 2 - PERNAMBUCANOS LISTADOS POR REGIÃO ADMINISTRATIVA (1875-1889).....29
TABELA 3 - PERFIL DAS OCUPAÇÕES DO MOVIMENTO REPUBLICANO.....31
TABELA 4 - VANTAGEM DO EXEMPLAR REPUBLICANO SOBRE OS DEMAIS PERIÓDICOS (1875-1889) (APROXIMADAMENTE).....41
TABELA 5 - ESTRUTURA DA DITADURA POSITIVISTA .....48
TABELA 6 - PEPRESENTATIVIDADE DAS PROVÍNCIAS NO IMPÉRIO, EM RELAÇÃO AO TOTAL DAS PROVÍNCIAS BRASILEIRAS (%).....74
TABELA 7 - CHAPA REPUBLICANA DE 1880 .....83
TABELA 8 - CHAPA REPUBLICANA PARA VEREADORES E JUÍZES DE PAZ (1880).....89
TABELA 9 - SOCIEDADES ABOLICIONISTAS FUNDADAS EM PERNAMBUCO (1879-1888).....109
TABELA 10 - REPUBLICANOS PRESENTES NOS CARGOS DE DIRETORIA DAS SOCIEDADES ABOLICIONISTAS EM PERNAMBUCO .....111
TABELA 11 - FEDERAÇÕES ABOLICIONISTAS EM PERNAMBUCO (1884).....127
TABELA 12 - CHAPA REPUBLICANA PARA ELEIÇÃO EM 1886 .....146
TABELA 13 - CANDIDATOS PARA A ELEIÇÃO DE 31 DE AGOSTO DE 1889.....170
TABELA 14 - REPUBLICANOS PARA MESAS ELEITORAIS - BAIRRO DA BOA VISTA .....172
TABELA 15 - CANDIDATOS REPUBLICANOS NO NORTE DO IMPÉRIO (AGOSTO/1889) .....172
TABELA 16 - VOTOS ALCANÇADOS PELOS PARTIDOS REPUBLICANOS NO IMPÉRIO (AGOSTO/89).....173
TABELA 17 - CANDIDATOS REPUBLICANOS PARA ELEIÇÃO DE 28 DE DEZEMBRO DE 1889.....190
TABELA 18 - RELAÇÃO DE INDIVÍDUOS QUE PARTICIPARAM DO MOVIMENTO REPUBLICANO EM PERNAMBUCO (1875-1889) .....215
TABELA 19 - PERIÓDICOS CIRCULANTES EM PERNAMBUCO ENTRE 1875 E 1889.....245
TABELA 20 - CLUBES REPUBLICANOS CRIADOS EM PERNAMBUCO ENTRE 1875-1889.....258

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMGM – Arquivo Manoel Gomes de Matos (Arquivo Público de Pernambuco)

AMJ – Arquivo Martins Júnior (Arquivo Público de Pernambuco)

CJN – Correspondência de Joaquim Nabuco (Fundação Joaquim Nabuco)

CJR – Correspondência de João Ramos (Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco)

CLMJ – Clube Literário Martins Júnior

CMJ – Clube Martins Júnior

CRA – Clube Republicano Acadêmico

CRP- Clube Republicano Paroquial

CRPE – Centro Republicano de Pernambuco

FDLSF – Faculdade de Direito do Largo do São Francisco

FDLSF – Faculdade de Direito do Largo do São Francisco

FDR – Faculdade de Direito do Recife

PRPA – Partido Republicano do Pará

PRPE – Partido Republicano de Pernambuco

PRRN – Partido Republicano do Rio Grande do Norte

PRRS – Partido Republicano do Rio Grande do Sul

**SUMÁRIO**


**1 INTRODUÇÃO** ..... 13
**2 UM PERFIL DO MOVIMENTO** ..... 25
**2.1 Afinal, de quem estamos falando?** ..... 25
**2.2 Os espaços de atuação** ..... 37
**2.3 A ditadura positivista** ..... 42
**3 ASSIMILAR E CRESCER (1875-1882)** ..... 61
**3.1 Nós, os republicanos incorruptíveis (1875-1879)** ..... 61
**3.2 As primeiras tentativas de voo (1880-1882)** ..... 80
**4 DIVIDIR E CONQUISTAR (1883-1884)** ..... 96
**4.1 A pedra no sapato: o movimento cresce** ..... 96
**4.2 1884 - os bastidores da campanha abolicionista** ..... 124
**5 FORTALECER E UNIFICAR (1885-1888)** ..... 140
**5.1 Propaganda em tempos obscuros** ..... 141
**5.2 Agora somos um: o centro e o partido** ..... 145
**6 REAGIR E ATACAR (1888-1889)** ..... 156
**6.1 Os despojos da abolição** ..... 156
**6.2 A deserção positivista e o recrutamento** ..... 160
**6.3 Martinistas vs. Marianistas: a república nasce num barril de pólvora** ..... 176
**7 CONCLUSÃO** ..... 193
**8 FONTES UTILIZADAS** ..... 197
**8.1 Periódicos** ..... 197
**8.2 Manuscritos e impressos** ..... 198
**8.3 Obras da época** ..... 199
**8.4 Fontes transcritas publicadas** ..... 201
**8.5 Acervo de consulta** ..... 201
**REFERÊNCIAS** ..... 204
**ANEXOS** ..... 215
**ANEXO A – Perfil do movimento republicano em Pernambuco** ..... 215
**ANEXO B – Periódicos circulantes em Pernambuco (1875-1889)** ..... 245
**ANEXO C – Clubes republicanos em Pernambuco (1875-1889)** ..... 258

**ANEXO D – Lista de membros do Clube do Cupim (1889) .....261**

# 1 INTRODUÇÃO

Se hoje você chama alguém de 'positivista' pode esperar dela uma reação ofendida. No século XXI a palavra passou a designar alguém chato, conservador, certinho e metódico. Mas houve uma época na história do Brasil que chamar alguém de 'positivista' era um grande elogio, chegava mesmo a significar algo revolucionário. Jovens brasileiros nascidos na segunda metade do século XIX consideravam a teoria política positivista como uma maneira de mudar o Brasil radicalmente, sem derramar uma gota de sangue (PACHECO, 2006, P.145). Teotônio Freire, num artigo para a *Revista Contemporânea* declarou sua nostalgia contando que "Houve um tempo em que belíssimos espíritos representaram aqui o pensamento contemporâneo. Um grupo de moços que simbolizavam para nós uma gloriosa fase histórica. [Éramos] a Atenas do Norte" (REVISTA CONTEMPORÂNEA, 15-11-1895). Por essa razão, estudantes, professores, médicos, engenheiros, comerciantes que se diziam 'positivistas' acreditavam-se como uma elite intelectual rebelde, pronta para ver o Brasil entrar na era do progresso científico fundado desde a Revolução Industrial. Em uma conclusão do seu trabalho, Nelson Saldanha percebeu a importância do positivismo para a formação da elite política brasileira que iria fundar a República:

> (...) os brasileiros sempre gostam das filosofias que têm algo de religião. Não era, como às vezes se supõe, a "ausência" de outros conteúdos doutrinários no país que dava à filosofia positiva o ensejo de dominar grande parte da situação: é que efetivamente o tipo de atitude intelectual de nossas elites naquela hora era propício a adotar os caracteres do comtismo: valorização do saber positivo, disciplina e amor da ordem, hierarquização mística, ortodoxia sem catolicismo. (SALDANHA, 1966, p.32)

Atualmente sabemos muito bem quais armadilhas o positivismo contribuiu para a estrutura de pensamento autoritário – fim das liberdades individuais e coletivas, perseguição política, torturas, etc. -, afinal temos uma longa trajetória de experiências no século XX e XXI que nos fazem ficar de pé atrás com qualquer ideologia que se baseie num grande líder centralizador. Mas muitos dos jovens brasileiros nascidos nos idos de 1850-60 não tiveram essa experiência dos regimes totalitários do século XX e, num momento mundial de esperança no progresso, acreditaram piamente na 'Ditadura[1] Positivista' como uma salvação nacional. Foi justamente após a 'Revolução de 1930' (sob muita influência do positivismo, aliás. SUPERTI, 2004) que muitos desses indivíduos rememoraram sua juventude, pensando nos

[1] O termo é encontrado desta forma na documentação, com sentido diferente ao que é compreendido após o século XX. Mais a respeito será tratado no primeiro capítulo dessa dissertação.

jovens revolucionários diante dos seus olhos. Graça Aranha, maranhense que estudou no Recife à época da propaganda republicana, relembrou que (ARANHA, 1931, p.159)

> Do meu segundo ano até a formatura, vivi no grupo desses republicanos ardentes e aí meu temperamento apaixonado se refinou. Fui dos mais exaltados e mais radicais. Toda a vez que uma ideia me toma, ela se converte em sentimento absoluto, exclusivo, e me governa. Assim fui abolicionista, republicano, anarquista, aliado, modernista e revolucionário.

Seus colegas confirmam, ao chama-lo de "o mais apaixonado dos republicanos e dos abolicionistas" e por isso mesmo um "verdadeiro fanático" (FOLHA D*O NORTE*, 16-9-1883). Também durante a década de 1930, Luiz Aníbal Falcão, filho de Aníbal Falcão, declara que o nome do seu pai foi "propositadamente ocultado, sofreu o que se chama a uma conspiração do silêncio" (FALCÃO, 1933, p.12). Porque o processo revolucionário de 1930 despertou o interesse na propaganda positivista de 50 anos antes[2]? A ligação entre os dois períodos é mais forte do que se imagina. Não é mera coincidência que os positivistas de 1880 fossem conhecidos como "papas verdes" (ARAÚJO, 1996, p.50) e essa cor continuasse a representar o movimento integralista[3] da década de 1930. Essa continuidade foi objeto de estudo de Eliane Superti (2004) que demonstrou a estreita ligação dos positivistas na construção do Estado Novo, também já indicada por Antônio Paim (1997, p.93). Alfredo Bosi também defende a tese da 'longa duração' do positivismo no Brasil (2004). Essa dissertação trata sobre o grupo específico de jovens imersos na esperança do futuro: os republicano-positivistas em Pernambuco atuantes na província entre 1875-1889. Concordo, portanto, com o ponto de vista de Luiz Otávio Ferreira e o de Sérgio Buarque de Hollanda[4], quando analisam a geração positivista no Brasil, ao afirmar que:

> O positivismo foi não simplesmente uma doutrina de referência de um elemento de retórica para o movimento cientificista brasileiro do final do século XIX, mas a fonte essencial do ethos – motivações, valores,

[2] Há inúmeros trabalhos publicados na década de 1930 sobre o movimento positivista de propaganda republicana, entre eles: (DORNAS FILHO, 1936), (MENDONÇA, 1938), (LIMA, 1939). Há ainda a edição publicada da proposta de Constituição do regime ditatorial positivista proposto por Miguel Lemos e Teixeira Mendes – com endosso dos parlamentares positivistas da Constituinte de 1890 – feita após a Revolução de 1930, em 1934.

[3] Não se pode, em hipótese alguma, afirmar que os positivistas eram integralistas (SUPERTI, 2004) ou jacobinos (CARVALHO, 1990; RIBEIRO, 1998), toda e qualquer designação posterior à Proclamação da República deve ser compreendida de acordo com as adaptações que foram feitas à propaganda positivista precedente. Os positivistas tinham uma orientação própria, um objetivo específico que não pode ser confundido pelas experiências posteriores. Um equívoco de interpretação (especialmente de José Murilo de Carvalho) é atribuir aos propagandistas da década de 1870-80 uma postura teleológica que levaria ao radicalismo florianista ou ao fascismo integralista.

[4] "(...) o papel predominante, politicamente, do positivismo, não é tanto o da filosofia, ou da seita, ou da religião, mas o estado de espírito e o clima de opinião que, a partir dele, passou a contaminar vastas camadas, marcando até alguns que se prezavam de combatê-lo" (HOLLANDA, 2012, p.336).

> compromissos, regras de conduta, repertório conceitual e linguístico – importantes dos intelectuais e cientistas brasileiros do início do século XX que, engajados em modalidades de ação coletivas típicas da época – jornalismo, crítica literária, associações profissionais e estudantis, sociedades literárias e/ou científicas, partidos políticos, movimentos reinvindicatórios -, indentificam nas formas de sociabilidade, nos arranjos institucionais e nos conhecimentos gerados pela atividade científica a chave para a reorganização da sociedade brasileira (FERREIRA, 2007, p.2).

A existência desses republicanos ficou relegada em segundo plano em nome das biografias de renomados membros da sociedade pernambucana, tais como Joaquim Nabuco, José Mariano, Tobias Barreto e Sílvio Romero. Apesar de estas pessoas figurarem entrelaçadas nas trajetórias dos homens e mulheres que lutaram pela república a partir de Pernambuco, é bastante comum tomá-las como 'sinônimo' do ambiente político da época. Aí está uma armadilha que relegou os positivistas à penumbra: de um lado, o grande abolicionista Joaquim Nabuco, deixou suas memórias e seus documentos para a posteridade, do outro, Sílvio Romero, memorialista do que ele mesmo inventou: a Escola do Recife. Já quando o assunto é a influência local, deixa-se de lado Joaquim Nabuco para dar destaque a José Mariano Carneiro da Cunha que *só esteve na diretoria de um clube abolicionista*[5]. Com menos participação em comícios que Joaquim Nabuco e quase inexpressiva produção jornalística, é um fato digno de estudo descobrir porque José Mariano ganhou a fama que teve (e tem). Concordo, portanto, com a posição de Tânia Amorim, quando afirma que a visão que coloca o germanismo de Tobias Barreto e Silvio Romero como sinônimo do movimento republicano em Pernambuco um equívoco (AMORIM, 1994, p.33).

Uma das conclusões desta dissertação foi perceber a profundidade do envolvimento de republicanos no movimento abolicionista a ponto de questionar a verdadeira fama que coube a José Mariano e Joaquim Nabuco. Tudo parece estar ligado ao tipo de fonte que é usada. Por exemplo, Silva Jardim, em suas memórias, dá mérito ao movimento abolicionista em Pernambuco a João Ramos e Aníbal Falcão, dois republicanos de orientações políticas distintas (OZANAM, 2013, P.52). Sem contestar a tese de Lilia Schwarcz (1993), é perceptível como a produção de Sílvio Romero torna-se quase onipresente para representar o "pensamento racial" da Faculdade de Direito do Recife na segunda metade do século XIX. Mas se sabe que, além de Sílvio Romero não estar presente na província na época, ele certamente era a minoria dentre os que pensavam as teorias raciais. De maneira sutil e indireta, percebe-se como o positivismo é desconsiderado no perfil dos intelectuais

[5] Sociedade Pernambucana Contra a Escravidão.

pernambucanos pelos historiadores, apesar de ter sido a corrente majoritária da propaganda republicana e abolicionista. Afirma Lilia Schwarcz que "São Paulo foi mais influenciado pelo modelo político liberal, enquanto a Faculdade de Recife, mais atenta ao problema racial, teve na escola darwinista social e evolucionista seus grandes modelos de análise" (SCHWARCZ, 1993, p.143).

O que deixa de ficar claro na fala da autora é que os únicos autores em que ela se baseia para concluir esta análise são Tobias Barreto e Sílvio Romero, ambos distantes da maior parte do grupo positivista. Os dois estiveram na órbita, mas igualmente estranhos ao positivismo em Pernambuco. Sílvio Romero, por exemplo, chegou a ser contrário à abolição, defendendo o fim da escravidão de modo lento e espontâneo da sociedade (ALONSO, 2015, P.180) algo que era ojerizado pelos positivistas em Pernambuco. Dentre os que pensavam diferente há grandes conhecidos da faculdade: José Isidoro Martins Júnior, Clóvis Beviláqua, etc. Por terem Joaquim Nabuco e Sílvio Romero sido os que relegaram suas memórias para o futuro, tendem a serem vistos como fiéis representantes do clima político da última quinzena do Império na província. Compartilho, portanto, da mesma dificuldade metodológica que Ângela Alonso encontrou ao analisar politicamente a Escola do Recife, pois, do ponto de vista da prática política, da propaganda, ou seja, da intervenção real na sociedade, Tobias e Romero caem para um plano secundário, apesar de serem fontes primárias sobre a escola (ALONSO, 2002).

Lilia Schwarcz diz que "essa nova geração liderada por Tobias Barreto e, após os anos 70, por Silvio Romero, começava a se autodefinir como arauto de um novo tempo, como uma elite escolhida" (SCHWARCZ, 1993, p.150). Por isso que, em ternos de propaganda política e liderança filosófica, a autora atribui a Sílvio Romero uma chefia difícil de ser aceita, já que ele estava no Rio de Janeiro durante a década de 1880 e, portanto, distante das discussões políticas na província. Outro problema relacionado à Escola do Recife está na inclusão ou não de determinadas pessoas à Escola dependendo de suas filiações políticas após a Proclamação, quando houve um acirramento dos polos ligados a José Mariano e Isidoro Martins Júnior na década de 1890, demonstrando que Romero tinha bastante consciência da força política dos seus escritos para a posteridade (DANTAS, 2013, p.21). Analisar retrospectivamente a propaganda republicana através de escritos publicados entre 1890 e 1914 é demais arriscado, por estar imbuído de partidarismos daqueles que viveram a época estudada e tinham interesse direto em apagar o grupo 'inimigo' da História.

Outra ótica de análise parte da frequente generalização dos movimentos republicanos no Império através das experiências de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O *Manifesto Republicano de 1870* é o documento mais comum para analisar as características do republicanismo após a Guerra do Paraguai no Brasil. Moderado, o Manifesto foi contundente sobre as falhas do sistema monárquico, defendeu a descentralização das províncias, ficou omisso quanto à escravidão e declarou que a República deveria ser instaurada por via legal, através do parlamento. Pela sua importância e adesão algumas partes do Império, há uma tendência historiográfica em atribuir suas características a todo território nacional (BASBAUM, 1957; SILVA, 1975; CARVALHO, 1987; CASTRO, 2000; FELIZARDO, 1980). Entretanto, as diretrizes do Manifesto não comportam as experiências regionalizadas, nem tampouco englobam as vozes discordantes no seu próprio espaço de atuação, como é o caso de José do Patrocínio, Lopes Trovão, Silva Jardim e Pereira Barreto.

Uma das experiências que foram na contramão da 'onipresença' das diretrizes do Manifesto foi o caso de Pernambuco. Similar à experiência do Rio Grande do Sul e, em menor escala, no Pará, a província pernambucana passou por um movimento republicano de caráter fortemente positivista e abolicionista (com indenização ao escravo e reformas sociais). Surgida em torno de 1875, a nova geração de republicanos divergiu da antiga tradição local que defendia a federalização, a nacionalização do comércio a retalho e os princípios liberais corporificados no *Manifesto ao Mundo* da Revolução Praieira de 1848-50 (MARSON, 1980). Defensores de uma 'Ditadura' Republicana de inspiração comtiana, a geração positivista e republicana em Pernambuco foi o foco de análise, mas sem abrir mão das vozes dissonantes.

O fenômeno republicano-positivista ocorrido no Rio Grande do Sul, especialmente em torno da figura de Júlio de Castilhos, já possui uma considerável literatura a seu respeito (LOVE, 1975; SACOOL, 2012; PICCOLO, 2010). Os trabalhos de análise da experiência brasileira tendem a priorizar instituições como a Escola Militar do Rio de Janeiro, o Apostolado Positivista e a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em torno de personagens consagrados como Benjamin Constant, Miguel Lemos, Teixeira Mendes e Silva Jardim. Desta forma, o movimento positivista costuma ser abordado, mesmo que indiretamente, como um fenômeno *regionalizado ao sul* ou apenas como contraponto ao Partido Republicano Paulista, conservador, antiabolicionista e federalista. Compartilho da mesma inquietação de Dilton Oliveira de Araújo, ao abordar o movimento republicano da Bahia, de que as pesquisas sobre o republicanismo no Norte do Império limitam-se quase a tão somente fortalecer a visão disseminada da falta de importância do tema (ARAÚJO, 1992,

p.29). Desta forma que "a afirmação de que o movimento republicano na Bahia, assim como o do restante do Norte e do Nordeste, foi menos decisivo para a instauração da República e para a definição dos seus rumos, é por demais insuficiente para que possamos compreendê-lo" (Idem, p.91). Não foi minha pretensão, *a priori*, fazer uma história regional do movimento republicano a partir de Pernambuco, todavia não foi possível ignorar que esse se tornou um fator importante de análise ao longo da pesquisa.

Estudos recentes têm demonstrado, muito pelo contrário, que o positivismo político foi muito mais comum e generalizado no movimento republicano brasileiro do que se imagina. Há, seguramente, três províncias brasileiras em que o positivismo foi a vertente oficial (Pernambuco, Pará e Rio Grande do Sul), duas foram adeptas oficiais da liderança de Silva Jardim[6] (Bahia e Rio Grande do Norte) e quatro com núcleos positivistas atuantes (Ceará[7], Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná). Para se ter uma ideia, Silva Jardim foi candidato para deputação geral em 1889 não por São Paulo, sua terra natal, mas pela Bahia; foi apoiado oficialmente por Pernambuco, Pará, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, além de ter sido biografado pelo seu amigo potiguar, Jose Leão (BUENO, 2016, p.75).

Após a leitura de alguns trabalhos sobre os movimentos republicanos no Norte do Império, surgiu a hipótese de que, muito provavelmente, a filiação ao positivismo ou até mesmo adesão à liderança de Silva Jardim em diversas províncias do Norte, revele uma característica da identidade regional e dos fortes laços políticos que as faculdades de Pernambuco e da Bahia representavam para a elite política nortista. Além disso, essas duas ultimas províncias passam pela mesma visão cristalizada de que seus movimentos republicanos foram exclusivamente acadêmicos, quando têm demonstrado as pesquisas que a diversidade social foi mais evidente (ARAÚJO, 1992, p.148) (BUENO, 2016). Em uma análise inicial no Capítulo 5 desta dissertação, constatei que não apenas a adesão ao positivismo ligava Pernambuco com as províncias supracitadas, como estabeleceu uma forte relação política entre seus membros (muitas vezes o mesmo indivíduo participava do *republicanismo interprovincial*[8]), gerando uma corrente adversária ao domínio paulista de

[6] Nem sempre a adesão à liderança de Silva Jardim significava concordar com o positivismo. Em algumas situações era uma forma de se colocar contra a dominação paulista e dar um protesto regional contra a dominação do núcleo agricultor conservador do Partido Republicano Paulista.

[7] No Ceará é representado pela atuação da Academia Francesa, cujos membros eram em sua maior parte positivistas (ALONSO, 1995, p.15).

[8] O termo 'republicanismo interprovincial' não existe ainda na historiografia. Refiro-me aos casos de cidadãos que atuavam politicamente em mais de uma província, não só como correspondente, mas como liderança difusa. Um dos casos mais interessantes é o de Barros Cassal e Germano Hasslocher, gaúchos que foram da diretoria

Quintino Bocaiúva e seus correligionários do oeste cafeeiro. Somado a isso, pesquisadores de diversos estados do Norte têm indicado que o abolicionismo da Bahia (ARAÚJO, 1992) ao Pará (COELHO, 2006) era, quase sempre, republicano, o que parece indicar a sensação de que os partidos republicanos de São Paulo e Minas Gerais são a exceção, e não o padrão da época. Falta, sobretudo, um estudo integrador que componha as redes de socialização dos positivistas a nível nacional, debatendo sobre suas especificidades regionais/institucionais e de que forma eles compartilharam pela causa da república. Infelizmente, esta dissertação apenas sinalizou alguns traços deste aspecto, constatando que somente uma pesquisa mais prolongada poderia contribuir neste sentido.

O início da jornada que definiu o tema deste trabalho remonta às experiências de pesquisa ainda na graduação. Recrutada no 3º período do curso de História da UFPE pela professora Adriana Maria Paulo (CE/UFPE) para estudar os professores públicos nos últimos 20 anos do Império em Pernambuco, fui surpreendida por um pequeno conjunto documental da passagem dos regimes, em 1889. Quando foi instaurada a República, começaram a surgir no códice Instrução Pública[9], cartas de professores semelhantes ao de Francisca Alves Azevedo

> Pulsando no meu peito de brasileira um titânico entusiasmo pelo agigantado passo que deu o Brasil, venho por meio deste [ofício] oferecer metade dos meus vencimentos mensais a contar de janeiro do ano vindouro até dezembro, para auxiliar o déficit público que minha pátria contraiu com o estrangeiro.
>
> Saúde e fraternidade
> Francisca Alves de Azevedo, Professora.[10]

Por que uma mulher, professora de primeiras letras, sertaneja da cidade de Águas Belas, localizada a 273 km de Recife, entregou metade dos seus parcos vencimentos ao novo regime? Seriam por razões políticas, visando favores futuros? Mas por que uma mulher sertaneja pobre poderia esperar algo da República? Seria por acreditar honestamente nela? Teria sido ela convocada por alguma entidade de classe, como a *Sociedade Propagadora de Instrução Pública* ou o *Grêmio dos Professores Primários*, a auxiliar o novo regime? Pedir por favores políticos não era novidade, a surpresa é se perguntar por que uma mulher em sua condição social achava-se esperançosa de ser atendida. Todas essas perguntas acompanharam

---

tanto do PRPE quanto do PRRS. Outros casos como os de Braz de Mello e Janúncio da Nóbrega (RN e PE), Aníbal Falcão (PE e RJ) José Leão (RN e RJ), Lauro Sodré (PA e RJ), etc.

[9] Localizado no Arquivo Público de Pernambuco.

[10] APEJE. IP51. 28 de novembro de 1889. P.282. Pg. Anexo. Anexo um. Adendo entre colchetes meu.

o processo de pesquisa, e desanimo o leitor em dizer que ainda não tenho repostas completas. Entretanto, uma curiosidade de pesquisa foi levantada: como se organizou o movimento republicano em Pernambuco? A partir daí, as dúvidas apenas cresceram.

Após insistentes e cansativas tentativas de achar bibliografia que me respondesse esta pergunta, empurrei a pesquisa para a monografia. Nela começou, de fato, o caminho a ser percorrido até esta dissertação[11]. Persegui como tema as possíveis aproximações entre o movimento republicano no Brasil com a parcela mais pobre da população. Meu foco de análise, naquele momento, era estudar novas interpretações sobre o republicanismo no Brasil que não recaísse nas concepções cristalizadas: sulista, elitista, vinculado ao federalismo e às classes agricultoras. Ali tive oportunidade de debater acerca da tese da (não) bestialização do povo, as correntes contrárias ao domínio paulista, as dúvidas quanto ao Quinze de Novembro, a imprensa republicana ao longo do território nacional, enfim, tive oportunidade de levantar material, bibliografia e, sobretudo, perguntas e hipóteses que motivassem o estudo do movimento republicano em Pernambuco. Terminada a monografia, parti para o aprofundamento do tema, mas eis que bati na primeira dificuldade: quase não havia bibliografia. Até que, depois de uma jornada para obtê-la, consegui a tese de doutoramento, em inglês e não publicada no Brasil[12], do professor brasilianista Marc Jay Hoffnagel. Intitulada *From monarchy to republic in northeast Brazil: the case of Pernambuco (1868-1895)* é o trabalho pioneiro e, até o momento, o único que se dedicou a, sistematicamente, analisar o movimento republicano em Pernambuco. Apesar de ser encontrada de maneira esparsa na literatura, a geração positivista da década de 1880 permanece como um dos temas menos estudados a nível nacional e local.

Além da escassez de bibliografia, a história do movimento republicano em Pernambuco se confunde com três outros movimentos: um filosófico-jurídico, representado pela 'Escola do Recife' (geralmente confundido com o próprio movimento republicano), um estético-literário, representado pela Poesia Científica, e o abolicionista. Não se deve, entretanto, confundir esses três movimentos, ainda que as coincidências de personagens que transitaram entre os três seja bastante comum. Neste trabalho, procurei traçar contornos mais livres e abrangentes que entendesse o processo republicano para além das delimitações já

[11] BRAGA, Flávia. *Eu, cidadão*: o povo, a república e os caminhos da cidadania no Brasil do final do século XIX ao início do século XX. Monografia de conclusão de curso. Recife, UFPE, Departamento de História, 2014. Ao leitor que desejar ter acesso à monografia, entre em contato através do email flaviabrunabraga@gmail.com.

[12] Até o momento deste trabalho encontrava-se no prelo. Agradeço ao historiador Israel Ozanam por ter me disponibilizado este trabalho.

conhecidas. Desta forma que membros da Escola do Recife, como José Vieira de Araújo e do movimento abolicionista, como dona Olegarinha, não poderiam ser considerados participantes do republicanismo local, apesar de figurarem bastante próximos. Foi preciso, portanto, entender como os republicanos se inseriram dentro da Escola do Recife, da Poesia Científica e do Abolicionismo, e não o contrário.

Não foi minha pretensão, portanto, esmiuçar os debates filosóficos tão extensos e comuns nesse período. Sobre esse aspecto, há estudos a respeito (PAIM, 1997; LINS, 1967; FIGUEREDO, 2015; DANTAS, 2013) para qual o leitor deve se voltar. Nessa dissertação os debates filosóficos foram estudados para compreender as redes de relação política e os planos para uma possível república. As discussões filosóficas foram analisadas à luz da propaganda, em contraposição à frequente versão que atribui a essa geração um caráter "mais teórico que prático", apesar de ser considerado "o maior partido republicano do Norte" (BOEHRER, 1954, p. 163). A história desses jovens faz parte do conjunto de propostas políticas que sofreram o 'Golpe' de 15 de Novembro. Como analisou Almir de Carvalho Bueno, monarquistas não-adesistas e republicanos revolucionários (sic) foram esquecidos após a Proclamação tragados pelo terremoto do mito do 'consenso nacional' (BUENO, 1991, p.8). Como analisei em minha monografia, a Proclamação não apenas destronou o Rei e expulsou a Família Real, mas também freou a ebulição de outros grupos republicanos no Império, especialmente a vertente popular.

Apesar do foco deste trabalho ser o grupo republicano que se identifica como positivista em Pernambuco no final do Império, eles não foram os únicos a defenderem a república, mas se tornaram a parcela majoritária e comandante do processo. Se fosse analisar do ponto de vista filosófico, ou ideológico, os republicanos em Pernambuco poderiam ser classificados em vários subgrupos, tais como: liberais-democratas, positivistas ortodoxos, positivistas heterodoxos, comunistas, niilistas[13], petroleiros[14], evolucionistas, etc. Entretanto, na conclusão da análise do perfil dos envolvidos, percebi que não há evidencias que justifiquem a subdivisão quando a orientação de análise é a propaganda. Apesar de se reconhecerem como

[13] O niilismo político foi um movimento surgido durante o governo do Czar Alexandre II (1881-5) que influenciou a juventude aristocrática russa na segunda metade do século XIX. A maioria dos seus adeptos era a favor de reformas democráticas e da abolição da servidão na Rússia, razões pelas quais foram posteriormente perseguidos. Eram considerados cínicos, sem valores e aparentavam desprezo pelas tradições. As pessoas que na época, mesmo fora da Rússia, eram chamadas de "niilistas", geralmente eram atribuídas a pessoas radicais ao extremo, intransigentes na política, querendo a tudo destruir (SANTOS, 2015) (PERINE, 2002).

[14] Eram considerados ainda mais radicais que os niilistas, defendiam o uso de armas de fogo, bombas e dinamites.

diferentes, os republicanos consideravam-se um grupo unido (mas nunca uniforme) pelo propósito republicano. Os pormenores desta questão foram trabalhados ao longo do texto.

As principais fontes utilizadas foram os periódicos republicanos e as obras produzidas por eles. Tive muita dificuldade em encontrar manuscritos, fotografias e documentos institucionais relacionados aos republicanos, mas isso reforça alguns argumentos já encontrados na historiografia estudada (HOFFNAGEL, 1975; ALONSO, 2002). Além de passarem por uma maior dificuldade financeira para se formarem nas faculdades, o que indicaria menos relevância institucional (para o Estado), esse grupo foi marginalizado da história pernambucana em favor de homens como José Mariano, Tobias Barreto e Joaquim Nabuco. Tive, portanto, dificuldade de aprofundar para aspectos mais íntimos e pessoais, levando-me a me basear no método prosopográfico para analisar pessoas da qual tenho poucas informações (BULST, 2005; STONE, 1971; CHARLE, 2006). Todavia deixo claro que a prosopografia apenas orientou a forma de análise, sua materialização deverá ficar para estudos futuros.

Esta dissertação foi construída principalmente de um ponto de vista cronológico que auxiliou no encadeamento das estratégias das diversas formas de propaganda. Dividida em cinco capítulos, a narrativa se inicia com as primeiras aparições dos positivistas nos jornais pernambucanos até a Proclamação da República. Assim que no primeiro capítulo apresento o perfil do movimento, de forma a dar subsídios para a compreensão dos outros quatro. Quem eram os republicanos? Quantos foram elencados para este estudo? Quais profissões e de que partes do Brasil pertenciam os membros do movimento? Além disso, apresento um apanhado geral da imprensa pernambucana através da presença republicana no período que vai de 1875 a 1889, os locais de reunião e os grupos sociais mais envolvidos, de forma a ter uma visão do todo, algo menos evidente no processo de narrativa. Ao final do capítulo, faço uma breve explanação do que seria ‘Ditadura’ Republicana para os positivistas em Pernambuco. O propósito do primeiro capítulo foi de dar base para a leitura e melhor compreensão da narrativa.

O segundo capítulo trata-se sobre o surgimento da geração positivista em Pernambuco. No início eram simples adolescentes, ainda à sombra de grandes republicanos da década de 1870, mas que buscaram se firmar como uma geração nova, “pura” e destinada miticamente para orientar a nação no futuro. Entre 1875 e 1882 os republicanos positivistas passaram de um grupo tímido, basicamente restrito à filosofia e ao evangelho da ciência, para se tornarem

o grupo majoritário, controlador e preponderante. Iniciam-se as primeiras tentativas de eleições, chapas e propaganda de rua, no mesmo período em que o partido liberal de Pernambuco está completamente desfacelado. Todavia, permanecem com uma orientação fortemente doutrinária e uma organização fechada, o que os fazem mudar de estratégia.

No terceiro e quarto capítulo, trato das estratégias de assimilação e enfrentamento empreitadas pelos republicanos entre 1883 e 1888, por entender que neste período a estrutura hermética até então foi substituída por uma política de alianças e periódicos mais acessíveis (tanto no preço quanto no design). Durante o período de luta abolicionista mais intensa, os republicanos espalharam-se entre os diversos clubes, dominando boa parte das diretorias e engajando de frente pela eleição de Joaquim Nabuco e José Mariano em 1884. Entre 1885 e 1888, no qual analiso no quarto capítulo, os republicanos passaram a atuar por meio dos jornais liberais, com quem tinham grande afinidade. Formaram o primeiro agrupamento geral, o Centro Republicano de Pernambuco, e passaram a fazer propaganda pelo interior da província, em especial na Zona da Mata pernambucana. Posteriormente, o Centro Republicano passa a ter mais força e se funda o Partido Republicano de Pernambuco, em dezembro de 1888. Estabeleço a data-limite para esse capítulo na Lei Áurea, pois até esse momento os republicanos estiveram lutando lado-a-lado (entretanto sem se confundirem) com os liberais-democratas. Optaram por não lançarem chapas republicanas, controlaram jornais liberais, estabeleceram alianças com todos os lados.

Contudo, quinto capítulo, analiso como a Lei Áurea instaurou um processo de estranhamento político entre liberais-democratas e positivistas, pois cada um se considerava mais herói abolicionista que o outro. O que antes era uma aliança tornou-se um dos períodos de mais enfrentamento político em Pernambuco. Beirando um conflito armado, os republicanos conseguem fundar o partido em dezembro de 1888, iniciando uma propaganda ardente com muitas adesões. Em 1889, com a vinda de Antônio Silva Jardim, o líder nacional da vertente popular e positivista do Brasil, a província se torna uma arena de guerra. Entre as armas, balas, facadas, protestos e Guarda Negra, a notícia da Proclamação pega quase a todos de surpresa. Apesar de ser o limite do meu trabalho, entendo como a construção dessa narrativa pode ajudar aos pesquisadores do início da república em Pernambuco, já que foram as diversas alianças e enfrentamentos na época da propaganda que gerou o clima bélico e instável que se instaurou com o novo regime. Por fim, a ideia bastante propagada de que "a ação de Tobias Barreto teve o mérito de preservar o Norte do positivismo" (PAIM, 1977, p.39) se mostrará totalmente contestável.

*Da casta social provém o despotismo;*
*Se a todos produziu a mesma natureza,*
*Nivele-se o direito, abata-se a grandeza,*
*E predomine a lei sublime do altruísmo.*

José Carlos Júnior, poema "Egualdade".
*A República*, 15 de maio de 1882.

*De Darwin, de Lamarck e Haeckel, a fulgir,*
*Rompendo, sobranceira, as névoas do porvir!*
*E o homem do presente inteiro emancipado,*
*Renega, sem temor, os sonhos do passado,*
*Despreza desdenhoso, o inútil dualismo,*
*E abraça convencido, a lei do uniteísmo!*

Anísio de Abreu, trecho do livro "Ciência e Teologia", 1883.

# 2 UM PERFIL DO MOVIMENTO

Apesar de constar no início desta dissertação, este capítulo foi a última etapa do processo de pesquisa. Optei por apresentá-lo primeiro, pois as conclusões sobre o perfil do movimento, assim como a estrutura da imprensa do período, irão auxiliar no processo de argumentação ao longo dos capítulos. Visto de maneira cronológica, com a lupa mais de perto, algumas perguntas ficam dispersas: Qual a origem social das pessoas que se envolveram com a causa republicana? Qual o origem provincial delas? Com quem elas se relacionavam mais, ou menos? Há um segmento profissional que tenha se aliado mais aos republicanos? A quem os republicanos representam? Qual o grau de importância dos escritos republicanos para o todo? O que significa ser um republicano para o conjunto da população?

## 2.1. Afinal, de quem estamos falando?

Antes de responder a essas perguntas, preciso apresentar os critérios usados para identificar aqueles que faziam parte do 'movimento republicano'. Sem deixar de se considerar a fluidez das posições políticas – próprias do fazer político – e a construção inconstante das relações sociais (MOUTOUKIAS, 1995, p.132) adotei como critério identificar aqueles que: 1) publicaram livros, artigos, folhetos ou conferências em que a República ou eminentes republicanos foram os temas; 2) contribuíram para periódicos que se declararam republicanos (no título ou em editoriais); 3) participaram de ou organizaram *meetings* promovidos por republicanos; 4) candidataram-se pela legenda republicana ou auxiliaram candidatos republicanos; 5) fizeram parte de clubes, Centro ou Partido republicano; 6) auxiliaram direta ou indiretamente nas ações promovidas por republicanos. Tem-se, portanto, que os critérios utilizados valorizaram o *processo* político e não apenas os órgãos oficiais do Partido Republicano.

Cabe ressaltar que, de acordo com esses critérios, o perfil do movimento não significou uniformizar as pessoas envolvidas, mas entendê-las dentro do processo da trajetória coletiva, sem ignorar as mudanças e permanências individuais. Cada indivíduo tem sua razão para aliar-se, ou não, a qualquer orientação política. Sua origem familiar, o grupo que está no poder, a manutenção do emprego, a busca por renda, entre outros fatores, faz do ser humano

alguém politicamente inconstante, mas, nem por isso, impossível de ser analisado naquilo que contribuíram ao longo de sua vida. Entendê-los como seres que não se relacionam aleatoriamente, mas em função da estrutura social em que estão imersos, faz parte da tentativa de reconstrução das redes sociais do movimento (IMÍZCOZ, 2004, P.127). Tomo como referencial as indicações de Neitlhard Bulst sobre a prosopografia em que define como "uma análise do indivíduo em função da totalidade do qual faz parte", mas sem desconsiderar "a função da totalidade para o indivíduo" (BULST, 2005, p.52-3). Para a análise coletiva das trajetórias utilizei a atuação pela República (discutirei seu conceito para eles posteriormente) como fio condutor comum, significando, com isso, que em praticamente todas as outras características o resto do grupo era heterogêneo.

A escolha pela orientação metodológica com base na prosopografia partiu da necessidade da pesquisa. Como indica Bulst, a prosopografia é o melhor método que um historiador pode adotar para a análise conjunta de pessoas que, muitas vezes, só conhecemos o nome (BULST, 2005, p.56). *Deixo claro que a prosopografia serviu apenas de orientação para a produção do perfil e na forma de analisar os indivíduos, a materialização do estudo prosopográfico ficará para pesquisas futuras*. Como já comentei na introdução, os trabalhos sobre este período tendem a supervalorizar a importância de Tobias Barreto e Sílvio Romero ou, do lado liberal, em Joaquim Nabuco e José Mariano. Buscando fugir desta centralização e na perseguição de uma análise mais abrangente, proponho uma reorientação da visão sobre este período político, focando a análise do ponto de vista dos republicanos que atuaram para além da retórica, em especial no grupo que se denominava positivista. Desta forma, deixo em segundo plano as discussões sobre as matizes filosóficas da chamada 'Escola do Recife' e o extenso arranca-rabo entre 'Monistas vs. Dualistas', 'Haeckel vs. Comte', 'Positivismo vs. Evolucionismo' ou 'filosofia francesa vs. Germanismo'.

Como se verá ao longo dessa dissertação, essas 'polêmicas' filosóficas não justificaram uma divisão do grande grupo a que chamo de *republicanos*. Os próprios atores do movimento deixaram claro que, apesar das discordâncias, não houve ruptura na propaganda, articulada de maneira heterogênea, mas, ainda assim, num esforço comum e recíproco de ajuda mútua pela República. Como afirmou Clóvis Beviláqua, "não vale a pena o fanatismo, nem ser intolerante com quem pensa diferente nas mesmas ideias e princípios" (BEVILAQUA, 1883, p.35). O foco deste trabalho foi a propaganda, na sua forma prática e intervencionista. Por isso, partindo da orientação de José Maria Imízcoz (2004, p.119-120)

não parti de qualquer categoria prévia para a análise das redes sociais, mas fiz o caminho inverso, no qual as redes indicam como pensar a própria estrutura do movimento.

Em termos de origem social e poder econômico, a maioria dos membros do movimento republicano teve dificuldades para concluir cursos superiores, alcançar cargos públicos e fazer seu ganha-pão (ALONSO, 2005; HOFFNAGEL, 1975). Não eram miseráveis, todavia, mas estavam em clara desvantagem em relação aos monarquistas quando o assunto era conseguir acesso à 'boas' posições no governo imperial. Esse grupo de republicanos que foi analisado para esta dissertação estava no que chamo de *'quase*'. Eles *'quase'* conseguiam alcançar os cargos pretendidos – só José Isidoro Martins Júnior passou 3 vezes no concurso para lente da Faculdade de Direito e não conseguiu o caso. Obviamente que, se comparado com a grande parte da população, os republicanos tinham condições melhores de vida, mas era o *'quase'* se igualar aos monarquistas em termos de posições políticas e governamentais que causava o ódio contra os privilégios e a defesa da meritocracia. Sérgio Buarque conclui que

> Nessas condições, o positivismo, no Brasil, ou o que fosse possível utilizar do positivismo, vai servir principalmente para despertar forças eruptivas, ganhando adesão nas classes onde lavra maior descontentamento com o regime, e que tinham meios de traduzir o descontentamento em atos (HOLLANDA, 2012, p.351).

O movimento republicano gaúcho, que serve como base comparativa a esse trabalho por ser o único que também foi positivista a nível regional, difere sensivelmente neste ponto. Os de lá eram em sua maior parte descendentes de estancieiros e charqueadores, tinham mais recursos financeiros e, portanto, tiveram maior poder de mobilização eleitoral (VARGAS, 2007, p.21). Em Pernambuco, as dificuldades econômicas para o custeio da propaganda e das eleições sempre foi a pedra-no-sapato e, acredito, a principal razão para a derrota política em 1890.

Em termos comparativos, tanto os gaúchos como os republicanos em Pernambuco eram formados por laços familiares muito estreitos (LOVE, 1975, p.29). Mas, por outro lado, em Recife havia mais diversidade provincial no movimento que no sul do país. De acordo com Joseph Love, a associação entre os fortes laços familiares dos positivistas no Brasil demonstra um traço conservador da juventude (idem, 1975, p.38), muito ligado à tradição política brasileira. Por terem origem provincial muito diversificada e muitas vezes atuarem não somente em Pernambuco, mas também em suas terras natais, escolhi sempre me expressar por 'republicanos *em* Pernambuco' e não '*de* Pernambuco'. Aliás, essa se tornou uma

característica muito marcante no republicanismo em Pernambuco, pois os grupos se identificavam – e agiam – de acordo com suas origens provinciais/nacionais, num sincretismo cultural e político. Um dos exemplos mais evidentes é o *Clube Republicano 12 de Setembro*, formado unicamente por gaúchos em Pernambuco, assim como também é o caso do *Clube Republicano Virgílio Damásio*, formado unicamente por baianos. De maneira geral, as províncias mais representadas em Pernambuco no movimento republicano são a Bahia, Ceará, Rio Grande do Sul, Pará e Paraíba. A relação entre Bahia e Pernambuco foi ainda mais evidente, por uma ligação entre as faculdades de medicina e direito (ARAÚJO, 1992, p.45), mas também se tem uma grande aproximação entre os potiguares, através dos membros diretivos do PRRN (Partido Republicano Norte-Rio-Grandense) e as lideranças acadêmicas em Recife.

**TABELA 1 - ORIGEM PROVINCIAL E NACIONAL DO MOVIMENTO REPUBLICANO EM PERNAMBUCO (1875-1889)**

| NATURALIDADE (BRASIL) | QUANTIDADE |
|---|---|
| Pernambuco | 125 |
| Bahia | 18 |
| Ceará | 12 |
| Rio Grande do Sul | 12 |
| Pará | 10 |
| Paraíba | 10 |
| Maranhão | 8 |
| Sergipe | 7 |
| Piauí | 6 |
| Alagoas | 3 |
| Rio Grande do Norte | 3 |
| Rio de Janeiro | 2 |
| Santa Catarina | 2 |
| **NATURALIDADE (EXTERIOR)** | **QUANTIDADE** |
| Portugal | 3 |
| Alemanha | 2 |
| Total (com informação) | 223 |
| Total (sem informação) | 446 |

Fonte: Produzido com os dados do Anexo 1.

**TABELA 2 - PERNAMBUCANOS LISTADOS POR REGIÃO ADMINISTRATIVA (1875-1889)**

| REGIÃO PERNAMBUCANA | MUNICÍPIO | ENCONTRADOS | TOTAL |
|---|---|---|---|
| REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE | Recife (Capital) | 12 | 17 |
| | Olinda | 2 | |
| | Cabo de Santo Agostinho | 1 | |
| | Ipojuca | 1 | |
| | Nossa Senhora do Ó | 1 | |
| ZONA DA MATA PERNAMBUCANA | Goiana | 12 | 63 |
| | Escada | 9 | |
| | Palmares | 9 | |
| | Nazaré da Mata | 7 | |
| | Paudalho | 6 | |
| | Vitória de Santo Antão | 6 | |
| | Aliança | 4 | |
| | Barreiros | 3 | |
| | Gameleira | 2 | |
| | Timbaúba | 2 | |
| | Itambé | 1 | |
| | Serinhaém | 1 | |
| | Vicência | 1 | |
| AGRESTE PERNAMBUCANO | Pesqueira | 6 | 14 |
| | Limoeiro | 5 | |
| | Águas Belas | 1 | |
| | Mulumgú (Sanharó) | 1 | |
| | Taquaretinga | 1 | |
| | Sem informação (Pernambuco) | 31 | 31 |
| | | TOTAL | 125 |

Fonte: Produzido com os dados do Anexo 1

Como se pode ver nas duas tabelas acima, menos da metade dos republicanos listados no Anexo 1 têm sua naturalidade conhecida. Do universo de análise em que me foi possível ter a informação, obtive a surpreendente cifra de baianos, cearenses e gaúchos, além é claro da forte presença pernambucana. Quanto aos naturais da terra, a presença de muitos artistas e comerciantes, em sua maioria desconhecidos, acarreta na enorme falta de informação para mais de 400 pessoas, o que leva a indicar que o número de pernambucanos tenha sido bem maior daquele obtido. Por essa mesma razão, acredito que o baixo número de republicanos originários da região metropolitana do Recife também esteja bastante prejudicado, tendo em consideração que muitos eram comerciantes da praça do Recife. A surpresa está na grande presença de representantes da Zona da Mata, região de produção açucareira. Mesmo que muitos desses dados sejam referentes a estudantes de direito que vinham até a capital estudar, não se pode deixar de pontuar que a origem familiar influenciava bastante nas reinvidicações políticas. Outro ponto a se destacar é a ausência de pessoas da mesorregião do São Francisco

e do Sertão pernambucano, regiões que serão, na república, foco de combate do cangaço e do coronelismo.

Sobre a Bahia, o Rio Grande do Norte e o Pará existe uma ligação direta com a corrente política de Silva Jardim, algo como um manifesto das províncias do Norte contra a dominação paulista do Partido Republicano nacional, por Quintino Bocaiúva. Por mais que se considere que os movimentos republicanos no Norte não foram numericamente fortes – principalmente se levarmos em consideração as eleições no Império – não se pode deixar de notar que o 'radicalismo'[15] foi um traço característico dos movimentos nortistas. Pernambuco e a Bahia, inclusive, foram as sedes da liderança nacional de Silva Jardim, sendo a capital soteropolitana a escolhida pelo propagandista para sua eleição à deputação geral em 1889. Dilton Oliveira resume que "constatamos que o movimento da Bahia e, talvez, o de Pernambuco, tenha escapado de possuir uma maioria moderada, malgrado certas contradições e indefinições que possam ser identificadas nos discursos radicais dos republicanos nessas regiões" (ARAÚJO, 1992, p.51).

Em relação às ocupações, nas poucas referências que foram possíveis de verificação, endosso a conclusão de pesquisa de Marc Jay Hoffnagel (1990, p.176) a respeito da predominância de bacharéis de direito na geração de 1880 (de acordo com o autor 44,80% de um universo de 49 indivíduos). Contudo, as fontes utilizadas pelo autor resumem-se a 3 dos 96 jornais republicanos listados nesta dissertação (Anexo 2), limitando o universo de análise. A lista encontrada no final deste trabalho (Anexo 1) corresponde apenas a uma amostragem de um perfil que elencou perto de mil e trezentas pessoas. Somado a isso, a periodização utilizada por Marc Hoffnagel (seu marco inicial da nova geração começa em 1883) difere bastante da que utilizei neste trabalho (1875), podendo indicar visões diferentes quanto às ocupações. Desta forma, apesar de os bacharéis em direito, de fato, terem se tornado a parcela predominante da nova geração em relação à década de 1840, há uma significativa presença de comerciantes, empregados do comércio, artistas mecânicos e liberais e profissionais da arte[16]. Além disso, a predominância de bacharéis nas conclusões quantitativas pode estar relacionada com o maior acesso desses à imprensa e aos espaços literários, algo relativamente mais difícil a um caixeiro ou guarda-livros, por exemplo, por terem menos

[15] Na historiografia a corrente política de Silva Jardim, que defendia a luta popular, a ditadura positivista e a possível revolução através das armas, é considerada radical, se comparado com o liberalismo evolucionista dominante dos partidos paulista e mineiro.

[16] Utilizo esse termo para diferenciar aqueles que trabalhavam como atores, atrizes, fotógrafos, ilustradores, pintores, etc.

poder financeiro e/ou alfabetização, distorcendo as conclusões a partir dos jornais. Almir Bueno também chegou à mesma conclusão, analisando os positivistas revolucionários, quando admitiu haver uma fortíssima ligação entre estes e os empregados do comércio, os de escritório (especialmente guarda-livros) e estudantes (BUENO, 1991, p.67).

**TABELA 3 - PERFIL DAS OCUPAÇÕES DO MOVIMENTO REPUBLICANO**[17]

| | | |
|---|---|---|
| **BACHARÉIS EM DIREITO** (INCLUEM JUÍZES E PROMOTORES) | 74 | 38,14% |
| **COMERCIANTES** (INCLUI EMPREGADOS DO COMÉRCIO) | 39 | 20,10% |
| **PROFISSIONAIS DA ARTE** (MÚSICA, TEATRO, FOTOGRAFIA E ILUSTRAÇÃO) | 27 | 13,91% |
| **ARTISTAS** (INCLUEM ESTENÓGRAFOS E TIPÓGRAFOS) | 21 | 10,82% |
| **AGRICULTORES** | 16 | 8,24% |
| **MÉDICOS** | 10 | 5,15% |
| **PROFESSORES** (INCLUI DIREÇÃO DE ESCOLA E PROFESSORES DA FACULDADE DE DIREITO) | 10 | 5,15% |
| **FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS** | 7 | 3,60% |
| **TOTAL DE INDIVÍDUOS COM OCUPAÇÃO CONHECIDA** | 194 | **29,30%** |
| **TOTAL DE INDIVÍDUOS SEM OCUPAÇÃO CONHECIDA** | 468 | **70,69%** |

Fonte: Fonte: Produzido com os dados do Anexo 1

Outra pontuação necessária a respeito dos termos utilizados para designar o grupo positivista em Pernambuco parte da polissemia do conceito "ortodoxo". Esse termo muitas vezes é utilizado na historiografia para falar daqueles positivistas que se mantiveram 'fiéis' à obra completa de Comte, inclusive em sua vertente religiosa, mas que na verdade significa, em termos práticos, adesão à 'Ditadura' Positivista. Esta é a culminância de todo o pensamento científico-moral estabelecido por Comte, é a materialização da Religião da Humanidade. Há um vício historiográfico brasileiro em considerar que apenas o Apostolado Positivista do Rio de Janeiro, em especial Miguel Lemos e seus seguidores (CARVALHO, 1990), poderiam ser 'enquadrados' nesta categoria, mas na verdade essa é uma armadilha. Ao lermos os escritos de Lemos tendemos a 'comprar' seu ranço para com os "positivistas ortodoxos não apostólicos" (LEITE, 1987, p.257) que, entre eles, encontram-se o Partido Sul-rio-grandense, o paraense e o de Pernambucano, além de indivíduos circulantes e independentes, como Silva Jardim.

[17] Para o perfil do Anexo 1 não inclui as simples adesões publicadas em jornais. Meu critério seguiu a participação ativa na propaganda, já discutida no início deste tópico. Algumas pessoas foram listadas em mais de um seguimento como, por exemplo, Francisco Campello, que se formou em direito, mas também herdou uma fazenda no Cabo, foi contabilizado tanto como bacharel como agricultor. Desta forma, o número de agricultores aumentou, pois muitos deles eram formados em direito, vide a Família Rabello, em Goiana (Zona da Mata).

Aliás, o termo ‘ortodoxo’ precisa ser aqui ‘abrasileirado’, pois ele tem significados diferentes para contextos nacionais diferentes. Na Europa, o termo está muito mais ligado à filiação dos seguidores de Comte, no cisma entre Laffitte e Littré. Todavia, no Brasil, esse partidarismo sectário ficou disperso no grande universo cientificista que foi utilizado no repertório político da época. Não foi raro encontrar quem se referisse com a mesma intensidade sobre Spencer, Haeckel, Comte e Smith. De acordo com Arturo Ardão (1963, p.517) o positivismo na América Latina ao invés de ser produto de uma sociedade cientificista, criou as bases para o advento da ciência. De forma que somente no Brasil e no México é que a vertente política do positivismo vingou, indicando que somente desse lado do Atlântico que o positivismo foi mais uma ideologia que uma filosofia (idem, p.522).

No caso de Pernambuco, o termo ‘ortodoxo’ está muitas vezes ligado à adesão à Ditadura, apenas (relacionado ou não à littreismo ou laffittismo), ou como define Ângela Alonso, uma maior influência do positivismo religioso chileno de Jorge Lagarrigue[18] (ALONSO, 1995, p.2). Além disso, foi Clóvis Beviláqua um dos primeiros pensadores brasileiros a dividir o positivismo nacional entre dissidente (Recife) e ortodoxo (Sul), tornando as diferenças mais retóricas que reais (Idem, p.3). O desafio se torna mais complicado à medida que os próprios republicanos se diferenciam como, por exemplo, na publicação de um folhetim sobre Augusto Comte por João Bandeira e João Freitas em janeiro de 1884 no jornal *Folha do Norte*, argumentando não apoiarem a Religião da Humanidade; ao que foram isolados por Alfredo Falcão e Martins Júnior que *logo acima do folhetim* discordaram dos próprios colegas (FOLHA DO NORTE, 16-1-1884). Fica a dificuldade, portanto, de como denominar esses positivistas que nem eram do Apostolado, mas também não podem ser considerados heterodoxos, pois aceitam a Ditadura. Como denomina-los? Escolhi por não fazê-lo (SILVA, 2013, p.595).

Acolher o termo ‘dissidente’ proposto por Clóvis Beviláqua em 1883 seria dar ao Apostolado uma centralidade que, no contexto pernambucano, não faria sentido. Usar, por outro lado, o termo ‘ortodoxo’ seria criar uma ambiguidade perigosa, já que os próprios republicanos usam esse termo para designar os positivistas “histéricos” (FOLHA DO NORTE, 28-9-1883). Por fim, designá-los como positivistas ‘populares’ ou ‘radicais’, como geralmente se define os partidários de Silva Jardim, também seria atribuí-los a um tipo de

[18] O federalismo de Lagarrigue se baseava no município e não no governo provincial, como defendiam os republicanos liberais, além de tentar conciliar a descentralização administrativa com centralização em torno do Ditador.

propaganda que muito dificilmente poderia ser considerado como tal. Historiograficamente, também foram chamados de "positivistas difusos" por João Crus Costa, "sofistas do positivismo" por Sérgio Buarque de Holanda, "positivistas independentes" por Ivan Lins (BUENO, 1991, p.26-7) e "positivistas orgânicos" por Oliveira Torres (ALONSO, 1995, p.4).

Completamente avessos a ações 'radicais' – somente em última instância – o positivismo em Pernambuco se desenvolveu com um repertório filosófico amplo, híbrido e sem perder o tradicionalismo jurídico-liberal (ALONSO, 1995, p.9). Procuraram formar alianças convenientes, atuaram largamente na imprensa e pleitearam cargos eletivos, algo impensável para membros do Apostolado. Contudo, assumiram a defesa do projeto ditatorial comtiano, que na teoria deveria ser exclusivamente dos religiosos, mas que na prática serviu de base para a estrutura do Partido Republicano de Pernambuco e o Partido Republicano Sul-rio-grandense. Esta opção por uma adaptação das orientações de Comte e do Apostolado ficou evidente em um dos editoriais do jornal *Folha do Norte:* "Vemos ainda muito longe, estalada na névoa de um futuro muito longínquo e muito incerto, a organização social sonhada pela imensa cabeça de Augusto Comte e queremos o jornalismo, aceitamo-lo, cremos até na utilidade da sua missão propagandística" (FOLHA DO NORTE, 19-4-1883).

Minha orientação foi usar a autodenominação comum: republicanos intransigentes ou incorruptíveis (IMÍZCOZ, 2004, p.127). Em sua análise conjunta sobre Aníbal Falcão e Silva Jardim, Almir Bueno concluiu que ambos serviram de uma "caixa de ressonância" do positivismo revolucionário no Brasil, então precisou o que significou "revolução" para esses positivistas (adotado pelos de Pernambuco):

> Esses consideravam 'revolução' qualquer alteração, não necessariamente estrutural ou violenta, da ordem política vigente no momento. Revolução era vista como quebra da legalidade constitucional ou da rotina constitucional (...) consideramos 'revolucionários', para efeito de conceituação nessa dissertação, àqueles membros do Partido Republicano que, em oposição aos auto-denominados 'evolucionistas', desejavam implantar a república no Brasil através da mobilização dos estratos médios e pobres da população e, se necessário, de forma violenta, nos moldes da Revolução Francesa de 1789, a qual consideravam verdadeiro paradigma a ser seguido (BUENO, 1991, p.33).

Pode o leitor cogitar, então, se é possível fazer uma análise de trajetória coletiva de um grupo que variava constantemente. Esta foi uma das principais preocupações que tive neste trabalho. Buscando estar atenta aos perigos que nos alerta Lawrence Stone (1971), sempre tive em mente diversas preocupações: Será que não houve 'movimentos' no plural? Algo desconexo ou inconstante? Ao escolher a prosopografia como a metodologia guiadora como

uma forma de responder a essa pergunta, cheguei à conclusão que, por mais inconstante e heterogêneo que fosse, com entradas e saídas, aproximações e afastamentos, os homens e mulheres aqui elencados estiveram numa esfera de atuação próxima e se reconheciam como semelhantes, ao menos do ponto de vista republicano. Também me assombrou a tentativa de fazer a história coletiva de um grupo, podendo incorrer no erro de achar que há um ponto inicial e final comum, como um roteiro de filme. Tentarei ao máximo seguir a orientação que ensina a analisar a trajetória de uma coletividade não uniforme, nem muito menos ligada a um 'destino', mas uma trajetória que se adaptou conforme as necessidades apresentadas (IMÍZCOZ, 2004, p.117). Os republicanos estiveram muito mais capilarizados nos mais diversos espaços sociais que diante de uma organização una e direcionada. *A pretensão em fazer a prosopografia para este grupo analisado, entretanto, serviu apenas de orientação para este trabalho, e sua materialização ficará para projetos futuros.*

Mas, se esses republicanos eram social e economicamente marginalizados do centro do poder, como bem afirma Ângela Alonso (2002) e precisavam se libertar da influência liberal[19] (HOFFNAGEL, 1975), porque o positivismo e não outras orientações políticas dominou essa geração? Laércio Dantas acredita que a marginalização desses intelectuais em decorrência das dificuldades de oportunidades contribuiu para a escolha de um caráter mais radical na filosofia (DANTAS, 2013, p.27). É minha hipótese que a escolha partiu de uma dupla necessidade: um tipo de república que transformaria profundamente a organização social, mas, *incrivelmente*, manteria sua hierarquia com um novo grupo no poder, auto imaginados como 'puros' e 'científicos'. A ideia não era revolucionar – no sentido aqui de destruir o passado – mas de reformar moralmente.

Não esqueçamos que o repertório político destes republicanos incluía o conhecimento também do marxismo, que formava com o positivismo as duas teorias trabalhistas concomitantes do período. Mesmo anunciando a importância de Karl Marx para aquela geração (FOLHA D*O NORTE*, 28-4-1883) eles escolheram o positivismo. Deixe-se bem claro que o conhecimento do socialismo por aquela geração já existia desde o início da década de 1870, quando Sílvio Romero faz lhe faz duras críticas junto à metafísica no jornal *O Movimento* (1872) (FIGUEREDO, 2015, p.71). É uma visão de época, portanto, colocar o socialismo e o positivismo como duas teorias que, pela doutrinação, deveriam ser combatidas,

[19] O Partido Republicano Sul Rio Grandense também passou pela necessidade de se diferenciar de um forte partido liberal. Essa é uma das razões elencadas para a "radicalização" das posições políticas em torno do positivismo (PINTO, 1986, p.19).

por colocarem o proletariado como foco de suas propostas políticas. Enquanto que o primeiro havia pensado um sistema político para países industrializados, com proletariados já enraizados na estrutura societária, Comte sugeriu outra sociedade para cada "fase evolutiva" das nações em que o Brasil claramente achava-se, para esses moços, em atraso. Havia também, portanto, uma questão de "ajuste" da teoria marxista para uma sociedade profundamente agrária e escravista. Sérgio Buarque de Hollanda já havia percebido a estreita relação entre os dois posicionamentos políticos para os republicanos brasileiros do final do século XIX ao afirmar que

> A verdade é que palavras tais como 'positivismo' e até 'socialismo' serviram em tais casos de simples rótulos para a conduta ideal dos que mais se mais se exacerbavam na oposição à monarquia brasileira (HOLLANDA, 2012, P.338).

A posição de Sérgio Buarque em associar o 'positivismo' e o 'socialismo' com os que mais 'exacerbavam' na oposição realmente vem de uma visão construída pelos próprios republicanos. Não se pode ser ingênuo, obviamente. O positivismo caía como uma luva para uma geração que não pensava em inverter a ordem, mas em justificá-la com um novo topo. Buscando colocarem-se como os principais líderes do futuro, essa geração encontrou no positivismo um tom moderado em prol da revolução, elevando suas almas para a benevolência para com os trabalhadores, ao invés de dar-lhes autonomia. Por último, contribuo com os trabalhos de Ângela Alonso (2002) e Marc Jay Hoffnagel (1975) ao adicionar também a preocupação com a província na futura República. Com o forte sentimento federalista dos partidos do sul do país, aliado ao fato de ter Pernambuco perdido grande força econômica (CARVALHO, 1986), temiam eles que uma república federativa iria (como de fato aconteceu) colocar o antigo Leão do Norte numa posição subalterna.

> Não trazemos em nossa bagagem o estandarte, alias fulgido, das ideias separatistas. Não. Mas o que é certo, a esse respeito, é que gemeremos com o Norte todas as suas misérias e desenganos, e que, se algum dia partir **da outra banda** um grito de ataque ou uma brutalidade qualquer estaremos do lado dos ofendidos. (FOLHA D*O NORTE*, 19 de abril de 1883. Grifo meu.)

Algo interessante também é notar a origem conservadora de alguns republicanos. Alguns jovens, como Graça Aranha, Francisco Campello, Francisco Antônio Souza Leão e Fernando de Castro Paes Barreto, são de famílias originalmente pertencentes ao Partido Conservador. Contudo, tornam-se uns dos mais ativos propagandistas do grupo, indo contra a própria orientação da família. Fernando de Castro costumava ajudar os escravos do tio a fugirem das senzalas (VILELA, 1905, P.420). Francisco Campello, que era "alto, mesmo

muito alto, magro e moreno, muito moreno mesmo", foi conservador, mas tinha se tornado "republicano, e republicano dos pés até a raiz dos cabelos! [...] republicano exaltado, hoje é tão somente republicano, só pensa na república!" (FOLHA DO NORTE, 24-9-1883). Sobre Francisco Antônio dizem que "o republicanismo do Sr. Souza Leão afigura-se um crime de lesa-sangue" (FOLHA DO NORTE, 27-11-1883).

O último ponto a ser tratado neste tópico são os clubes republicanos (Anexo 3). Sem grandes surpresas, a maioria dos clubes eram concentrados na capital, estiveram bastante ligados à Faculdade de Direito do Recife e seus membros costumavam fazer parte de mais de um clube ao mesmo tempo. Todas as evidências encontradas levam à mesma conclusão: apesar de terem orientações ideologias diferentes, em sua maioria, os republicanos estavam dentro de uma mesma rede intrincada de relações. Além dos clubes acadêmicos e os das regiões de produção de cana (Vitória, Ipojuca e Escada), já citados por Marc Hoffnagel (1975), também foram encontrados clubes ligados a personalidades da música (Marcelino Cleto), clubes paroquiais, clubes artísticos (União Artística Republicana) e clubes abolicionistas mistos. A novidade está na presença de mulheres e escravos[20] em clubes assumidamente republicanos (Clube Martins Júnior). Sobre este último, o estatuto aprovado deixa claro que a obrigação para com o escravo sócio limita-se unicamente à garantia da sua liberdade e, sendo liberto, se tornará um membro como outro qualquer, pagando mensalidade.

Art. 1 – O Clube abrirá mais entre os sócios, classe de 'beneficiários', que serão aqueles escravos que a quiserem pertencer.
Art. 2 – Gozarão unicamente dos seguintes direitos:
I- Utilizarem-se de uma aula cuja organização fica a cargo do conselho.
II- Serem alforriados primeiramente que outro qualquer.
III- Em se alforriando, não terão mais obrigações para com o Clube.
Art. 3 – Pagarão a mensalidade de sócio efetivo.
Art.4 – O Clube, em se alforriando, nada mais lhes tem a fazer.
(FOLHA D*O* NORTE, 6-6-1884).

Enquanto que para a região Sul do Império a associação entre positivismo e exército tenha se tornado um lugar-comum na historiografia brasileira (CASTRO, 1995), não encontrei grandes indícios de que o mesmo pudesse ser aplicado ao caso de Pernambuco. Como não existem muitos trabalhos sobre o republicanismo em outras províncias do Norte do Império[21] para que possa fazer um comparativo, indico que, para o caso dessa dissertação, a associação entre positivistas e membros do exército não passou de uma breve associação através do

[20] Uma análise sobre esse fato é feita no capítulo 3 desta dissertação.
[21] Os trabalhos que consegui ter acesso são: [BAHIA] (ARAÚJO, 1992.); [RIO GRANDE DO NORTE] (BUENO, 2002). [PARÁ] (MORAES, 2011).

jornal *A Alvorada*[22] (1887). Por não ser uma província fronteiriça com outras nações, estar numa relativa "paz" política após a Revolta Praieira e não ter escolas de formação militar, acredito que a presença de militares no movimento republicanos em Pernambuco tenha sido muito pontual e discreta. Somente após a Questão Militar (1884-7) que ressoou em todo o território nacional, é que foram encontradas referências esparsas, como o jornal supracitado e um jantar político promovido pelo Partido Republicano na chegada de Silva Jardim, em junho de 1889, no qual constaram vários indivíduos com patentes militares (O NORTE, 20-6-1889). De maneira geral, portanto, por não ser uma forte realidade provincial a presença de militares, essa característica bastante evidente no sul e na corte do país não foi verificada para o caso de Pernambuco.

### 2.2. Os espaços de atuação

Para a análise da imprensa, todo o tabelamento encontra-se no Anexo 2 no final desta dissertação. Ao total, foram encontradas informações de 501 títulos circulantes em Pernambuco entre 1875 e novembro de 1889, independente de periodicidade. Destes, 96 foram republicanos, de um total de 154 com expressiva participação destes. A imprensa pernambucana era, como se vê, uma das maiores e mais influentes do Império; assim como deve ser comparável ao volume publicado no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais[23]. Como se verá adiante, os jornais republicanos eram, em média, mais baratos que os concorrentes, por uma ação deliberada de barateamento. Uma das formas de contornar o número reduzido de adeptos propagandistas era tornar o acesso aos jornais para todas as classes sociais, investindo bastante, inclusive, em periódicos ilustrados. Uma das estratégias era transcrever matérias e telegramas do *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Recife* "porque muitas pessoas há que não podem ler os referidos jornais" (TRIBUNA DO POVO, 15-11-1879) estabelecendo o "preço de 40 réis por cada folha, e assim estará o nosso jornal ao alcance de todas as classes". Práticas semelhantes foram encontradas em grande número de jornais republicanos, em especial a *Folha do Norte* que se utilizou desses e outros recursos para popularizar-se. Encontrei semelhante prática também pelo Partido Republicano da Bahia, através do seu órgão *A República*, "por meio da imprensa barata, acessível à inteligência popular" (ARAÚJO, 1992, p.53).

[22] Infelizmente não encontrei exemplares deste jornal para melhor análise.
[23] Não encontrei trabalhos que pudessem me dar esse mesmo comparativo.

Além do preço, o local da impressão também era escolhido. Das 71 tipografias existentes em Pernambuco entre 1875 e 1889, foi a Tipografia Industrial (Rua do Imperador, nº73) a principal utilizada. Mas uma indicação curiosa trata-se da tipografia de uma mulher chamada Pórcia Constança de Mello, responsável pelas edições do jornal *A República* durante o gabinete Cotegipe. De acordo com Isabel Marson, que estudou o movimento praieiro, a escolha por uma tipografia específica é antiga e geralmente está relacionada com o dono da dela. Esses indivíduos, tidos como testas-de-ferro, eram escolhidos a dedo para o caso de terem que responder na polícia (MARSON, 1980, p.48). Além disso, não era a primeira vez na província que uma mulher lideraria uma tipografia que editava textos republicanos; Dona Umbelina Coelho da Silva Roma já havia feito essa façanha após o final da Praieira, com a Tipografia Imparcial que editava o Diário Novo, jornal dos rebeldes (MORAIS, 2007, p.5-7). No caso dos republicanos após 1875, passa a existir um adicional: a classe dos tipógrafos sofre a ameaça – e de fato se concretiza – da perda do direito de voto com a reforma eleitoral de 1881 (MAC CORD, 2014, p.168) que pode explicar, em parte, o 'boom' da imprensa republicana após sua promulgação. Em 1882-3, como vemos de acordo com o Gráfico 1, a imprensa republicana chega ao máximo de participação nos periódicos, com preço reduzido. É neste mesmo período que o único tipógrafo que temos notícia, Job Pereira Bastos, candidata-se e recebe apoio do jornal republicano, *A Velha Rabugenta* (Idem, p.169). Este tipógrafo, conhecido pelo seu trabalho como dono do jornal *O Liberal* (1872-4) já apresentava orientação republicana desde 1874 (FIGUEREDO, 2015, p.70).

A presença de ilustradores e fotógrafos republicanos é um adicional na possibilidade de articulações para formas diversificadas de propaganda. Ter a disposição tipógrafos, ilustradores, fotógrafos e pintores trouxe a perspectiva da imagem como forma de contribuição para a ideia republicana[24]. Um dos mais famosos fotógrafos de Pernambuco, Alfredo Duscable, era conhecido por promover jantares políticos no seu ateliê, ao lado dos irmãos Aníbal e Alfredo Falcão e tantos outros republicanos, regados a cantos da Marselhesa (FOLHA DO NORTE, 12-11-1883). Ilustradores como Crispim Amaral, Antônio Vera Cruz, Rodolfo Lima, Abelardo Maia, Mariano de Souza e Luiz Távora se reversavam nas litografias de jornais republicanos, tais como *O Recife Ilustrado, A América Ilustrada, O Diabo a Quatro, Lanterna Mágica, A Exposição* e *O Etna.* A princípio considerei que, talvez, esses ilustradores apenas assumiam a demanda do mercado, mas após o perfil construído e o

[24] Ainda não existem trabalhos em Pernambuco que tenham feito uma análise aprofundada da iconografia republicana durante o período da propaganda. Apontei apenas os primeiros indícios.

cruzamento das referências, posso indicar que havia uma recorrência dos mesmos ilustradores para diferentes jornais de orientação republicana. Também é uma indicação de pesquisa apontada por Maria Tereza Pocas e Hans Waechter, pesquisadores das revistas ilustradas pernambucanas, que concluíram que "sem a linguagem da ilustração, através da caricatura, possivelmente não se realizariam as campanhas a favor da abolição e da república, de maneira tão exitosa" (2015, p.1052) e ainda indicam que, após a segunda metade do século XIX em Pernambuco, o design (ou seja, os ilustradores) já tem viés ideológico e/ou tendencioso politicamente, orientando o projeto gráfico das revistas (idem, p.1054).

Trabalhando propriamente com os periódicos circulantes em Pernambuco entre 1875 e 1889, obtive o total de 501 títulos, desde edições únicas até jornais diários (Anexo 2). Este levantamento foi necessário para se ter uma dimensão da amplitude dos periódicos republicanos para o período, já que são a fonte primordial utilizada para o estudo do movimento e também o principal veículo utilizado pelos republicanos para a propaganda. Do total de 501 títulos, pude classificar 96 (19,16%) assumidamente republicanos e 58 (11,57%) com expressiva participação deles, perfazendo um total de 30,73% do total dos jornais publicados em Pernambuco entre 1875 e 1889.

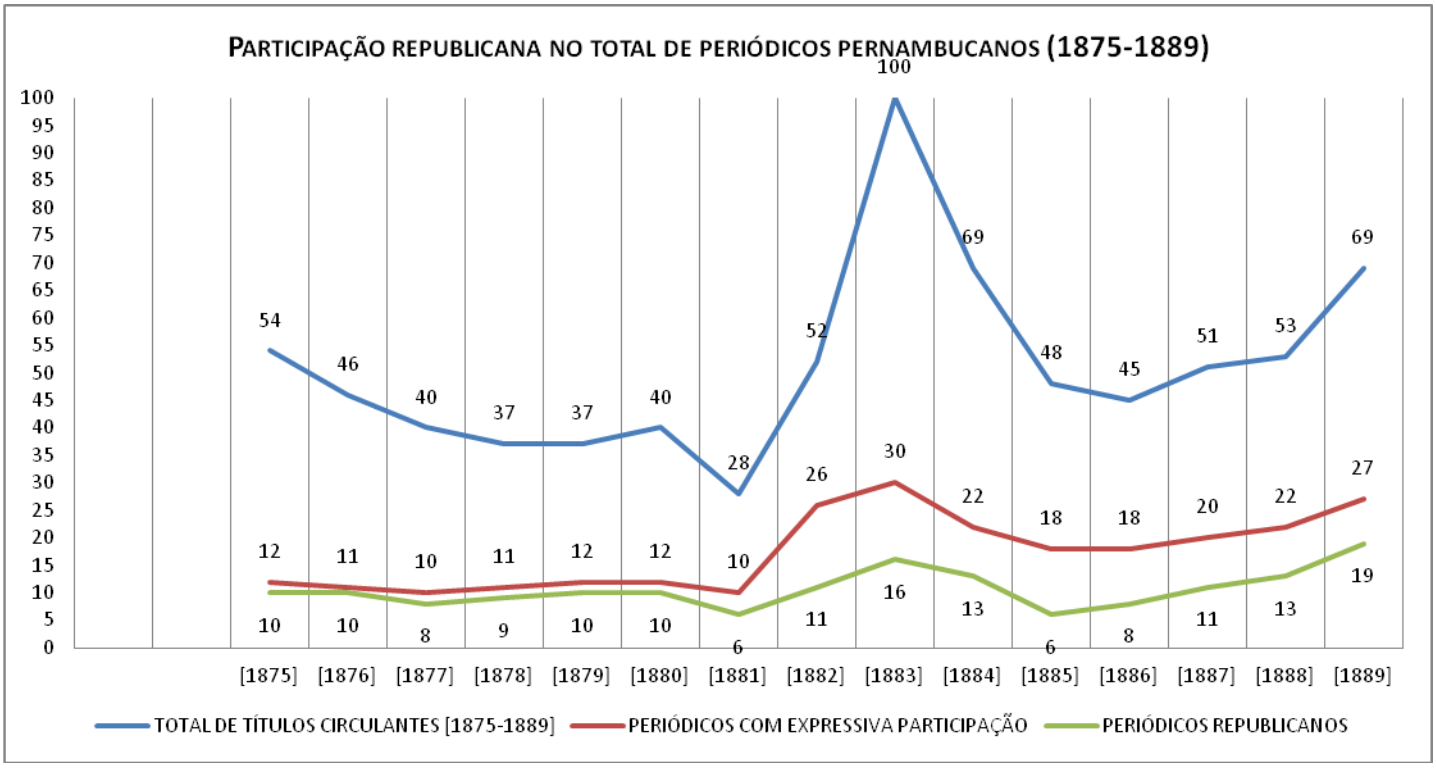



**GRÁFICO 1 - PARTICIPAÇÃO REPUBLICANA NO TOTAL DE PERIÓDICOS PERNAMBUCANOS (1875-1889)**[25]

FONTES: FIGUEIROA, 1983. NASCIMENTO, 1970-2002.

Como se vê pelo Gráfico 1, houve uma curiosa explosão de periódicos em 1883, que pode ser explicada pelo grande avanço do abolicionismo e do republicanismo neste ano (aliás, relacionados), algo já percebido em separado por Celso Castilho e Camilla Cowling, quando argumentam que é em 1883 que se consolida o abolicionismo em Pernambuco, apenas confirmando o que já foi encontrado na análise quantitativa dos jornais da época (CASTILHO; COWLING, 2013, p.171). Apesar do Gráfico 1 demonstrar uma participação republicana (verde e vermelho) nos periódicos entre 41% (1875) e 71% (1882) do total, a verdadeira surpresa encontra-se quando se confrontam apenas os jornais circulantes de 1 a 7 vezes por semana. Levantei essa hipótese após perceber que uma parte muito grande dos jornais eram, de fato, edições únicas. Poliantéias, revistas comemorativas de carnaval, São João, Natal, etc. Quando se foca apenas os jornais noticiosos/políticos diários (1-7 vezes por semana) a participação republicana é de 1/3 de todos os jornais da província. Além disso, o

[25] Explicando a metodologia do gráfico: "Total de periódicos circulantes" são todos os títulos publicados em Pernambuco no período de 1875-1889 independentemente de periodicidade, a quantidade por ano corresponde aos que estavam em circulação, ou seja, o Diário de Pernambuco foi contabilizado como 1 jornal por ano, assim como todos os outros. "Periódicos de expressiva participação" referem-se aos jornais que não tinham posição política definida, mas tiveram pelo menos 3 republicanos presentes no perfil (Anexo 1) deste trabalho como seus colaboradores. "Periódicos republicanos" são todos aqueles que se declaram desta forma no título ou ao longo dos editoriais.

preço dos jornais republicanos vai progressivamente sendo reduzido após a Reforma Eleitoral de 1881, como se vê no Gráfico 2. Levando-se em consideração que essa redução no preço não é aleatória, mas pensada ativamente como parte de uma estratégia política, tem-se que os jornais republicanos eram relativamente mais baratos, bastante circulantes e dominavam quase todas as edições ilustradas da época (*Diabo a Quatro, O Etna, Lanterna de Diógenes, A Lanterna Mágica, América Ilustrada, O João Fernandes...)*. O que se pode dar como hipótese – já que jamais conseguiremos responder essa indagação – é que é bastante provável que o público leitor dos republicanos não ficasse restrito aos acadêmicos, como se cogitou (HOFFNAGEL, 1975; BOEHRER, 1954), mas estivesse mais capilarizado na sociedade do que se imagina.

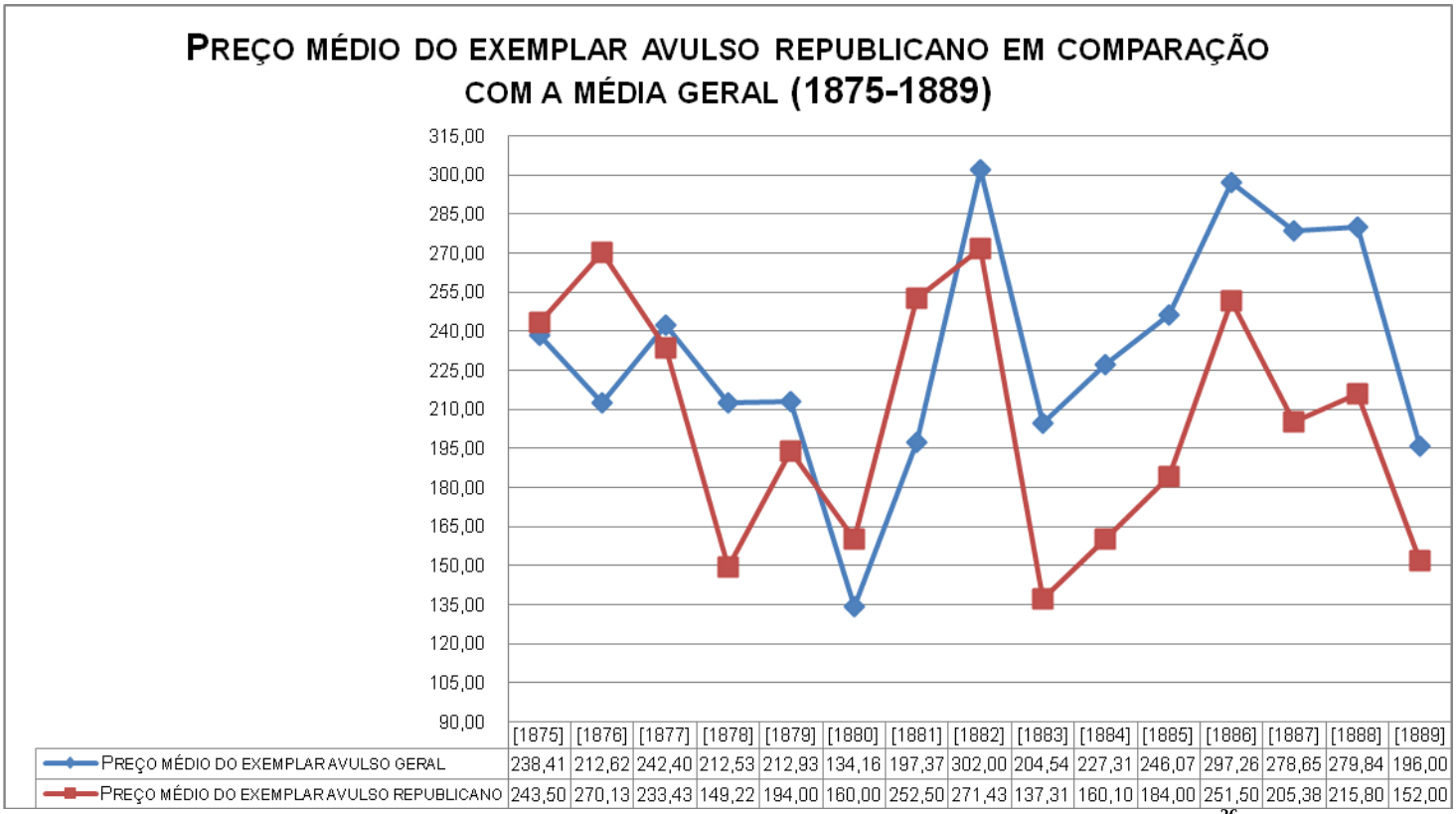



**GRÁFICO 2 - PREÇO MÉDIO DO EXEMPLAR AVULSO REPUBLICANO (1875-1889) EM RÉIS**[26]

FONTES: FIGUEIROA, 1983. NASCIMENTO, 1970-2002.

| [1875] | [1876] | [1877] | [1878] | [1879] | [1880] | [1881] | [1882] | [1883] | [1884] | [1885] | [1886] | [1887] | [1888] | [1889] |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 238,41 | 212,62 | 242,40 | 212,53 | 212,93 | 134,16 | 197,37 | 302,00 | 204,54 | 227,31 | 246,07 | 297,26 | 278,65 | 279,84 | 196,00 |
| 243,50 | 270,13 | 233,43 | 149,22 | 194,00 | 160,00 | 252,50 | 271,43 | 137,31 | 160,10 | 184,00 | 251,50 | 205,38 | 215,80 | 152,00 |
| **-2%** | **-27%** | **4%** | **30%** | **9%** | **-19%** | **-28%** | **10%** | **33%** | **30%** | **25%** | **15%** | **26%** | **23%** | **22%** |

**TABELA 4 - VANTAGEM DO EXEMPLAR REPUBLICANO SOBRE OS DEMAIS PERIÓDICOS (1875-1889) (APROXIMADAMENTE)**[27]

[26] O preço dos jornais variava bastante, por essa razão, quando eles não indicavam o valor do exemplar avulso, fiz o cálculo simples da média (assinatura/periodicidade) para gerar o preço médio. No caso de um mesmo jornal mudar o valor do avulso no mesmo ano, fiz a média dos preços dentro daquele ano.

[27] Legenda: Vermelho indica o quanto os jornais republicanos são mais caros que os demais, verde indica o quanto eles são mais baratos.

Para completar, os espaços para conferências públicas eram direcionados para o Teatro Santo Antônio que, da mesma maneira que as tipografias, parecia ter um dono disposto a aceitar ser um testa-de-ferro para os republicanos. Assim como o teatro Santo Antônio (bem como a Matriz de Santo Antônio), o Gabinete Português de Leitura e o Teatro Variedades pertencente à fábrica Apolo do empresário alemão Augusto Kruss[28], formavam a tríade do *locus* republicano em Pernambuco. Tem-se a informação de que desde 1875, pelo menos, o Gabinete Português recebia conferências republicanas, como a de Fortunato Pinheiro (DIABO A QUATRO, 3-10-1875).

### 2.3. A Ditadura Positivista

Permita-me o leitor a fazer um comentário informal. Chamo a política positivista de uma filosofia do "morde-e-assopra", pois, como mostrarei, muitos projetos da Ditadura parecem surgir de um casamento estranho entre liberdade e autoridade. Ainda que tenha sido heterogêneo, o movimento republicano em Pernambuco surgido em meados de 1875 se destacou da herança provincial anterior e perseguiu um tipo de república específico: a 'ditadura' positivista. É claro que quando digo isso, não quero uniformizar todas as pessoas envolvidas, pois já demonstrei que a pluralidade ideológica deste grupo permite a interpretação de vários tipos diferentes de projetos republicanos. Entretanto, por volta de 1878, o grupo que se autodenominava positivista se tornou majoritário dentro do movimento e são, em última instância, o fio condutor deste trabalho. Para que não seja necessário estar continuamente explicando o que eles querem dizer quando dizem que "pensamos com Littré" (Pereira Simões, A REPÚBLICA, 15-5-1882) separo este tópico para pormenorizar o que significa "ditadura" para esses jovens.

A estrutura da ditadura positivista foi pensada nos mínimos detalhes (literalmente) em um projeto feito por Emile Littré, Pierre Laffitte e Fabien Magnin a pedido de Augusto Comte para a Sociedade Positivista Francesa em 1848. Este projeto, apresentado para a estrutura da II República, apresenta os detalhes de uma república positivista que foi adotada pelos adeptos em Pernambuco. De acordo com Comte, e seguido pelos de cá, a ditadura apresentada naquele

[28] Augusto Kruss costumava anunciar sua fábrica nos jornais republicanos. O anúncio mais antigo que registrei foi em 1885 através do *Jornal da Tarde* que, apesar de não se declarar republicano, tinha forte presença destes.

projeto não deve ser interpretada com rigidez, mas pensada conforme a época e o local a que se pretende implantá-la. Em resumo, eles usam o conceito de "oportunidade" como um diagnóstico local para a implantação da ditadura (MELLO, 2010, p.18).

Para Comte, há cinco bases da moral necessárias para o funcionamento da república: 1) Exaltação do sentimento e do altruísmo; 2) Dedicação dos fortes aos fracos; 3) Veneração dos fracos pelos fortes; 4) Negação dos direitos em favor dos deveres; 5) Regime de liberdade. Nesse sentido, a moral positiva deveria despertar nos proletários, mulheres, crianças e idosos os sentimentos de obediência e sujeição e, nos governantes, a responsabilidade no exercício da autoridade. Desta forma o foco do positivismo recai principalmente sobre as mulheres e os proletários, pois são vistos como os mais desvinculados dos ideais burgueses e, portanto, mais propensos a aceitarem e contribuírem para o regime de harmonia social. Não apenas isso, a mulher é responsável pela educação positiva e deveria, portanto, receber educação científica para "bem" educar seus filhos e auxiliar seus maridos. (SIMON, 2010, p.82)

Para os positivistas, um povo tem o direito de se rebelar contra um governante que não exerce de maneira ilustrada a sua autoridade. Mas, ao invés de incitar a autonomia e o questionamento, volta-se para a conscientização do líder. Toda a Ditadura Positivista é escrita em direcionamento ao topo da pirâmide social, divergindo assim, portanto, da sua concomitante concorrente, o marxismo. De acordo com Maria Thereza Rosa Ribeiro "na concepção comtiana, o conceito de cidadania refere-se ao declínio do indivíduo, enquanto um portador de direitos, para dar lugar ao sujeito cumpridor de deveres em respeito ao poder público" (1998, p.89). Ambas as teorias políticas surgiram no período pós-revolucionário europeu para pensar a condição do proletário na nova ordenação burguesa. Mais aí é que está – o positivismo é uma doutrina burguesa por excelência, buscando combater todos os fantasmas da Idade Média, mas de forma alguma busca um futuro proletário ou camponês. Como melhor define Ángel Cappelletti

> (...) los positivistas latinoamericanos son liberales pero fuertemente anti-jacobinos, son republicanos pero no democratas. Su ideal político sigue siendo la sociocracia, donde el poder, como em la república de Platón, conrresponde a lós sábios y, de ninguna manera, al pueblo em su conjuto (...) se trata de combatir el pasado aristocratico conjurando simultaneamente el amenzador fantasma de um futuro proletario y popular[29] (CAPPELLETTI, 1997, p.78-9).

[29] "os positivistas latino americanos são liberais, mas fortemente anti-jacobinos, são republicanos, mas não democratas. Seu ideal político segue sendo a sociocracia, onde o poder, como na República de Platão,

Devo, entretanto, fazer uma breve distinção. O positivismo enquanto doutrina política está diretamente relacionado à última fase dos trabalhos de Comte, ou seja, a orientação religiosa. Ditadura e a Religião da Humanidade são termos sinônimos e devem ser encarados aqui no seu sentido político, mais que espiritual. Definitivamente, não é todo positivista que adere à Ditadura, mas todo positivista *ortodoxo*, em miúdos, todo positivista comtiano religioso. No Brasil, a distinção entre heterodoxos e ortodoxos estava mais ligado ao Apostolado Positivista, quem era ou deixava de ser membro, por uma questão de autodenominação e não por uma razão real de adesão a esta ou aquela doutrina (MELLO, 2012, p.5), isto já foi abordado no tópico anterior. Para Ângela Alonso, o caso de Recife é ainda mais específico, pois aqui o positivismo religioso conjugava método científico com liberalismo político, sem abandono da orientação jurídica (1995, P.15). De toda forma, apesar das diferenças dentro do positivismo, todos defendiam a reforma educacional científica, o senso de missão social, eram nacionalistas e republicanos (FERREIRA, 2007, p.4).

Então, os positivistas ortodoxos, ou de maneira mais simples, os aderentes da Ditadura, aceitavam a República e a Abolição de maneira combinada. Além disso, tinham uma inclinação para a prática política e sua doutrina estava submetida à possibilidade de ação (ALONSO, 1995, p.6). Enquanto que o catolicismo não se pronunciava, o espiritismo e o positivismo condenavam publicamente a escravidão (ALONSO, 2015, p.99). Para estes a Ditadura deveria ser regida, em última instância, pela completa e absoluta liberdade de pensamento, de religião, de associação, etc. Comte estabeleceu as bases da Ditadura de forma a evitar o despotismo do Ditador, visto aqui como aquele que deve ditar, encaminhar, sugerir. Assim que

> A ditadura reclamada pelo positivismo ortodoxo era, pois, ditadura com liberdade, ditadura livremente consentida pelos cidadãos, que seriam os primeiros interessados no advento de um regime capaz de assegurar a boa ordem nos seus negócios (HOLLANDA, 2012, p.343).

Esta especificidade entre positivismo e abolicionismo foi mais forte e evidente em Pernambuco que, por exemplo, no Rio Grande do Sul. Na província gaúcha o Partido Republicano, em suas ‘Bases’ de 1884, não se comprometeram com o abolicionismo, mantendo uma posição ‘neutra’ que permitia a cada província resolver a questão a sua própria maneira (PICCOLO, 2010, p.25). Assim que Gustavo Biscaia Lacerda alerta para a orientação que se deve tomar sobre a ditadura comtiana. Primeiro, ela é somente uma

---

corresponde aos sábios e, de maneira alguma, ao povo em conjunto (...) se trata de combater o passado aristocrático conjurando simultaneamente o fantasma ameaçador de um futuro proletário e popular”.

oposição ao governo pluripessoal (parlamento) e "antes de mais nada: no vocabulário comtiano, o que a ditadura não é? Ela não é o governo 'despótico', 'tirânico', 'opressivo' ou, após o século XX, 'totalitário' ou simplesmente 'autoritário'" (LACERDA, 2010, p.241). A Ditadura Positivista tem como base organizacional a família. Este primeiro núcleo associa-se com os outros grupos, os trabalhadores. No regime positivista os sindicatos e as famílias são as células de poder, e não o indivíduo. Por sua vez, o Ditador, que reúne em si mesmo o poder executivo e legislativo, não pode fazer o que bem entender da cabeça. Quando surge a necessidade de fazer uma nova lei, ela deve ser publicada em projeto num diário oficial com prazo de 3 meses para ser debatido nos núcleos. Estes, após o prazo de 90 dias, devem retornar suas conclusões, com sugestões de emendas, para o gabinete do Ditador. Somente com aprovação da maioria dos núcleos que a lei seria então sancionada.

Ainda que seja bastante utópico, nenhum cidadão sob a Ditadura poderia ser preso ou coagido por sua liberdade de expressão. O Ditador está constantemente sendo avaliado pela população, que o aclamou, podendo ser retirado a qualquer momento. Por isso que a escolha de um governo unipessoal não parte do princípio de autoridade, mas de que a culpa pode ser direcionada a apenas um culpado (LACERDA, 2010, P.243). Além disso, a ditadura tem um prazo máximo de 12 anos, período em que a educação cívica para o altruísmo estaria completo – sucedido por um Triunvirato, que iria paulatinamente "democratizando" o poder executivo.

Visando a harmonia social, com foco nos deveres dos governantes, a ideia geral é construir uma nova ordem moral, cujo foco de atuação é o proletário. Para Gustavo Biscaia Lacerda, a Ditadura Positivista é bastante semelhante ao que consideramos hoje o presidencialismo (LACERDA, 2010, p.241), mas discordo por considerar que a função legislativa na Ditadura é completamente diferente do que acontece hoje. Para os positivistas o poder legislativo deve ser exercido em conjunto entre o ditador e os núcleos sociais, tornando a Câmara e o Senado em meras unidades orçamentárias. Além disso, o presidencialismo atual é exercido com base no voto universal e por um período pré-determinado de tempo. Nenhuma dessas duas características está presente na Ditadura Positivista. O caráter temporário do presidente é substituído pela sociocracia, ou seja, pela escolha do sucessor pelo anterior, com base no mérito. O Regime Sociocrático, base de toda a orientação da Ditadura Positivista, é a prevalência da opinião pública na sua geração, manutenção e sanção (RIBEIRO, 2012, p.20). Em outras palavras, a sociocracia, verdadeira obcessão positivista, previa a ênfase nas decisões coletivas (BUENO, 1991, p.70).

Em Pernambuco o sentimento federalista tão característico dos republicanos ao Sul do país foi reinterpretado na visão positivista. Com base na visão do chileno Jorge Lagarrigue, um positivista religioso adotado pelos pernambucanos, a base administrativa da Ditadura deveria focar nos municípios, mas sem deixar a centralidade em torno do ditador. Os motivos que levaram os republicanos em Pernambuco a abrandarem as exigências federalistas parecem estar ligados à preocupação com as condições econômicas da província. É a opinião de Marc Jay Hoffnagel e Tânia Amorim, assim como minha, de que o risco da perda de poder para São Paulo e Minas Gerais – mais 'avançadas' economicamente – levou os republicanos à

> [...] negação à federalização do Brasil [...] [que] não teve outra explicação a não ser pela adaptação das ideias positivistas à realidade econômica de Pernambuco, pois patrocinar o desmembramento antes de igualizar as condições de desenvolvimento econômico entre as diversas províncias, seria uma tentativa prematura e ingrata, para não dizer excludente, nas palavras do próprio manifesto [do Partido Republicano de Pernambuco], condenando as províncias menos desenvolvidas ou em crise a um processo de retardamento ou isolamento (AMORIM, 1994, p.35).

Por essa razão, os positivistas reinterpretam o federalismo para uma visão puramente administrativa. Em editorial, *O Norte* acrescenta que:

> Enquanto permanece a fusão atual de elementos étnicos, esta identidade de índole, de educação, de tradições, de costumes, de línguas, não há necessidade de outra descentralização, que não seja puramente administrativa. É porém forçoso adquiri-la e fundá-la, mantendo rigorosamente a integridade da pátria e concentrando os poderes políticos nas mãos de um CHEFE RESPONSÁVEL (sic) e de uma assembleia de representantes da nação, com a superior e irrestrita incumbência de conceder ou negar as contribuições pecuniárias precisas para as despesas do Estado. (O NORTE, 10-7-1889)

Como sabemos, a República Velha, baseada na visão vencedora dos partidos sulistas, de fato materializou o temor dos positivistas pernambucanos. A 'boa' ditadura comtiana seria então definida como "um governo unipessoal que favorece o desenvolvimento da sociedade, em particular ao manter (ou avançar) as liberdades públicas e ao melhorar as condições gerais da sociedade e do proletariado" (LACERDA, 2010, p.245). O ditador, em sua ação exclusivamente prática, deveria: garantir a ordem pública, as liberdades, incentivar a sindicalização, o pacifismo e a responsabilidade mútua. O ditador não poderá se intrometer em questões de ordem espiritual, pois para Comte, esse era um dispositivo necessário para evitar que o governo se confundisse com doutrinação religiosa, não podendo intervir, portanto, na subjetividade do cidadão (que inclui as críticas e reclamações) (idem, p.258). Sobre este ponto – a da federalização – é um dos poucos aspectos que causavam discórdias

entre os republicanos em Pernambuco. Quatro deles, os quais elenco por serem os que de fato fizeram campanha em prol da República Federativa, eram Ricardo Guimarães e Rangel Sobrinho (sempre em dupla) no jornal *Anti-Rebate* (1887) e *O Recife* (1888), Fortunato Pinheiro em *O Rebate* (1883-1888), Argemiro Aroxa em *A República* (1887) e Paixão Vieira, Manoel do Sacramento e Phantino Soares em *O Antheu* (1887). Apesar disso, todos estiveram em conjunto com os positivistas nas agremiações de propaganda, como o Centro Republicano de Pernambuco e o Partido Republicano de Pernambuco, não dando brecha, portanto, a separação deles em relação ao grande grupo.

Existem poucos trabalhos que dialogam as diferentes concepções entre liberais e positivistas na historiografia brasileira (RIBEIRO, 1998; ALONSO, 2002). Ângela Alonso (2002) já havia demonstrado que há uma grande aproximação entre os chamados "novos liberais" e os "positivistas", por considerar que ambas concepções focavam sua acidez não contra o monarca – nem mesmo contra o Poder Moderador – mas ou contra o parlamento corrupto e egoísta (positivistas) ou contra a ordem econômica escravista (novos liberais). Maria Thereza Ribeiro faz ainda outra associação ideológica: aproxima-os pelas propostas de reorganização do trabalho pós-abolição.

> Nabuco[30] queria desmoronar a instituição escravista, para inaugurar um regime democrático aliado à reorganização da sociedade, mediante o voto direto, o trabalho livre, a regulamentação do trabalho, a educação, o parcelamento da terra. Os positivistas ortodoxos Miguel Lemos e Teixeira Mendes pensavam num regime 'sociocrático' assente sob a pressão da opinião pública e a reorganização da sociedade, com o trabalhador assalariado, a aceitação de uma doutrina sancionada pelos trabalhadores e governantes, a educação e regulamentação do trabalho (RIBEIRO, 2012, p.49)

Para evitar a longa e cansativa explicação dos pormenores da Ditadura Positivista, elaborei um quadro esquemático que responde a quase todas as dúvidas referentes à estrutura prática desse sistema. O que é mais importante notar é que, por mais que se considere o positivismo político algo utópico, eles se tornaram sinônimo de "metódicos" por alguma razão. Suas orientações políticas eram bem direcionadas, com um plano concreto a ser implantado.

[30] É bastante recorrente nos trabalhos sobre os liberais colocar Joaquim Nabuco como "porta-voz" do Partido Liberal, ou até mesmo como da ala democrata do partido, e utilizar Miguel Lemos e Teixeira Mendes como "porta-voz" dos positivistas. Concordo com Marc Jay Hoffnagel (2005) quando ele afirma que não devemos tomar Nabuco como sinônimo de "novos liberais", pois, até mesmo para seus correligionários, ele era uma exceção dentro do partido, não uma regra. Entretanto, pela sua influência política para os positivistas em Pernambuco, pela sua correlação direta na propaganda republicana local, a análise de Maria Thereza Ribeiro sobre as diferenças entre Nabuco e Miguel Lemos e Teixeira Mendes ajudam a entender a aproximação do primeiro com o grupo republicano em Pernambuco, mas não a nível nacional.

| | A DITADURA POSITIVISTA (Prazo máximo de 12 anos) | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Executado pelo(s)** | **Competência na questão** | **Regime de atuação** | **Ação final (Poder de decisão final)** | **Cargo exercido através de...** | **Como se dá o processo** |
| **Executivo** | Ditador | Executar as leis, sem qualquer interferência em questões espirituais, que lhe são terminantemente proibidas. Garantir, acima de tudo, o regime de liberdade incondicional: pensamento, religião, político... Garantir a ordem pública (poder de polícia). | Dependente de consulta popular em alguns casos/ Questões administrativas (construção de estradas, limpeza, transporte, etc...) geralmente devem ser desempenhadas livremente. | Ditador | Aclamação | Todos os atos de execução das leis sofrem constantes consultas populares (plebiscito e referendos); Todos os atos devem ser publicados no Diário Oficial (princípio da transparência). Vinculação completa à L.O.A. – Governadores e Prefeitos se submetem ao poder central. Prefeitos ganham mais poder que os governadores. Município é o núcleo mais importante de deliberação. |
| **Legislativo** | | Escrever as leis conforme a necessidade, sendo obrigatório o acolhimento das sugestões da população. | Dependente de deliberação sindical (proletária, patronal, de moradores etc...). | População (necessariamente em grupos) | | Todas as leis deliberadas pelo ditador devem ser expostas no Diário Oficial que dará um prazo de 3 meses (90 dias) para consulta e votação dos órgãos populares (deliberação una do conjunto). Em resposta por escrito, esses órgãos devem remeter suas opiniões sobre o projeto, sugerindo modificações ou acatando plenamente ou rejeitando plenamente. A maioria absoluta dos órgãos é que delibera se o ditador deve ou não executar a lei. (POR ESSA RAZÃO COMTE DEFENDEU PEQUENAS REPUBLICAS). |
| **Orçamentário** | Deputados | Deliberar a Lei Orçamentária Anual (LOA) e o Plano Plurianual (PP) | Dependente de aprovação popular/ Verba vinculada aos limites constitucionais | Constituição | Eleição (Voto Universal Masculino) | Orçamento é debatido entre os deputados eleitos, conforme a orientação constitucional, focando nos campos que precisam de maior assistência estatal (economia é livre, portanto o orçamento se volta para o assistencialismo – estado paternal...). |
| **Judiciário** | Magistrados | Julgar as leis, com orientação voltada para a mediação de conflitos entre patrões e proletários. Deliberações com intenção de bem-estar social. [Justiça do Trabalho, principalmente]. | Independente | Magistrados | Concurso Público (mérito) e conduta ilibada | A justiça deve garantir o regime de liberdade e de harmonia social entre as classes. As deliberações são feitas muito mais pelo direito consuetudinário do bem-estar social (o caminho mais pacífico e ordeiro) que garanta os direitos dos proletários e os deveres dos patrões. Em resumo, foca no arbitramento das querelas entre patrões e empregados, buscando o progresso da nação com o bem-estar do trabalhador. |
| **Religioso (moral)** | Apóstolos da Humanidade | Formar a consciência cívica (patriótica) e altruística (harmonia social) | Restrito aos aspectos morais e espirituais apenas em casos de aprovação do cidadão (liberdade religiosa completa) | Cidadão (indivíduo) | Formação específica e conduta ilibada (total e irrestrito desapego a cargos públicos, imprensa ou cargos eletivos). | Apóstolos devem agir por meio de atitudes amigáveis, respeitosas e livres. Nenhum cidadão pode ser coagido a integrar a religião da humanidade, mas é dever do apóstolo agir com sabedoria para "atrair" o cidadão para as atitudes cívicas (patriotismo) e altruísticas (caridade). A mulher ganha papel de destaque pela educação civil e moral das crianças. |

**TABELA 5 - ESTRUTURA DA DITADURA POSITIVISTA**

**Fontes de auxílio:** LACERDA, 2010. SUPERTI, 2004. LACERDA, 2000. SIMON, 2010. LEMOS, Miguel. MENDES, Teixeira. 1934 [1890]. *Constituição do Estado do Rio Grande do Sul de 1891. As normas Republicanas* (Documento de fundação do Partido Republicano de Pernambuco); Jornais O Democrata; Folha do Norte; O Norte.

Para os positivistas, o foco do estado de bem-estar social[31] não é a distribuição da terra, pois consideram que seria apenas momentâneo, voltando a ser concentrada novamente. Para positivistas como Aníbal Falcão, dever-se-ia pensar em construir uma sociedade moderna, industrial, urbana, com garantia de salário e direitos sociais para os ex-escravos. O progresso é, portanto, proletário, e não camponês (ALONSO, 2015, p.272). Desta forma que, muito mais do que libertar o escravo e dar-lhe benefícios materiais, era preciso integrá-lo à sociedade, nisto incluía seu direito a constituir família, viver do seu sustento e ter acesso à educação pública universal, gratuita e científica (RIBEIRO, 2012, p.63). Deve-se ressaltar, contudo, que por trás da aparente "benevolência" positivista, está uma intensa preocupação com a regulação social do trabalho, o combate à vagabundagem e a moralização da sociedade, era enfim, um regime que pensava antes na ordem coletiva que nos direitos individuais.

O proletário era o foco da atuação positivista. Diante da 'crise' social[32] proveniente do avanço técnico e científico no século XIX que se revelava nos embates entre patrões e empregados, o proletário era considerado superior a todas as outras classes no que diz respeito ao sentimento social – extrato básico para o processo reformador – em direção ao que se chamava de Unidade Social (SUPERTI, 2003, p.8). Na visão deles, se a sociedade estava em crise era em decorrência da má organização das relações de trabalho, sendo necessário por em evidência a incorporação do proletariado. Não apenas isso, consideravam as leis coercitivas ao trabalho inúteis, havendo uma forte diferença entre a coerção e o estímulo ao trabalho (BUENO, 1991, p.72).

Desta forma, os positivistas não discordavam da necessidade de controlar os trabalhadores, mas discordavam da *forma* como deveria ser feito. Para Silva Jardim e Aníbal Falcão, por exemplo, era muito mais eficaz controlar o proletário através de concessões à sua qualidade de vida. Em termos simples: um trabalhador satisfeito e feliz não protesta. São pautas positivistas que visam a organização geral do trabalho: o salário mínimo (com a parte fixa para todos, e a variável por produtividade), as 8h de trabalho, a garantia de férias, a proibição do trabalho à criança, a educação primária e científica universal gratuita, acesso a terra ao proletário *com* família, leis de proteção ao idoso e à mulher, a liberdade de expressão e religiosa e a laicidade do estado. Em resumo, a Ditadura deveria ser supraclassista, laica,

[31] Termo utilizado pelos próprios personagens. Aparece como sinônimo de "estado de harmonia social".
[32] Os parâmetros políticos esboçados por Comte e seus seguidores tinham como exemplos as lutas trabalhistas cartistas, ludistas e grevistas, além das revoluções liberais de 1830 e 1848.

com orçamento vinculado ao limite da receita – "para toda despesa uma receita" era a máxima -, e a completa liberdade de expressão (Idem, p.12).

A forma como os positivistas pensam o africano e a mulher são bastante semelhantes. Atribuem-lhe características positivas para a civilização brasileira, constatando que suas contribuições amansaram a índole agressiva e individualista do homem branco europeu, mas reservam-lhe um caráter tutelatório e, até mesmo, estamental. O africano, ou negro brasileiro, deveria ser empenhado na força trabalhista industrial [inclui-se a agricultura mecanizada], já a mulher deve ser responsável pela formação moral da sociedade a partir do seu dever no lar. Apesar de *O Atheneu* não ser um periódico de orientação exclusiva positivista, foi o melhor trecho-síntese que encontrei para indicar como essa geração pensava o papel da mulher.

> Não pense, quem nos ouvir, que nós somos sectários da emancipação da mulher. Oh! Isto não. Nós não a queremos a banca de advogado, à cabeceira dos doentes, nas câmaras, nas tendas e oficinas, com o direito do voto, um perfeito cidadão, enfim. Não. Nós queremos a mulher bem educada, queremo-la a boa mãe de família, queremos que ela dê a seus filhos, de envolta com o leite maternal, os princípios sólidos dos deveres de cidadãos, de homens de bem, de defensores da pátria, de sustentáculos da sociedade; porque delas dependem as futuras sociedades representadas em seus filhos, e estas sociedades fazendo cair por terra os abusos das passadas, fazem as futuras atingirem a sua perfeição! Nós queremos que a mulher decore as galerias de artes, letras e ciências, fazendo também voar o pensamento pelo mundo do ideal ou fazendo encarar friamente a verdade das coisas em toda sua nudez. Queremo-la, enfim, perfeitamente educada, mas nunca emancipada. (O ATHENEU, 30-10-1882).

Mas que se fique bastante claro: o positivismo não foi unânime em todas as províncias, e uma das orientações mais divergentes era justamente sobre a luta pela emancipação da mulher. No Pará, por exemplo, província cujo Partido Republicano foi aderente do positivismo, tinha como um dos seus objetivos a luta pela emancipação da mulher e até mesmo colocar em xeque a tutela feminina, combatendo a tese da pretensa 'inferioridade'. Os positivistas paraenses visavam "pretender formar o professor, a criança, a mulher e o indivíduo autônomo que contribuam para o progresso e civilização do Estado" (MORAES, 2011, p.51-78). Uma palavra como "autônomo" e "mulher" não apareceu em momento algum em uma mesma frase dos positivistas em Pernambuco. Mas, apesar do espaço limitado, não se pode dizer que o republicanismo esteve vedado às mulheres. Muito pelo contrário, elas garantiram seus espaços, mesmo em momentos desfavoráveis.

Uma delas, Maria Amélia de Queiroz, professora pública, chegou mesmo a liderar passeatas e discursar em conferências com público majoritariamente masculino. Sua

tenacidade foi tão relevante que "obrigou" os positivistas a aceitarem sua presença. *O Norte*, já no final do império, avalia a chamada para a conferência de Maria Amélia no Clube Frei Caneca dizendo que "a distinta senhora que tão generosamente se põe ao serviço da propaganda republicana merece ser ouvida por todos os que interessam pelas grandes e nobres causas" (O NORTE, 12-10-1889). Afonso Olindense diz que Maria Amélia "rompendo com todos os prejuízos, teve o arrojo, teve a audácia, teve a petulância de mulher-fazer uma conferência no Teatro Santa Isabel de par com os nossos mais belos talentos políticos, literários e científicos" (SALES, 1999, p.112). Já quanto a Leonor Porto, que de maneira indireta foi responsável pela publicação do jornal *Ave Libertas* de 1885 com caráter republicano (capítulo 3) e esteve associada com esse grupo de jovens, recebeu a admiração de Galdino Loreto, "Leonor Porto é hoje uma esperança brilhante do alargamento dos direitos das mulheres; e amanhã – uma das estrelas que abrilhantarão a nossa galeria de heroínas pernambucanas" (A ACADEMIA, 13-5-1888).

**Figura 1 - Capa do *Diabo a Quatro* em oferecimento às leitoras (1876)**
Fonte: O *Diabo a Quatro*, 2 de janeiro de 1876.

É possível encontrar referências indiretas a possíveis leitoras dos jornais republicanos. Além da charge acima, que é direcionada pelo *Diabo a Quatro*, encontram-se vários outros registros que indicam que mulheres eram leitoras dos jornais republicanos. Numa dessas passagens, com viés doutrinário positivista, se dirige às "mães que ledes estas linhas, notae que a responsabilidade que contraís com a república para a educação de homens fortes e livres, será também a vossa glória, altíssima, porque o vosso trabalho terá sido produtivo e fecundo entre os mais fecundos" (O DEMOCRATA, 14-2-1880).

Já sobre a influência do africano, em editorial da *Folha do Norte*, um artigo anônimo, assim se posiciona:

> Dos três elementos que entraram para a formação do povo brasileiro, o negro tem sido o mais importante **depois** do branco. Basta atender a que a força viva do país é o mulato, cruzamento do branco com o negro, e não o mameluco, cruzamento do branco com o vermelho [...] se o branco conseguiu vencer a exuberância asfixiante do solo brasileiro, deve-o ao filho da África, o Hércules negro. [...] Nem se diga que era impossível a incorporação do filho da África à terra, porque a história dos quilombos mostra quanto o negro tinha aptidão para organizar um bom regime rural. (FOLHA D*O NORTE*, 17-5-1883, negrito meu).

A dificuldade em interpretar os positivistas está em superar o pensamento dicotômico entre "democratas versus monarquistas", ou "abolicionistas versus escravocratas", para trata-los como eles mesmos se viam: uma via alternativa, "harmoniosa". Eles têm, como muito bem define Sérgio Buarque de Hollanda, "um ranço retrógrado de um pensamento que se pretende, no entanto, progressista" (HOLLANDA, 2012, p.347). Enquanto defendem a importância do negro para a formação brasileira, tiram-lhe a possibilidade de ascensão social e a autonomia, além de colocarem-no sempre numa posição inferior ao branco. Note-se também na valorização do mulato numa época em que era bastante comum atribuir ao mestiço as causas da degeneração da sociedade brasileira (SCHWARCZ, 1993). Aníbal Falcão chama a "raça oprimida e boa" de quem nós "os brancos herdamos os sentimentos afetivos" (FOLHA DO NORTE, 15-01-1884). E completa: "Essa raça tão deprimida, tão barbaramente caluniada, há oferecido aos brancos exemplos sublimes de abnegação, de coragem e de amor. Extinta a escravidão, o negro deve ser aproveitado; é essencial mesmo que fique entre nós" (FOLHA DO NORTE, 29-01-1884). Entretanto, para Aníbal, "assimilação" não equaciona com "integração", visto que não era a cultura africana que deveria ser incorporada ao Brasil, mas o negro assimilar a cultura do "branco" (BUENO, 1991, p.73). Em suas próprias palavras, Aníbal Falcão aponta:

> (...) Esta [raça negra], profundamente amorosa, encontrou no apego pelo senhor e pela família desde, assim como pelo solo que veio habitar, a força necessária para suportar a dura crueldade dos ocidentais, ao passo que os índios morreram ou emigraram, quando os brancos procuraram reduzi-los ao cativeiro. Sendo idêntico o estado mental das duas raças inferiores, sendo ambas igualmente fetichistas, as indicadas circunstâncias tornaram todavia mais contínuo e mais íntimo o contato do negro com o branco, de onde resultou para aquele uma assimilação mais completa do que a que sofreu o indígena (FALCÃO, 1883, p.102)[33]

Resumidamente, o negro brasileiro é visto pelos positivistas como uma vítima da civilização ocidental, alguém que foi arrancado de sua família e de sua terra. A eles devemos a construção da pátria e nosso caráter afetivo, e temos, como condição *sine qua non* para o progresso, o dever de integrá-los à cultura branca do país. Integrar, neste sentido, é dar-lhes condição digna para exercer sua função social para o trabalho, especialmente o trabalho manual, orientação de acordo com seu desenvolvimento 'fetichista' sociológico. Os positivistas, apesar da aparente 'justiça' que fazem aos negros brasileiros, relegam-nos ao plano estritamente manual, físico e proletário, não havendo planos de igualdade, por exemplo, para o ensino superior. O negro é visto como proletário e fundamental para o desenvolvimento afetivo, para o apaziguamento do egoísmo branco, mas não se deve, com isso, deixá-lo à própria sorte ou dar-lhes autonomia, mas incluí-lo dentro da lógica social do trabalho. Eliane Superti escreveu a melhor síntese sobre o programa político dos positivistas para os ex-escravos:

> As bases de reorganização do trabalho esboçadas no projeto impediam a expulsão dos ex-escravos do mercado de trabalho e expressava a preocupação dos positivistas em instituir com a abolição uma legislação disciplinar das novas relações que garantisse o direito do trabalhador de desenvolver a vida em família, de assegurar a subsistência com seu próprio trabalho, com a instituição do salário e o direito aos benefícios da instrução cientifica (SUPERTI, 2003, p.3-4).

Esta forma de pensar – quase estamentária – também se aplica às mulheres e aos indígenas, por exemplo.

> Abandonemos, portanto, esses meios empíricos e perniciosos. O que nos cabe fazer, em relação aos indígenas é, pura e unicamente, facilitar-lhes o contato pacífico com as nossas populações, cercando-lhes da maior proteção, como, aliás, é o pensamento da lei que os considera menores. Esta prudente reserva deverá ser mantida até que tenhamos uma fé, em cuja eficácia confiemos, e que possamos conscientemente propagar (FALCÃO, 1883, p.136)

[33] Não estranhe o leitor se o trecho lhe parecer muito semelhante ao que Gilberto Freyre diz em *Casa Grande & Senzala*. O próprio Freyre admitiu ter tido influencia dos positivistas pernambucanos em suas obras.

A forma como os positivistas abordaram a escravidão influenciou significativamente nas suas posições sobre a imigração. De maneira geral, mantiveram-se contrários ao incentivo a qualquer imigrante estrangeiro, não por considerarem que fossem inferiores, mas porque a incorporação do liberto ao proletariado nacional era uma forma de garantir a repressão à vagabundagem e a certeza do progresso industrial. Os positivistas brasileiros deram maior ênfase à contribuição cultural ibérica, ressaltando-se que aqui há maiores chances de sentimento comunitário, em oposição ao individualismo anglo-saxão, e, portanto, o advento de uma ditadura republicana estava de acordo com o comunitarismo e a natureza integrativa (FERNANDES, 2008, p.159). Ao discordarem da introdução dos chins garantiram que "conhecidas e estudadas as condições étnicas da China [...] ninguém poderá afirmar que seja um país decadente", entretanto, sua presença no Brasil não é necessária e pode, por uma questão de identidade cultural, não valorizar nosso mulato (FOLHA DO NORTE, 7-6-1883). Nisto estavam próximos Joaquim Nabuco, Aníbal Falcão e Júlio de Castilhos, todos desconsideravam a possibilidade de introdução dos chineses no Brasil (RIBEIRO, 2012, p.110). E defendia o pernambucano: "é preciso repeti-lo, a nossa pátria tem a população suficiente para o preenchimento do seu destino sociológico" (FALCÃO, 1883, p.132). De maneira geral, portanto, os positivistas tinham um quê otimista quanto à formação da nossa "raça" para resolver os problemas brasileiros. Em um artigo intitulado "O Brasil e os Estados Unidos" declaram que "nós aqui, somos indiferentes a que o Sr. Dr. Pedro II nos mande chineses ou napolitanos, marroquinos ou mandingas[34]. Queremos com isto rebaixar-nos e desconhecer as boas qualidades que, como raça, possuímos?" (O DEMOCRATA, 19-4-1880).

É curiosa uma charge do jornal *O Etna* que, apesar de não propagar o ideal positivista, ilustra a alegoria da República guiando o escravo liberto, mas curiosamente deixando o índio como mero espectador. Tirando os republicanos que se consideravam evolucionistas (e por isso mesmo com base em Darwin e Haeckel[35]), não encontrei indícios que suportem a ideia de

[34] Descendentes do Império Mali na África Ocidental.

[35] Republicanos evolucionistas (Tobias Barreto, Sílvio Romero, Arthur Orlando, entre outros) baseavam-se não no positivismo de Comte, mas na adaptação da evolução de Darwin ao organismo social, produzido por Haeckel em meados da década de 1860. De acordo com esse teórico alemão, nossos estágios embrionários refletem nossas origens biológicas antepassadas e essas origens podem influenciar na composição do ser. Acreditava-se que as mesmas leis que regiam as outras espécies poderiam ser compreendidas para os humanos, de forma que havia sociedades "mais adaptadas" que outras. Em razão disso, republicanos evolucionistas costumavam ver as culturas através do fator biológico, com uma forte hierarquização que vai do homem branco europeu até o aborígene australiano. A diferença entre positivistas e evolucionistas é que os primeiros (Martins Júnior e Aníbal Falcão, por exemplo) acreditavam que as diferenças entre os povos eram principalmente culturais e não biológicas, portanto qualquer povo poderia "chegar ao mais alto estágio civilizatório", já os evolucionistas (Tobias Barreto e Silvio Romero) tinham uma visão mais pessimista, mas atávica, consideravam que um povo só "superaria seu atraso" pela reprodução com povos mais "adiantados" que lhes tirassem os "vícios de raça".

que os republicanos em Pernambuco eram ardorosos defensores da imigração, mas tinham em comum a defesa da integração do liberto. Vê-se que essa característica é bastante peculiar ao caso pernambucano, já que no Rio Grande do Sul, apesar de positivistas em sua maioria, a conformação social da província contribuiu para a defesa da imigração e, portanto, a uma adaptação regionalizada do pensamento comtiano (RIBEIRO, 2012, p.69).

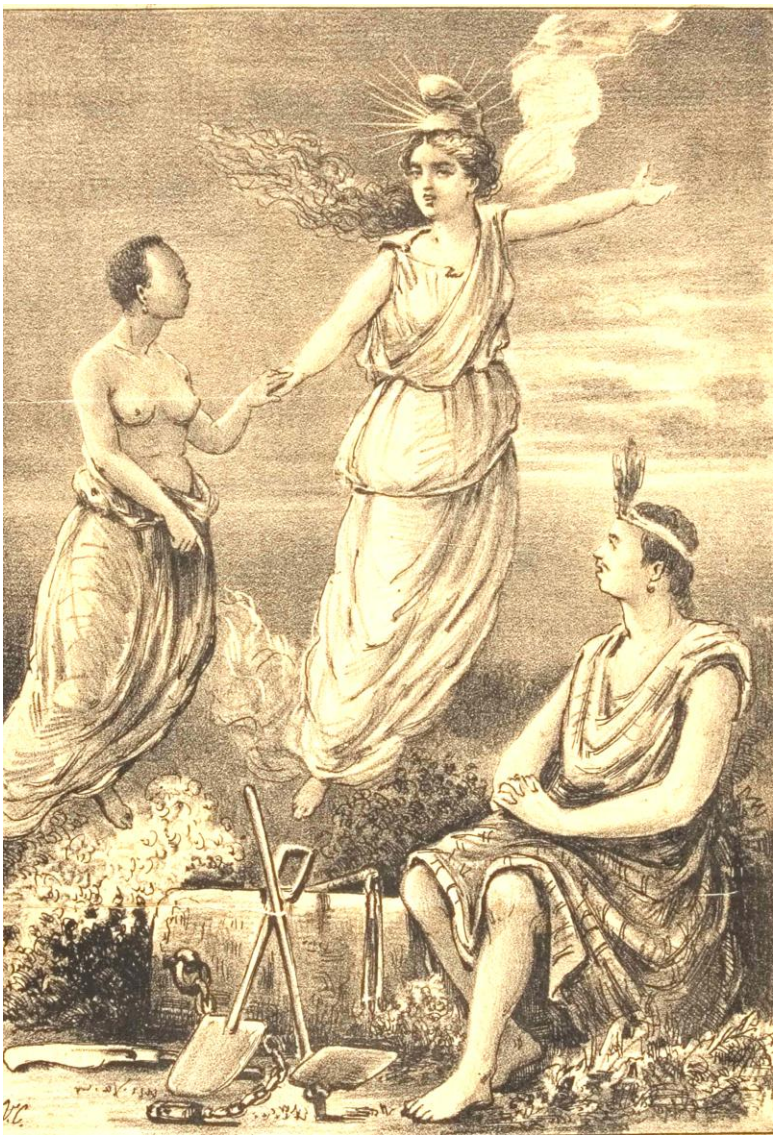


**Figura 2 - Alegoria da República guiando uma liberta**
Fonte: O Etna, 15 de outubro de 1881.

Tobias Barreto e Silvio Romero, os dois mais reconhecidos evolucionistas deste grupo, não levavam essas interpretações evolucionistas e pessimistas ao pé da letra, pois consideravam que as "falhas" do povo brasileiro poderiam ser "limpas" dentro de algumas gerações, desde que se introduzisse no Brasil "raças superiores" (leia-se alemã) e assim formar-se-ia um ser híbrido (vigorous hybrid) muito mais superior que o homem branco europeu. Portanto, torcendo um pouco o evolucionismo que nos colocava em posição subalterna, Tobias e Sílvio acreditavam que os brasileiros poderiam até superar os europeus em termos civilizatórios, desde que com o cruzamento "correto" das raças, deferente, portanto, dos positivistas, que acreditavam numa evolução através da superação cultural (EAKIN, 1985) (RIBEIRO, 2012).

Sobre a questão da centralização, os positivistas em Pernambuco adaptaram a teoria de Comte para a interpretação do filósofo chileno Lastarria. De acordo com a *Folha do Norte*, "queremos a descentralização de acordo com o governo semecrático de que fala o chileno Lastarria[36]" (FOLHA DO NORTE, 20-6-1883). Quando foram taxados de serem paradoxais (afinal como defender uma Ditadura e o município ao mesmo tempo?!), deram uma resposta clara. O trecho, apesar de longo, consegue ser o melhor documento que achei para explicar de que forma os republicanos positivistas de Pernambuco conseguiram adaptar Comte e Lastarria à realidade pernambucana:

> Não vão pensar, entretanto, que as nossas opiniões foram vindas de algum bairrismo inconfessável, de algum ódio pequenino contra a Corte, e que nós queiramos com estes artigos hastear a nossa fachada a bandeira da separação do Norte a fumegar a Revolução. Somos pela descentralização das nossas províncias, queremos que elas vivam vida própria, sem o influxo da Corte para tudo, tirando, mau grado nosso, as nossas forças vitais, as nossas fontes de receita. Queremos, porém, que elas estejam ao mesmo tempo sujeitas por uma lei geral ao poder central, contribuindo assim para a grandeza do Estado. Queremos que o cidadão agarre a enxada ou o arado, o pincel ou a pena, para favorecer a indústria ou o comércio, a arte ou as letras provincianas, mas queremos também que no dia da luta, nas ocasiões difíceis, todos os cidadãos, os primeiros pelos últimos e os últimos pelos primeiros, empenhem-se em luta aberta, a luz meridiana, aos benfazejos bojos do sol dos trópicos para defender a pátria na tribuna, na imprensa, no campo de batalha, com a palavra, com a pena e com a espada, como último recurso. É esta nossa opinião. (FOLHA DO NORTE, 24-6-1883).

A "bandeira da separação", entretanto, serviu de objetivo para os redatores da *Lanterna de Diógenes* que tinham como divisória "Viva a separação do Norte! Viva o governo do povo pelo povo! Abaixo os tiranos", demonstrando, com isso, que a questão da descentralização do poder era pauta comum entre todos os grupos republicanos do período (LANTERNA DE DIÓGENES, 2-2-1882). Outra questão se refere na defesa da paz (ciência igual à república) contra a guerra (militarismo igual à monarquia). Martins Júnior, em conferência positivista no 29º aniversário do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, dirige-se à plateia reforçando esse 'par antônimo' que atribui à República não apenas a paz, mas também o industrialismo.

> Meus senhores [...] lançai os olhos para [...] o espírito científico que se vai alastrando e dissecando o velho caráter da fé religiosa. Enquanto a democracia sobe os privilégios descem. Olhai para essa tela fascinante! Vê como se substitui a moral da revelação pela moral demonstrada; os sofismas governativos pela verdade política; o regime do militarismo e da força pelo

[36] Lastarria adaptou o positivismo de Comte para dar poder de decisão ao indivíduo na base municipal. De acordo com esse filósofo chileno a descentralização não deve focar no estado, mas no poder político local.

> regime do industrialismo da paz. (AMJ[37], DISCURSO NO GPL, 1880, sem página).

Esforçados em atribuir ao regime vigente todos os males do excesso de sentimentalismo negativo, frente à cultura equilibrada do homem científico, os positivistas utilizavam-se de vários exemplos "degenerados" da Família Real. Em comemoração à morte de Tiradentes, dedicam-lhe uma edição especial em *A República* "à memória de José Joaquim da Silva Xavier, mandado decapitar a 21 de abril de 1792 pela senhora Dona Maria I, segunda avó do atual imperador do Brasil" (A REPÚBLICA, 15-5-1882). Já César Monteiro diz diretamente que "a instrução que ele (o rei) pode dar-nos é sempre aquela que faz de um cidadão um militar, pois a monarquia é a guerra" (A REPÚBLICA, 11-8-1882).

Que se fique bastante claro que a defesa da luta pacífica não é unânime, nem muito menos foi constante ao longo da trajetória. Enquanto alguns redatores pela república federativa apelam para que "evitemos a todo transe a revolução armada, a guerra fraticida, mas sejamos incansáveis em formar convicções" (A TRIBUNA DO POVO, 5-11-1879), niilistas[38] bradavam por "algumas dúzias de revólveres e latas de querosene" (O PETRÓLEO, 26-5-1880). Há poucas referências a esse último grupo durante o movimento. Só identifiquei dois (possíveis) petroleiros, o paulista e bacharel, Enéas Galvão, definido pelos seus colegas da *Folha do Norte* como:

> [...] republicano de quatro costados, é mesmo desses petroleiros. Pela sua vontade o velho trono do II Império já teria voado à força de uma bomba, por cima do Corcovado, e se afogado na baía do Rio. [...] Não acredita em Deus, nos santos, nos padres, nessas coisas de igreja é um perfeito diabo. (FOLHA DO NORTE, 2-10-1883).

E o outro se trata de José Freire C. Pinto, definido como "liberal exaltado, o que nos leva a crer que será um republicano revolucionário, petroleiro, amigo da dinamite" (FOLHA DO NORTE, 29-10-1883). Encontrei apenas um anúncio de convocação de reunião desse grupo, mas decifrá-lo ficará para futuros historiadores:

*Niilistas da abolição: à postos! Senha igual a 13, 15 e 33. Lua Cheia. O secretário Confúcio*. (FOLHA DO NORTE, 12-5-1884).

Outra orientação republicana vem de uma defesa pela igualdade dos "homens de cor", apesar de ser um objeto de estudo deveras interessante, afinal o protagonismo de homens de

[37] Arquivo Martins Júnior, encontrado no Arquivo Público de Pernambuco. O acervo pessoal de José Isidoro encontra-se sem paginação.

[38] Se fôssemos subdividir os republicanos apenas por orientação ideológica, encontraríamos evolucionistas, positivistas, democratas, socialistas e niilistas. Os dois últimos são os de menor expressão.

cor no movimento republicano é raramente estudado, não encontrei grandes indícios sobre essa participação além da publicação do jornal *O Homem* (1876) e a (possível) participação de escravos no Clube Martins Júnior (1884). Em *O Homem*, tido como órgão de "uma associação"[39], a divisa francesa de 'liberdade, igualdade e fraternidade' ficou ao lado da máxima 'realidade constitucional ou dissolução social'. No único exemplar que tive acesso, o periódico defendia que, apesar de ter havido homens de cor ilustres – tais como Henrique Dias – 'atualmente' não existia nenhum na Guarda ou em altos cargos públicos. Defensores ardentes da abolição, alertam que "a extinção final virá, não como esperam alguns, por meios regulares, mas por meios extraordinários" (O HOMEM, 9-3-1876). Em contradição a visão de *O Homem* – com base na Bíblia para justificar a igualdade dos homens – *O Diabo a Quatr*o, que já anunciava uma visão cientificista da república, rebate-lhe que "Vimo-lo recorrer à Bíblia para mostrar a igualdade dos homens e nisso ir mal, ir pessimamente, porque a Bíblia contraria a sua tese. Só nas conclusões da ciência acharia o colega argumentos irrefutáveis" (DIABO A QUATRO, 30-1-1876).

É recorrente também a acusação contra os positivistas de serem "cômodos" por esperarem a República como uma certeza absoluta no futuro. José Isidoro Martins Júnior, com passagens como a que transcrevo abaixo, deixam de fato a entender que a propaganda política pela mudança do regime não é necessária, sendo preciso apenas esperar pelo tempo.

> [Os republicanos] esperam hoje pelo advento da forma de governo republicana com a mesma segurança com que um químico, fazendo a decomposição da água espera achar no fim do seu trabalho o oxigênio unido ao ferro do seu aparelho sobre a aparência de ferrugem (A REPÚBLICA, 5-6-1882).

Quando foram indagados da aparente "comodidade" com que se apresentaram, César Monteiro rebate que

> Se é certo que o Brasil caminha necessariamente, forçosamente para o governo republicano, é igualmente certo que nós não devemos em toda essa manifestação da evolução limitar-nos ao papel de simples e desinteressado observador. Devemos ir ao encontro e com nosso contingente abreviar-lhe a marcha. É forçoso, se temos patriotismo. (A REPÚBLICA, 11-8-1882)

De fato, apesar de acreditarem com veemência na chegada da República, teleologicamente ligado ao nosso desenvolver evolutivo, não significou na inércia propagandística, nem muito menos na ingenuidade política. Os positivistas em Pernambuco

[39] Não me foi possível descobrir qual associação é essa.

empenharam-se por quase 15 anos no advento da República. É esta trajetória que será analisada nos próximos capítulos.

**1**

*2*
*3*
*4*
*5*
*6*
*7*
*8*
*9*
*10*
*11*
*12*
*13*
*14*
*15*
*16*
*17*
*18*
*19*
*20*
*21*
*22*
*23*
*24*
*25*
*26*
*27*
*28 Eu creio nisto.*
*29 E assim choro quando vejo*
*30 Nação como o Brasil sepultar o seu pejo*
*31 No torvo cemitério infame dos servis*
*32 Curvando-se assim como um réu ante o juiz*
*33 Só para apresentar o pulso ao soberano*
34 *Que traja como o clown uns papos de tucano*!

**35** José Isidoro Martins Júnior em "Visões de Hoje**"** (1881, p.32).

# 3 ASSIMILAR E CRESCER (1875-1882)

## 3.1. Nós, os republicanos incorruptíveis (1875-1879)

A casa de Dona Guilhermina sempre vivia cheia. Nos turbulentos anos da Questão Religiosa, seus oito filhos cresceram sob a mão forte de uma mulher patriota, assistindo ao ressurgimento (?)[40] dos republicanos em Pernambuco e da construção do grande tribuno popular, José Mariano. Aníbal, Alfredo, Alberto, Júlio, Carlos, Sylvia, Argemiro e Euclides Falcão cresceram em uma casa pobre que seria palco de inúmeros acoitamentos de escravos e reuniões republicanas. Escolhi começar pela casa de Dona Guilhermina, não apenas por ter sido ela a mãe de *sete* republicanos, mas por ter sido ela mesma daqueles personagens que, se não lermos nas entrelinhas, ficam esquecidos na História. Pois bem, Dona Guilhermina causou impressão em Silva Jardim, o notório propagandista positivista, ao notar que sua casa "tornou-se quartel-general dos abolicionistas" e que ela foi "fundamental para o patriotismo dos filhos" (JARDIM apud FALCÃO, 1933, p.26). Sua casa, junto com a de sua filha Sylvia após o casamento com Barros Cassal, republicano do Rio Grande do Sul, eram os locais preferidos para recebê-lo.

O palco da infância dos Falcões foi um Recife conturbado. O gabinete Rio Branco implantou uma série de reformas que iriam fomentar as discussões sobre o *status quo* imperial: reforma judiciária, eleitoral, comercial, expansão das comunicações, instalação do telégrafo, novas maquinarias de produção de revistas e jornais, unificação dos pesos e medidas, censo da população, lei de naturalização, tentativas de secularização das instituições, registro geral das terras públicas, melhorias na infraestrutura urbana e a reforma do ensino (ALONSO, 2015, p.89). Junto a tudo isso, a repercussão do Manifesto Republicano de 1870 teve uma das suas maiores adesões em Pernambuco, com 255 assinaturas e a fundação de um clube com 46 assinantes (BOEHRER, 1954, p.157). Não são poucos os historiadores que consideram o período da década de 1870 como relativamente fraco em relação ao republicanismo (BOEHRER, 1954; HOFFNAGEL, 1975), cujas atuações ficaram restritas a antigos líderes praieiros como Romualdo Alves de Oliveira e combatentes solitários, como José Maria de Albuquerque Melo. Entretanto, não se pode dizer que o republicanismo

[40] Na verdade a produção de textos republicanos nunca deixou de existir em Pernambuco desde o início do século XIX.

"morreu" em Pernambuco após 1871 – com o fim do Clube Republicano – já que as produções em jornais, livros e algumas candidaturas ainda persistiram.

Todo esse turbilhão de mudanças foi o cenário desses jovens republicanos, tanto causa como consequências das transformações. Não é à toa, como veremos, que eles se identificam como jovens amantes do progresso, responsáveis por levar o Brasil para o futuro. Com o fim da Era Progressista (1868) os liberais se tornaram uma força política expressiva em Pernambuco, em torno das famílias Souza Leão e Paes Barreto (ex-progressistas) e da família Carneiro da Cunha. O mais jovem destes, José Mariano, tornou-se um reconhecido democrata por promover a propaganda liberal (na verdade, defender sua facção Liberal Popular) através dos jornais *O Liberal* e *A Província* e do fortíssimo Clube Popular (CASTILHO, 2008, p.20), vertente pernambucana do Clube Radical.

Lá pelos idos de 1873, quando a questão religiosa entre bispos e maçons entornou de vez, o Recife se tornou, novamente, palco de uma grande mobilização popular, sacudindo a paz tão dificilmente alcançada poucos anos antes. Foi diante desta agitação que Jose Mariano Carneiro da Cunha ganhou a fama que levaria para a vida, organizando revoltas anticlericais contra o Colégio Jesuíta, liderado pelo bispo Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, ou simplesmente, Dom Vital (HOFFNAGEL, 1975, p.29). Ele se tornou um "tufão" incontrolável a ponto de, em 1875, o próprio Clube Popular do qual fazia parte, anunciar no *Diário de Pernambuco* que deveriam manter "olho vivo, que o rapaz é travesso" (SALES, 2013, p.61).

Os Falcões e a grande maioria dos republicanos, de onde parto minha análise, tiveram como palco de experiência política essa insubordinação contra a Igreja e o Partido Conservador, algo que os acompanharia para sempre. Naquela época, os jornais republicanos tinham uma linguagem mais agressiva, em parte fruto da efervescência da Questão Religiosa, como em *O Peregrino*, ao afirmar que "um povo que timbra por ser livre sabe qual é o seu primeiro dever para viver livremente: é esmagar a majestade" (O PEREGRINO, 10-7-1875), também nesse sentido apela *Academus*, "o povo que extermina os reis não pode ser por este exterminado". (ACEDEMUS, 15-6-1876). Na primeiríssima aparição de Aníbal Falcão na imprensa, aos 14 anos em 2 de maio de 1873 n'*A Luz*, expressou seu ódio contra a monarquia ao perguntar "O que são os reis? São uns vermes coroados" e faz uma metáfora que se tornaria bastante recorrente ao clamar "Leão, sai do letargo e esmaga a víbora" (A LUZ, 2-5-

1873). No ano seguinte defende uma tese na *Sociedade Literária de Amor ao Estudo* (JORNAL DO RECIFE, 20-4-1874).

Em 1873 já começavam a surgir as primeiras participações de positivistas na imprensa pernambucana através do jornal *O Trabalhador*, com participação de Antônio Souza Pinto, Generino dos Santos, Lagos Júnior, Sílvio Romero, Celso Magalhães e Antônio Carlos Ferreira da Silva[41] (FIGUEREDO, 2015, p.71). Mas é em 1875 que um jornalzinho abusado apareceu no Recife. Um dos primeiros jornais ilustrados da província era produzido por cinco jovens rapazes chamava-se *O Diabo a Quatro* e, como se vê pelo nome, era joco-sério. Apesar de sabermos hoje que os 'diabos' eram Adolfo Generino dos Santos, Aníbal e Alfredo Falcão, Antônio Souza Pinto e João Ramos (NASCIMENTO, 1972, p.402), naquela situação de gabinete conservador era bastante comum que republicanos se escondessem por trás de pseudônimos. Neste caso se chamavam mutuamente de Belzebu, Satanás, Capeta, Asmodeu, etc. Maria Tereza Pocas e Hans Waechter defendem que o *Diabo a Quatro* teve bastante sucesso, pois "se manteve fiel ao seu público leitor com jornalismo investigativo, denunciando, com suas charges, todas as fragilidades de uma sociedade que se dividia entre o apoio à monarquia e a república" (2015, p.1058).

**Figura 3 - A Humanidade ao lado do pedestal de Littré (1876)**
Fonte: O *Diabo a Quatro*, 30 de julho de 1876.

[41] Não encontrei exemplares do jornal.

A própria redação do Diabo já havia percebido como seu jornal havia se tornado mais popular, inclusive com público feminino.

> O que vemos? Um acolhimento benignamente lisongeiro a nossa folha, adesões e simpatias por toda parte, polkas, valsas, tangos, gravatas, cigarros, etc, tudo... até moças partidárias do Diabo a Quatro [...] O Diabo está na moda, pertence-lhe a época. Quatro ou sozinho ele caminha animado pelo público que o aplaude. O Diabo ama o progresso – adormece-lhe nos braços, para acordar num mundo de melhoramentos reais (DIABO A QUATRO, 10-10-1875).

O início desta geração está ligado com a preocupação em assumir a herança deixada pelo passado, algo como combinar em si uma identidade com a liberdade. Na edição de estreia, os diabinhos publicam uma charge muito significativa em que associa imagem a texto, entrelaçando a batalha contra os holandeses (e não a Revolução de 1817, como de costume) como o primeiro firmamento da liberdade.

**Figura 4 - Spartacus sobre o Monte dos Guararapes**
Fonte: O *Diabo a Quatro*, 11 de julho de 1875.

*Levanta-te, Leão do Norte! É tempo agora,*
*É tempo de quebrar essas cadeias!*
*Maldito o escravo que impotente chora,*
*Quando o sangue espandana-lhe as veias!*
*Oh! Vê: cospem nas cinzas dos teus Grachos!*
*Roubam-te tudo com escarninho alarde!*
*Segue o exemplo sublime de Spartacus:*
*- Sê livre, Pernambuco, inda que tarde!*

O que é interessante notar é a escolha da Batalha dos Guararapes como o antepassado remoto, associado à República Romana e não à democracia grega, através do poema Spartacus, chamando-se a si mesmos como "grachos". Pode não parecer nada demais, mas orientar o passado republicano para o século XVII é uma forma de trazer para Pernambuco a vanguarda do movimento republicano e, não apenas isso, mas indicar sutilmente uma mudança de orientação, já que o positivismo é, como vimos, tributo da ditadura romana. De acordo com Evaldo Cabral de Melo, a partir deste período, os republicanos buscam estabelecer um passado em cadeia, cujo início principia com os holandeses, até a fatalidade da República já que

> [...] no imaginário nativista, a restauração constituíra o primeiro episódio da gesta revolucionária e autonomista da província: expulsão dos batavos, Guerra dos Mascates, Revolução de 1817 e a Confederação do Equador correspondiam a momentos diferentes de um mesmo passado solidário; exprimir uma reserva no tocante a qualquer um deles, sobretudo ao acontecimento inicial, fundador, equivalia a por todos em tela de juízo. (MELLO, 1997, p.379)

Ainda fortemente ligados ao recente embate anticlerical que sacudiu o Recife entre 1873-5, os primeiros passos desses republicanos ressoa o ranço a que foram espectadores, demonstrando que foram muito impressionados pelos atos de rebeldia de José Mariano:

> Que se o ultramontanismo, protegido pelo poder, repasta ainda como lobo esfaimado nas crenças imbecis de rudes e ignorantes, a parte mais adiantada da população do Recife começa a desprender-se abertamente das infelizes abusões, que nos faziam vítimas de duas tiranias, cada qual mais insuportável: a dos políticos e a dos padres. A crença católica romana, morta há muito para os espíritos adiantados, não mais resiste à onda da civilização que a submerge. (O DIABO A QUATRO, 5-11-1876)

O que é mais interessante deste manifesto não é a utilização do discurso anticlerical, mas no aproveitamento desse sentimento popular para pregar contra a dupla tirania: a da Igreja e a da monarquia. Vistos como uma 'parte adiantada da população' esses jovens começaram a construir sua autoimagem como os mais indicados para a libertação de Pernambuco. Outra característica dessa autoimagem é a associação direta entre eles e a 'lei do

progresso', argumento cientificista que será recorrente quando dizem que "a lei do progresso – lei suprema a que obedecem por igual o mundo dos organismos e o mundo pensante – não podia claudicar em nós" (O DIABO A QUATRO, 5-11-1876). Roger Chartier chama a isso de 'representação coletiva', uma luta pela visão legítima do mundo social, uma espécie de violência simbólica (CARVALHO, 2005, p.151).

**Figura 5 - Charge anticlerical no Diabo a Quatro (1875)**
Fonte: O Diabo a Quatro, 28 de setembro de 1875.

*"Sucumbe a ideia nova: a tirania exulta...*
*Curvado o Brasil aos pés da reação,*
*Suporta o papa, o rei e a corja torpe e estulta*
*Dos áulicos senis, vergonhas da nação!"*

O poder da imagem, principalmente numa nação de maioria analfabeta, foi um instrumento relevante para a propaganda republicana em Pernambuco. Nisto o *Diabo a Quatro* teve sucesso, permanecendo por 4 anos de êxito editorial. Em 1876, o jornal já anunciava uma tiragem de 6 mil exemplares por dia e chegou a abrir uma chamada para contratar correspondentes nos Estados Unidos (O DIABO A QUATRO, 4-6-1876, 2-7-1876). Nilo Pereira, ao analisar a questão religiosa em Pernambuco, disse que "o *Diabo a Quatro* teve um poder realmente satânico" (PEREIRA apud LIMA, 2005, p.35).

Outro jornal, menos jocoso e mais científico, também surgiu em 1875, chamado *O Progresso*. Escrito por rapazes (ainda) fora da Academia, como José Isidoro Martins Júnior, Arthur Orlando, Leovigildo Samuel e outros, apontam uma nova orientação republicana, divorciada das antigas reinvidicações do comércio a retalho e do federalismo. Concomitante ao *Diabo a Quatro*, esses rapazes apresentaram-se também como jovens dispostos a serem os soldados do futuro, associando-se com a ciência. Orientavam "constância, pois, representantes do futuro, sede ousados soldados nas grandes lutas da ciência, pelejai com coragem e a vitória será vossa" (O PROGRESSO, 10-8-1875).

Por serem as primeiras aparições públicas de artigos republicanos e positivistas em Pernambuco, tomei o surgimento do *O Progresso* e do *Diabo a Quatro* como ponto de partida para a análise da trajetória deste grupo. Apresentaram-se para a sociedade pernambucana como jovens dispostos a marcharem a província para o progresso, auxiliados pela ciência, rumo à República. Era recorrente, portanto, uma autoimagem de renovação, de uma geração independente e, ao mesmo tempo, iluminada. Leovigildo Samuel, em poema intitulado *O Século e o Progresso*, acompanha o editorial escrito por Martins Júnior ao exaltar seus papéis como jovens cientistas:

*Nas artes, letras, em tudo*
*No arrojo das evoluções,*
*O século acorda dos sonhos*
*Os juvenis corações;*
*Com seu irmão – o progresso –*
*O século quer se enlevar,*
*E uma voz repete em eco*
*A cada passo: - marchar!*
(O PROGRESSO, 10-8-1875)

O número seguinte de *O Progresso* mantém o tom de "iluminação" da nova geração. O que é curioso notar é a associação entre uma missão religiosa e o dever científico. A novidade não se trata da orientação religiosa, já evidente no *Republicano Federativo* (1873-6), mas na adesão desta ao cientificismo. Como já afirmei no capítulo anterior, essa geração positivista inclina-se para uma versão mais ortodoxa, assumindo também os escritos da última fase de Augusto Comte, ou seja, a versão religiosa e moralista. Por isso que, em dois editoriais anônimos seguidos, eles assim se representam:

> A quem compete a nova missão evangelizadora de uniformar as ideias, regenerar a pátria, como destro timoneiro, a nau do futuro que já vai quebrar-

> se no escolho de um hoje maldito? [...] o destino da pátria, a vocação do futuro, as leis da humanidade, a reorganização revolucionária da vida moral está sob a guarda da geração que surge, como de uma crisálida, formando uma fênix que renasce e divina-se – a mocidade. (O PROGRESSO, 10-9-1875)

A visão de uma 'missão evangelizadora' que vai 'revolucionar a vida moral' de uma geração que 'renasce como a fênix' continua na edição seguinte. Não quer dizer, entretanto, que eles fossem os *únicos* republicanos em Pernambuco, mas certamente se enxergavam como os mais *puros* e mais *preparados* para reger o 'destro timoneiro'. Isso é bastante importante para analisar o percurso dessa parcela ao longo do tempo e nas relações dela com seus companheiros não positivistas. Em outro editorial anônimo proclamam que

> [...] Deus quer o mundo converso num céu de liberdade e perfeição, e é por isto que aparecem os anjos do evangelho, os apóstolos da ciência, os irmãos da crença, - os que pensam e ensinam a pensar – e os que realizam a profecia de todos os tempos com a absoluta negação dos princípios contrários à natureza filosófica, ao transcendentalismo da razão, ao absolutismo da ciência e à vitaliciedade literária. Estes ao menos não são utopistas ou inquisitórios, são reformistas e paladinos da sociedade. (O PROGRESSO, 20-9-1875)

*A Lanterna de Diógenes*, que no Recife assumiu uma versão republicana aberta[42], lançou seu editorial de estreia com claras bases de orientação para reformas. O tom era nitidamente ameaçador "ou as reformas, ou a separação" em que elencaram 8 exigências:

1. Eleição direta pelo sufrágio universal com lei completa de incompatibilidades
2. Absoluta descentralização das províncias, com apenas ¼ de tributos ao estado.
3. Presidente da província eleito de 4 em 4 anos.
4. Liberdade religiosa.
5. Senado temporário de 8 em 8 anos.
6. Polícia eletiva.
7. Abolição do Poder Moderador.
8. Julgamento dos crimes de imprensa pelo júri.

(A LANTERNA DE DIÓGENES, 25-7-1876)

Além das exigências – cuja ameaça era separar-se do Brasil – os redatores da *Lanterna* assumem que "nós, apesar de fracos, havemos de lutar, como o náufrago no meio das ondas encapeladas em noite de tempestade, havemos de concorrer com as nossas fracas forças para o melhoramento desta quadra de decadência e com a ajuda de Deus cantaremos vitória" (A LANTERNA DE DIÓGENES, 25-7-1876). Percebe-se, entretanto, que não há referência para a abolição, sequer emancipação, da escravidão. Essa característica é comum a todas as

[42] Havia um jornal chamado *A Lanterna de Diógenes* na Corte com a qual é fácil se confundir. Na Corte, este jornal homônimo não tinha orientação republicana, mas no Recife sim.

orientações republicanas na década de 1870, principalmente durante o gabinete conservador até 1878.

Em 1876 o *Diabo a Quatro* suaviza sua versão 'joco', para se tonar mais 'séria'. Começou a publicar cartas endereçadas ao imperador e dividi-las entre os temas: liberdade religiosa, liberdade política, agricultura e comércio, instrução pública e exército (O DIABO A QUATRO, 8-4-1876). Quando o imperador regressa dos Estados Unidos, banindo o beija-mão, os diabos sugerem que, talvez Dom Pedro tenha se inspirado nos moldes republicanos daquele país, e chegam até a sugerir um novo gabinete para a república:

Sua Majestade – Chefe da República[43]
Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda – José Maria de Albuquerque Melo
Ministro da Guerra – Temístocles de Orange (Jornal do Recife)
Ministro da Agricultura, Comércio e Artes – Numa Pompílio
Ministro da Marinha – Afonso de Albuquerque Melo
Ministro do Interior – Barros Guimarães
Ministro da Justiça – José Francisco Carneiro
Ministro dos Estrangeiros – Francisco de Paula Mafra
"Outra fornada" – José Mariano e Paulo de Oliveira
(O DIABO A QUATRO, 9-4-1876)

No mesmo ano, Aníbal Falcão, então com meros 20 anos e aparência franzina, escreveu uma peça em três atos que chocou a sociedade pernambucana. Apesar da orientação positivista – que defendia a harmonia social – foram poucas as vezes em que os republicanos em Pernambuco de fato conservaram esse princípio, tome-se como exemplo sua estreia num jornal 'infernal'. Uma dessas vezes começou em 1876 com o drama chamado *O Doutor Alberto*. De inspiração cientificista, Aníbal Falcão escreveu o drama de Helena que, ao engravidar do seu amante Eugênio, provoca deliberadamente um aborto. A trama gira em torno da discussão sobre o(s) crime(s) da moça e todas suas implicações para a honra da família, a começar pelo seu esposo, o deputado geral Dr. Alberto. Somente pelo explícito debate sobre o aborto já seria esse drama de profundo choque, não fosse a inovação de Aníbal ao atribuir *aos homens* a culpa do adultério das mulheres. Em um dos diálogos entre Helena e Eugênio, este murmura contra si mesmo:

> (...) E, entretanto, nós temos toda a culpa. Nós assim fizemos a mulher. É um belo e rico móvel. Na sua fronte polida como o mármore e levemente tinta por um sangue puro nós não vemos outra utilidade que não para um beijo. Naquelas cabeças cobertas de sedosos e longos cabelos os homens julgam que não há uma só ideia! É este o erro fatal que produz o adultério (FALCÃO, 1878, p.10).

[43] Foi bastante recorrente entre os positivistas o desejo de ver Dom Pedro transformado no primeiro ditador republicano.

Aníbal conseguiu fazer seu drama ser apresentado no Teatro de Santa Isabel e ter um anúncio em grandes caracteres exposto no Jornal do Recife.

THEATRO

ISABEL

EMPREZA--VICENTE

QUARTA-FEIRA 26 DO CORRENTE

Primeira representação do drama em 5 actos, original brazileiro do talentoso academico ANIBAL FALCÃO:

O DOUTOR ALBERTO

| Personagens | Actores |
|---|---|
| Dr. Alberto, deputado | Bahia. |
| D. Helena, sua mulher | D. Manuela. |
| Frederico de Almeida, advogado | Eugenio. |
| Desembargador Azevedo, pai de Helena | Augusto. |
| Arthur de Amorim | Lima. |
| Medico | Manbonça. |

A acção passa-se no Recife, actualidade

**Figura 6 - Anúncio da peça O Doutor Alberto de Aníbal Falcão (1877)**
Fonte: Jornal do Recife, 24 de setembro de 1877.

Contudo, foi censurado pelo Conservatório Dramático Pernambucano e proibido pela polícia, tendo sido inclusive negado em todos os jornais de circulação a sua defesa, o drama se tornou instantâneo tabu. Antônio de Souza Pinto, que fez o prefácio da obra publicada, indagou "o que encontraram as autoridades teatrais de Pernambuco de tão asperamente condenável no drama de Aníbal Falcão?" e explica "não seria fora de propósito recomendar aos dramaturgos e romancistas que abrandassem um pouco a insistência com que se ocupam das faltas das mulheres casadas, para voltarem uma parte da sua atenção aos desregramentos dos pais de família indignos da honra deste nome?" (PINTO apud FALCÃO, 1878, p. II-IV). Em edição do ano anterior, o *Diabo a Quatro* deu publicidade a uma nota do Chefe de Polícia sobre a proibição da peça:

> Se este drama for representado, o número dos infanticídios terá de aumentar entre nós na razão de 75 por cento. O motivo disso é que as mulheres culpadas e os cúmplices dessas mulheres, ficarão conhecendo qual o medicamento capaz de ajudá-las a esconder aos olhos do mundo e dos

> maridos ultrajados os sinais da sua vergonha (O DIABO A QUATRO, 30-9-1877).

A peça que seria encenada tem diálogos que espantariam até o leitor do século XXI. Helena, discutindo com Eugênio acerca do seu crime, admite em alto e bom tom:

> - O nosso filho?! Sei eu o que é feito dele? Morreu, ou antes, matei-o; Sim, fui eu mesma que o fiz morrer! Mas foi para proteger a honra do meu marido [...] Eu matei meu filho, mas de quem é a culpa? Para que me veio o senhor fascinar, roubar-me a meu marido, à vida plácida do lar? (FALCÃO, 1878, p.10).

O drama amargou todo o ano de 1877, quando surgiu em Recife outra peça de teor positivista, *Os Positivistas* de Serafim José Alves[44] (O *Diabo a Quatro*, 18-11-1877). Num clima mais favorável, e sob esforços coletivos, Aníbal conseguiu publicar seu drama no original em 1878, recebendo notas explicativas sobre o 'sumiço' da obra[45]. Ainda que não seja explícito, é a partir do envio da peça ao prelo que a popularidade do *Diabo a Quatro* passa a ser atacada. Os redatores não deixam por menos, oferecendo "aos diários 160 réis por linha para que não publiquem os insultos que contra nós forem dirigidos" o que era, na prática, o dobro do preço de mercado (DIABO A QUATRO, 18-11-1877).

[44] Infelizmente não consegui encontrar essa peça para analisa-la melhor.

[45] Aníbal Falcão ainda escreveu mais um romance positivista, mas que não encontrei qualquer exemplar para consulta: *Plástica*, primeira parte do que viria a ser a *Tragédia de Jacobus* (1880). (FALCÃO, 1933, p.18-20). Há ainda outro romance polêmico publicado pelos positivistas na *Folha do Norte* ao longo do ano de 1883, chamado de *"O Crime de Infanticídio",* obra de colaboração conjunta entre José Isidoro, Clóvis Beviláqua, César Monteiro, entre outros.

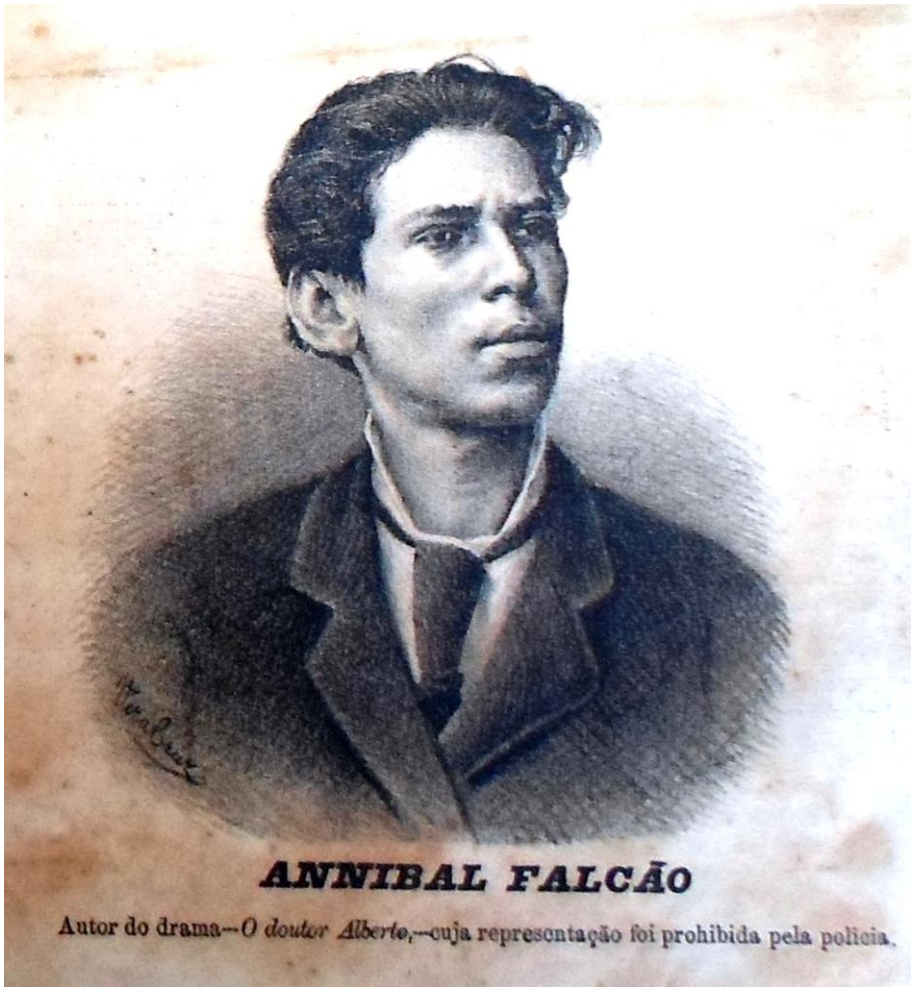



**Figura 7 - Homenagem do Diabo a Quatro a Aníbal Falcão (1877)**
Fonte: O Diabo a Quatro, 30 de setembro de 1877.
*"Autor do drama – O Doutor Alberto – cuja representação foi proibida pela polícia"*

Em 1877 também apareceu a primeira revista com forte teor positivista, a *Revista de Pernambuco*, que no seu número de estreia teve publicações de Aníbal Falcão, Afonso Olindense, Ciridião Durval e Pedro de Queirós acerca da filosofia positiva (A PROVÍNCIA, 26-6-1877). Uma das indicações de que *O Diabo a Quatro* começou a inspirar novos periódicos vem no editorial do jornal *O Alfinete* que indica ter como missão "deleitar, instruir e moralizar como o *Diabo a Quatro* e a *América Ilustrada*" (O ALFINETE, 13-07-1878). Geralmente pouca importância se dá aos 'Diabos' por considerar que o jornal não era um órgão de partido, um veículo de clube ou representação de classe, mas deve-se levar em consideração que para um periódico republicano-positivista perdurar por 4 anos na imprensa provincial, deveria existir um público leitor consideravelmente fiel. A associação entre imagem e escárnio fez do *Diabo a Quatro* um jornal de aceitação, com tiragem regular de 6 mil exemplares por número e um público feminino recorrente. Ainda que a mensagem

republicana talvez não ficasse evidente, certamente as críticas aos defeitos da monarquia ficaram. A partir desse período, a personificação da palavra "antiescravismo" no teatro passou a ser quase sempre um positivista, pois este apresentava a imbricação entre abolicionismo e progresso científico[46] (ALONSO, 2015, p.99).

É mais ou menos em torno da Grande Seca (1877-9) que os republicanos se alinham em um bloco comum, com o objetivo de contribuírem para as vítimas do interior da província. Em carta anônima assinada apenas com a letra "M" (no mesmo dia que recebem um exemplar de *O Progresso* de Martins Júnior) endereça-lhes para

> Estender-lhe a mão amiga em prova dos mesmos sentimentos que guardamos, em testemunho de uma verdadeira aliança para conjurarmos o sol do despotismo que nos mirra e mata, e havermos outro que nos alente, que nos dê vida e prosperidade neste solo abençoado, onde somos os escravos da gleba sem nenhuma diferença mais. (LIGA OPERÁRIA, 27-4-1877).

O clima de descaso, abandono e irresponsabilidade da monarquia com o Norte tornou-se um motivo imperioso para aliar uma mensagem republicana maquiada de caridade. Apesar de não ser possível identificar como o público reagiu ao chamado pelos donativos, a utilização do discurso duplo monarquia-egoísmo/república-altruísmo foi a primeira experiência conjunta de republicanos que não concordavam inteiramente entre si. Conforme um anúncio publicado no jornal *Liga Operária*, uma comissão formada pelos redatores dos jornais *O Progresso*, *Romeiro das Lettras* e da *Liga Operária* seriam os responsáveis pela arrecadação. Foram escolhidos para a comissão José Isidoro Martins Júnior, José Cavalcanti Ribeiro da Silva e J. Moreira Lyrio respectivamente "no intuito de ser útil aos seus irmãos do centro da província, que se acham flagelados pela seca, resolveram de comum ir às distintas classes: acadêmica, do curso anexo, e operária" (LIGA OPERÁRIA, 17-7-1877).

Em novembro do mesmo ano se junta à campanha toda a redação do *Diabo a Quatro* (DIABO A QUATRO, 18-11-1877) formando, então, a primeira associação republicana que unia caridade, propaganda e associativismo. A campanha conseguiu arrecadar 1:200$700 e 143 peças de roupa (NASCIMENTO, 1972, p.402). A Grande Seca (1877-9), como é chamada, perdurou por três anos e foi um dos maiores desastres socioambientais de que se tem notícia na história de Pernambuco. Um ano depois, outra comissão formada pelos republicanos João Alfredo de Medeiros, Francisco Rodrigues Campello, José Isidoro Martins

[46] Um desses exemplos é a peça "Corja Opulenta" (Joaquim Nunes, 1887) que foi dramatizada em todo *O Norte* do Império e na Capital, sobre uma escrava liberta pela lei do ventre livre, Alice, e Jorge, pobre, justo e positivista (ALONSO, 2015, p.141).

Júnior, José Camilo Linhares de Albuquerque e Afonso Viriato de Medeiros conseguiram promover um espetáculo em benefício das vítimas da seca com auxílio dos artistas Ella Zuila e Loyal, dinheiro que auxiliou no abrigo de mais de 300 retirantes na olaria da Travessa das Barreiras (JORNAL DO RECIFE, 2-7-1878).

Em 1878 o tema geral era a eleição para a deputação geral e provincial e os efeitos da Lei do Ventre Livre, véspera do primeiro ano em que os escravos nascidos a partir de 1871 deveriam ser considerados libertos. Naquele ano, com a mudança de gabinete para o liberal, a escolha dos deputados que compuseriam a bancada do congresso seria responsável por fazer valer a lei de 28 de setembro e, por essa razão, foi um período de grande perturbação política. Em 1878 aconteceu em Recife o primeiro Congresso Agrícola, em resposta ao Congresso Agrícola do Rio de Janeiro que excluiu as províncias do Norte. Este congresso, geralmente analisado para demonstrar o sentimento regionalista que se sobressaia, também indica algumas questões que seriam parte do discurso republicano a partir de então. Analisando as pautas dos diversos discursantes do congresso encontram-se a independência das Assembleias Provinciais, as franquias municipais, melhor organização policial, concurso público para as magistraturas, instrução pública voltada para a mão-de-obra, diminuição dos custos de frete, liberdade de associação, controle da imigração e livre comércio (SILVEIRA, 1984, p.187).

Estas pautas, longe de serem exclusivas de um ou outro grupo, fez parte do repertório discursivo dos grupos políticos em Pernambuco, e foram tomados como linguagem comum para todos aqueles que quisessem bem falar para o público. Na conquista pela atenção e apoio político, assumir o 'discurso da crise' e a 'injustiça com o norte' eram fundamentais para a vitória. É o que John Pocock chama de apropriação de idioma específico para outros fins (no caso, a república) (POCOCK, 2003, p.31). Os republicanos não foram diferentes. Numa análise comparativa entre Pernambuco e o Rio Grande do Sul, vê-se como, apesar dos argumentos semelhantes (injustiça provincial, sub-representação, falta de crédito, etc...) dos republicanos, as realidades das regiões eram completamente distintas. Apesar de ter sua economia reduzida, Pernambuco nunca deixou de ser uma província com forte representação na Corte, ao contrário do Rio Grande. Para estes, o tom federalista tinha uma 'razão de ser' mais condizente com a realidade, demonstrando que em Pernambuco "*O Norte* sempre se sentia desprotegido, desfavorecido em face do Sul" (LEITE, 1978, p.51).

**TABELA 6 - REPRESENTATIVIDADE DAS PROVÍNCIAS NO IMPÉRIO, EM RELAÇÃO AO TOTAL DAS PROVÍNCIAS BRASILEIRAS (%)**

| Início do Segundo Reinado (1840-1870) | Final do Segundo Reinado (1870-1889) |
|---|---|

| | População | Riqueza | Nº Ministros | Nº Deputados | População | Riqueza | Nº Ministros | Nº Deputados |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Pernambuco | 12,37% | 14,34% | 4,34% | 12,38% | 7,19% | 8,52% | 15,16% | 10,40% |
| Rio Grande do Sul | 2,62% | 4,57% | 0% | 2,85% | 6,26% | 8,55% | 12,12% | 4,80% |

Fonte: CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*. Rio de Janeiro: campus, 1980, p.104-5.

No partido liberal de Pernambuco vários nomes surgiram para fazerem parte da chapa que tentaria a eleição de 1878, dentre esses nomes estavam o de Tobias Barreto e Aprígio Guimarães. Esses dois, apesar de serem sempre considerados republicanos, permaneciam no partido liberal mais por conveniência que por ideologia. Como bem notou Joaquim Nabuco "meu nome afastava os de outros que eram antigos lutadores, como o doutor Aprígio Guimarães, popular na academia pelo seu liberalismo republicano e sua eloquência tribunícia" (NABUCO, 1900, p.130). Arthur Muniz, biógrafo de Martins Júnior logo após sua morte em 1904, relata que Tobias Barreto e José Hygino eram "portadores de ideias subversivas, anarquistas no seio da mocidade" (MUNIZ, 1906, p.39). Em uma reveladora carta que escreveu Aprígio Guimarães para *O Democrata*, o liberal deixa claro sua hesitação em se afirmar como republicano.

> A vossa folha tem sido para mim uma grande surpresa. Pois ainda há disto em Pernambuco? (...) [Eu sou] republicano desde muito como pensador, não o sou como cidadão (...) não me poderá ser sincero e útil liberal-monarquista, por tipo diferente dos liberais de agora? Não haverá ainda um sério e longo trabalho de transição a fazer? (O DEMOCRATA, 8-4-1880).

Os redatores respondem a Aprígio que esses "liberais de tipo diferente" são sempre condenados ao "perpétuo ostracismo" e disto nada vale (O DEMOCRATA, 10-4-1880). Num poema intitulado "O Filhote e o Povo" percebe-se como a relação entre os republicanos e Joaquim Nabuco nem sempre foi amigável.

*[...]*
*Campeões da Liberdade,*
*Defensores da Nação,*
*Quando fizerdes as chapas*
*Para a próxima eleição,*
*Excluí o filhotismo;*
*Desprezai do governismo*
*A imposição torpe e vil!*
*Lembrai-vos (alto desdouro!)*
*Quanto custou ao tesouro*
*O nosso Código Civil.*
*[...]*
*Por isto quando exercerdes*
*Nas urnas vossos direitos,*

*Excluí, oh leitores,*
*Nabuco e outros sujeitos!*
*Procurai a experiência,*
*Probidade, honra e ciência*
*Dos elegíveis da grey!*
*E vede que os deputados,*
*Que por vós são nomeados*
*Vão decretar-vos a lei!*
(A TEMPESTADE, 5-9-1878)

Tobias Barreto, por sua vez, foi eleito deputado provincial e passou a versar sobre abolição e emancipação da mulher. De fato, foi ele o responsável por conseguir o custeio das primeiras mulheres doutoras em medicina a quem o jornal *O Etna*, republicano em 1881, foi o único a fazer uma homenagem a elas. Entretanto, as desilusões políticas dos dois liberais, "empurraram-nos" em direção aos republicanos. Aprígio Guimarães, em carta endereçada para José Isidoro Martins Júnior e Clóvis Beviláqua, acerca da publicação do livro que escrevem em conjunto *Vigílias Literárias*, aconselha:

> Eia! Dignidade e humildade em vossos gabinetes: dignidade para aspirar corajosamente a realeza do talento; humildade para encurtar a braga e dobrar os esforços depois de cada triunfo... nada de repousar, nunca! Os verdadeiros cultivadores do campo da ciência só abrem mão do cabo de charrua quando a alma lhes voa do cérebro. (A OPINIÃO, 3-9-1879).

Em 1878 aparecem as primeiras notícias do surgimento de um clube republicano formado por jovens baseados na ciência, ainda que não tenha descoberto quem são os membros deste clube. Tenho como hipótese que o que os historiadores tomam como início do Clube Democrata somente em 1880 (associado ao surgimento do órgão *O Democrata*) na verdade tenha se formado dois anos antes. *A Tempestade* indica que esse grupo tem como "ideal da democracia contemporânea apurada no crisol da ciência e de uma experiência dura, mas proveitosa" (A TEMPESTADE, 12-9-1878). Já *O Alfinete* indica que esse grupo está de acordo que "a época [que] é de raciocínio, de crítica, mas não de sangue" e que "ser republicano não é ser anarquista" (O ALFINETE, 31-08-1878).

Fundamentando a associação que perduraria até o fim da sua vida, Aprígio Guimarães convidou alguns republicanos para sua conferência, promovida no Teatro de Santa Isabel no mesmo mês, acerca da Lei do Ventre Livre. Discursaram além dele, junto com outros, Martins Júnior, João de Oliveira, Antônio Pepe de Vasconcelos, Ciridão Durval e João Carlos Ribeiro da Silva que, já naquele momento, figuravam como sendo reconhecidos republicanos (A

OPINIÃO, 30-9-1879)[47]. Também discursou nessa mesma comemoração a primeira médica pernambucana, filha do reconhecido republicano na década de 1860, Romualdo Alves de Oliveira, a senhora Josepha Agueda Felisbella de Oliveira[48] (JORNAL DO RECIFE, 30-9-1879). Quando Aprígio foi atacado pela *Revista Politécnica*, um abaixo-assinado de 297 alunos, incluindo os republicanos Martins Júnior, Clóvis Beviláqua, João de Oliveira, Clodoaldo de Freitas, entre outros, saíram em defesa do mestre (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19-7-1879). Clóvis Beviláqua, a quem geralmente lhe atribuem defesa fiel de Tobias Barreto, reconhece que

> É certo que, em 1870, já o Recife conhecia e discutia o positivismo e outras formas adiantadas do pensamento filosófico; porém, é inegável que a contribuição de Aprígio Guimarães, para o progresso das ideias, foi considerável no meio acadêmico. (BEVILAQUA apud PAIM, 1997, p.17).

Até mesmo seu colega acadêmico, Graça Aranha, admite que "Martins Júnior e Clóvis foram os que mais se distanciavam de Tobias" (1931, p.160). Assim como Arthur Muniz, que biografou Martins Júnior, admite que Clóvis Beviláqua era o "companheiro de propaganda republicana e lutas literárias" assim como "o íntimo de Martins Júnior desde o início da sua vida espiritual" (MUNIZ, 1906, p.42). Martins Júnior e Aníbal Falcão geralmente vistos como uma só cabeça pensante, na verdade guardam diferenças entre si. Falcão, associado ao Apostolado Positivista, inclinava-se com maior afinco aos ditames de Comte, conforme orientação do próprio apostolado. Em 1880, conjuntamente com Teixeira Mendes e Mendes Bastos lança o manifesto nacional em defesa do proletário liberto (GAZETA DA TARDE, 5-10-1880). Martins Júnior, entretanto, sempre afirmou que não "aspiro às honras de discípulos ortodoxos do positivismo" (IDEIA NOVA, 10-6-1880) demonstrando que ambos associavam-se à doutrina de Comte de maneira distinta.

Além disso, é comumente dito que essa geração positivista nasceu das influências de Tobias Barreto quando professor da Faculdade de Direito do Recife. Mas como se sabe, Tobias só se tornou professor 1882, período que, como estamos vendo, os positivistas já haviam se assentado como maioria republicana. Também não poderiam ser colegas de faculdade, pois quando Tobias se graduou em 1869 essa geração sequer tinha idade para

[47] É interessante como geralmente Tobias Barreto leva a fama de ser o professor que mais contribuiu para os republicanos, quando na verdade Aprígio Guimarães e José Higino foram os que, de fato, os auxiliaram na propaganda. Em editorial da *Folha do Norte* (1-5-1883) afirmam que foi José Higino o verdadeiro responsável pela introdução do cientificismo em Pernambuco.

[48] Não apenas a primeira médica era filha de um republicano, como o seu curso só foi bancado pelo governo pelo intermédio de Tobias Barreto. O único jornal a lhe dar parabéns pelo feito foi a folha republicana O Etna, em 1881. A primeira advogada de Pernambuco, senhora Maria Augusta Meira de Vasconcelos, era esposa do republicano Albino Meira de Vasconcelos.

ingressar. Talvez o elo de ligação pudesse ser Antônio de Souza Pinto, o mais velho deste grupo e contemporâneo de Tobias na Faculdade de Direito (FDR), mas mesmo assim, não professavam a mesma ideologia. Não apenas isso, as primeiras publicações desse teor são anteriores mesmo à entrada desses rapazes na Academia. Não há, portanto, argumento válido que comprove a tese da "direção" de Tobias no rumo filosófico tomado por essa geração, ainda que ele tenha sido reconhecidamente um grande exemplo para eles, como defende, por exemplo, José Francelino de Araújo (1996, p.100), Antônio Paim (1997, p.39) e Marshall C. Eakin (1985, p.153).

Clóvis Beviláqua, que geralmente é visto como seu discípulo, mas na verdade estava mais próximo de Martins Júnior e Silva Jardim, declarou que a diferença entre os positivistas do norte e os do Sul é porque "em Recife, as ideias vieram dos alunos e no Sul dos mestres" (BEVILAQUA, 1883, p.75). Já Graça Aranha diz que "é verdade que nem nos escritos, nem nas lições, nem nas conversas do nosso mestre encontrávamos apoio filosófico ou político para as nossas ideias republicanas" (ARANHA, 1931, p.159). Já França Pereira vai mais além, afirmando que:

> Por isso, ao passo que Tobias em suas relações gerais com a cultura do seu tempo ficou sempre um individualista genial, Martins tornou-se um socialista (sic) inconsciente ou, se o preferem: um humanitarista sequioso de justiça e de verdade, sem que o soubesse. Tobias quer a regeneração da pátria pela cultura intelectual. É germânico, é radical nesse ponto. Martins quer mais: a cultura da inteligência vale nada sem a cultura do caráter. (A CULTURA ACADÊMICA, 1904, p.95).

Tudo leva a indicar que, pelo menos do ponto de vista daquela época, Tobias não era tido por eles como um "guia" para o futuro, mas como uma referência ao passado. Já Martins Júnior sempre demonstrou ser mais eclético filosoficamente[49], apropriando-se de Comte de maneira relativa, sem buscar a orientação religiosa apostólica:

> As linhas que vou traçar hão de parecer a muitos que notarem a minha admiração pelo grande fundador da filosofia positiva, um protesto de aderência completa a todas as suas ideias. Não é assim. Já um dos redatores desta folha declarou em nome de todos nós que os princípios filosóficos que professamos filiam-se aos de Littré, o grande sábio francês reformador de Comte. É-me, pois, quase desnecessário afirmar que não sigo as pisadas de Laffitte, não aspiro as honras de discípulo ortodoxo da Humanidade e nem rejeito o fato biológico da população, como base da sociologia, para acoitar o fundamento que lhe deu Comte. (A IDEIA NOVA, 10 a 30 de junho de 1880)

[49] Essa é uma das razões pelas quais José Isidoro Martins Júnior e Aníbal Falcão, que formavam uma ligação profunda para a propaganda republicana de Pernambuco, tornaram-se opositores durante a Assembleia Constituinte de 1890, passando a defender lados completamente distintos.

Martins Júnior considerava-se continuamente um positivista independente, apesar de sempre lhe atribuírem o Apostolado por associação com Aníbal Falcão (MUNIZ, 1906, p.34). Em 1879 o jornal *A Opinião* passa a agregar esses republicanos positivistas, em mais um periódico com forte teor doutrinário. Também no mesmo ano publica-se o *Correio da Noite*, único jornal em que José Isidoro Martins Júnior e José Maria de Albuquerque Melo (os dois líderes do republicanismo nas décadas de 1880 e 1870 respectivamente) trabalharam juntos. Desde 1875 que essa geração se coloca como jovens puros e sinceros, e esta será uma marca da identidade, da idiossincrasia desde grupo. Em editorial anônimo afirma que

> Nós, republicanos incorruptíveis, acreditamos que a monarquia é uma monstruosidade social e uma degradação da inteligência, por isto seguimos resignados nossa peregrinação até que a luz supere as trevas. Jesus Cristo foi ao Monte das Oliveiras pedir ao Pai Eterno que lhe desse forças e resignação para sofrer os tormentos. Os republicanos sinceros inspiram-se nos princípios sacrossantos da liberdade humana, que defendem com ardor, sorvendo gota a gota o fel dos molejos que lhes dão a beber os turiferários da monarquia (A OPINIÃO, 12-8-1879).

Esta visão da vanguarda pernambucana da juventude apareceu num folheto de Sílvio Romero, *"A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro"*, um sergipano que resumiu em 1879 o sentimento dessa geração, ao dizer que Recife era o "locus de ideias novas vindas de seres estranhos à sua terra". Colocou o realismo, o naturalismo e o cientificismo como invenções pernambucanas e avisou: "não falta muito para que algum dos diretores da metrópole do pensamento brasileiro reclame, como obra sua, o que os esforços de todos aqueles representam como trabalho literário e científico" (ROMERO, 1879, p.462). Mesmo que indiretamente, Sílvio Romero apresentou um tratado regional, sentimento que indicava como essa geração pensava a si própria: vanguardista, cientificista, injustiçada pela metrópole e arauto de um novo tempo.

Em outubro de 1879 houve um espetáculo em benefício de Carlos Gomes, músico brasileiro e amigo íntimo de Martins Júnior, que foi chamado a discursar em sua homenagem, mas aproveitou a ocasião para alfinetar "É Pernambuco quem fala: Povo! É preciso que se aclame em nome do norte do Brasil o rei do sentimento. É o único rei que não te mata, e gênio!" (A OPINIÃO, 26-10-1879). Em outra ocasião reafirma a concepção comum de que aquela era

> [...] a nova geração, a mocidade incorrompida das academias, das escolas, que à semelhada das transfusões de sangue puro no corpo dos cadáveres, está no caso de injetar no seio do país a alma vastíssima do futuro. Agora, aquilo que eu reputo como o único remédio possível na crise que atravessamos: o

> trabalho, o esforço coletivo, unânime, severamente majestoso da propaganda moderna, que se dessedenta nas fontes da experiência e da observação, que traz por lábaro a metodologia profundamente arquitetada da concepção filosófica de Augusto Comte. (A IDEIA NOVA, 15-5-1880).

Em 1879 a parcela positivista do movimento republicano em Pernambuco já havia se estabelecido como a principal "timoneira". A "poesia revolucionária", como era chamado o positivismo, vinha da esperança de "uma estrela resplandecente de irradiação, no burburinho deste oceano revolto, um guia, uma plêiade enfileirada, possante e briosa, até então oculta no vácuo – os republicanos" (O PHAROL, 16-9-1879). Este período inicial, que vai desde 1875 a 1879, é marcado pelo início da aparição dessa geração na imprensa, nos discursos e no teatro. Poderíamos dizer que, analisando o conjunto dessas publicações, estiveram mais preocupados em estabelecer sua identidade, sua representação simbólica, sua marca distintiva, que discutir aspectos do cotidiano da província ou do Brasil (CHARTIER, 2002, p.178). São recorrentes editoriais doutrinários, discursos em primeira pessoa do plural, numa tentativa de demarcação de território ideológico.

Nesses quatro anos, a história desses jovens pré-acadêmicos é uma 'experimentação' ideológica, um processo de adaptação das próprias mudanças pessoais, ao tentar aliar um pensamento religioso a um pensamento científico. Ou, como afirma Christopher Charle, é uma definição do grupo "por suas propriedades relacionais ou por suas imagens recíprocas, ou ainda por sua capacidade de impor uma imagem de si mesmo aos outros, mas também à maior parte dos seus membros" (CHARLE apud HEINZ, 2006, p.44). Em 1880 lançam sua primeira chapa para a concorrência eleitoral, passando de uma esfera de atuação puramente filosófica para uma atuação propagandística. Como bem demonstrou *A Opinião* em dezembro daquele ano

> Façamos a propaganda das nossas ideias, das grandes ideias filhas do futuro: nós os que não sabemos ser pávidos e indiferentes! Preparemo-nos para o grande dia! [...] já uma vez dissemos aqui, do alto da nossa consciência de cidadãos: - doutrinemos! (A OPINIÃO, 11-12-1879)

## 3.2. As primeiras tentativas de voo (1880-1882)

Em 1880 surgem simultaneamente dois jornais de orientação positivista, com forte carga doutrinária: *O Democrata* e *A Ideia Nova*. Orientei esse capítulo na subdivisão de dois períodos por perceber que os próprios republicanos se expressam de maneira diferente. É a

partir de 1880 que o discurso deixa um pouco de falar somente sobre doutrinação e missão religiosa para explicar seu programa e passar a agir de fato na realidade local. Passam a indicar nos seus textos a preocupação em sair do indiferentismo para a ação ao afirmar que "cremos na lei do progresso e com esta crença por Cireneu[50] havemos de trabalhar pela liberdade, pela instrução do povo, pela regeneração da humanidade" (O CRENTE, 10-7-1880). José Isidoro Martins Júnior, em editorial sugestivo – 'Trabalhemos' – define a nova geração republicana: moderna, incorruptível, positivista e apta ao trabalho.

> Há, entretanto, um espírito possante, um agente empreendedor e quase sempre entusiasta, que pode afugentar a ataraxia em que a pátria procura o repouso do suicídio. É a nova geração, a mocidade incorrompida das academias, das escolas, que à semelhança das transfusões de sangue puro no corpo dos cadáveres, está no caso de injetar no seio do país a alma vastíssima do futuro [...] Agora, aquilo que eu reputo como o único remédio possível na crise que atravessamos: - o trabalho, o esforço coletivo, unânime, severamente majestoso da propaganda moderna, que se dissidente nas fontes da experiência e da observação, que traz por lábaro a metodologia profundamente arquitetada da concepção filosófica de Augusto Comte. (A IDEIA NOVA, 15-5-1880)

Partir para a ação trouxe até consequências, como a agressão aos seus distribuidores, como foi denunciado o guarda Luiz Antônio de Oliveira que quis rasgar os jornais de *O Democrata* (O DEMOCRATA, 6-3-1880). É também neste momento que surge o primeiro (e até o momento o único conhecido) jornal republicano de orientação niilista. *O Petróleo* é categórico em dizer que "intrepidez na execução, calma na luta, reflexão nos detalhes, e abnegação dos interesses particulares por amor ao bem geral, são as principais características dos niilistas" e definiram "seja traçada a linha divisória: os que são por nós, e os que são contra nós", incitando o combate até a morte com "algumas dúzias de revólveres e latas de querosene" (O PETRÓLEO, 26-5-1880). Em *A Opinião*, já no mês de fevereiro de 1880, demonstra que seu programa é "ir contra o partido liberal" (A OPINIÃO, 10-2-1880). *O Democrata,* por sua vez, foi tantas vezes confundido com o órgão liberal *A Democracia*, que em editorial bradou "Nós que escrevemos *O Democrata* nada temos em comum com essa gente. Somos republicanos sinceros, puros, radicais, incorruptíveis" (O DEMOCRATA, 5-6-1880). Mas o que teria causado essa nova postura?

Desde 1878, quando o gabinete conservador é trocado pelo liberal, que as antigas rixas entre as famílias Souza Leão e Paes Barreto versus os Carneiro da Cunha em Pernambuco se tornaram cada vez mais agressivas. Divididos entre Leões e Cachorros, respectivamente, o

[50] Simão Cirineu foi o judeu que carregou a cruz de Jesus na via dolorosa em direção à crucificação.

clima de guerra instaurado dentro do Partido Liberal se tornou um campo exploratório para os republicanos. No mesmo jornal, dizem que "o partido que se diz liberal sabe captar o assentimento do povo para o seu programa e falseia o sentido da verdadeira democracia, tornando-a servil além de descrente!" (A OPINIÃO, 10-2-1880). Quatro dias depois surgiu *O Democrata*, primeiro jornal a expor o calendário positivista. Juntos, os três jornais *O Democrata, A Ideia Nova* e *A Opinião*, produzidos por quase os mesmos redatores, afinam a discussão para o doutrinamento e a propaganda. É por volta da passagem entre 1879 e 1880 que os grupos republicanos dispersos vão começar a concentrar em torno de José Isidoro Martins Júnior, principalmente. Em discurso na sessão magna do 29º aniversário do Gabinete Português de Leitura, local que viria a se tornar um lócus republicano, Martins Júnior sintetiza a autoconsciência que passam a ter a 'nova geração':

> Nós, os moços que constituímos a redação da Ideia Nova, orgulhamo-nos de pertencer ao número dos trabalhadores ignorados da moderna geração brasileira, que acompanham de longe o movimento científico hodierno, e falam em nome da República, porque não mentem às suas convicções nem contemporizam com a vergonha da sua pátria. (AMJ[51], DISCURSO NO GPL, 1880, sem página).

Como afirma Marc Jay Hoffnagel, o Partido Liberal sempre se manteve radicalmente contra a mudança do *status quo* e se levarmos em consideração a aproximação dos republicanos com Joaquim Nabuco e José Mariano, devemos considerá-los como minoria no partido (HOFFNAGEL, 1988, p.196). O ponto de escândalo maior entre a briga entre Cachorros e Leões foi a Hecatombe de Vitória[52], massacre que deixou vários mortos e serviu como ponto de apoio para a crítica republicana. Uma quadra poética do jornal *O Cachorro*, deixa bem claro qual era o assunto da vez.

*Zé povinho, te convence*
*Que assim não podes ser nada*
*Fixa em teu pensamento*
*Que entre nós só há cachorrada*
(NASCIMENTO, 1972, p.94)

[51] Acervo Martins Júnior, encontrado no Arquivo Público de Pernambuco. Discurso encontra-se datilografado e sem numeração de página. O acervo pessoal encontra-se sem paginação.

[52] A Hecatombe de Vitória foi um conflito político acontecido em 27 de junho de 1880, véspera da eleição municipal dentro e nas cercanias da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Vitória de Santo Antão, distante do Recife a 53km. Ao lado dos cachorros estava Ambrósio Machado (futuro republicano, assinante do manifesto de criação do Partido Republicano de Pernambuco e responsável por recrutar senhores de engenho desde 1887). O Barão da Escada, pelo Partido Conservador e dos leões estava o tenente Cristóvão Álvares dos Prazeres e José Francisco Pedroso de Carvalho. Ambrósio e o Barão foram recebidos a tiros pelo juiz de direito Nicolau Rodriguez que montou um forte aparato armado nas cercanias da igreja. O Barão, caído morto com o primeiro tiro, desencadeou um processo violento entre os partidários dos cachorros, conservadores e leões. Ambrósio Machado levou dois tiros e uma punhalada nas costas. O fato foi amplamente noticiado nos jornais da capital. As notícias não precisam quantas pessoas morreram, mas todos citam "dezenas".

Em abril de 1880, *A Opinião*, com apoio dos outros jornais, lança a candidatura própria de 25 candidatos, em sua maioria negociantes e artistas.

| CHAPA REPUBLICANA PARA ELEITORES ESPECIAIS[53] (BAIRRO DE SANTO ANTÔNIO) | |
|---|---|
| OCUPAÇÃO | NOME |
| NEGOCIANTE | ANTÔNIO CARLOS FERREIRA DA SILVA |
| NEGOCIANTE | THEODOMIRO RIBEIRO |
| NEGOCIANTE | DAMIÃO ADERITO F. DE LIMA |
| NEGOCIANTE | JOÃO WALFRIDO DE MEDEIROS |
| NEGOCIANTE | ARTHUR A. DE ALMEIDA |
| NEGOCIANTE | MANOEL S. DE GALVÃO |
| NEGOCIANTE | JOAQUIM F. DE MEDEIROS |
| NEGOCIANTE | SÁTIRO SERAFIM DA SILVA |
| NEGOCIANTE | ALFREDO DOS S. ALMEIDA |
| NEGOCIANTE | RAYMUNDO P. DE SIQUEIRA |
| NEGOCIANTE | MANOEL DA S. GUIMARÃES |
| NEGOCIANTE | CARLOS JOSÉ DE MEDEIROS |
| GUARDA-LIVROS | FENELON P. DE MENDONÇA |
| ARTISTA | BRÁULIO RICARDO COELHO |
| ARTISTA | CÍCERO LINS |
| ARTISTA | VENCESLAU E. DA SILVA |
| ARTISTA | VICTOR A. G. DE ALMEIDA REIS |
| ARTISTA | MANOEL A. DE A. PONTES |
| ARTISTA | JOÃO F. MARTINS RIBEIRO |
| PROFESSOR | LAUDELINO ROCHA |
| DOUTOR | BALTHASAR DA SILVEIRA |
| BACHAREL | ANTÔNIO SOUZA PINTO |
| BACHAREL | JOÃO DE OLIVEIRA |
| BACHAREL | JOSÉ D. DA COSTA |
| EMPREGADO PÚBLICO | JOAQUIM J. DE OLIVEIRA |

**Tabela 7 - Chapa Republicana de 1880**
Fonte: A Opinião, 27-4-1880.

Existem algumas razões que podem estar relacionadas com a forte presença de artistas e negociantes na chapa republicana. Primeiro, essas categorias estavam sob ameaça de perderem seus direitos políticos com as discussões sobre a reforma eleitoral e, concorrendo como republicano, demonstravam um protesto contra o partido liberal (MAC CORD, 2014, p.166-167). Os artistas continuarão nos círculos republicanos quando, em 1889, irão lançar a União Artística Republicana, ao declararem que "nós, os artistas de Pernambuco, deliberamos enveredar pelo caminho que leva ao sistema republicano, único compatível com as aspirações populares" (O NORTE, 15-9-1889). Os republicanos vinham denunciando os motivos escusos por trás da Lei Saraiva ao admitirem que "o fim do citado projeto, verdadeiro ato de prepotência de inimigos da pátria, outros tantos filhos desnaturados, é arrancar da maioria dos atuais votantes um direito inalienável, por tal motivo inviolável" (A TRIBUNA DO POVO,

[53] Eleitores especiais eram eleitos para servirem de grupo específico para votação de uma cadeira vaga no senado. Trata-se de uma eleição indireta em quem deveria ser o "eleitor" para escolher o futuro senador daquela província.

15-11-1879). Esse rancor que passa a se tornar mais forte com as discussões sobre a reforma eleitoral são debatidos bem antes pelos artistas no jornal *A Guerrilha*

> As famílias privilegiadas de que acima falamos [aristocracia pernambucana], não consentem que os artistas respirem, que recebam proteção das leis, que usem livremente dos seus direitos políticos. Especialmente não consentem que os artistas intervenham nos negócios públicos por meio do seu voto, da sua opinião, e assim são excluídos do cadastro, do registro civil. [...] Basta ser do povo, não pertencer às famílias privilegiadas, para que não tenha direito de votar, nem de aprender [...] Nós estamos convencidos sinceramente que a sorte e a felicidade do povo só pode vir com o regime republicano, porque a república funda-se no dogma da igualdade. (A GUERRILHA, 16-6-1876).

Também demonstra ser contrária a redação do *Etna* ao justificar que não são as reformas que mudam o estado social, mas o estado social que dão oportunidade de reformas (O ETNA, 15-10-1881). E ainda destilam sarcasmo, ao dizerem "são tantas comissões de pedintes que formigam entre nós que julgamos as esmolas que damos durante o ano verba suficiente para sermos considerados eleitores" (O ETNA, 15-10-1881). *O Petróleo*, sempre mais cabeça-quente, indica que "tenha cada cidadão o seu revólver para repelir o insulto, quando queiram impedir o livre exercício do seu mais sagrado direito" (O PETRÓLEO, 26-6-1880). Ainda em outro jornal republicano, *O Democrata*, se posiciona contra a reforma eleitoral do ministério Saraiva:

> Vem a reforma do Sr. Saraiva restringir o direito de sufrágio, de modo tão pouco liberal, tão iníquo e injusto, que a soberania da nação, que de fato já era uma figura retórica, fica de direito reduzida a meia dúzia de homens ricos, aos titulados e aos empregados públicos, que são os eleitores natos de todos os governos (O DEMOCRATA, 19-6-1880)

Por último, *O Rebate*, que afirmou aos legisladores ser "o padrão negro de nossas infâmias, que vós vistas primeira vez a criar um eleitorado todo aristocrático, porque criaste o eleitorado do dinheiro e não achais que o povo pobre tem o direito de votar" (O REBATE, 16-5-1883). Segunda razão para a presença de artistas e negociantes na chapa republicana de 1880, José Mariano, então deputado provincial, era o principal responsável pela 'requalificação' do Mercado de São José, que expulsou vários comerciantes das ruas do entorno pra que fossem feitas as obras (A OPINIÃO, 26-2-1880). Outra questão parte das dívidas de crédito entre os latifundiários e a praça comercial do Recife, desgastado diante da 'crise' econômica que se arrastava desde a Grande Seca de 1878-9 (SILVEIRA, 1984, p.167). O jornal *A Opinião* e *O Democrata* discursaram abertamente contra as medidas, defendendo os comerciantes. Além disso, importantes membros do clube abolicionista Nova Emancipadora, formado essencialmente por comerciantes da Praça do Recife, como João

Ramos e Manoel Gomes de Matos (presidente da Associação Comercial), eram republicanos e tinham grande influência junto aos jornais pernambucanos (CASTILHO, 2008, p.71). A questão é: os republicanos sabiam que não tinham chances de vencer. Mas porque a chapa foi lançada?

Em suas próprias palavras, para marcarem presença. Mas não somente isso, a estratégia tinha outros sentidos. Além de publicamente demonstrarem sua insatisfação perante o partido liberal, retiraram-lhe votos (ainda que poucos) e expuseram a fraude generalizada que havia nas eleições. O leitor poderia pensar que isso não teria efeito algum, mas eles se utilizaram da fraude para justificar porque a monarquia jamais poderia ter uma eleição limpa e, com isso, exaltavam o sentimento republicano. Por outro lado, não posso deixar de notar, havia uma ação pensada e intencional por parte dos comerciantes e artistas em lançar seu próprio protesto. Desta forma que, numa ação de duplo ganho, a associação entre republicanos e comerciantes/artistas (alguns deles continuaram na propaganda mesmo após a derrota) foi algo que perdurou até a República. Numa carta de adesão um dono de funerária se tornou um dos principais colaboradores deste grupo a partir de então, Francisco de Paula Mafra:

> A meus concidadãos,
> Tendo cessado as razões que tive para temporariamente aliar-me ao partido liberal, declaro que de ora em diante retomo a minha posição no seio do partido republicano, de que há muito sou extremo adepto.
> Recife, 22 de junho de 1880.
> (O DEMOCRATA, 19-6-1880)

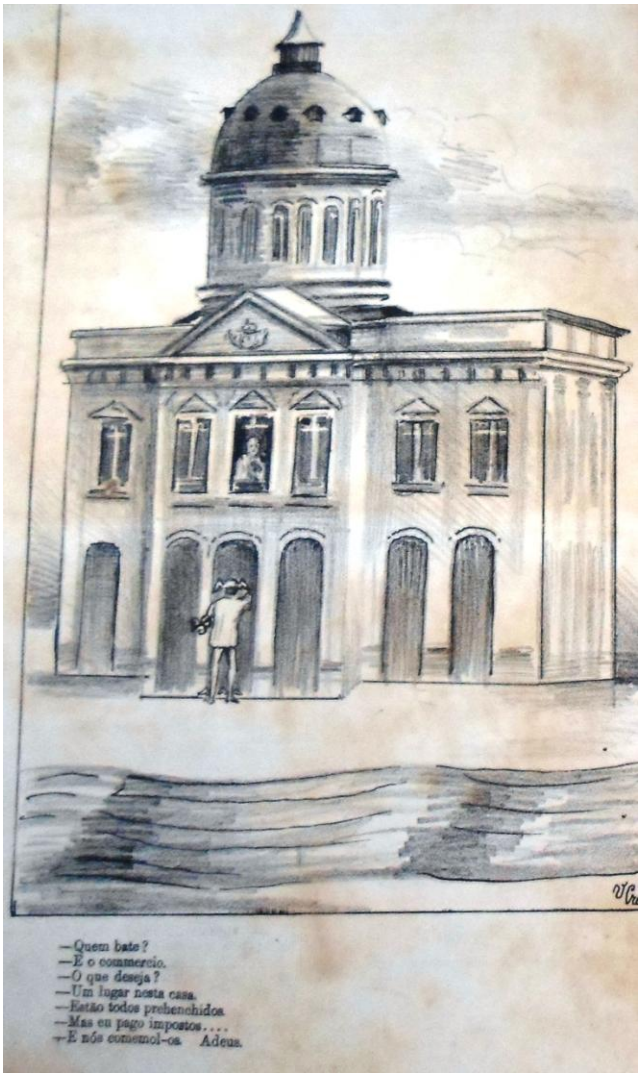



**Figura 8 - O Comércio bate à porta da Assembleia Legislativa (1875)**
Fonte: O *Diabo a Quatro*, 28 de novembro de 1875.

*- Quem bate?*
*- É o comércio.*
*- E o que deseja?*
*- Um lugar nesta casa.*
*- Estão todos preenchidos.*
*- Mas eu pago impostos...*
*- E nós comemo-los. Adeus.*

Após o lançamento das candidaturas, o Clube Democrata iniciou uma série de conferências públicas que deveriam ser constantes, mas acabaram por ser apenas três. Em 13 de junho de 1880, João de Oliveira, um dos candidatos, discursou no Teatro Santo Antônio. Não é possível saber, infelizmente, como se comportou o público. Em 20 de junho a segunda conferência, por Antônio de Souza Pinto, bacharel português. A última das conferências foi em 27 de junho, promovida por Alfredo Falcão. De acordo com o programa de *O Democrata*,

eles desejavam "educar socialmente e dirigir politicamente" e, para isso baseavam-se em dois eixos propagandísticos:

1. Uma educação tal que dê ao homem um conhecimento relativamente perfeito de si mesmo e do mundo que se agita.
2. A mais completa liberdade política, a liberdade sob os seus mais variados aspectos.[54] (O DEMOCRATA, 14-2-1880)

Os dois eixos norteadores do Clube Democrata estão em sintonia com os mandamentos de Augusto Comte que previa para a Ditadura Republicana o ensino universal primário, com ênfase na classe trabalhadora, e a total liberdade: política, associativa, religiosa e de pensamento (LACERDA, 2000, p.59). Como já demonstrei, aqueles que seguem o positivismo acreditam-se revolucionários, mas na verdade pregam uma teoria profundamente conservadora do ponto de vista da autonomia do sujeito. No início da década de 80 o tom discursivo buscava pregar não para as classes trabalhadoras, mas para as classes diretivas, argumentando, conforme Comte, no dever do topo para com a base. Mas como isso se traduziu em propaganda para os republicanos em Pernambuco?

Acredito que, passada a fase inicial de fundação de uma identidade distinta, tanto em relação à geração republicana liberal, assim como em relação ao Partido Liberal, surgiu uma nova necessidade: explicar para o que vieram. A necessidade de exporem seus programas vinha de uma contínua confusão no meio da imprensa da tentativa de enquadrá-los em alguma categoria. Argemiro Arrocha, proprietário do jornal *A Opinião*, precisou fazer um longo editorial explicando que eles não eram "petroleiros" (A OPINIÃO, 19-1-1880), assim como *O Democrata* que precisou explicar que eles não ficavam apenas nas ideias: "não somos puros doutrinários: aspiramos a ser um partido político, possuído de espírito governamental e caminhando de acordo com a lei" (O DEMOCRATA, 24-4-1880). Por sua associação com Martins Júnior, Argemiro Arrocha foi bastante perseguido na imprensa. (BEVILAQUA, 1883, p.150). Então, a estratégia utilizada por eles não foi de enfrentamento, mas de uma tentativa de conciliação, sem deixar de fincar o pé naquilo que queriam. O artigo da edição de estreia – República e Ordem – de *O Democrata* deve ter acalmado alguns ânimos:

> [...] nada mais falso do que atribuir à república esse caráter eminentemente e exclusivamente revolucionário [...] nenhum governo mais que a república respeita a propriedade legitimamente adquirida, e que, pelo contrário, a

[54] Em outro número, os redatores rebatem aqueles que julgam ser necessário primeiro "preparar" a população para o conhecimento científico antes da instauração da República. "A liberdade não é uma entidade abstrata, cujo conhecimento só possuem os que vivem nas altas investigações científicas. Todo homem, filho deste século e digno dele, está na altura de compreendê-la (...) A liberdade é filha do exercício da liberdade" (O DEMOCRATA, 12-6-1880).

> verdadeira compreensão dos fenômenos sociais leva-a a não gravar de impostos exorbitantes a fortuna particular para não diminuir a riqueza nacional, a receita do Estado [...] São, portanto, as classes conservadoras que se devem convencer – hão de convencer-se por fim – que a república será organizadora e ordeira, protetora do trabalho, moralizadora, humana e digna. Que será exatamente o contrário do Império, o qual tem sido o anarquizador, o desmoralizador, o sofista. (O DEMOCRATA, 14-2-1880)

O trecho acima, praticamente um tratado completo dos fundamentos comtianos, serviu de base para a propaganda desenvolvida. A pegadinha deste trecho está na palavra "legitimamente" que define o tipo de propriedade a que eles estavam dispostos a defender. Aníbal Falcão, Teixeira Mendes e Teixeira de Souza lançaram naquele mesmo ano um tratado que se tornaria bastante polêmico *"Apontamentos para a solução do problema social no Brasil"* em que, não apenas defendem inúmeros direitos trabalhistas[55] como rebate as críticas. Quando lhes dizem que andam atacando o direito de propriedade, eles rebatem "semelhante propriedade não existe" (RJ, GAZETA DA TARDE, 6-10-1880), retirando, portanto, a legitimidade do argumento. E ainda defendem um projeto abolicionista ousado, para evitar a "desorganização do trabalho":

> 1. Supressão imediata do regime escravagista;
> 2. Adstrição ao solo do ex-trabalhador escravo, sob a direção dos respectivos chefes atuais[56];
> 3. Supressão consequente de todos os castigos corporais e de toda legislação especial;
> 4. Constituição de um regime moral pela adoção sistemática da monogamia;
> 5. Supressão do regime de aquartelamento pela generalização da vida em família;
> 6. Determinação do número de horas de trabalho diário, reservando o 7º dia para o descanso, sem restrições;
> 7. Criação de escolas de instrução primária, mantidas nos centros agrícolas às expensas dos grandes proprietários rurais;
> 8. Dedução de uma parte dos lucros para o estabelecimento de um salário razoável.

Como se percebe, o projeto consegue ser ao mesmo tempo animador e frustrante. De maneira geral, concebe-se o liberto como alguém a ser cuidado, mas nunca como alguém autônomo. Há pontos polêmicos, como a dedução dos lucros, o limite de horas de trabalho e as escolas primárias pagas pelos ex-senhores, mas também mantém a "ordem" ao adstringi-lo ao comando do ex-senhor. Além disso, há o claro objetivo de "moralizar" o ex-escravo, ao

[55] Eliane Superti considera que os positivistas ortodoxos são os precursores dos direitos trabalhistas no Brasil (SUPERTI, 2004, p.99).

[56] Este item foi retirado da versão final do texto, publicado em 1884, por considerar Miguel Lemos que era uma forma disfarçada de continuar a escravidão durante o regime de liberdade. Os republicanos em Pernambuco apoiam essa mudança e ajudam a publicar o novo opúsculo dedicado a Toussaint Louverture, o libertador do Haiti, em 1884, pela Tipografia do Norte.

impor-lhe a monogamia e o regime familiar. Mas que se fique bem claro: a monogamia é a base moral do positivismo, desde o topo até a base, e a família é, muito mais que o indivíduo, o núcleo de poder de toda a estrutura da Ditadura. Não é, portanto, uma medida que visa exclusivamente o ex-escravo, mas todos os cidadãos. Por mais conservador que nos pareça, esse tratado foi tido como perigoso.

Uma nova eleição é marcada para julho de 1880, desta vez de juízes de paz e vereadores, leva os republicanos a organizar nova chapa. Eles mesmos admitem a derrota certa ao dizer que o Clube "não ousa esperar o triunfo completo dos candidatos que patrocina. Seria alimentar uma ilusão inconcebível" (O DEMOCRATA, 29-5-1880). Com as mesmas intenções que a eleição especial de Santo Antônio, buscaram dar um sinal de protesto contra o partido liberal e o sistema monárquico ao expor a corrupção de ambos.

| **CHAPA REPUBLICANA PARA VEREADORES E JUÍZES DE PAZ - 1880** | | |
|---|---|---|
| **JUÍZES DE PAZ** | | |
| **OCUPAÇÃO** | **NOME** | **LOCAL DE CONCORRÊNCIA** |
| SEM INFORMAÇÃO | ANTÔNIO RAMOS DE AZEVEDO JÚNIOR | POÇO DA PANELA |
| SEM INFORMAÇÃO | ALCIDES BARATA DE ALMEIDA | GRAÇAS |
| SEM INFORMAÇÃO | JOÃO RODRIGUES CORDEIRO | BOA VISTA |
| NEGOCIANTE | THEODOMIRO RIBEIRO | SANTO ANTÔNIO |
| SEM INFORMAÇÃO | JOÃO LÍCIO MARQUES | SÃO FREI PEDRO GONÇALVES |
| SEM INFORMAÇÃO | LUCAS FREIRE MARIZ MARACAJÁ | SÃO JOSÉ |
| SEM INFORMAÇÃO | JOVINO CARNEIRO MACHADO RIOS | AFOGADOS |
| **VEREADORES** | | |
| **OCUPAÇÃO** | **NOME** | |
| ADVOGADO | JOSÉ DOMINGOS DA COSTA | |
| NEGOCIANTE | JOÃO WALFRIDO DE MEDEIROS | |
| ADVOGADO | ANTÔNIO SOUZA PINTO | |

**Tabela 8 - Chapa Republicana para vereadores e juízes de paz (1880)**
Fonte: O Democrata, 29 de maio de 1880.

Por continuamente serem taxados de 'petroleiros', 'comunistas' ou 'anarquistas', uma conferência feita por Alfredo Falcão pelo Clube Democrata, neste tempo de eleição, deixou claro que "somos republicanos sinceros, radicais, incorruptíveis e intransigentes, toda vez que se tratar de defender os direitos legítimos da coletividade. Não vos aterreis porém, meus senhores. Não somos petroleiros" (O DEMOCRATA, 24-7-1880).

À estrutura doutrinária e excessivamente filosófica d'*O Democrata*, seguiu-se um novo jornal positivista chamado *A República* (1881-3), quase com o mesmo corpo redacional do primeiro. A inovação estava num formato mais suave, num esforço por trazer a doutrina de uma forma mais compreensível para o leitor. Enquanto o primeiro durou cerca de um ano, o

segundo permaneceu por três. Analisando as estratégias discursivas para além do texto, visando o mercado como orientação para compreensão, acredito que os republicanos estiveram continuamente "testando" o público, ajustando seus periódicos para angariar mais leitores, dessa forma exigindo mudanças significativas no design, no preço e na abordagem da doutrina.

*A República*, órgão oficial do Clube Acadêmico Republicano de 1881[57], tinha o nome dos seus redatores estampados em letras grandes logo abaixo do seu título. Para um leitor despercebido, os nomes podem apenas significar uma forma de autopromoção, mas sabendo da filiação doutrinaria positivista, tal atitude ganha um novo aspecto. Conforme os ensinamentos morais de Comte, o qual servia como guia político-espiritual desses redatores, o anonimato é abominável, devendo ser abolido em todo e qualquer texto, principalmente aquele de vertente propagandística. Desta forma que diferentemente dos periódicos anteriores (*Diabo a Quatro, O Progresso, A Opinião* e *O Democrata*) há uma mudança na postura redacional ao estampar, sem medo, o nome.

Isidoro Martins Júnior lança em 1881 a sua obra-prima que muitos pesquisadores consideram como marco inicial de uma nova corrente literária: *Visões de Hoje*. A poesia científica, baseada em Comte, eleva a ciência ao patamar de religião e se tornou uma espécie de "bíblia" para a juventude disposta a quebrar com o passado. De acordo com Márcia Sabino "a poesia científica propagada por Martins Júnior distinguia-se das outras produções poéticas científicas por ser a única a expressar a concepção positivista de mundo" (SABINO, 2006, p.27) [58]. Em artigo Martins Júnior diz que o propósito desse seu novo movimento literário era "produzir sentimentos altruístas" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 15-11-1881). Clio, musa da história, alter-ego de Martins Júnior, dirige-se ao poeta:

*Poeta, alguma vez de pé sobre o presente,*
*Observaste o oceano indômito da História?*
*Trouxeste alguma vez à barra da memória*
*Esse redemoinhar elétrico de gente*
*- Que vem desde o viver lacustre das cavernas*
*Onde os primeiros pais arrastavam-se nus*

[57] Preciso diferenciar os diversos clubes republicanos fundados na FDR entre 1875 e 1889, então identifico pelo ano de criação para não haver dubiedade.

[58] Para a autora, assim como para Delmo Montenegro (2004), a poesia científica não nega o sentimentalismo, mas atribui-lhe a função altruística estabelecida por Comte (2006, p.35). De acordo com a autora "os sentimentos de amor e simpatias sociais, que foram considerados por Martins Júnior como adequados à poesia científica, são o fundamento desse interesse dos poetas científicos pelo contexto social e a base de suas críticas" (2006, p.79). Como disse o próprio Martins Júnior, "a poesia científica não se trata de versos rígidos, mas de sentimento modernista" (MARTINS JÚNIOR, 1881, P.12).

*Até as eclosões das épocas modernas*
*Em que a ciência é mais serena que Jesus?*
(MARTINS JÚNIOR, 1881, p.27)

Por seguirem o calendário positivista, as poliantéias – números de jornais únicos dedicados à memória de um ilustre – tornaram-se comuns a partir da década de 1880. Era comum que os republicanos positivistas fazerem edições especiais para a memória de pessoas importantes no panteão histórico. Camões e o Marquês de Pombal, vistos por eles como indivíduos que contribuíram para o engrandecimento da nação, foram homenageados em 1880 e 1882, respectivamente. Na visão deles, grandes estadistas são aqueles que regem de maneira ilustrada, em prol do desenvolvimento científico dos povos. Desta forma que, o Marques de Pombal "é visto com o respeito devido aos beneméritos. Pombal aproxima-se de Danton[59]. Quer um, quer outro, soube trabalhar pela pátria. Ambos tiveram a coragem de seus atos e, mais que tudo, a síntese do bem!" (Alfredo Falcão, PERNAMBUCO AO MARQUES DE POMBAL, 1882). Em 1882, ocasião da morte de Littré, foi feita uma conferência em seu nome, contestando que teria aquele ateu se convertido religioso na hora da morte. Assinaram um manifesto Clóvis Beviláqua, Martins Júnior, Arthur Orlando, Feliciano e Pereira Simões (BEVILAQUA, 1883, p.109).

Após a Reforma Eleitoral de 1881 o lançamento de chapas republicanas desapareceu, muito provavelmente diante de um cenário mais desfavorável de atuação. De acordo com Marc Hoffnagel (1975, p.135) a eles faltavam uma patronagem política que os sustentassem, algo que devo concordar diante das fontes. Ao se mostrarem como seres "puros" e "desligados" das regalias e corrupções dos partidos monárquicos, sem terem membros ricos nas suas chapas, os republicanos se isolaram propositadamente. Na tentativa de angariar mais simpatia, por exemplo, João de Oliveira, que foi candidato em 1880 e 1881, mudou seu discurso da libertação de escravo para a modernização da província (CASTILHO, 2008, p.50).

Em meados de agosto e setembro de 1881 são fundadas em Pernambuco duas associações abolicionistas que serão as mais importantes do período: o Clube Abolicionista e a Nova Emancipadora, dirigidas pelos republicanos Barros Sobrinho e João Ramos. Enquanto

[59] Para os positivistas o grande exemplo histórico de estadismo não é Robespierre, Napoleão ou qualquer imperador romano. O maior deles teria sido Danton, que morreu incorruptível, manteve-se "aliado ao povo", "evitou" os excessos do Terror e governou de maneira ilustrada. Por isso que qualquer exemplo de bom estadista – leia-se bom ditador – seria aquele que mais se aproximasse de Danton.

o primeiro era marcado por estudantes da FDR, o segundo estava ligado ao setor comercial da capital. Não é improvável, portanto, que sabendo da forte presença de ambos setores na chapa republicana de 1880, e a criação do Clube Democrata no mesmo ano cujo programa, diferente do republicanismo da década 1870 e dos partidos monárquicos, já incluía o abolicionismo, que a trajetória do movimento republicano seja, muitas vezes, confundido com o abolicionista (CASTILHO, 2008, p.53).

Um dos casos mais evidentes da forte influência republicana no movimento abolicionista do início da década de 1880 está na liderança da Nova Emancipadora. João Ramos, um guarda-livros, e Manoel Gomes de Matos, líder da Associação Comercial, eram ambos republicanos, conectavam-se com outros republicanos de fora da província – especialmente o Ceará – e mantiveram o traço característico do republicanismo no movimento abolicionista de Pernambuco (CASTILHO, 2008, p.54). Como indica Celso Castilho "...a number of the leaders of the Nova Emancipadora, one of the first abolitionist societies in Pernambuco, were drawn to abolitionism because of their republican leanings"[60] (idem, p.224).

Em 1882 os republicanos tomam a posição de assumirem, sem dó nem trégua, suas posições políticas, para não restar dúvidas. Pereira Simões, em editorial sugestivo com o título "Lutemos!" quando diz que

> É essa a tarefa que cabe a nós [lutar pelo progresso], os moços, nos negócios políticos da nossa pátria. Qualquer que seja o modo porque nos receberem, bradaremos sempre, sobranceiros, altivos mesmo, desconhecendo os momentos a nossa incapacidade individual, e lembrando-nos somente da sublimidade da doutrina que defendemos: pois pensamos com Littré. (A REPÚBLICA, 15-5-1882).

A palavra de ordem dada por Pereira Simões não ficou no vácuo. Três conferências públicas foram prontamente marcadas, uma por João Coelho Gonçalves Lisboa e as outras por Ciridião Durval e João Elysio de Castro Fonseca, ambos membros do Clube Republicano Acadêmico de 1881. Também se tem notícia de uma conferência feita por Elpídio de Mesquisa em maio de 1881 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 21-5-1881). Há registro de conferências marcadas pelo CRA-81 em 1882, por João Elysio de Castro Fonseca (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30-7-1882). Uma das pautas que começou a ser pensada estava de acordo com a doutrina de Comte sobre a condição do proletário nacional. Braz de Mello sugere que

[60] "...alguns dos líderes da Nova Emancipadora, uma das primeiras sociedades abolicionistas em Pernambuco, foram levados ao abolicionismo por causa das suas ideias republicanas".

> [...] nos resta indagar: se porventura é condição essencial para o aumento da indústria a permanência do operário nesta pobreza extrema; ou então se existe com efeito algum meio prático, conterrâneo com a nossa mentalidade nova capaz de suprimir a miséria do assalariado, sem produzir por outro lado o estacionamento dos capitães ou a escassez de produção. (A REPÚBLICA, 15-2-1882)

Outro grupo, também surgido em 1882 chamou-se Clube dos Estróinas, cujo órgão *O Antheu* era "o fiel intérprete dos sentimentos de um punhado de moços, destes regeneradores da humanidade que trabalham sempre em prol da liberdade, do direito, do progresso e da liberdade" (O ANTHEU, 10-10-1882). Em editorial, Farias Júnior elenca quatro principais entraves ao progresso nacional: 1) a continuação da escravidão; 2) a má educação da mulher; 3) a aristocracia; 4) "a distinção superlativamente estúpida de cor" (O ANTHEU, 30-10-1882). Como argumentei no primeiro capítulo, a visão positivista sobre o trabalhador é principalmente assistencialista. De acordo com Comte, mas incorporado de fato ao pensamento dos republicanos em Pernambuco, um trabalhador só teria razões para se rebelar se sua condição de vida fosse negligenciada pelos patrões e governantes. Para eles, a equação da harmonia social não fecha ao se dar autonomia ao operário, mas conscientizando-se o topo da pirâmide dos deveres para com a miséria do assalariado. Como bem diz a máxima de Comte "À tempestuosa discussão dos direitos, nós substituímos pela pacífica determinação dos deveres" (RIBEIRO, 2012, p.91). Muito diferente, por exemplo, da visão dos redatores da Liga Operária, que eram republicanos, mas não positivistas, e chamavam os operários para a frente de atuação.

> Sois a maioria do país, de um momento a outro podeis desassombradamente esmagar o tirano que vos oprime, a canga que vos avilta, o grilhão que vos sopeia e empenumbra o vosso futuro, mas esse caminho é sanguinário [...] Eia, pois, artistas e operários, às escolas, aos comícios, ao trabalho, ao bem estar físico e moral. (LIGA OPERÁRIA, 27-4-1877)

Neste momento, que vai de 1879 a meados de 1882, os positivistas se empenham em lançarem seus programas de maneira cautelosa, conciliatória. De forma mais indireta, a estratégia utilizada é apresentar-se como uma "quarta via"[61] moderada. Comenta Castilho (2008, p.37) que o movimento abolicionista em Pernambuco toma uma forma quase independente de partidos por volta do início da década de 1880, mas não dá uma explicação de porque isso acontece. O período que trata o autor, além de representar um fenômeno "independente", é também o mesmo período em que os republicanos estão tentando suas primeiras organizações e chapas. É o mesmo período em que há republicanos nas lideranças

[61] A política local estava dividida entre os Conservadores, Liberais-Democratas (Cachorros) e Liberais (Leões).

das sociedades abolicionistas (Barros Sobrinho no Clube Abolicionista do Recife; João Ramos e Manoel Gomes de Matos na Nova Emancipadora). A razão disso pode estar relacionada com a desolação do sertão diante da Grande Seca (1877-9), a Hecatombe de Vitória e consequente descrédito dos partidos monárquicos (1880) e a Reforma Eleitoral (1881) que analisados em conjunto, indicam um contínuo sentimento de abandono, descaso, corrupção, guerras e carnificinas. Apresentar-se ao público como ordeiros, pacíficos e, principalmente, devotos ao trabalhador e ao escravo, é uma forma de agarrar a oportunidade política com os dentes. Este período inicial que delimitei teve como objetivo principal a formação identitária do grupo; buscaram se tornarem únicos, portadores do estandarte da república e se diferenciarem tanto dos outros grupos monárquicos, como do republicanismo precedente; mas para isso, não excluíram adesões as mais diversas, apenas se colocaram como o destro timoneiro a caminho da República. Como bem deixou claro em conferência, Alfredo Falcão determinou:

> E nós, os republicanos legítimos, descendentes de 92 e 48, nós os obreiros incansáveis do futuro que se nos afigura esplendoroso, nós os observadores do humanitarismo, nós os evolucionistas, nós os propagadores das teorias de Comte, nós os filhos da luta obscura, nós os homens honestos, em nome da humanidade, absolvemos os dois partidos, aceitamos de coração a bela teoria de Victor Hugo, a piedade suprema (O DEMOCRATA, 7-8-1880).

O foco da luta se tornou, portanto, o ataque ao Partido Liberal, tido como inimigo do povo por apoiar a Reforma Eleitoral e ser responsável pelo clima bélico e desordeiro que se encontrava o Brasil e, em especial, Pernambuco. Em uma série de artigos que se engalfinham, os republicanos não deixam de alfinetar "Antes de dar-nos lições de moralidades, srs. Liberais, olhais para a imensa cauda que vos acompanha" (O DEMOCRATA, 18-9-1880). Gonçalves Chagas, já mudando o tom conciliatório, indica o início de um processo de propaganda que tinha um inimigo específico.

> O partido republicano tem hoje, pois, a sua razão de ser no estado anárquico da sociedade brasileira, estado para o qual, mais que nenhum outro, tem concorrido o partido liberal [...] Tende, portanto, a ser eliminado tal partido, desde que muitos dos que se intitulam republicanos e ainda pertencem às fileiras liberais, onde julgam servir a causa da democracia, reconheçam o erro em que laboram (A REPÚBLICA, 11-8-1882).

Definidos e com pautas assentadas, aos republicanos restavam partir para a propaganda em massa. Como sair de uma posição doutrinária e minoritária para ganhar a simpatia da população?

*Nasci nos tempos escuros*
*Da maldita hipocrisia;*
*Sou filha da ignorância,*
*Co-irmã da oligarquia*
*Gerei Tibério – assassino,*
*Criei Calígula – ferino,*
*Heródes, Nero criei*
*No sangrento itinerário,*
*Sobre os cimos do Calvário*
*Jesus Cristo assassinei.*
*[...]*
*Depois de tantas infâmias*
*Que no mundo cometi*
*Sobre a noite das intrigas*
*Meu império construí*
*Muito embora a humanidade*
*Proclame a liberdade,*
*Apóstrofe da tirania,*
*Meu poder está firmado; sobre as ruínas do passado*
*Serei sempre a Monarquia*

Ricardo Guimarães, *A Monarquia*.
Jornal O Rebate, 8 de agosto de 1883.

*Não! Jamais! Pela esquerda, meus senhores,*
*Sempre pela esquerda!*

Jornal *Folha do Norte*, 19-4-1883.
Resposta anônima sobre a possibilidade de se associarem à direita política (conservadores)

# 4 DIVIDIR E CONQUISTAR (1883-1884)

## 4.1. A pedra no sapato: o movimento cresce

Restritos, sem recursos financeiros e com poucas relações políticas para além do grupo, os republicanos empreenderam uma nova forma de agir, conforme a necessidade apresentada. Ao longo do período que vai de 1883 até a Abolição, alargaram as participações nos jornais, optaram por não lançarem muitas chapas republicanas, fizeram comícios conjuntos com outros grupos e escolheram momentos e espaços inimigos para exporem-se. É minha hipótese de que, conscientes de suas limitações de abrangência política, os republicanos *escolheram* aliarem-se aos liberais, assim como escolheram agir por outros meios além da urna, visando, assim, uma melhor e maior propagação dos seus ideais.

A mudança na orientação à estrutura hermética d'*O Democrata* acontece em outro jornal, publicado em 1883, chamado *Folha do Norte*. Diferentemente dos primeiros, a *Folha* teve sucesso editorial notável. Diário e barato em relação aos seus concorrentes (*Folha do Norte* [$60 aprox., depois a $40]; Jornal do Recife [$75 aprox.]; Diário de Pernambuco [$320 aprox.]), lançou-se na primeira tiragem de graça. Desapareceu a estrutura doutrinária e densa, repaginando em um jornal noticioso, com várias informações de uso cotidiano (jornal "utilitário"): o horário dos bondes, a movimentação das marés, os preços dos gêneros alimentícios, os boletins sobre a Câmara do Recife e da Assembleia Legislativa, a movimentação da Casa de Detenção e a abertura para a reclamação de moradores, etc. Além disso, a transcrição de telegramas dos jornais diários já era uma prática antiga que foi adotada pelos redatores da *Folha*. *A Tribuna do Povo* deixou bem claro que "transmitiremos aos leitores os telegramas publicados pelo Diário de Pernambuco e Jornal do Recife, porque muitas pessoas há que não podem ler os referidos jornais" (TRIBUNA DO POVO, 19-11-1879). Phaelante da Câmara faz uma interessante descrição de como a *Folha do Norte* se tornou um periódico "popular":

> A Folha do Norte andava lá pelas mãos das pessoas de todos os sexos e idades. Passava garbosa e altiva por entre os ricos escarninhos dos comendadores boçais, os rostos escaveirados das representantes da família do princípio do século, e das gargalhadas sonoras das raparigas de cabelo frisado na testa e piscinez grau 3. Era uma espécie de tribunal condenatório. (FOLHA DO NORTE, 28-6-1884).

Por essa razão, aliado ao preço acessível, acredito que a estrutura do jornal tenha sido mais relevante para seu sucesso editorial que sua filiação política. Mas nem por isso é menos importante. Sabendo da amplitude do jornal, o número de anunciantes na folha chega a tomar mais de duas das quatro páginas. A antiga associação entre os comerciantes e artistas existente desde, pelo menos, a Praieira, continua a existir, só que num jornal de orientação positivista. Em 1883, por exemplo, após um concerto promovido pela Sociedade Nova Emancipadora, Carlos Gomes, o famoso compositor brasileiro amigo de José Isidoro, saudou publicamente a Tobias Barreto e, ali mesmo, fundou o Clube Carlos Gomes, que teria estreita ligação com a *Folha do Norte* (ALONSO, 2015, p.139). Financiados e populares, os republicanos tinham em suas mãos uma folha visível e, como era de se esperar, não perderam tempo em divulgar suas ideias. Phaelante da Câmara conta, anos depois, que a associação com Francisco Campello facilitou as assinaturas no interior da província, por ter sido ele o financiador da empreitada. Além de suprir com a lacuna do serviço telegráfico e noticiário,

> Anunciou-se um jornal barato, para todas as classes a $40, como um prato de sabor predileto a todos os paladares, oferecendo aos seus leitores o maior número de informações úteis, ao invés do Diário [de Pernambuco] que era órgão do governo e o informante exclusivo das classes abastadas, em cujo grêmio era recebido com o chapéu na mão (A CULTURA ACADÊMICA, 1904, p.108).

Logo nos primeiros meses da *Folha*, estes anunciam a fundação do Clube Republicano Acadêmico de 1883 (FOLHA DO NORTE, 19-5-1883). Tendo como presidente José Isidoro Martins Júnior, vice Gonçalves Chagas e primeiro secretário João Bandeira, esse grupo manteve reuniões regulares durante todo o ano.

Uma forma de falar da República, entretanto sem mencioná-la abertamente, era usar a insatisfação geral da população por questões de ordem mais cotidiana. À semelhança do que fez Lopes Trovão sobre o imposto do Vintém, os redatores da *Folha do Norte* utilizaram o monopólio da Carne Verde, o banco hipotecário e o imposto sobre consumo de alimentos como o carro-chefe da plataforma republicana. Em meados de julho de 1883 a Assembleia Provincial de Pernambuco discutia acerca da criação de um imposto de $120 para todo o consumo de vinhos e vinagre. Aparentemente, o problema não era lá tão grande, não fosse a lenha na fogueira que a *Folha* colocou. Sapientes da visibilidade do seu jornal e do tipo de leitores que tinham – desde 1880, pelo menos, com *O Democrata* – incitaram a população para a desobediência civil.

> Os merceeiros[62] devem protestar, sim. Mais ainda: a população inteira da província deve protestar. Quando se arranca a um indivíduo ou a um povo, animalizados pela fome, pela necessidade fisiológica da alimentação, uma parte do diminuto bocado que eles se acostumaram a levar à boca; esse indivíduo ou esse povo tem, cada um, o direito de repelir com a força, de exterminar até aquele homem, aquele animal ou **aquela pessoa jurídica** que lhe furta uma porção de vida, furtando-lhe uma fração da subsistência! [...] Proteste o comércio a retalho. Represente, brade, promova uma crise, feche as portas dos seus estabelecimentos. Estará no seu direito. Quando o povo se vir em frente dessa justa resistência, espiaçado por todas as misérias, terá coragem para enxotar do templo dos fariseus e **confiar seus destinos à melhor gente!** (Sem autor, Folha d*O Norte*, 4-8-1883, grifo meu).

Não há relatos de que o público tenha reagido de acordo com essas propostas. É bastante interessante notar que, apesar do discurso conciliador de influência positivista ser recorrente desde as publicações d'*O Democrata*[63], a utilização de um tom mais agressivo tenha sido usado para incitar os comerciantes do Recife e, como destaquei no trecho, sugerir indiretamente o fim da monarquia quando diz para repelir "a pessoa jurídica" causadora daquele abuso[64]. Como orientam Quentin Skinner (1999, p.21) e John Pocock (2003, p.33), na análise de um texto político é necessário observar, também, quem é a audiência. Desta forma que, na escolha de um vocabulário normativo[65] que vinha desde as tensões pré-Praieiras, a incitação à desobediência civil era uma estratégia intencional de arregimentar adeptos à causa republicana. A adaptação do discurso, visando um público e 'usurpando' preocupações cotidianas da sociedade, pode ser considerada uma estratégia política. E parece ter dado certo, pois empregados do comércio, negociantes e guarda-livros, como mostrei do primeiro capítulo, eram parcela significativa do movimento. Quando o debate na assembleia gira em torno do Banco de Crédito Real (possibilidade de crédito aos comerciantes), a *Folha do Norte* novamente se posiciona favorável a essa parcela da população ao dizer que "se há classe que nos mereça respeito e que nos inspire pena pelo muito que trabalha e pelo muito que paga, sendo quase a única a suportar impostos ou a ser tributada – essa classe é a comercial" (FOLHA DO NORTE, 14-6-1883).

---

[62] Comerciantes de gêneros alimentícios de primeira necessidade.

[63] Os positivistas enxergavam-se como mediadores das classes sociais e, portanto, buscavam um discurso que incluísse desde os senhores de engenho até o simples caixeiro como uma forma de buscar a harmonia social proposta por Comte.

[64] Dentro do movimento, entretanto, sempre houve aqueles que defendiam uma postura mais pacífica e até passiva. Arthur Orlando (aliás, Silvio Romero e Tobias Barreto também) costumavam ser mais passivos. Em uma conferência para a Comissão Central Emancipadora em abril de 1883, Arthur Orlando pediu para "evitar-se toda luta violenta com os possuidores de escravos", postura que o restante do grupo não seguiu nos anos seguintes (FOLHA DO NORTE, 22-4-1883).

[65] O vocabulário normativo do republicanismo em Pernambuco desde a Praieira e ainda utilizado estrategicamente por esse grupo ressaltava a defesa do comércio urbano (mas sem o antilusitanismo de 1848), a liberdade de mercado, menos impostos, etc.

Tamanha visibilidade editorial não ficaria imune, como se é de se esperar de qualquer batalha política. Não quero com isso dizer que os republicanos passaram a se tornar uma força incontrolável na organização partidária em Pernambuco, mas seu crescimento e, principalmente, a popularidade da sua imprensa, tornava seu sucesso um perigo em potencial. Como demonstrei, na teoria o positivismo defende uma harmonia social cujos apóstolos devem sempre atuar como mediadores de conflitos. Entretanto, quase nunca esse princípio foi fomentado, muito pelo contrário, sua presença acabava *gerando* os conflitos. Nos meses de atuação da *Folha do Norte* o 'escoamento' das críticas se concentravam principalmente nas colunas solicitadas do Jornal do Recife[66]. Percebe-se o acirramento político entre republicanos e liberais já nos primeiros meses da *Folha*, quando seu tom sobe para um grau agressivo muito explícito.

Apesar da associação benéfica mútua entre cachorros e republicanos pelo abolicionismo, em nenhum momento estes últimos se confundiram com o primeiro. Como bem assinalou Marc Jay Hoffnagel e também reafirmo, os republicanos utilizaram-se do positivismo como uma forma de se identificarem como diferentes dos liberais. Era, mesmo que indiretamente, uma forma de idiossincrasia política local. É também nesse período que há um maior desligamento desse grupo das orientações do Apostolado Positivista. Aníbal Falcão, que era membro, se desliga ao negar-se a se distanciar da política. Clóvis Beviláqua, que nunca foi membro, mas considerava-se da corrente religiosa de Laffitte, escreve em 1883 a *Filosofia Positiva no Brasil* afirmando, pela última vez, que os seguidores de Littré eram atrasados (BEVILAQUA, 1883, p.11-12). Sobre esta obra, há uma interessante intenção do autor em reafirmar que não foi na capital do Brasil que o positivismo se desenvolveu, mas em Pernambuco, prevalecendo aqui uma dissidência que se uniu ao monismo alemão[67] e ao neo-positivismo inglês[68], relegando ao sul do Império uma mera orientação ortodoxa (Idem, p.44).

Diante da frequente recorrência de pedidos de cidadãos e escravizados para exporem suas denúncias contra o descaso público para com os serviços ofertados à população, excessos e injustiças de senhores e truculência policial, é possível concluir que a *Folha do Norte*, logo

[66] A Província tinha deixado de circular desde 1878 e só voltaria em 1885, então o Jornal do Recife era o caminho mais procurado por liberais para fazer critica tanto aos conservadores quanto aos republicanos.

[67] Se define o monismo, em seu aspecto filosófico mais abrangente, como o substrato ideológico que apregoa a existência de uma substância única, subordinada a princípios também unitários, na composição de tudo o que existe no universo. Ou seja, é a *doutrina da unidade.* Ela se opõe ao *dualismo* que admite a existência de duas entidades independentes na criação – espírito e matéria – e ao *pluralismo*, o qual adota a diversidade de fundamentos e de substâncias para se explicar o universo. De maneira resumida, o monismo alemão é materialista e defende a unidade de todas as coisas.

[68] Principalmente nas obras de Spencer e Stuart Mill.

nos seus primeiros meses, logrou êxito de visibilidade. É claro que a utilização de jornais por cidadãos para denúncias não é algo exclusivo da *Folha do Norte*, mas é de se esperar que as pessoas buscassem maximizar seus relatos usando os veículos mais visíveis. Um desses casos aconteceu com um ferreiro da cidade de Lage Grande (distante do Recife 154 km) chamado José Manoel Bezerra, ou simplesmente João Ferro. Acusado de ser um ladrão de cavalos, o juiz de paz da cidade manda puni-lo. Os policiais o arrancam da oficina, arrastam-no até o tronco no centro da cidade, cortam seus cabelos e barba e passam a tortura-lo por horas. Esse homem – não sei dizer como – apresenta-se à redação da *Folha do Norte* (quase 150 km) para uma avaliação do estrago, pedindo publicidade contra sua injustiça. Os redatores afirmam o desfiguramento do seu corpo e a quase inutilização das mãos, deixando-o propositalmente fora do exercício da profissão e, por consequência, obrigando a família a passar fome. A *Folha do Norte* acusa a polícia ao afirmar que "ainda que fosse realmente culpado, a força pública não tinha o direito de tortura-lo" e acha como pivô desse escândalo o próprio governo liberal, acusado de monarquista e escravocrata (FOLHA DO NORTE, 18-1-1884). Concordo com Celso Castilho e Camilla Cowling (2013) ao afirmar que, do ponto de vista da análise das sociedades abolicionistas, o escravo é a parte mais essencial no processo de "bancamento" da sua liberdade. São eles que promovem uma busca ativa daqueles que podem alcançar e potencializar sua voz. É do ponto de vista do escravo, através da sua escolha pelos intermediários, que analiso o grau de importância que os republicanos tiveram nesse processo. Um desses, João Ramos, foi talvez o mais procurado pelos escravos. A *Folha do Norte* foi, talvez, o jornal republicano em que mais se evidenciou essa aproximação e que, em última instancia, nos deixou algum registro disso para além das figuras conhecidas de Nabuco e Mariano. Num desses relatos intercedeu um escravo chamado Vítor, por meio de José Camilo Linhares de Albuquerque:

> Podendo acontecer querer o Sr. Mendes da Rocha chamar de novo a si a propriedade de seu ex-escravo, peço-lhe que por intermédio de seu conceituado jornal chame a atenção das autoridades competentes e das associações abolicionistas para este fato, certo de que como abolicionista e como cearense não abandonarei do infeliz Vítor (FOLHA DO NORTE, 17-10-1883).

Também as redações de jornais foram bastante procuradas, levando-me a concluir que, muito provavelmente, as informações publicadas nas folhas fossem acessíveis aos escravos, que buscavam os redatores para denunciar seus casos. Passam a se tornarem constantes alguns anúncios publicados, como o de 12 de outubro de 1883 na *Folha do Norte*:

> Srs. Redatores – Interessem-se Vv. Ss. Pela infeliz escrava que foi desonrada por seu senhor em Olinda quando tratava de sua liberdade. Peçam ao digno juiz de direito daquela comarca que dê andamento à ação de liberdade que a mísera escrava promove (FOLHA DO NORTE, 12-10-1883).

Um interessante caso chamou a atenção pela repercussão que conseguiu dar a *Folha*. Uma escrava de nome Esperança foi assassinada por sua dona Herculina Siqueira, tendo sido o crime denunciado originalmente pelos redatores da *Folha do Norte*. A revolta contra Herculina foi tamanha que quando os policiais foram interrogá-la, já havia uma multidão na sua porta querendo linchá-la, acabou sendo presa pelo assassinato de Esperança, o que a redação da *Folha* considerou uma grande vitória (FOLHA DO NORTE, 5-11-1883). A pergunta que cabe aqui não é se os escravos se identificavam com a República – considero ser uma resposta impossível de alcançar – mas porque eles consideravam as folhas republicanas como um espaço possível de intermediação. Acredito que havia um efeito dominó. Os republicanos, ao se posicionarem favoravelmente à abolição, muitas vezes de forma 'intransigente', criavam um espaço possível de apoio à causa individual de um escravo. Sabendo disso, estes procuravam as redações na esperança de que sua denúncia fosse aceita e, se publicada, causasse algum tipo de comoção ou reação social a seu favor. Os desdobramentos poderiam ser inúmeros: sensibilizar seu senhor, ou envergonhá-lo publicamente; angariar apoio de alguma sociedade abolicionista (muitas delas vinculadas a jornais republicanos); fazer dos moradores agentes de vigilância contra maus tratos; encontrar um advogado ou qualquer cidadão disposto a completar-lhe o pecúlio, etc. Um dos exemplos disso está na *Nova Emancipadora*, sociedade abolicionista criada por comerciantes e liderada por republicanos (João Ramos e Manoel Gomes de Matos) alcançou a marca de 300 petições escravas entre 1881-4 (CASTILHO, COWLING, 2013, p.189).

Por outro lado, é neste período que se começa a perceber uma maior presença feminina nos círculos sociais próximos aos republicanos. Da pequena brecha aberta pelos positivistas, as mulheres usaram fórceps para marcar presença nos *meeting*s e jornais republicanos. Cabe a elas a luta por uma autonomia intelectual, ainda bastante restrito, mas que revela um forte talento em medir a 'temperatura' política a seu favor. Concordo com o ponto de vista de Noêmia Luz ao contestar as análises sobre a história das mulheres que parte de uma irradiação central, geralmente começando na Europa, entrando no Brasil através do Sudeste, para só depois chegar ao "resto" (LUZ, 2014, p.344). Muito pelo contrário, a luta feminina por direitos e espaços é bem mais dispersa do que se imagina. Aliás, a presença feminina na luta abolicionista remonta a uma das primeiras sociedades fundadas por Abílio

César Borges, a Libertadora Sete de Setembro dos quais de 512 membros, 15 eram mulheres (ALONSO, 2015, p.40). A presença feminina no abolicionismo pernambucano e a suas tímidas participações no republicanismo não são um ponto fora da curva do resto do país, mas evidencia um novo cotidiano nacional, onde as mulheres buscam seu espaço. Essas mulheres que elenco no Anexo 1 estiveram, em sua maior parte, bem distantes do que acontecia na Europa ou no Sudeste, e nem por causa disso deixaram de lutar. Em um concurso aberto para poetas feito pela *Folha do Norte*, dos sete candidatos, havia Maria Brígida que, apesar de ter sido reconhecida pelos redatores como excepcional, foi preterida em nome do amigo da *Folha*, Carlos Porto Carreiro (FOLHA DO NORTE, 31-5-1883).

Em termos ideológicos, o positivismo não previa as mulheres qualquer participação na arena política, nem no presente, nem num futuro remoto. Na *Folha do Norte*, quando recebem um exemplar do jornal *A Mulher* escrito pelas senhoras Josepha Agueda e Maria Estrella (as primeiras médicas de Pernambuco) respondem

> Nós não somos do número daqueles que batem palmas a emancipação completa das mulheres; que querem que lhes sejam abertas as portas das universidades, dos parlamentos, dos tribunais e dos comícios. Não. Mas diante da fineza das Exmª redatora cabe-nos dar cordiais agradecimentos e botar de parte as opiniões em contrário. Obrigado, portanto. (FOLHA DO NORTE, 24-4-1883).

Estas mulheres, quando formadas em medicina, só foram homenageadas por um jornal republicano chamado *O Etna*, periódico não positivista.

**Figura 9 - Srª Maria Augusta Estrella e Josepha Agueda, homenagem de O Etna**
Fonte: *O Etna*, 12 de novembro de 1881.

É preciso, entretanto, diferenciar o pensamento de um positivista (Aníbal Falcão) para o resto do grupo em torno de Martins Júnior. Ao que parece, a visão de Falcão é mais radical comparado a seus correligionários[69]. Em artigo intitulado "A mulher brasileira é escravocrata?", Aníbal responde da seguinte maneira:

> Mas com pesar reconhecemos que a mulher brasileira é por natureza escravocrata, por um instinto repugnante devido à educação fanática que recebeu desde os primeiros anos. Fato tristíssimo e perturbador. A obra do beatério liga-nos os punhos, plantando o desequilíbrio da família. Que a mulher brasileira é pessimamente educada não há o que contestar. Deixa o colégio aos 12 ou 15 anos, desconhecendo o que há de mais necessário para fazer a sua própria felicidade e a do homem moderno. É sempre uma criatura inferior, atrasadíssima, sem ideias de coisas práticas, sabendo apenas

[69] Refiro-me ao termo mais "radical" como uma posição ainda mais conservadora dentro do próprio conservadorismo positivista. Aníbal Falcão negava às mulheres até mesmo o direito de participar do abolicionismo, posicionamento muito diferente de Martins Júnior, por exemplo, que chegou a defender o magistério feminino e a educação científica para mulheres. É preciso deixar bem claro, entretanto, que os positivistas em geral têm uma visão mais resistente quanto à presença da mulher em questões fora do ambiente doméstico.

> mastigar padre-nossos com receio dos horrores do inferno. Superficial, aprende depois de frequentar a sociedade umas tantas banalidades excelentes à ventura da cocote. (FOLHA D*O NORTE*, 07-02-1884)

Esta forma de pensar a mulher não é unânime entre todos os positivistas. No jornal *O Democrata*, por exemplo, se destaca a importância de uma mulher bem educada, direcionada para o mercado de trabalho[70] e até mesmo possível sucessora dos seus maridos, apesar de lhe negarem o ensino superior e só considera-las quando casadas: "O que nós queremos é remediar, é organizar, é furtar a mulher à miséria e à prostituição, é organizar por tal forma a família que a esposa seja, não só o auxiliar, o colaborador do marido, como seu sucessor legítimo e perfeitamente apto" (O DEMOCRATA, 14-3-1880).

Entretanto – e aí se revela a autonomia feminina – as poucas mulheres encontradas nesse estudo souberam aproveitar-se do relativo 'avanço' do debate sobre a mulher e seu papel na Ditadura Positivista, para marcarem presença. Neste época, as mulheres pernambucanas conquistaram mais espaços em cafés, estavam mais presentes na industria têxtil e de cigarros, além de terem conseguido algumas vagas nos cursos superiores (NASCIMENTO, 2012, p.11-13). Contrariamente aos seus contemporâneos, os escritos que elas deixaram revelam uma orientação divergente, ora com requintes clássicos da República à francesa[71], ora com uma reinterpretação do positivismo a seu favor. Mesmo que as falas de Aníbal Falcão desmereçam a importância da mulher na luta abolicionista e política, seus correligionários não deixaram de dar espaço às mulheres nas publicações da *Folha*. Um desses exemplos foi o discurso transcrito de Maria Albertina na fundação da 'Sociedade de Senhoras Abolicionistas 25 de Março' (futura *Ave Libertas*):

> É certo que a nossa posição social, o nosso sexo, e até os muitos preconceitos em que é educada a mulher brasileira, oferecem sérios obstáculos ao desempenho da missão libertadora; mas reunidas no

[70] Os positivistas brasileiros precisaram adaptar as teorias comtistas para a realidade nacional (orientação do próprio Comte, aliás). Na Europa, onde o proletariado livre e assalariado já era a base da maior parte das nações, o positivismo pode pensar livremente sobre as melhorias das condições sociais dos trabalhadores. Mas no Brasil, por ainda vingar a escravidão, os positivistas primeiro acreditavam que era necessário transformar a população em proletária. Alguns desses pensadores, entre eles os redatores de *O Democrata*, acreditavam que com a extinção da escravidão, as mulheres estavam sendo mais requeridas em postos de trabalhos nas indústrias, por ser uma mão-de-obra barata, portanto defendiam a instrução científica da mulher para torná-la apta à produção. Eles se diferenciam, portanto, de alguns pensadores positivistas (como Aníbal Falcão) que a mulher não servia para o trabalho, por ser inferior.

[71] Refiro-me aos debates filosóficos republicanos que se utilizam dos conceitos de liberdade, fraternidade e igualdade, ou seja, os ideais liberais da Revolução Francesa e da Independência dos EUA, com base nos estudos de Adam Smith, John Locke, Rousseau, Montesquieu, etc. O positivismo, apesar de levar em consideração esse repertório, parte de uma análise "científica" (na verdade, sociológica) com base em Comte, Spencer, Darwin, Huxley, etc.

> pensamento do bem, agrupadas em torno do estandarte do Progresso[72] (sic), nós havemos de reciprocamente animar, e prosseguiremos pela, senão fácil, sempre brilhante senda que nos há de levar ao grito de: - Viva o Brasil Livre! (FOLHA DO NORTE, 21-4-1884).

Ainda que muitas vezes a associação entre mulheres e a república seja acompanhar migalhas, é *impossível* não localizá-las mais próximas da atuação dos republicanos que de todos os outros. As únicas mulheres a atuarem na imprensa pernambucana entre 1875 e 1889 estiveram, de alguma forma, associadas a republicanos. Jornais femininos, como *A Família*, eram editados e publicados por tipografias republicanas, como a d'*O Norte*. Quando Dona Urcinina Alcoforado sugeriu libertar a cidade do Recife da escravidão rua por rua, o único jornal a apoiá-la publicamente foi a *Folha do Norte* (FOLHA DO NORTE, 6-5-1884). O grupo de senhoras surgidos da *Nova Emancipadora*, viriam a fundar o *Ave Libertas*. Eram, em sua maioria, casadas com republicanos (Odília Pompílio e Rita Uchôa Gomes de Matos, por exemplo); eram donas de tipografias que editavam jornais republicanos (Pórcia Constança de Melo); eram professoras ou comerciantes independentes (Maria Amélia de Queiroz e Leonor Porto) profissões ligadas a republicanos na época, pois José Isidoro[73] era o orador da Sociedade Propagadora da Instrução Pública e Manoel Gomes de Matos presidente da Associação Comercial; foram "incentivadas" (por falta de verbo melhor...) por republicanos a estudarem (Amélia Beviláqua[74]; Maria Augusta Meira de Vasconcelos[75]; Josepha Agueda Oliveira[76]); publicaram jornais ao lado de republicanos (Júlio Falcão em *O Beija-Flor*; vários outros em *Vinte e Cinco de Março* e *Victor Hugo*), etc. O único jornal editado por mulheres na década de 1880, o *Ave Libertas*, teve grande participação de republicanos, especialmente em sua edição de 1885, tendo sido elogiadas publicamente por Salles Barbosa no jornal *América do Sul* (NASCIMENTO, 2012, p.100). As associações são tantas e tão complexas que é impossível dissociar essas mulheres dos republicanos[77] (CASTILHO, 2008, p. 162-3).

---

[72] No original a palavra está com a primeira letra maiúscula, o que indica através do repertório vocabular dos republicanos, um sinônimo de República.

[73] Na verdade, até a Proclamação da República, a atuação profissional de Martins Júnior será quase sempre em salas de aula. Pode-se mesmo dizer que ele era muito mais professor do que foi jurista. Exerceu a cadeira de francês da Escola Propagadora da Boa Vista e interinamente a de História Natural. Teve, por vários anos, um curso noturno de direito aos alunos do 1º ano no colégio dos irmãos Porto Carrero. Também exerceu nesta escola a cadeira de filosofia e francês. Foi nomeado para a cadeira de História do Curso Anexo da FDR. Além disso, prestou concurso para lente da Faculdade de Direito por três vezes antes de 1889. Mesmo após a Proclamação, permaneceu no magistério superior, como professor catedrático da disciplina (criada por ele) de História do Direito Nacional, na FDR (THEOTONIO FREIRE, A CULTURA ACADÊMICA, 1904, p.58-9).

[74] Esposa de Clóvis Bevilaqua.

[75] Esposa de José Vicente Meira de Vasconcelos.

[76] Filha do antigo republicano na década de 1860, Romualdo Alves de Oliveira.

[77] Celso Castilho tenta fazer uma rápida referência do parentesco das mulheres que fundaram o Ave Libertas e indica como elas estavam mais próximas de republicanos. "Elvira Ramos, Who formed part of the first executive commitee of the Ave Libertas, was the wife of João Ramos. Odília Pompílio, the first president of the group, was

Nunca puderam, entretanto, exercer publicamente seu papel político durante a monarquia, mas não significou de forma alguma que estivessem de mãos atadas. Um desses exemplos sutis foi a publicação especial do jornal *Ave Libertas*, sociedade abolicionista unicamente feminina. Em sua sessão de posse, em setembro de 1884, além da diretoria feminina foram chamados sete discursantes, dos quais quatro eram republicanos[78]: Cyridião Durval (Abolicionista Comercial), Phaelante da Câmara (Clube Ceará Livre), Salles Barbosa (Clube Ferreira França) e Anísio de Abreu (Caixa Emancipadora Piauiense) (O REBATE, 10-9-1884).

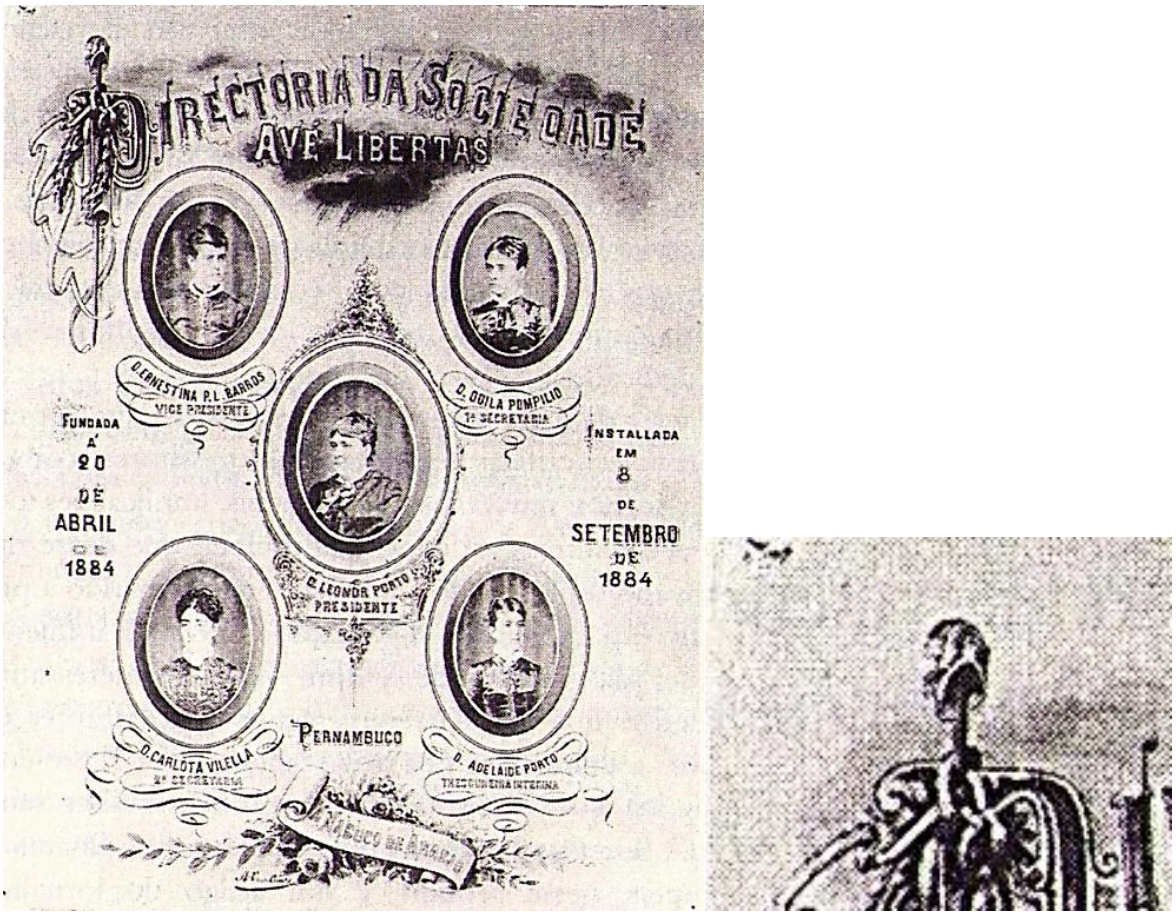



**Figura 10 - Detalhe do barrete frígio no jornal Ave Libertas**
Fonte: Ave Libertas, 1885.

Quase sempre a presença feminina no movimento republicano vem de alguma associação com o abolicionismo. Ângela Alonso destaca que muitos abolicionistas costumavam chamar senhoras para suas conferências-concerto para dar ares de mais

the wife of Nuno Pomílio, a dentist, who belonged to the radical abolicionist group, Club do Cupim. Lastly, Rita Uchoa Gomes de Matos, also a part of the fouding exercutive board, was the wife of Manoel Gomes de Matos, member of the Nova Emancipadora and president of the Comissão Redentora do Recife" (CASTILHO, 2008, p.162-3).

[78] Os outros três foram Baptista Oliveira (Clube Emancipador Castro Alves), Olinto Victor (Mista Redentora dos Cativos e Protetora dos Ingênuos) e Abel Garcia (Redentora Acadêmica).

legalidade e suavidade aos seus temas, de forma a amenizar uma possível repressão. Mas que, apesar de serem consideradas dessas formas, boa parte das mulheres saíram de uma posição de "incapaz" para uma cidadã verdadeiramente ativa (ALONSO, 2015, p.147). Ao todo, surgiram 36 associações femininas no Brasil durante o período abolicionista (idem, p.147-8), nos quais em Pernambuco constava o Ave Libertas, a mista Nova Emancipadora e o Clube Martins Júnior, todas as três com forte ligação com os republicanos. O Clube Ceará Livre, por exemplo, cuja diretoria é exclusivamente republicana, convidou 17 senhoras[79] como paraninfas da bandeira do clube durante a cerimônia de fundação no Gabinete Português de Leitura (FOLHA DO NORTE, 11-07-1884).

Em janeiro de 1883, Aníbal Falcão fez uma conferência no Gabinete Português de Leitura acerca do 299º aniversário da luta contra os holandeses, de onde partiu sua análise que materializaria na *Fórmula da Civilização Brasileira* (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 26-1-1883). Diante de uma plateia de comendadores e comerciantes (MELLO, 1997, p.399), esse tratado tornou-se polêmico por inúmeras razões. Primeiro, porque reabilitou o sentimento patriótico a favor da colonização portuguesa, algo muito contestado então. Para Aníbal, os ibéricos foram os principais responsáveis por contribuir com o sentimento comunitário, especial para os positivistas que visavam a harmonia social. Em suas palavras, os 'ibéricos' foram responsáveis pela superioridade da cultura moral sobre a industrial, pela superioridade da síntese poética sobre a especialização científica e pela centralização das ditaduras reais contra a dispersão democrática (FALCÃO, 1883, p.124). Mas a polêmica foi além. Considerou a contribuição do africano para a afetividade nacional, assim como o índio. Desta forma foi, talvez, um dos poucos pensadores desse período que considerou a indenização ao escravo[80] pelo "roubo da sua vida" como uma forma de compensação ao terrível crime da escravidão (FALCÃO, 1883, p.134).

A "fórmula" que dá o título é então a miscigenação brasileira, vista como positiva para a nossa identidade, e não uma degeneração, este último um pensamento comum no período (SCHWARCZ, 1993). Aníbal e Sílvio Romero pensavam de maneira semelhante na existência de um "vigorous hybrid", o mestiço, como uma identidade nacional (EAKIN, 1985, p.163), entretanto divergiam na necessidade de "branqueamento". Fortemente ligado às

[79] Maria Argemira Salazar; Francisca Isabel Guimarães; Maria do Carmo Medeiros; Honorina Ayres Freitas; Maria Luíza Vilella do Rego; Julieta Vieira; Ermelinda Pinto; Conceição Pitanga; Júlia Paes Barreto; Cândida Gurgel do Amaral; Leonila Aures de Almeida; Rosa de Oliveira; Albertina Sátiro; Antônia Rozalina de Santa Rosa; Leonor Porto; Elvira de Medeiros; Guilhermina Júlia de Araújo César.

[80] A indenização nesse caso não seria necessariamente em dinheiro. Indenização em termos de direitos, terra, proteção, família, etc.

teorias deterministas, Sílvio Romero era favorável à imigração europeia (em especial a germânica) como uma forma de não só branquear a pele brasileira, mas na contribuição cultural. Aníbal, sem deixar de considerar o europeu como o ápice da civilização, era completamente contrário ao incentivo à imigração. Esse ponto de discórdia leva a uma divergência quanto à estrutura da República, já que os positivistas baseavam-se intransigentemente na incorporação do proletário liberto e na afirmação nacionalista.

Entretanto, um dos maiores estudiosos do período holandês (do lado dos holandeses) foi José Higino Duarte Pereira, professor da FDR e grande companheiro desse grupo de republicanos. Como disse no primeiro capítulo dessa dissertação, apesar das discordâncias ideológicas, não houve uma ruptura significativa o suficiente que colocassem as discordâncias em polos opostos. A questão dos holandeses no Brasil é uma delas. Discordavam José Higino e Aníbal Falcão, mas o primeiro manteve-se na posição de considerar o Conde Maurício de Nassau como um exemplo perfeito de ditador republicano, já o segundo considerava o Marquês de Pombal. Apesar desses diferentes referenciais, nenhum dos dois deixou de buscar no passado um exemplo perfeito para o que consideravam um ditador positivista: ilustrado, garantidor das liberdades individuais, propagador da instrução e da ciência e benevolente. Também nesse mesmo ano foi editado no Recife, com apoio da *Folha do Norte* e publicado na Tipografia Mercantil[81], o artigo de Miguel Lemos *"A incorporação do proletário escravo, protesto da sociedade Positivista do Rio de Janeiro contra o recente projeto do governo"*, em que rebatem as críticas dos escravistas "Não! Mil vezes não! Como indenização nem o ar que respiramos podem reclamar" (LEMOS apud BAKOS, 2006, p.39).

Se até o momento a questão sobre a Abolição tinha ficado no meio do muro, em 1883 os republicanos tomam uma atitude mais 'radical' de assumirem a defesa da indenização[82] *ao escravo*. Mas as opiniões entre eles nem sempre concordavam. Arthur Orlando, por exemplo, em discurso na Comissão Central Emancipadora, apela para *"evitar-se toda luta violenta com os possuidores de escravos"* e que se utilizem de "divertimentos públicos" para arrecadar dinheiro (FOLHA DO NORTE, 22-4-1883). Em outro artigo, anônimo, dizem que "queremos ser os defensores dos escravos sem sermos ofensores da propriedade alheia" (FOLHA DO NORTE, 28-4-1883). Já Germano Hasslocher, em notícia sobre um assassinato de escravo em

[81] A versão veio dedicada à Toussaint Louverture, líder da Revolução Haitiana. Além disso, retirou do texto original, após vários debates entre os positivistas, a medida que visava aderir o ex-escravo à terra sob vigilância do ex-senhor (SUPERTI, 2004, p.87).

[82] Não se deve levar o termo 'indenização' por sinônimo de dinheiro. Na maior parte das vezes eles se referem a direitos trabalhistas, acesso à terra, educação científica... de forma geral, indenização pode ser entendida como sinônimo de incorporação do proletário escravo aos benefícios do progresso científico.

Escada em 1882, adverte ao senhor “Quem com ferro fere...” (A REPÚBLICA, 11-8-1882). Não há, portanto, qualquer consenso de sobre pacificidade ou passividade dos republicanos para com os senhores de escravos. O que se pode afirmar com bastante certeza é que raríssimas vezes eles estiveram preocupados em ter a aprovação destes para suas ações ou sentiram-se ‘constrangidos’ em afirmar suas posições francamente abolicionistas.

TABELA 9 - SOCIEDADES ABOLICIONISTAS FUNDADAS EM PERNAMBUCO (1879-1888)

| |
|---|
| 1879 – CLUBE DEMOCRATA PELA MANUMISSÃO DOS ESCRAVOS |
| 1880 – SOCIEDADE NOVA EMANCIPADORA |
| 1881- CLUBE ABOLICIONISTA DE PERNAMBUCO |
| 1882 – CAIXA EMANCIPADORA PEDRO PEREIRA |
| 1882 – SOCIEDADE MUSICAL 28 DE SETEMBRO |
| 1883 – CENTRAL EMANCIPADORA DO MUNICÍPIO DO RECIFE |
| 1883 – CENTRO ABOLICIONISTA PERNAMBUCANO |
| 1883 – CLUBE ABOLICIONISTA DE ESCADA |
| 1883 – EMANCIPADORA PERNAMBUCANA |
| 1883 – EMANCIPADORA SALGUEIRENSE |
| 1883 – SOCIEDADE ABOLICIONISTA ACADÊMICOS DE PERNAMBUCO |
| 1883 – SOCIEDADE ABOLICIONISTA AVE LIBERTAS |
| 1883 – SOCIEDADE DOS CATIVOS |
| 1883 – UNIÃO ABOLICIONISTA COMERCIAL |
| 1884 – ASSOCIAÇÃO LIBERTADORA 25 DE MARÇO |
| 1884 – ASSOCIAÇÃO MISTA REDENTORA DOS CATIVOS E PROTETORA DA EDUCAÇÃO DOS INGÊNUOS |
| 1884 – CLUBE ABOLICIONISTA DO RECIFE |
| 1884 – CLUBE ABOLICIONISTA GOIANIENSE |
| 1884 – CLUBE ABOLICIONISTA MARTINS JÚNIOR |
| 1884 – CLUBE DRAMÁTICO EMANCIPADOR RODRIGO SILVA |
| 1884 – CLUBE EMANCIPADOR CASTRO ALVES |
| 1884 – CLUBE UNCLE TOM |
| 1884 – CLUBE ABOLICIONISTA SÃO JOSÉ |
| 1884 – CLUBE ABOLICIONISTA TAVARES BASTOS |
| 1884 – CLUBE DO CUPIM |
| 1884 – EMANCIPADORA ACADÊMICA |
| 1884 – COMISSÃO CENTRAL EMANCIPADORA DO RECIFE |
| 1884 – GRÊMIO EMANCIPADOR |
| 1884 - NOVA LIBERTADORA |
| 1884 – SOCIEDADE EMANCIPADORA DE PALMARES |
| 1886 – SOCIDADE PERNAMBUCANA CONTRA A ESCRAVIDÃO |
| 1887 – SOCIEDADE ABOLICIONISTA DE MICRÓBIOS |
| 1887 – CLUBE DOM JOSÉ |

Fonte: ALONSO, 2015, p.435-446

Seria por demais extenso e cansativo listar todos os republicanos participantes das sociedades abolicionistas porque concluí que eles estavam praticamente em todas as existentes. Capilarizados nas mais diversas associações, o que se pode retirar dessa conclusão é que os republicanos não atuaram de maneira concentrada e direcionada a favor da abolição,

mas que cada um agiu por inclinação pessoal ou por proximidade em sua rede de relações políticas.[83] Havia uma ou outra associação que se demonstrava mais ligada aos republicanos, entretanto, não posso dizer que o abolicionismo tenha sido a causa da unificação dos republicanos em um órgão comum. Tal constatação também foi feita por Dilton Oliveira para o caso da Bahia, cujo movimento se assemelhou bastante com o de Pernambuco (ARAÚJO, 1992, p.114). Abaixo trago um quadro demonstrativo das associações que tiveram um número considerável de republicanos em suas diretorias (de presidente a vogal) para melhor visualização.

| **REPUBLICANOS NAS SOCIEDADES ABOLICIONISTAS (APENAS CARGOS DE DIRETORIA) – EXEMPLIFICAÇÃO** | | |
|---|---|---|
| **SOCIEDADE** | **ANO DE FUNDAÇÃO** | **NOMES** |
| NOVA EMANCIPADORA | 1880 | JOÃO RAMOS; MANOEL GOMES DE MATOS; ANTÔNIO CARLOS FERREIRA DA SILVA; JOVINO PAES BARRETO; JÚLIO CÉSAR PAES BARRETO; BELARMINO CARNEIRO; ADOLPHO GUEDES ALCOFORADO; MANOEL COELHO DOS REIS; ELPÍDIO DE VASCONCELOS; JOÃO FONTE; ANTÔNIO GOMES DE MATOS; FENELON PINHEIRO. |
| CAIXA EMANCIPADORA PEDRO PEREIRA | 1882 | ANÍSIO DE ABREU; JOSÉ MANOEL DE FREITAS; JOSÉ CAMILO LINHARES DE ALBUQUERQUE |
| LIBERTADORA ACADÊMICA DO RECIFE | 1883 | ALFREDO PINTO; SALLES BARBOSA; GEORGIANO GONÇALVES. |
| CAIXA EMANCIPADORA PIAUIENSE | 1883 | ANÍSIO DE ABREU; ALFREDO LIMA; JOÃO ALFREDO DE FREITAS |
| LIBERTADORA NORTE-RIO-GRANDENSE | 1883 | THOMAZ GOMES |
| CAIXA EMANCIPADORA MARANHENSE | 1883 | HIGINO CUNHA; HUGO BARRADAS |
| EMANCIPADORA PERNAMBUCANA | 1883 | RIBEIRO DA SILVA; HONÓRIO SILVA; OVÍDIO FILHO; PHAELANTE DA CÂMARA; CLAUDINO DOS SANTOS; ALFREDO PINTO; JOÃO ROMÃO; GUILHERME PINTO; MARIANO DE MEDEIROS; FERNANDO DE CASTRO. |
| CLUBE DO CUPIM | 1884 | NUMA POMPÍLIO; JOÃO RAMOS; ALFREDO VIEIRA PINTO; ALFREDO FERREIRA PINTO; GUILHERME PINTO; ARGEMIRO FALCÃO; FERNANDO DE CASTRO. |
| COMISSÃO CENTRAL EMANCIPADORA | 1884 | ANÍBAL FALCÃO; JOSÉ ISIDORO MARTINS JÚNIOR; MANOEL GOMES DE MATOS; BARROS SOBRINHO; ANTÔNIO CARLOS FERREIRA DA SILVA; JOSÉ CAMILO LINHARES DE ALBUQUERQUE; JOVINO CÉSAR PAES BARRETO; BELARMINO CARNEIRO. |
| CLUBE CEARÁ LIVRE | 1884 | FRANCISCO CAMPELLO; HEITOR TELLES; SAMUEL MARTINS; FERNANDO DE CASTRO; LEMOS DUARTE; PHAELANTE DA CÂMARA; ALFREDO PINTO; CLAUDINO DOS SANTOS; JÚLIO FALCÃO. |
| CLUBE MARTINS JÚNIOR | 1884 | ARTHUNIO VIEIRA; RUTILIO JOSÉ DE OLIVEIRA; MANOEL LOPES DE CARVALHO CHAVES; AUGUSTO FLÁVIO TEIXEIRA; JOSÉ DE CASTRO E SILVA; MANOEL MIRANDA; JOSÉ ALVES PIMENTEL |
| CLUBE ABOLICIONISTA DO RECIFE | 1884 | JOÃO DE OLIVEIRA; BARROS SOBRINHO; PEDRO VERNE |

[83] Nesta época dos 38 pernambucanos matriculados na Escola Militar da Corte, 25 se uniram para formar a Libertadora Pernambucana, de onde sairia, por exemplo, Alexandre Barbosa Lima (FOLHA DO NORTE, 9-5-.1883)

| | | |
|---|---|---|
| CENTRO EMANCIPADOR | 1884 | JOSÉ ISIDORO MARTINS JÚNIOR; JOÃO NETTO JÚNIOR; CÂNDIDO DE ALENCAR; TIAGO DA FONSECA. |
| UNIÃO ABOLICIONISTA COMERCIAL | 1884 | FORTUNATO PINHEIRO; NUNO DA FONSECA |
| SOCIEDADE PERNAMBUCANA CONTRA A ESCRAVIDÃO | 1886 | BELARMINO CARNEIRO; ADOLPHO GUEDES ALCOFORADO; MANOEL GOMES DE MATTOS |

Tabela 10 - Republicanos presentes nos cargos de diretoria das sociedades abolicionistas em Pernambuco
Fontes de Auxílio: ALONSO, 2015. CASTILHO, 2008. *Folha do Norte*. *O Democrata*. *Diário de Pernambuco. Jornal do Recife.*

Dentre as 25 sociedades abolicionistas existentes em Pernambuco no ano de 1884 (CASTILHO, 2008) há três que tinham sua diretoria exclusivamente republicana: Emancipadora Pernambucana; Clube Ceará Livre e Clube Martins Júnior. A Emancipadora Pernambucana, como se vê, foi uma das mais importantes associações abolicionistas para os republicanos. Phaelante da Câmara dedica-lhe seu livro *Verdades ao Sol* (FOLHA DO NORTE, 9-5-1883). Já as conferências marcadas pela Emancipadora Pernambucana não eram, curiosamente, no tradicional locus abolicionista do Teatro de Santa Isabel, mas no Teatro Santo Antônio, onde também aconteciam as conferências republicanas. Uma delas, feita por Pepes de Vasconcelos em 27 de maio de 1883, imbricava abolicionismo e republicanismo (FOLHA DO NORTE, 26-5-1883), apareceram representantes de 7 sociedades e redatores de 3 jornais[84] (FOLHA DO NORTE, 29-5-1883). O Clube Ceará Livre, quando marcam a festa do grupo em 1884, transferem a data de 23 de setembro para o dia 20, em homenagem à República do Piratini[85], "que está de acordo com as ideias do Club que, além do mais, hasteia uma bandeira tricolor" (FOLHA DO NORTE, 18-04-1884).

Em 1883 saem candidatos os republicanos Fortunato Pinheiro, Belisário Pernambuco e Antônio Pepes de Vasconcelos. O primeiro, saído pelo 1º distrito da Capital, só recebeu meros 7 votos e bradou que foi censurado pela polícia, por considerarem seus discursos radicais em demasiado. Com um artigo publicado na *Folha do Norte*, único jornal a lhe dar apoio, declara-se um "republicano intransigente" disposto a lutar pelo federalismo, mas sem esperança na vitória.

> Saio da obscuridade em que vivo e apresento-me candidato pelo 1º círculo desta província. Republicano intransigente, será o meu programa advogar tão patriótica causa, que não tardará muito que seja uma pura realidade nesta cara pátria que nos deu berço [...] se for derrotado será um grande lenitivo para outros cometimentos, se for eleito (o que não é de esperar) recolherei os

[84] João de Oliveira (Club Abolicionista); Antônio Carlos (Nova Emancipadora); Alfredo Lima (Libertadora Acadêmica); Pedro Linhares (Caixa Pedro Pereira); Anízio de Abreu (Libertadora Piauiense); Thomaz Gomes (Libertadora Norte-Rio-Grandense); Raimundo Alexandre (Emancipadora Acadêmica); Phaelante da Câmara (Folha d*O Norte*); Ribeiro da Silva (Gazeta de Notícias) e Pompílio Cruz (O Libertador).
[85] Estado formado durante da Guerra dos Farrapos no atual estado do Rio Grande do Sul.

> louros da vitória no meu coração e depositarei mais tarde no altar da pátria em nome da República Federativa. (FOLHA D*O NORTE*, 1-9-1883)

Apesar de soar ligeiramente diferente na sua proposta republicana – a federativa – as divergências ideológicas entre Fortunato Pinheiro e os redatores da *Folha do Norte* não foram suficientes para significar uma ruptura. A candidatura de Fortunato, todavia, é uma das poucas campanhas políticas das quais obtive informações dos *meeting*s promovidos. Augusto Bezerra, estudante da Escola Normal, chegou a ser expulso por sua intensa participação na campanha de Fortunato Pinheiro (O REBATE, 10-10-1883). O *meeting* marcado no dia 14 de outubro de 1883 na Matriz de Nossa Senhora da Paz, em Afogados, deixou de ter por repreensão do Comandante Geral da Guarda Cívica, que enviou capangas para dispersar (O REBATE, 17-10-1883). O interessante é que o *meeting* só foi abortado depois que, provavelmente, as reuniões estavam tendo cada vez mais público.

| Data | Hora | Local | Discursantes | Público divulgado |
|---|---|---|---|---|
| 6 de setembro 1883 | 16h | Largo da Matriz de Santo Antônio | Fortunato Pinheiro; Augusto Bezerra | |
| 23 de setembro de 1883 | 16h | Matriz de Santo Antônio | Rangel Sobrinho | |
| 24 de setembro de 1883 | | Largo Saldanha Marinho | Fortunato Pinheiro; Rangel Sobrinho; Augusto Bezerra | 600 |
| 30 de setembro de 1883 | 16h | Matriz do Corpo Santo | Fortunato Pinheiro; Rangel Sobrinho; Augusto Bezerra | 700 |
| 7 de outubro de 1883 | | Matriz de São José | Augusto Bezerra | 1000 |
| 10 outubro de 1883 | 16h | Matriz de Santo Antônio | Augusto Bezerra | |
| 14 de outubro de 1883 | 16h | Matriz da Nossa Senhora da Paz em Afogados | NÃO HOUVE DISCURSO POR REPRESSÃO DA POLÍCIA | |

Fontes: *Folha do Norte*, 5-29 setembro de 1883. *O Rebate*, 5-29 setembro/10-27 de outubro de 1883.

De fato, a trajetória singular de Fortunato Pinheiro o coloca como um solitário na propaganda. Apesar de ser tido pela redação da *Folha do Norte* como um correligionário, ele sempre atuou sozinho. Seu arqui-inimigo, também republicano, era Belisário Pernambuco, acusava-o de "não ter sexo e ser comum a dois, é fervoroso sectário de Sodoma e Gomorra, esta lepra social é digna de comiseração" (O REBATE, 24-5-1883). Não apenas Fortunato usava esse tipo de linguagem agressiva contra seus inimigos, como demonstrava seu preconceito contra homoafetivos. Não posso confirmar se a fala de Fortunato é verdadeira, mas ele é agredido por um capanga em nome de Belisário poucos dias depois (O REBATE, 10-6-1883). Belisário, por sua vez, diz sentir-se em regozijo por ser seu desafeto e que "nesta província é convicção geral que se o Rebate não conduzir Fortunato Pinheiro à casa de Detenção, a mania de jornalista que o persegue e arruína-o, condulo-á com presteza ao asilo de mendicidade ou então ao hospício de alienados" (FOLHA DO NORTE, 17-5-1883). Ao

longo do ano de 1883, Fortunato recebe inúmeras ameaças, e usa-as publicamente para defender sua própria vida

> Sou informado por amigos que o senhores Barão de Águas Belas e João Pinto Lemos preparam-se para assassinar-me, mandando capangas atacar-me de emboscada, por causa de ter o primeiro sofrido uma acusação no Rebate, em um pedido, e o outro ser atacado por mim próprio em virtude de ter esbofeteado um homem livre. Fiquem, portanto, sabendo os senhores Barão de Águas Belas e João Pinto Lemos que não temo; já se passou o tempo em que se assassinavam Fidré e muitos outros, por caírem debaixo das iras de certos figurões. Em todo caso, desde já, responsabilizo aos senhores Barão de Águas Belas e João Pinto de Lemos pelo menor mal que suceder-me. (O REBATE, 10-8-1883)

Dias depois, afirma ter mais um conjunto de "fidalgos" que também querem matá-lo, ao que responde que "a nossa maior glória é cairmos na praça pública varados por um punhal de tiranos" (O REBATE, 18-8-1883). Além da censura da polícia, perde o então companheiro de batalhas Ricardo Guimarães, um comerciante português redator do *Rebate* que, se demitindo, engrossa a fileira dos positivistas. Depois dessa perda Fortunato é preso por difamação, mas consegue ser solto por intermédio de José Maria de Albuquerque Melo e José Mariano, até então tidos por Fortunato como republicanos. Em novembro do mesmo ano, sofre uma sessão de espancamento da polícia no seu próprio jornal depois de reclamar dos jogos de azar. Leva outra surra, em 1886, a mando de Inácio Joaquim de Souza Leão, liberal inimigo de Mariano, que manda acabar com a tipografia do *O Rebate*.

Não é a toa que, diante de um temperamento que deixava todo mundo nervoso, Fortunato declarou que "com essa gente não me acompanho, e os republicanos daqui de nada valem. São conservadores com capas de republicanos. Tenho-me defendido" (O REBATE, 14-7-1888). De acordo com Isabel Marson, estudando a imprensa partidária na época da Praieira, esses tipos de atitude "deliberada do escritor oposicionista consiste, portanto, em 'abusar da liberdade de imprensa', no máximo dos limites permitidos, para provocar a reação repressiva dos homens do poder e desgastar a imagem política desses homens" (MARSON, 1980, p.52). Apesar de analisar um período de 40 anos antes, as estratégias políticas de Fortunato na imprensa valeram-lhe fama e diversas denúncias contra abusos.

Estou de acordo com a análise de Isabel Marson sobre o comportamento de determinados escritores da imprensa que agem de maneira provocativa de forma deliberada. *O Rebate*, acredito que exatamente por causa da sua agressividade, atraía a atenção do público curioso por uma boa intriga. Além de barato ($40), *O Rebate* abria espaço para denúncias sobre a vida íntima das pessoas, tomava as dores em questões de honra, xingava abertamente

seus opositores e não economizava no tom de escracho. O jornal funcionava, de maneira geral, como um delegado de costumes. Ao lado de colunas republicanas enchiam-se de casos de defloramento, recados anônimos para vizinhos incômodos, boatos sobre infidelidade, etc. Fortunato Pinheiro, além de ser um reconhecido alcoólatra (dizem seus próprios partidários), tinha língua afiada e pouco escrúpulo. Se esta é uma estratégia deliberada ou um golpe de sorte, a verdade é que *O Rebate* foi um dos poucos jornais republicanos que perdurou por mais de cinco anos, com assinantes em Bom Jardim, Bezerros, Limoeiro, Barreiros, Escada, Nazareth, Palmares, Gameleira, Igarassú, Cuyambuca, Catende, Frecheiras, São Lourenço e Itambé (O REBATE, 20-8-1884). Em 1884, por exemplo, além de ter aumentado seu formato para 3 colunas, passou a ter anúncios e folhetins. Nesses aspectos, a propaganda d'*O Rebate* foi completamente distinta da *Folha do Norte*, sua contemporânea. A *Folha* mantinha-se cordial, mesmo quando direcionava sua raiva contra os inimigos. Não abriu espaço para intrigas pessoais, ou denúncias do cotidiano entre vizinhos e famílias. Se houve contato com o público, a *Folha* manteve estritamente para denúncias de abusos contra escravos, violência policial e descaso do poder público. Por essa razão, por exemplo, a relação entre Joaquim Nabuco e o núcleo em torno de Martins Júnior sempre se manteve respeitoso, mesmo quando a relação com José Mariano se desgastou, após a Lei Áurea.

Por essas e outras razões, os republicanos nesta época já costumavam "elogiarem-se" como "intransigentes". Em artigo anônimo, chamam a César do Rego Monteiro um homem "totalmente emancipado" e "republicano intransigente" (FOLHA DO NORTE, 4-9-1883). Já sobre João Elysio, um conhecido advogado dos pobres, é chamado por Júlio Dubost também de "republicano intransigente" (FOLHA DO NORTE, 5-9-1883). Sobre Graça Aranha, maranhense radicado em Recife, eles são ainda mais específicos:

> [*um deputado conservador usou*] desde as súplicas da amizade até a narração dos canhões de Krupp e metralhadoras Nordesdfelt dos arsenais da Corte. A nada disso o Graça Aranha se movia. Impassível em suas ideias conservou-se fiel à República. Não é desses republicanos românticos, histéricos, prefere obrar a discutir [...] (FOLHA D*O NORTE*, 16-9-1883).

Ao que parece, o termo "intransigente" se tornou vocábulo comum, um idioma (POCOCK, 2003, p.34) para designar todo republicano que se considerava "puro", desligado dos interesses monárquicos, ou seja, dos partidos e dos cargos públicos. Fica subentendido aí também os republicanos "transigentes", ou seja, uma crítica a aqueles que se escondem nos partidos monárquicos ou, por ligação a cargos públicos, não se manifestava. Mas o que chama mais atenção no trecho destacado acima é a clivagem entre republicanos "histéricos" e os

"racionais" como uma forma de separar a nova geração. Vistos como ordeiros, pacíficos e fiéis da fatalidade histórica, buscam se distanciar do que eles consideram um republicanismo puramente romântico, ligado somente aos sentimentos, sem discussão científica. Como venho dizendo desde o início dessa dissertação, sempre houve discordâncias em um ou outro ponto acerca do projeto republicano, mas não foram fatores suficientes para subdividir o movimento. Eles se reconheciam como iguais, lutando pela mesma causa, ainda que a consequência gerasse discórdia.

Estava sempre presente no discurso republicano a resignação com a derrota eleitoral. Eles nunca estiveram esperançosos de que a vitória fosse possível, mas as contínuas candidaturas demonstram uma estratégia interessante. A derrota era esperada, mas essa era a intenção. Por detrás da derrota há a lenha da fogueira contra um sistema tido por 'naturalmente corrupto' e, por consequência, na justificativa prática de que a monarquia não dava certo. Até 1883 esse tipo de recurso não tinha tanto impacto na opinião pública, mas a partir desse ano o sucesso editorial da *Folha do Norte* e as dezenas de pequenos periódicos republicanos baratos e ilustrados (lembrar que é o ano do 'boom' dos periódicos, conforme o gráfico 1 desta dissertação), catapultava ainda mais esse rancor com a 'instituição castradora'. Antônio Pepes de Vasconcelos, um paraense radicado em Pernambuco, candidatou-se para a deputação geral pelo 1º distrito, na mesma eleição de Fortunato. E como ele alertou que "é possível que esses princípios [autonomia municipal; superação da crise econômica e positivismo] não triunfam, mas o que posso garantir a V.Sª é que hei de trabalhar por defendê-los e firmá-los" (FOLHA DO NORTE, 2-9-1883), repete o mesmo discurso de Fortunato Pinheiro. Inúmeros historiadores no século XX atribuíram ao ínfimo resultado eleitoral dos republicanos em Pernambuco como uma forma de justificar sua falta de coesão e propaganda (BOEHRER, 1954; CARVALHO, 1990), mas há mais que a simples derrota durante um pleito eleitoral. Há vitórias subliminares. Uma delas está na aproximação do Partido Liberal.

O ano de 1883 foi também de muito amargor para alguns republicanos. José Isidoro Martins Júnior e Arthur Orlando foram reprovados no concurso para lente da FDR, e Clóvis Beviláqua foi preterido para o cargo de promotor (DANTAS, 2013, p.35). As contínuas decepções com oportunidades justamente adquiridas engrossa o caldo do rancor contra a monarquia e a aristocracia. Esse tom mais agressivo começa a ser sentido em meados de agosto de 1883, quando os artigos editoriais da *Folha do Norte* passam de um discurso conciliador para a completa guerra discursiva. Também por essa época um jovem caixeiro, colaborador da *Folha do Norte*, Manoel Francisco de Almeida, comete suicídio deixando uma

carta-testemunho (não publicada) para Arthur Orlando. A morte do jovem foi enlutada por toda a redação, que atribuiu às pressões "do meio em que vive" como a principal fonte de sua morte, prometeram fazer "vingança" e, mesmo um mês depois de seu suicídio, continuaram lamentando que faz "hoje um mês que suicidou-se o nosso sempre chorado amigo Manoel Francisco de Almeida. Ainda uma vez a *Folha do Norte* curva-se saudosa sobre o túmulo daquele valente operário da ideia" (FOLHA DO NORTE, 13-9-1883). Quando o membro do Apostolado e também aluno da FDLSF, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, chega ao Recife após suspensão por defesa do positivismo ortodoxo, ganha apoio do grupo recifense para uma conferência no Gabinete Português de Leitura. Pouco tempo antes, Fortunato Pinheiro se dirigiu ao eleitorado do 1º distrito (FOLHA DO NORTE, 2-9-1883). O número de conferências públicas explodiu.

Vitoriano Palhares, um dos mais velhos do grupo, resolveu republicar seus versos anticatólicos originais de 1873 contra o Frei Dom Vital, desta vez com uma tiragem surpreendente de 14 mil exemplares (FOLHA DO NORTE, 4-9-1883). Logo depois estamparam na primeira página sua orientação republicana ao afirmar que "consideramos o sistema filosófico de Augusto Comte [...] como a pedra angular necessária ao levantamento do edifício por que todos nós aspiramos". Marcam, sem medo de esconder o local exato, uma reunião republicana na Rua Barão de Vitória, nº57, a fim de tratarem da criação de um partido (FOLHA DO NORTE, 5-9-1883). Também Fortunato Pinheiro anuncia conferência a céu aberto, diante da Matriz de Santo Antônio, logo no dia seguinte (FOLHA DO NORTE, 5-9-1883). Na mesma Matriz, Francisco Rangel Sobrinho também se dirigiu ao eleitorado com antecedência (FOLHA DO NORTE, 17-9-1883). Rangel Sobrinho, Fortunato Pinheiro e o "redator de *A Brasileira*" se unem para fazer outra conferência no Largo Saldanha Marinho poucos dias depois (FOLHA DO NORTE, 24-9-1883)[86]. O fato de anunciarem o local preciso da reunião demonstra uma mudança na atitude perante a sociedade. Desta vez, diferentemente dos anos anteriores, a exposição do local indica que havia – ou ao menos esperava-se – uma recepção mais "calorosa" da causa republicana. A sequencia de *meeting*s convocada por Fortunato Pinheiro e Rangel Sobrinho, com auxílio da *Folha do Norte*, parecia estar dando certo, pois um mês depois Fortunato impediu um *meeting* na Matriz de Afogados após ter sido ameaçado pela polícia (FOLHA DO NORTE, 16-10-1883). Depois procura a redação da

[86] Em vários momentos a Folha d*O Norte* diz que as conferências de Fortunato tinham muita gente (1-10-1883; 7-10-1883), mas é bastante difícil de verificar a veracidade dessa informação.

*Folha* para denunciar um indivíduo que o atacou com uma faca (FOLHA D*O NORTE*, 10-11-1883).

Outra tentativa partiu do membro do Apostolado que estava residindo em Recife, Francisco Lacerda Werneck, para que todos que quisessem formar um núcleo republicano positivista religioso fossem a sua casa – Rua das Hortas, nº 9, 1º andar - todas as quartas-feiras às 18h30 (FOLHA DO NORTE, 16-9-1883). O Gabinete Português de Leitura, que a este ponto já havia se tornado um locus republicano dos positivistas, abrigou sua primeira conferência em Pernambuco (FOLHA DO NORTE, 2-9-1883). Lacerda Werneck e o gaúcho Argemiro Galvão produziram um panfleto intitulado *"A incorporação do proletário escravo"* para serem distribuídos na mesma noite (FOLHA DO NORTE, 7-9-1883). Mas, ao contrário do que era de se esperar, a relação entre os positivistas pernambucanos e Francisco Lacerda Werneck foi tudo, menos amigável.

Pelo tom da discussão que se instaurou entre a redação do jornal e Werneck, este através do *Jornal do Recife*, é perceptível a briga de "jurisdição" (digamos assim) sobre a liderança positivista local. Para o grupo de Martins Júnior, a presença de Werneck naqueles que eram considerados seus espaços de atuação, era percebida como uma intromissão do Apostolado nos assuntos locais. Francisco Lacerda, por sua vez, rebatia dizendo que Martins Júnior não era um "verdadeiro" positivista por não ter abraçado sinceramente a Religião da Humanidade. Ao que José Isidoro responde "O Sr. Werneck não reparou em que me provocando agora para ela, deu a entender que é impelido, incitado, por um certo grupo a me atacar, a me fazer guerra? Pobre Sr. Lacerda!" (FOLHA DO NORTE, 25-9-1883). A querela entre o grupo pernambucano e Werneck se estende ao longo do ano de 1883, e as acusações começam a indicar que Lacerda estava sendo manipulado pelos liberais. Os artigos passam a ridicularizá-lo abertamente:

> Ele tem sede de exibir-se e para isso não indaga dos meios; lança mão do escândalo e da palhaçada. Está no seu papel. [...] Tu não podes ser propagandista porque não podes explicar qualquer ponto científico sobre que te arguam [...] no artigo publicado no Jornal do Recife tu ainda persiste em personificar em ti o positivismo. Louca pretensão tua! [...] Estás louco? Não te enxergas? (FOLHA DO NORTE, 27-9-1883).

Numa ininterrupta série de réplicas e tréplicas, o grupo de Martins Júnior continua com o argumento de que Lacerda estava sendo manipulado para diminuírem o prestígio que eles haviam ganhado. E continuam.

> Oh grande ortodoxo, quanto estás enganado, com isto não fizeste mais do que mostrares que na qualidade de conferencieiro estulto estás ao serviço de meia dúzia de tipões que a custa alheia procuram atassalhar a honra alheia. Ninguém está disposto a discutir contigo, sabes? [...] Adeus, casto dos castos, até outro dia (FOLHA DO NORTE, 28-9-1883).

Ainda mais evidente do embate entre Apostolado e a liderança do Recife está no artigo cujo título autoexplicativo "O Positivismo *ou* Recife", o articulista o ataca "[...] na verdade falo-te com toda sinceridade de um amigo que compadece-se da triste figura que representas, esbravejando em nome de uma teoria que adulteras com a tua ignorância crassa e pedantismo tolo, contra os que não a querem aceitar" (FOLHA D*O NORTE,* 13-10-1883).

O meio agitado do ano de 1883 era o momento preciso para sair da sombra liberal. Ao que parece, a ameaça de um partido concorrente fez os liberais se aproximarem ainda mais dos republicanos. Talvez fosse apenas muito otimismo, mas custo a acreditar que fosse apenas isso. Naquele ano o tom do discurso dos republicanos engrossou, passando a atacar mais diretamente. Sua participação da imprensa chega ao auge, com preço acessível. O número de conferências aumenta. A quantidade de livros e opúsculos fica cada vez mais frequente. As reuniões deixam de ser secretas e passam a ter dia, local e hora estampados. O tema do positivismo ganha mais fama, através de conferências sequenciais no Gabinete Português de Leitura, como a de Vicente do Espírito Santo (FOLHA DO NORTE, 29-9-1883) e a de Martins Júnior, cujo depoimento de Fortunato Pinheiro demonstra uma tentativa de popularizar a imagem do chefe republicano, ao dizer que "ao descer o sincero e patriota republicano da tribuna, foi tão estrepitosamente aplaudido que chegou a abafar-se a voz da música que perdia-se no espaço, em vista do delirante entusiasmo de um povo que admirava a inteligência do poeta mais simpático de nossos dias" (O REBATE, 22-8-1883).

Neste mesmo ano, Martins Júnior consegue o título de bacharel e recebe uma carta de parabéns dos alunos secundaristas do colégio São José, além de uma procissão estudantil até sua casa (FOLHA DO NORTE, 14-11-1883), Isidoro ao agradecer as felicitações cita os alunos, redações de jornais, tipógrafos, amigos da Academia e operários (FOLHA DO NORTE, 15-11-1883). É possível, portanto, que se pode considerar que foi Joaquim Nabuco e José Mariano que buscaram os republicanos, não o inverso? Fortunato Pinheiro, por volta de março de 1884, declara que "O democrata deputado tem-se ocupado largamente com o humilde redator do *Rebate*, alegando ser ele republicano e atacar a realeza e as primeiras autoridades da Província" (O REBATE, 10-3-1884).

Aliás, quando se trata da relação entre Nabuco e os republicanos, devemos considerar a diferença entre a relação dele com os republicanos fora e dentro de Pernambuco. Pois, como tentarei mostrar ao longo dessa dissertação, apesar de não estar de acordo com as propostas positivistas, Joaquim Nabuco estabeleceu uma ligação bem mais próxima com os estes – através da SPCE – principalmente em Pernambuco, mas manteve-se contrário aos republicanos do sudeste do país (ALONSO, 2015, p.196-7). Porque a relação entre Nabuco e os republicanos variava de acordo com as províncias? Aliás, sendo bem específica, porque Nabuco se relacionava de maneira diferente – chegando mesmo a ter sua campanha de 1884 prefaciada por Aníbal Falcão – com os positivistas de Pernambuco?

Ângela Alonso aponta como resposta para essa indagação a aproximação entre o ideal do Ditador Positivista com a figura de Dom Pedro II, o que levaria a uma associação entre eles (ALONSO, 2002). Quando o Imperador nomeou Cotegipe, os positivistas consideravam que "ele perdia uma chance histórica de ser um déspota reformador, como os ditadores romanos – Nabuco secundou os positivistas abolicionistas que ansiavam por um executivo forte e modernizador" (ALONSO, 2015, p.290), como se vê a associação entre Dom Pedro II e o positivismo desde o jornal *O Diabo a Quatro*, mostrado abaixo. A aproximação ideológica entre Nabuco e os positivistas é uma das teses da autora desde 2002. Marc Hoffnagel alega que, por Nabuco e Mariano serem párias dentro do Partido Liberal, buscaram apoio nos republicanos (HOFFNAGEL, 2005). Reforço ambas as argumentações, mas também considero que manter-se aliado aos republicanos positivistas em Pernambuco era uma forma de controlar sua expansão e "canalizar" uma parcela do eleitorado a seu favor. Não há inocentes na política, os republicanos também lucravam em se associarem ao "grande" Nabuco, principalmente no que dizia respeito à influência na Corte e na mídia internacional, algo bastante interessante para um grupo que era numericamente minoritário.

**Figura 11 - Dom Pedro II entre livros positivistas (1876)**
Fonte: O *Diabo a Quatro*, 23 de julho de 1876.

Dentro da FDR o clima também estava pegando fogo. Os jovens que se consideravam 'adiantados' circulavam em torno de Tobias Barreto, mais como uma forma de identificação de grupo que realmente de afinidade ideológica. Do lado contrário, seus 'arqui-inimigos' eram 'partidários' do professor Seabra, reconhecido como um dos mais ferrenhos conservadores da época. Ao ser constantemente atacado na imprensa por um estudante da academia partidário de Seabra, Phaelante da Câmara parte para a agressão física contra o rapaz. Com a briga separada, Phaelante vem à *Folha* desabafar sobre a constante perseguição:

> [agradeço à] Eusébio, distinto estudante do segundo ano, que me pediu para não motivar um barulho, Alfredo Pinto, Claudino dos Santos, Mariano de Medeiros, João Romão, Lyndolfo Campello, [César] Breckenfeld, Martins Júnior e outros bons amigos que se empenharam fortemente para eu não enxovar-lhe a cara (...) ao bugre, ao leproso, ao animalejo, eu não direi mais nada, nem lhe arrancarei mesmo os chavelhos e deixá-lo-ei berrar (FOLHA DO NORTE, 30-8-1883).

O clima de rivalidade entre os dois grupos explodiu durante a eleição do representante da casa para a comemoração do 28 de Setembro entre Felinto Bastos (Seabra) e Martins Júnior (Tobias). A eleição foi fraudada (diz-se) e os amigos de Martins Júnior levaram a urna

aos gritos pelas ruas anexas à FDR até a república dos alunos maranhenses, onde redigiram um protesto e estamparam nos jornais. Graça Aranha relembra que "nós, os avançados, o detestávamos e ele não nos poupava" (ARANHA, 1931, p.157). Estes rapazes, membros também do Clube Republicano Acadêmico, já teriam anunciado que estavam se organizando para formar o Centro Republicano de Pernambuco (FOLHA DO NORTE, 2-9-1883). O arranca-rabo entre Seabra e os redatores da *Folha* se estende indefinidamente. Somente no ano de 1884, Martins Júnior, Francisco Campello e Phaelante da Câmara foram denunciados 3 vezes à diretoria da FDR pelo próprio Seabra (FOLHA DO NORTE, 4-3-1884). Martins Júnior, nas poucas vezes em que é possível senti-lo furioso, rebate publicamente: "Responde, ou não responde, Sr. Dr.? [o motivo das denúncias] O público está ansioso pela história dos últimos cinco anos acadêmicos! Diga ao menos que não responde, Sr. Dr.! Diga que não desce! Vamos! E dê a quarta queixa à Congregação" (FOLHA DO NORTE, 4-3-1884). Quando o professor os chama de "pasquineiros", eles rebatem:

> [...] a *Folha do Norte* republicana num país monárquico, abolicionista numa província quase escravocrata, pura no meio da lama em que vive; séria, justa e honesta, não desce a justificar-se tomando a sério o insulto que lhe foi dirigido pelo Sr. Dr. Seabra, professor de todos os direitos (FOLHA D*O NORTE*, 7-12-1883).

Próximo à eleição de deputados provinciais, a *Folha d*o *Norte* muda novamente de formato, agora para expor os anúncios na primeira página. Além disso, passam a ser um jornal vespertino, justificando que "com a publicação da nossa folha à tarde daremos sempre jornal na segunda-feira e supriremos a falta de leitura nesse dia da semana, em que não costumam aparecer os outros jornais diários*"* (FOLHA D*O NORTE*, 24-9-1883). A lacuna jornalística e a exposição dos anúncios na primeira página se tornou uma estratégia de marketing tanto para angariar assinantes, mas também comerciantes dispostos a pagar por um espaço. Parece que a estratégia começou a dar certo. O número de anúncios aumentou e o preço avulso do exemplar caiu para \$40[87], um golpe certeiro contra o Jornal do Recife (\$60 a \$75) e o Diário de Pernambuco (\$320). O embate entre os republicanos e os liberais começa a tomar força, ainda que sutil como na conferência republicana marcada por Germano Hantofel no Teatro Santa Isabel em 10 de novembro de 1883, cujo tema era única indicava que "o partido liberal é uma utopia" (O REBATE, 10-11-1883).

[87] Havia vários outros jornais com esse preço circulando no Recife naquele ano. Entretanto, nenhum deles era diário e concorria diretamente com os dois maiores jornais da província citados.

Na proporção que cresce a propaganda republicana, também acompanha a abolicionista e escravista, com o surgimento de Clubes da Lavoura pela província (ALONSO, 2015, p.252). Um manifesto de 109 agricultores da cidade de Ipojuca, fundadores do Clube da Lavoura e liderados pelo futuro republicano, Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti, trás diversos elementos que podem ser analisados:

> [...]sob a pressão e ameaça dos abolicionistas **intransigentes** desta Capital, muitos dos quais não receiam dos meios mais reprovados para porem em prática os seus criminosos intentos contra a propriedade alheia. Assim é que de propósito se insinua aos escravos, que não devem mais trabalhar aos seus senhores por estarem libertos, acontecendo que muitos destes infelizes se têm apresentado às sociedades emancipadoras e os diversos advogados desta Capital, como consta pelos jornais, exigindo-lhes as suas cartas de emancipação [...] escravos fugidos das fazendas para aí correm, contando com a proteção dos **abolicionistas exaltados**, que os acoitam e escondem. Os que são reclamados pelos senhores são protegidos e animados em sua revolta por **homens exaltados**, quase todos desconhecidos e sem responsabilidade, que se opõem a volta dos mesmos escravos para as fazendas, incitando e amotinando o povo ignaro das ruas, os vadios e os próprios escravos [...] toda vigilância e fiscalização pela polícia do porto do Recife, a fim de não embarcarem para fora da província escravos subtraídos a seus senhores" (APEJE, Série de documentos Avulsos, 17-04-1883, negrito meu)[88].

Como se vê, era recorrente a adjetivação de 'intransigente', 'exaltados' como forma de taxar aqueles que não seguiam as leis emancipatórias, como a de 28 de setembro de 1871. Esses adjetivos, apesar de não serem exclusivos aos republicanos, acabam por indicar de maneira indireta certas pessoas envolvidas com a *underground railroad*[89] estabelecida entre João Ramos e os cearenses desde 1881. Um dos casos, por exemplo, é da parda chamada Maria que procurou por João Ramos, da Nova Emancipadora, no Porto do Recife. Lá, conversando com o presidente da associação, interviu a pedido de uma escrava do Coronel Sebastiano Alves, que queria ser remetida para o Ceará, junto com outra moça. Ramos pediu-lhes 10$000 cada para os pagamentos de embarque, e provável suborno de autoridades, para que pudesse embarca-las. Entretanto, quando chegou o dinheiro em forma de joias, Ramos recusou-se a dar continuidade com o processo, pois foi informado que as duas escravas haviam roubado aqueles pertences para pagar suas viagens. Maria então pagou pelas escravas e devolveu as joias à preta Olancia, pertencente a uma dona na Rua dos Pires, que havia penhorado para as fugitivas. Maria, entretanto, foi presa acusada do roubo, mas as duas moças

[88] Abaixo-assinado de proprietários de escravos do município de Ipojuca, comarca do Cabo, solicitando providências ao Presidente da Província de Pernambuco no sentido de obstar a ação dos abolicionistas do Recife.
[89] O termo é estabelecido na historiografia mundial como uma forma de estudar as rotas clandestinas de libertação de escravos. Optei por manter o termo.

já haviam desaparecido. João Ramos jurou perante a justiça de que não as tinha embarcado, e Maria o protegeu perante o juízo. Ambos saíram ilesos da acusação e as duas escravas nunca mais foram vistas (Correspondência de João Ramos. IAHGP, Fundo FIA, Cx.15.)[90]. O primeiro, reconhecido republicano e auxiliado por outros, tinha como ponto de encontro o Porto do Recife, local onde os escravos lhe procuravam para conseguirem fugir. Os assinantes, ao pedirem fiscalização e vigilância neste local, já indicam o conhecimento dos caminhos feitos pelos abolicionistas.

É neste mesmo período que, como vimos no capítulo 1, explode o número de periódicos circulantes em Pernambuco. Num momento de grande concorrência por público, tornar a *Folha do Norte* barata e acessível era uma jogada propagandística. O crescimento do grupo republicano – especialmente em termos de poder de propaganda e visibilidade – tornam-nos os principais alvos dos conservadores e um incômodo para os liberais. Aproveitando-se de um artigo de Lourenço de Sá publicado no *Jornal do Recife* (JORNAL DO RECIFE, 18-9-1883) em que afirma ainda persistirem as querelas entre leões e cachorros no Partido Liberal, a *Folha do Norte* rebate "em face deste inesperado aspecto da política provincial, o que pensará a consciência coletiva?" (FOLHA D*O NORTE*, 22-9-1883). Plenamente conscientes do seu crescimento, a *Folha* chega ao final do ano de 1883 direcionando-se aos monarquistas:

> [...] os monarquistas têm medo. Eles sabem, reconheceram já hoje, que a formação entre nós de um forte partido republicano é uma coisa fatal, que vai suceder de um dia para o outro. Veem também os conservadores e liberais que os elementos da vida do futuro partido vão aparecendo, prometedores e fecundos, nos indivíduos que foram desiludidos por eles e que se sentem capazes de trabalhar por si e de crer no futuro da pátria... e acautelam-se procurando chamar a si os refratários do meio [...] [os republicanos] esperam apenas que uma voz enérgica e atroadora chame à postos os republicanos de Pernambuco. E talvez que essa voz se faça ouvir dentro em pouco. (FOLHA D*O NORTE*, 27-11-1883).

O ano de 1883 foi um ponto de virada na visibilidade dos republicanos. Numericamente pequenos, utilizaram de uma antiga estratégia política: tornaram seus jornais baratos, com inúmeras notícias e informações cotidianas, desta forma ganhando uma parcela considerável de leitores. Estiveram na liderança de quase todas as grandes associações abolicionistas, mantiveram-se próximos das entidades da classe comercial, artística e estudantis e promoveram junto a esses inúmeros espetáculos e conferências. Mais do que lutar por novas adesões, estiveram preocupados em solidificarem sua presença na propaganda política,

[90] Autos de processo, 25 de junho de 1884. *Autoamento de João Ramos e da parda Maria de propriedade de Agostinho Santos sobre o roubo praticado por escravas de Coronel Sebastiano Alves*.

buscaram dar mais fama aos seus líderes e estabelecer alianças proveitosas. As consequências dessas estratégias ressoam nos embates que passam a existir no final de 1883, mas tomam proporções agressivas em 1884.

### 4.2. 1884 - Os bastidores da campanha abolicionista

Logo no início de janeiro, a *Folha do Norte* anunciou a criação da coluna "Aos nossos industriais" com visitação às fábricas da província. As fábricas passam a tomar conta da primeira página do jornal, como a Fábrica Apolo (FOLHA DO NORTE, 12-01-1884), demonstrando uma associação com a classe que perduraria durante anos. A propaganda passa a espalhar-se pelo interior. Claudino dos Santos, Alfredo Pinto e Phaelante da Câmara iniciam conferências na Zona da Mata, especialmente em Caruaru, versando sobre abolicionismo, educação e movimento literário (FOLHA DO NORTE, 19-01-1884). É a partir de março de 1884, com a notícia da libertação do Ceará, que o clima político em Pernambuco de fato começa a pender para uma radicalização republicana. Pereira da Costa, que reuniu todos os artigos sobre a data comemorativa no seu "Pernambuco ao Ceará", relembra que folhetos eram distribuídos com as siglas C e L (Ceará Livre) e que "esses detalhes podem parecer de pouca importância, mas o simbolismo do C e do L nos lembravam o lema 'independência ou morte' dos nossos antepassados nas lutas por nossa emancipação política" (COSTA apud CASTILHO, 2011, p.4).

Quando o Ceará tornou-se livre da escravidão, o movimento abolicionista em Pernambuco redobrou de intensidade. Assim que a notícia da libertação chegou, uma comissão formada pela Nova Emancipadora foi escolhida para liderar os festejos que aconteceriam na capital. Essa comissão, formada por alguns republicanos – Juvino César Paes Barreto, João Ramos, Elpídio de Vasconcelos – contou com a ajuda da *Folha do Norte* com uma subscrição em sua redação (FOLHA DO NORTE, 13-3-1884). O Clube Literário Caruaruense elegeu os republicanos Phaelante da Câmara, Alfredo Pinto e Claudino dos Santos para serem seus representantes no festejo; já o Clube Literário Vitoriense elege Martins Júnior. No dia da comemoração houve passeata com mais de 1000 pessoas e uma conferência no Teatro de Santa Isabel com mais de 2500, atentas ao discurso de José Mariano (FOLHA DO NORTE, 26-3-1884). O sucesso do número comemorativo do 25 de março da *Folha* esgota todos os exemplares disponíveis na cidade, obrigando os editores a recompra de alguns a $100 (preço original $40).

Em 1884 as tensões pela abolição tornaram as candidaturas de Joaquim Nabuco e José Mariano a mais famosa de todas as eleições imperiais em Pernambuco. De acordo com Marc Hoffnagel, o Partido Liberal nunca apoiou seus dois dissidentes, mas toleravam suas candidaturas pela necessidade de manter a rixa entre cachorros e leões sob controle (HOFFNAGEL, 1988, p.201). Além disso, a pauta da escravidão não foi uma constante na trajetória de José Mariano. Em sua eleição de 1881, seus discursos versavam sobre a modernização do Porto do Recife, sem nunca ter tocado no assunto da abolição (CASTILHO, 2008, p. 49). Seu discurso antiescravista só se tornou forte a partir de 1884. A quem restou, então, a mobilização pela candidatura abolicionista de 1884? Nabuco, em suas memórias, cita inúmeros republicanos e alguns liberais que foram responsáveis pela sua vitória, junto com Mariano: Antônio Carlos Ferreira da Silva, Barros Sobrinho, João Ramos, Manoel Gomes de Matos, Numa Pompílio, João de Oliveira, Martins Júnior, Aníbal Falcão, Souza Pinto, entre outros (NABUCO, 1900, p.159). Ângela Alonso chama Aníbal Falcão de "cabo eleitoral de Nabuco" (2015, p.272). Aquino Fonseca, membro da União Federal do Rio de Janeiro, escreveu uma carta para José Isidoro Martins Júnior através do jornal gaúcho *A Federação* em 1885, implorando para que ele se candidate no Recife e não permita que Joaquim Nabuco e José Mariano ganhem, novamente, com o voto dos republicanos:

> Estou informado que na Capital, como em outros pontos do território pernambucano, tem a causa republicana muitos amigos sinceros, os quais, iludidos pelos chefes do partido [liberal], tomam até o nome de liberais-republicanos (!!!) [...] [José Mariano] é um reconhecido – e sempre acossado – inimigo do trono e do altar. (A FEDERAÇÃO, 15-12-1885).

A estreita ligação entre a presença republicana e a eleição de Joaquim Nabuco em 1884 se manifestou na escolha de Aníbal Falcão para prefaciar *A Campanha Abolicionista no Recife*, lançado pelo primeiro em pleno período de 'caça as bruxas' de Cotegipe. Aníbal considera a campanha de 1884 como uma união de forças políticas bastante distintas:

> Com efeito, eles [o povo] é que realizaram essa difícil operação de congregar em torno da candidatura do ilustre orador, todos os abolicionistas, liberais, conservadores e republicanos, unindo-os na mesma aspiração e disciplinando-lhes os esforços. A Comissão Central Emancipadora, presidida por um conservador e, em sua maioria composta de republicanos, foi, a par do diretório liberal do Recife, recentemente organizado, o mais poderoso núcleo de adesões à candidatura de Nabuco. (FALCÃO apud NABUCO, 1988 [1885], p.XI).

O Conde Prozor, ministro da Rússia no Brasil, deixou um relato sobre a intensa campanha de Joaquim Nabuco no ano de 1884, admitindo que seus seguidores eram autoproclamados positivistas.

> No momento, ele estava cercado dos seus partidários, jovens vibrantes de ardor concentrados, velhos doutrinários emocionados e hirsutos, de olhos flamejantes, e resolutos de palavra abundante e precisa, de gesto sóbrio, de modos decididos, todos mais ou menos adeptos de Comte e trazendo às vezes o nome do calendário positivista, substituídos aos próprios pela facilidade concebida pelos hábitos e pela lei brasileira. Um deles, farmacêutico de profissão, lembrou-me que se chamava Numa Pompílio. (PROZOR apud RIBEIRO, 2012, p.72).

De acordo com Celso Castilho (2008, p.147) é notória a importância de grupos republicanos (ele se expressa no plural, entretanto não explica) e da Ave Libertas na condução do movimento republicano a partir de então.

Em julho de 1884 surgem no Recife duas federações abolicionistas, curiosamente lideradas por republicanos. A Central Emancipadora de Pernambuco, formada majoritariamente pelo círculo comum a Isidoro Martins Júnior, e a Comissão Redentora do Município do Recife, liderada por Manoel Gomes de Matos e João Ramos, dois republicanos assumidos, ligados à classe comercial e virtualmente mais próximos da influência de José Mariano Carneiro da Cunha. Entretanto, quando analisada a Tabela 8 percebem-se como os membros de uma eram encontrados na outra, o que reforça ainda mais a percepção de que a rede de sociabilidade dos republicanos não permite diferenciar grupos separados, mas uma atuação conjunta, não necessariamente em concordância entre si. Um desses exemplos está na rixa que se formou entre João Ramos e Manoel Gomes de Matos. O último, acusando Ramos de colaborar com o "roubo" de escravos para o Ceará, leva-o a abandonar (oficialmente) a luta abolicionista (CASTILHO, 2008, p. 153).

| Cargo | Comissão Central Emancipadora | | Comissão Redentora do Município do Recife | |
|---|---|---|---|---|
| | Nome | Sociedade | Nome | Sociedade |
| Presidente | Manoel Gomes de Matos | Nova Emancipadora | Manoel Gomes de Matos | Nova Emancipadora |
| Vice-Presidente | Antônio Joaquim de Barros Sobrinho | Club Abolicionista | João Barbalho Uchôa Cavalcanti | Sociedade dos Cativos |
| 2º Vice-presidente | João Barbalho Uchôa Cavalcanti[91] | Sociedade dos Cativos | | |
| 1º Secretário | José Camilo Linhares de Albuquerque | Emancipadora Goianiense | João de Oliveira | Club Abolicionista |
| 2º Secretário | Juvino César Paes Barreto[92] | Nova Emancipadora | Antônio Joaquim de Barros Sobrinho | Club Abolicionista |
| Tesoureiro | José Afonso de Araújo[93] | União Abolicionista Comercial | Antônio Carlos Ferreira da Silva | Nova Emancipadora |

**Tabela 11 - Federações Abolicionistas em Pernambuco (1884)**
Fonte: CASTILHO, 2008, p.151
Legenda: Pessoas destacadas em cinza estão no perfil do movimento republicano presente no Anexo 1 desta dissertação.

Mais interessante ainda é notar que, além dos membros acima citados por Celso Castilho, a Central Emancipadora tem 12 conselheiros, dois quais figuram José Isidoro Martins Júnior, Antônio Souza Pinto, João Capistrano Bandeira de Melo, José Vicente Meira de Vasconcelos, entre outros (FOLHA DO NORTE, 2-7-1884) além dos destacados na tabela, pertencem ao perfil do Anexo 1. Estou de acordo, portanto, com Celso Castilho quando este afirma que a partir de 1884 o movimento abolicionista é reforçado por uma presença marcante de republicanos e mulheres (muitas vezes mulheres republicanas) e isto trás um caráter mais "radical" ao clima político em Pernambuco (CASTILHO, 2008, p.147), que irá refletir sobremaneira na eleição de Nabuco e Mariano no final do ano de 1884. Como deixou bem

[91] João Barbalho Uchôa Cavalcanti era, oficialmente, ligado ao partido conservador. Entretanto, assim como Mariano e Nabuco eram tidos como "párias" dentro do Partido Liberal, João Barbalho era outro "pária" dentro do Partido Conservador. Analisando-se a participação de conservadores assumidos na luta abolicionista na província, Barbalho é uma voz dissonante. Pode estar relacionada a isso sua posição de diretor da Instrução Pública de Pernambuco desde 1871. João Barbalho é reconhecido por ter introduzido na província o ensino de cadeiras masculinas por mulheres, ter incentivado o ensino misto, a importância da mulher para a educação e autorizar aulas para libertos. Como José Isidoro Martins Júnior fazia parte da Sociedade Propagadora da Instrução Pública na mesma época, assim como diversas professoras públicas terem participado dos movimentos abolicionistas e republicanos (veja-se o caso de Maria Amélia de Queiroz, por exemplo), não é absurdo encontrá-lo, portanto, nos círculos próximos aos republicanos neste período. (HAHNER, 2011. BRAGA, 2013).

[92] Apesar de Juvino César não ser encontrado em clubes republicanos, seus familiares estavam em peso nas diversas organizações republicanas na província. Apesar de não constar na listagem final do Anexo 1, por uma questão de critérios estabelecidos para tal, sua atuação encontra-se muito próxima dos círculos republicanos em função da sua família.

[93] A primeira referência que se tem sobre José Affonso de Araújo data da sua participação na Nova Emancipadora na época em que João Ramos era presidente (1880-1882), mas é inconclusivo saber sua posição política até o presente momento.

claro o jornal *O Latego*, a posição republicana era definida pelo abolicionismo nesta época, "somos republicanos intransigentes, somos abolicionistas" (NASCIMENTO, 1972, p.185)[94].

Surgem também por essa época três sociedades abolicionistas que têm um caráter republicano expressivo, duas das quais abertamente republicanas, são elas: Clube Ceará Livre e Clube Martins Júnior (CASTILHO, 2008, p.156) e a Emancipadora Pernambucana, essa mais discreta (ALONSO, 2015). O Clube Ceará Livre, sendo um dos únicos clubes mistos ao lado do Clube do Cupim (também com forte presença republicana, ver Anexo 3) e da Nova Emancipadora, permitia a presença feminina nas suas fileiras. Já o Clube Martins Júnior, além de mulheres, permitiu a entrada de escravos, mediante ensino obrigatório nas aulas ministradas pelo clube, eles teriam prioridade de alforria e, se liberto, poderia continuar no clube somente com pagamento da mensalidade, como qualquer outro membro.

A associação entre abolicionismo e república ficou evidente para o Clube Ceará Livre quando, próximo às comemorações do 28 de setembro de 1884, eles se recusam a festejar junto com as outras associações e antecipam a comemoração para 20 de setembro, em memória da Revolução Farroupilha. A associação permaneceu. Em um jantar congregado entre republicanos do Norte e do Sul do Brasil marcado para esse dia em 1886 – dois anos depois -, indicam uma sequencia de informações (A FEDERAÇÃO, 12-10-1886): a existência de uma relação direta entre Pernambuco e Rio Grande do Sul; uma associação positivista interprovincial; um abolicionismo republicano e simultaneamente positivista; uma corrente paralela e relativamente independente do movimento republicano e abolicionista que não seguia as diretrizes do Rio de Janeiro, etc.

O ano de 1884 foi de grande movimentação política tanto dentro da província quanto fora dela. Aníbal Falcão começou uma excursão pelas províncias amigas, especialmente aquelas em que havia algum núcleo positivista, como Confrade do Apostolado sob orientação de Miguel Lemos (RIBEIRO, 2012, p.123). Em 4 de março de 1884 aportou em Porto Alegre para uma visita política ao grupo de Júlio de Castilhos, de quem era íntimo correligionário. Assim que chegou meteu-se numa polêmica em defesa dos índios Botocudos contra o jornal conservador *Gazeta de Porto Alegre*. O Rio Grande do Sul debatia se era justo ou não a

[94] A associação tão intrincada entre republicanismo e abolicionismo tornou o primeiro movimento bastante falado durante o ano de 1884. É interessante notar, por exemplo, que o jornal *A Soberania*, do Partido Conservador, exclamou que "somos conservadores, mas não deserdamos da falange do progresso!" (NASCIMENTO, 1972, P.191).

perseguição aos nativos de forma a utilizarem suas terras para o progresso, ao que Aníbal responde:

> Mas o que determinou a repulsão que hoje inspiramos aos indígenas? A nossa ferocidade. [...] porque os índios – é preciso dizê-lo com toda esta redundância – não são cruéis por crueldade; ao contrário, o seu excelente natural foi proclamado pelos primeiros colonos europeus. Nem cabe a distinção que a Gazeta faz, julgando mais ferozes os Botocudos. Se eles se mostram hoje mais encarniçados, é que eles foram exatamente os que mais sofreram da brutalidade destruidora dos ocidentais [...] A lei permite que assim se proceda com cidadãos brasileiros? Porque os índios são cidadãos brasileiros. (A FEDERAÇÃO, 31-3-1884)

A visão paternalista, muito característica do positivismo, colocava Aníbal Falcão como ferrenho defensor da liberdade indígena. O leitor pode até se animar em achar que estamos diante de um precursor dos direitos indígenas no Brasil, mas vamos com calma. Para ele, assim como para todos os positivistas em geral, os indígenas estão em um nível evolutivo bem abaixo do homem branco, o chamado fetichismo. Nesse estágio, o ser humano está ligado a crenças "imaturas" da natureza e, portanto, deve ser "guiado" por alguém mais ilustrado, ou seja, ele mesmo. Há grande avanço ao considerar que "dentro da ideia de Pátria, os indígenas aparecem como formadores da nacionalidade e como empiricamente confederados, sendo reivindicado para eles um tratamento diferenciado" (LEITE, 1987, p.259), mas esse tratamento diferenciado é, em última instância, tutela. Como afirma Jurandyr Leite "a proteção é vista fundamentalmente como a demarcação das terras e punição dos crimes praticados contra os índios" e elevá-los culturalmente não deveria ser pela força, mas "mostrando-se amigo, pacificamente, pela sedução da evolução e maravilhando-os pela força ocidental" (LEITE, 1987, p.267). A mesma visão tutelar e paternalista é direcionada ao escravo. Em artigo curiosamente intitulado "A mulher brasileira é escravocrata?", Aníbal sai em defesa do negro, supostamente tido como naturalmente violento.

> Pela estatística criminal chega-se facilmente ao conhecimento de que a cifra dos atentados, dos assassinatos bárbaros é relativamente muito inferior por parte dos pretos. E quando por ventura o mísero escravo acossado como um animal bravio, pratica um ato de desespero, a medicina legal se intervém é só para condená-lo à morte! Aquilo que no branco é considerado sintoma patológico de uma alucinação, no negro perde essa força em atenção a um mal entendido interesse pelo bem comum (FOLHA D*O NORTE*, 31-01-1884).

Ainda em Porto Alegre, Aníbal Falcão é convidado para escrever um opúsculo chamado de "Ensino Obrigatório" para ser debatido na Assembleia Provincial no intuito de converter em lei (A FEDERAÇÃO, 23-4-1884). E conclui sua estadia escrevendo o prefácio do livro

Opalas, de Fontoura Xavier (A FEDERAÇÃO, 4-11-1884). Em carta para Miguel Lemos, diz que encontrou cerca de 5 positivistas ortodoxos em Porto Alegre, dois quais Demétrio Ribeiro e analisa a população gaúcha quanto ao grau de inclinação para a doutrina.

> [...] Quanto ao espírito geral da população, o que tenho notado é, em primeiro lugar, a diminuição do ardor [militar]; em segundo lugar a incrível [perene situação política]. Nas outras províncias do Brasil não se pode imaginar o que é a política no Rio Grande do Sul. Todavia, estaria enganado quem supusesse que isso é devido a um forte sentimento social; ao contrário, convenço-me de que não é mais que a manifestação do espírito briguento desta população [...] Os republicanos [...] pouco a pouco vão estendendo por toda a província sua ação, modificarão o caráter [...] feroz desta política, por assim dizer, guerreira. (FALCÃO apud RIBEIRO, 2012, p.195).

No meio da campanha de 1884, é interpretado em todas as províncias do norte do Império e na Capital o drama abolicionista *Corja Opulenta*, de Joaquim Nunes. Não apenas a informação de que só foi interpretada no Norte e na Capital (sede do Apostolado) é extremamente curiosa, mas o fato de que seus dois personagens centrais Alice, uma escrava liberta pela lei de 1871, e Jorge, um homem pobre, justo e positivista, representarem simbolicamente duas forças atuantes que andavam de mãos dadas no processo: abolicionistas e positivistas em Pernambuco (ALONSO, 2015, p.141).

O clima de violência – especialmente a policial - se torna a principal pauta em Pernambuco e chegou a dominar a última assembleia provincial do Império (AMORIM, 1994, p.64). O presidente pede intervenção militar ao governo central contra os abolicionistas, jurado de morte. É também o período em que crescem as denúncias feitas por moradores contra a truculência policial na *Folha do Norte*. O Congresso Agrícola do Recife marcou sua segunda audiência desde 1878, também preocupados com a força dos abolicionistas (ALONSO, 2015, p.231-3). Neste ano é fundado o Clube do Cupim, organização secreta que visava acabar com a escravidão por todos os meios, e que foi uma das associações que mais abrigou republicanos. Seu objetivo era transportar escravos fugitivos para rotas de liberdade (*underground railroad*), especialmente em direção ao Ceará. Carneiro Vilella comenta que os locais escolhidos para 'hibernar' os 'ingleses' eram a casa de José Mariano, no Poço da Panela, as casas de Barros Sobrinho e Francisco de Paula Mafra, a casa de Leonor Porto e o Hotel Oriental (VILELLA, 1905, P.421-427), se sabe pelo relato do filho de Aníbal Falcão que a casa de dona Guilhermina Falcão e da sua filha Sylvia também serviam de esconderijo (FALCÃO, 1933, p. 22-3). Maria Letícia Xavier Sales afirma que participaram indiretamente Maciel Pinheiro, Martins Júnior, Phaelante da Câmara e Afonso Olindense (SALES, 1999, p.101-2).

O que posso concluir é que o Clube do Cupim foi um dos maiores redutos de republicanos no abolicionismo, quando cruzamos as informações do Anexo 1 com o Anexo 4. Mesmo não sendo listado no documento referente ao Anexo 4 (o que, por si só, já é um indicativo político de exclusão), Celso Castilho afirma que "Martins Júnior, for example, besides being an orator at the abolitionist *meeting*s also helped shelter slaves before they were shipped to Ceará and the Falcão family was also known to have collaborated with the Cupim, the radical abolitionist society in Recife[95]" (2008, p.225). No auge da sua atuação, que era quase inteiramente feita através de barcaças, foi registrado o maior índice de utilização deste transporte na província (EISENBERG, 1977, p.74). Manoel Gomes de Mattos deixou em suas memórias a estratégia dos cupins em fazer "movimento" para esconder o baixo número de adeptos ainda no início: "sendo ainda muito poucos, fazíamos movimento, de propósito, para parecermos muitos, pois sabíamos que se realmente soubessem quantos éramos, não nos levariam em conta; entretanto, devido essa ignorância e a audácia do Cupim, tinham medo de nós" (MATOS, AMGM, sem data[96]).

Por considerarem que a repartição de terra entre os escravos, apesar de justo, não teria garantias reais de mudança social, já que consideravam a reforma agrária sem reforma social algo meramente temporário – já que voltariam eventualmente ao controle do antigo senhor – os positivistas lutavam mais pelos direitos e garantias trabalhistas que pela divisão da terra. Nisso entravam em conflito com os liberais-democratas e os republicanos-liberais da província. Como firma Ângela Alonso (2015, p.272) "Muitos abolicionistas queriam repartir terra em 1884. Nem todos. Positivistas como Aníbal Falcão, cabo eleitoral de Nabuco naquele ano, julgavam que na sociedade moderna, industrial, urbana, mais valiam salário e direitos sociais para os ex-escravos que terra no campo".

O ano de 1884 é, indubitavelmente, o momento mais fervoroso da campanha abolicionista no Recife. Em meio à efervescência, a *Folha do Norte* colocou-se como fiscal dos periódicos monárquicos. Em março de 1884, declarou que "de hoje em diante, sempre que o Tempo der anúncios de escravos fugidos, e sempre que o Jornal [do Recife] e o Diário [de Pernambuco] distribuírem avulsos no mesmo sentido, a *Folha do Norte* denunciá-los-á ao

[95] "Martins Júnior, por exemplo, além de ter sido um orador nos meetings abolicionistas, também ajudou a abrigar escravos antes deles serem enviados para o Ceará, e a família Falcão também foi conhecida por ter colaborado com o Clube do Cupim, a sociedade abolicionista radical em Recife".

[96] Manoel Gomes de Mattos deixou uma memória da sua vida que encontra-se datilografada no seu arquivo pessoal no Arquivo Público Jordão Emerenciano, em Pernambuco. Não há numeração das páginas, nem referência do ano em que foi escrito.

público, noticiará o fato" (FOLHA DO NORTE, 10-3-1884). A promessa foi cumprida. Todos os dias, em uma coluna específica, a *Folha* denunciou a hipocrisia dos jornais que se diziam emancipacionistas, chegando mesmo a colocar em letras enormes e negritas (FOLHA DO NORTE, 13-4-1884). Além disso, iniciam a fiscalização da Assembleia Provincial diariamente, numa coluna que era exclusiva no jornalismo da época.

Antes mesmo da chapa Nabuco-Mariano estar pronta, o abolicionismo em Pernambuco já tinha um forte teor republicano. Como dito acima, a maior parte daqueles que estavam à frente da luta pelo fim da escravidão estava diretamente relacionado, também, aos espaços republicanos. Falar da campanha eleitoral de 1884, citando apenas os atores sob os refletores, é esquecer uma parte significativa dos bastidores desta eleição. De onde partiu a estrutura logística necessária para os famosíssimos *meeting*s de Nabuco?

Pelo Clube Ceará Livre, abolicionista e republicano, passou-se a convocar *meeting*s semanais a partir de abril de 1884. A primeira conferência foi de Martins Júnior no Teatro de Santa Isabel com quase 1500 pessoas (FOLHA DO NORTE, 28-4-1884). Fortunato Pinheiro, por sua vez, encabeça a antiga luta contra o monopólio das carnes verdes, convocando o povo para uma passeata-protesto em direção à Assembleia Provincial (FOLHA DO NORTE, 22-4-1884). A luta contra as péssimas condições da carne são antigas e os republicanos estiveram por anos contestando seu monopólio na cidade do Recife. O *Diabo a Quatro*,em 1876, já admitia que "a carne de que se alimenta a população desta cidade não é simplesmente má, é péssima, é detestável, é mortífera, como as bolas que a ilustríssima câmara atira aos caos vadios" (O DIABO A QUATRO, 9-4-1879).

No Gabinete Português de Leitura, Alfredo Falcão deu conferências abolicionistas com defesa da não-indenização, chamando a todas as sociedades (FOLHA DO NORTE, 9-5-1884). Já o Clube Martins Júnior também começa a promover matinées com peças teatrais abolicionistas (FOLHA DO NORTE, 4-6-1884). Na primeira matinée com público divulgado de 800 pessoas, Anísio de Abreu diz que "os verdadeiros revolucionários são os senhores agricultores e os nossos soi-disant estadistas, que são ignorantes e medrosos" (FOLHA DO NORTE, 16-6-1884). E também abriram uma coluna exclusiva para receber as denúncias de cidadãos, intitulada "barbaridades escravocratas" (FOLHA DO NORTE, 18-6-1884). No Rebate, uma dessas "barbaridade" chamou a atenção por indicar uma vigilância policial em favor de José Mariano:

> Acabamos de testemunhar aqui dentro da cidade do Recife, no meio de uma população que se diz civilizada, ser atacado o cidadão Joaquim Maximiano Pestana por um subdelegado de um desses recôncavos, e depois ser horrivelmente injuriado e preso pelo mesmo a ordem do Sr. Chefe de Polícia, pelo simples fato de estar lendo um folheto contra o deputado José Mariano. (O REBATE, 25-5-1884).

Nas inúmeras quermesses, conferências, porta-a-porta, estavam 'infiltradas' as lideranças republicanas. A Caixa Pedro Pereira, por exemplo, contava com Manoel Gomes de Matos, Manoel Coelho dos Reis, Phaelante da Câmara, Alfredo Pinto Vieira de Melo, Fernando de Castro, Barros Sobrinho, ao lado de senhoras como Leonor Porto e Amélia Beviláqua (FOLHA DO NORTE, 1-7-1884). Não quero, com tudo isso, dizer que o movimento abolicionista em Pernambuco era formado exclusivamente por republicanos, mas que aqueles que estavam a frente da organização desses eventos, aqueles que promoviam eram, em sua maioria, republicanos. Essa forte associação entre republicanismo e abolicionismo não era exclusiva de Pernambuco, mas se mostrou um traço característico bastante presente em todo o país (ALONSO, 2011, p.180). Aproveitar essa rede já estabelecida para servir de apoio à candidatura de Nabuco e Mariano era essencial para o êxito da chapa abolicionista. E, para isso, eles precisaram "engolir" a presença republicana.

Quando a chapa Nabuco-Mariano é lançada, os republicanos aderem imediatamente ao seu apoio, em junho de 1884. Apesar disto, não deixam de oficializarem a preferência para o eleitorado republicano no 2º distrito da capital na candidatura de Afonso de Albuquerque Melo que "apesar das divergências filosóficas que separam a *Folha do Norte* do candidato citado, não temos escrúpulo nenhum em recomendá-lo aos poucos eleitores republicanos da capital. E mesmo, em lugar de ter escrúpulos, julgamos fazer uma coisa de dever e de justiça" (FOLHA DO NORTE, 27-6-1884). Joaquim Nabuco, em suas memórias já ditas anteriormente, explicita a importância de liberais e republicanos para suas candidaturas. É espantoso, todavia, como o núcleo em torno de Martins Júnior que dará no Partido Republicano em 1888, aparece quase integralmente em seu relato:

> Quem conhecia, porém, Antônio Carlos Ferreira da Silva, então simples guarda-livros em uma casa do Recife, que no entanto fez todas as minhas eleições abolicionistas? A verdade é que era ele o espírito que movia tudo em meu favor; sem ele tudo teria corrido em outra direção... essa é a melhor prova de caráter espontâneo, natural, popular, das minhas eleições do Recife, o ter bastado para fazê-las um homem como ele, sincero, dedicado, inteligente, leal, hábil, todo coração e entusiasmo sob uma máscara de frieza e misantropia, mas sem posição, sem fortuna, sem status político, sem ligação de partido, simples abolicionista, nunca aparecendo em público e, além do mais, republicano fervoroso [...] Não esqueço ninguém, nenhum dos

> chefes e centuriões liberais. Costa Ribeiro, João Teixeira, Barros Rego, o Silva da Madalena, Faustino de Brito, os Rochas do Peres: seria preciso citar cem, duzentos... Nenhum também desse grupo de abolicionistas que me recebeu com Antônio Carlos: Barros Sobrinho, João Ramos, Gomes de Matos, João Barbalho, Numa Pompílio, João de Oliveira, Martins Júnior, todos eles; não esqueço os brilhantes artigos de tantos jornalistas distintos, sobretudo Maciel Pinheiro, o amigo de Castro Alves, austero, rutilante, genial, figura que lembra o traço velazquiano, ao mesmo tempo sombrio e luminoso. E são esses somente os primeiros nomes que me vieram à pena. Outros, muitos outros, são igualmente presentes ao meu espírito como Aníbal Falcão e Souza Pinto, então os chefes intelectuais da mocidade... (NABUCO, 2004 [1900], p.158-9)

A estratégia da *Folha* de diminuir o preço e garantir a circulação nas segundas deve ter começado a incomodar a imprensa monarquista. Mais ou menos quando as candidaturas estavam lançadas em julho de 1884, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Recife* reduzem o valor do seu avulso e *O Tempo* – jornal conservador que fazia oposição direta à *Folha* – igualou-se ao baratíssimo $40 (FOLHA DO NORTE, 04-7-1884).

O movimento abolicionista em Pernambuco em 1884 cresceu a ponto de forçar os escravocratas a fazerem um novo Congresso Agrícola, inexistente desde 1878. Na primeira reunião, a pauta girava em torno da Lei do Ventre Livre, dos insumos para a lavoura e a retórica da crise econômica que gerava um ranço regionalista contra o governo. Nesta, os republicanos estiveram praticamente alheios. Entretanto, em 1884, a pauta do Congresso era uma só: controlar os abolicionistas. O movimento andava saindo do controle a ponto de exigirem do governo providências contra os "ataques" e disposição para pegarem em armas contra os transgressores (ALONSO, 2015, p.233). Por mais irônico que pareça, foi durante as duras palavras de exigência do "controle social" que apareceram republicanos no meio do congresso, contra-argumentando. Se em 1878 aqueles jovens rapazes passaram desapercebidos, em 1884 a coisa não foi bem assim.

Marcado o Congresso Agrícola de 1884, Martins Júnior conseguiu um espaço como representante da *Folha do Norte*. Ao lado dele também estiveram presentes os republicanos Phaelante da Câmara, Alfredo Falcão, Carlos Falcão, Antônio de Souza Pinto, Fortunato Pinheiro e Manoel Gomes de Mattos (este último era o único que não se declarava positivista). Este acusou os congressistas de não buscarem nenhuma medida legal para acabar com a escravidão. José Maria defendeu os abolicionistas ao colocar a culpa da agitação dos escravos nos senhores, pediu abolição imediata e considerou a indenização uma verdadeira utopia (EISENBERG, 1977, p.186). Dirigindo-se à mesa do congresso, Martins discursou "Senhores do comércio e senhores da agricultura. No projeto de representação que

confeccionei e remeti à Mesa, pede-se um golpe decisivo na instituição do cativeiro. Peço eu sob a minha responsabilidade e sob a responsabilidade das minhas ideias" (MARTINS JÚNIOR apud OLIVEIRA, AMJ[97], 1960, sem página). Durante a fala de Martins Júnior, "extraordinariamente interrompido e insultado", foi apresentada as 'Bases para um projeto de representação às câmaras', cujo programa incluía: 1) votação imediata da Abolição sem indenização; 2) liberto deveria ser adstrito ao solo por curto espaço, como servidão de gleba; 3) Igual adstrição à cidade; 4) Garantia de leis de repressão à vagabundagem, obrigatoriedade geral do trabalho, colônias militares e imigração; 5) discussão sobre a distribuição de verba aos proprietários rurais para organização do trabalho (FOLHA DO NORTE, 18-07-1884).

Como se pode ver, a proposta lida por Martins Júnior não se distanciava do projeto maior positivista de organização do trabalho, já indicado no capítulo 1 desta dissertação. Para o leitor do século XXI, tais propostas demonstram notório autoritarismo para com o liberto, mas a fala de Isidoro causou um alvoroço incontrolável no Congresso Agrícola. O estado de anarquia durou tanto tempo que as falas de Antônio Souza Pinto e do Barão de Serinhaém foram impedidas. Até mesmo José Maria de Albuquerque Melo, que nessa época já havia rompido publicamente com a nova geração republicana, participou da defesa de Martins, ao lado de Phaelante e os irmãos Falcão (FOLHA DO NORTE, 18-07-1884). Manoel Gomes de Matos deixou em sua memória que no momento de discurso de Martins Júnior "houve grande balbúrdia, ânimos azedaram-se, todos se levantaram, trocaram injúrias, empunhalaram-se com cadeiras e apareceram revólveres" (MATOS, AMGM[98], Sem data). Além disso, uma defesa mais "radical" do abolicionismo vinda do *O Rebate* (Fortunato estava presente) não era desconhecida do público daquele Congresso, pois...

> É necessário que os homens de cor não cruzem os braços à espera que os brancos extingam por si só a escravidão. É mister que se fundem sociedades para esse fim, que se propaguem as ideias abolicionistas por esses homens escravos, incutindo-lhes nos ânimos que a escravidão é um crime, e que cada qual procure se libertar não olhando para os fins. Quando os senhores tiverem receios de suas vidas, quando tiverem diante de si um inimigo comum de todos os dias, horas e instantes, neste dia não haverá mais escravos. (O REBATE, 25-6-1884).

[97] Arquivo Martins Júnior, localizado no Arquivo Público de Pernambuco. Os documentos desta série não se encontram com paginação. Tal discurso foi retirado da fala de Waldemar de Oliveira durante os discursos de comemoração do centenário de Martins Júnior, em 1960.

[98] Acervo Manoel Gomes de Matos, localizado no Arquivo Público de Pernambuco. A documentação não está com paginação, sendo seu texto uma memória datilografada, cujo titulo se resume a "Campanha Abolicionista em Pernambuco".

Após a participação de Martins Júnior no Congresso Agrícola, a maré virou para a *Folha do Norte*. Mesmo em ritmo de ascensão, as falas em defesa da abolição imediata e a defesa da reserva de mercado para o liberto, causou um mal estar com vários aliados, incluindo a comunidade portuguesa. Pouco sabemos quem era o público assinante da *Folha*, mas há forte indicativo que uma parcela essencial deles era, justamente, portuguesa. A associação com o Gabinete Português de Leitura e a presença de comerciantes portugueses nas suas fileiras – principalmente o líder da comunidade, Ricardo Guimarães, além de Antônio Souza Pinto – vinha fortalecida desde o início da década de 1880. Quando a *Folha do Norte* assume publicamente ser contra o comércio estrangeiro, a comunidade pede retratação. Alfredo Falcão assume a autoria do projeto apresentado no Congresso Agrícola, mas foi Martins Júnior publicamente insultado (FOLHA DO NORTE, 21-7-1884). Em retaliação, a comunidade portuguesa devolve as assinaturas da *Folha* e, daí em diante, a queda foi rápida e abrupta.

O projeto apresentado no Congresso Agrícola deu pano para manga. Todos aqueles que tinham algum atrito com a *Folha*, apegou-se às propostas para retaliar. Uma grande passeata abolicionista foi marcada para o dia 1º de agosto de 1884. Dos quase dez discursantes, foi durante a fala de Martins Júnior que alguém da plateia (diz-se) incitou o uso de armas para forçar a Abolição. Ao se defender de uma acusação do *Tempo*, Martins afirma categoricamente que jamais defendeu o uso de armas, mas o boato já tinha corrido. A *Folha do Norte* replica os insultos "não somos petroleiros, nem incendiários, mas sim coerentes e convictos" (FOLHA D*O NORTE*, 13-8-1884). Eis que então um novo boato volta a atacar Martins Júnior: a de que ele teria sido especulador do dinheiro de Francisco Campello, seu amigo de faculdade e sócio da *Folha*, que havia herdado uma propriedade agrícola no Cabo.

Teve que rebater dois agricultores, Florismundo Marques Lins (engenho Giqui, em Escada) e Marcionilo da Silveira Lins (engenho Macauassú, em Escada)[99] dos ataques sofridos, alegando que tudo fora feito com consentimento até mesmo da mãe de Francisco, Arcelina Campello (FOLHA DO NORTE, 11-08-1884). O *Tempo*, sem deixar o assunto da manifestação morrer, reacende a polêmica no meio dos boatos acusando a *Folha* de ser "o órgão nesta capital do abolicionismo revolucionário e intransigente", ao que respondem

[99] O município de Escada foi um das cidades do interior que mais tiveram efevescência abolicionista e jornalística, mas também um local onde houve grande resistência ao Partido Republicano. A *Folha do Norte* (21-08-1884) chega a dizer que *O Tempo* é um órgão "daquela gente de Escada". Outra curiosidade é o município de Pesqueira cujo clube republicano, fundado durante a estadia de Silva Jardim, é formado exclusivamente por médicos e comerciantes (O NORTE, 28-6-1889).

"ainda uma vez, queremos ser prudentes, apesar de moços e incendiários. O *Tempo*, porém, que tome cuidado com a sua pena ou com a sua língua!" (FOLHA DO NORTE, 19-07-1884). Manoel Gomes de Matos, por sua vez, afirma em suas memórias que sofreu ameaças dos escravocratas: "sobre mim, especialmente, recaía todas as maldições dos escravocratas, recebendo cartas anônimas com punhais pintados e aviso de que seria metido no tronco destinado aos escravos, se aparecesse em algum engenho" (MATOS, AMGM, sem data).

A *Folha do Norte* acabou no auge, e talvez por isso mesmo. Ao se aproximar a eleição de Nabuco e Mariano, o periódico republicano que ganhou fama e público teve sua reputação bombardeada de todos os lados. *O Tempo* os taxa com desdém de 'republicanos da rua das Laranjeiras', termo pejorativo pela localização da tipografia, numa rua de conhecida vida noturna (FOLHA DO NORTE, 21-8-1884). Três anos depois, em artigo anônimo, o termo continuava a indicar má fama: "no ano da graça de 1883-4 se ocupava a hidra da anarquia em Pernambuco, os fervores petroleiros da Rua das Laranjeiras" e que a *Folha* "tornou-se radical ao 7º dia e levantou a bandeira vermelha" (A ESMOLA, 4-2-1887). Quando começam os *meeting*s eleitorais, se finda a *Folha do Norte*. Não por mera coincidência. Em sua última edição[100] (30 de agosto de 1884) é perceptível o tom de revolta e indignação:

> Agora... riam alvarmente e à vontade os meus inimigos pessoais e os inimigos das ideias que tenho representado na imprensa! Dou-lhes licença para virem a público e assoviarem como garotos que são [...] Negros, pequenos, cretinos, os escravicistas! Não se convencem que está prestes a soar a hora fatal. Querem ser sérios quando são atrasados e egoístas, querem topetar com as nuvens quando tem instintos carnívoros de hiena, rugidos cavos de chacais, garras de abutres esfomeados. (FOLHA D*O NORTE*, 30-8-1884).

*O Rebate*, seu companheiro de propaganda, também afirma que a *Folha do Norte* "caiu cansado de lutar, porque lhe foi negado os meios de vida" (O REBATE, 5-9-1884). *O Rebate*, por sua vez, não parou de promover *meeting*s. Além de ter aberto espaço para todas as sociedades abolicionistas que quisessem, de graça, atacar a candidatura de Ambrósio Machado (O REBATE, 15-6-1884), passou a convocar reuniões públicas. A primeira na Matriz do Corpo Santo no dia 24 de agosto de 1884, a segunda no dia 8 de setembro, e a terceira no Largo de São Gonçalo no dia 14 de setembro. Esta última, entretanto, não ocorre por impedimento do presidente da província, José Manuel de Freitas. Então marcam outro *meeting* para o dia 21 de setembro no Largo de Santo Antônio (O REBATE, 15-9-1884). Para se ter uma ideia de como a presença de republicanos nos *meetings* eleitorais da chapa Nabuco-

[100] Todos os artigos deste número são assinados por Martins Júnior, Phaelante da Câmara e Carlos Falcão.

Mariano era recorrente, o *Diário de Pernambuco* chega a atacar as conferências no Teatro de Santo Isabel como encontros que "[...] provam a evidência, que os candidatos abolicionistas querem a ruína desse país, a miséria para numerosas famílias, o estabelecimento da República, ou melhor, o comunismo[101] com a democratização da propriedade" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1884 apud CASTILHO, 2011, p.3).

Diante de tantos *meeting*s, Fortunato é convocado à 1ª delegacia de Polícia, cujo delegado, Dr. Fonseca, intima-o a parar com as conferências, ao que responde que "resolveu fazer conferências nas praças públicas dessa cidade [...] destinado para aqueles que não podem comparecer em certos lugares", mantendo seu novo *meeting* marcado para o dia 28 de setembro (O REBATE, 20-9-1884). No *meeting* dia 28 de setembro de 1884, o delegado Alcides Barata desfaz a aglomeração por meio de violência, saindo vários feridos e Fortunato preso (O REBATE, 2-10-1884). Apesar da perseguição, o redator não retrai nem um centímetro, muito pelo contrário, afirma que "por hoje a nossa atitude será somente a da revolução das ideias, e mais tarde a revolução armada, que é a única que serve num país corrompido como o nosso" (O REBATE, 5-10-1884). No dia 16 de outubro, Fortunato recebe a terceira denúncia de uma tentativa de homicídio, depois de ter sido acusado de querer "radicalizar" demais o abolicionismo (O REBATE, 16-10-1884).

Dos candidatos para o pleito de 1884, *O Rebate* apoia os liberais: Joaquim Nabuco, José Mariano, Joaquim Tavares de Melo Barreto e Manoel Antônio de Siqueira Cavalcanti, respectivamente pelo 1º, 2º, 4º e 13º distrito. E os conservadores: Rosa e Silva, Bento Ceciliano Ramos e Gonçalves Ferreira, respectivamente pelos 10º, 11º e 12º distritos. Não há qualquer respaldo nas fontes do período que cause estranhamento este apoio aos conservadores. Os republicanos sempre se mantiveram igualmente críticos e abertos a ambos os partidos. Era costume que os republicanos analisassem cada candidato individualmente, independente de filiação partidária. Portanto, quando após a Abolição um número razoável de conservadores adere ao Partido Republicano, não deve causar estranhamento, nem mesmo provocar o argumento equivocado de "traição" da causa republicana, visto que sempre houve a associação com determinados indivíduos do Partido Conservador. Para que se tenha uma ideia de como sempre foi recorrente o argumento oposicionista da "traição" republicana, o jornal *O Democrata*, em 1880, já tinha que rebater semelhantes objeções na imprensa:

[101] Era bastante comum que a visão abolicionista de Joaquim Nabuco, junto com o positivismo "proletário" dos republicanos pernambucanos, fossem taxados pelos conservadores de comunistas, petroleiros ou niilistas.

> Sim. Com o concurso de todos os homens que se apresentam de boa vontade, qualquer que seu passado tenha sido (...) a república prefere auxiliares convictos e dedicados a ter inimigos rancorosos e adversários intransigentes (...) conservadores, liberais, o que quer que tenha sido, que importa? A nossa causa é a causa de todos. O que há de presidir amanhã os destinos da república poderá não ser o que sempre mostrou-se republicano: será certamente o mais digno. A República não guardará ódios, nem rancores; não dispensará o concurso de ninguém, porque todo o trabalho é produtivo. Ao contrário, para a obra da felicidade nacional chamará todos os homens de boa vontade (O DEMOCRATA, 28-2-1880).

A todos os outros distritos não elencados recomendou-se aos republicanos abstenção (O REBATE, 15-10-1884, 5-11-1884). A partir de então passa a publicar todas as conferências promovidas em prol da chapa Nabuco-Mariano. Dentre as conferências em defesa dessa candidatura, está o *meeting* de Martins Júnior e Manoel Gomes de Matos no Teatro Santo Antônio no dia 9 de novembro de 1884, com público estimado de 2 mil pessoas (O REBATE, 15-11-1884). Este *meeting* rendeu algumas críticas contra Martins Júnior por nele ter chamado o Visconde de Rio Branco de "demagogo da raça". Logo o *Jornal do Recife* e o *Diário de Pernambuco* o rebatem, relembrando a folha conservadora que

> Revolta-nos, como revoltará a todo bom cidadão, essa maneira de preparar a escada política para a subida do Sr. Nabuco [...] Pode o Sr. Dr. Martins Júnior começar a propaganda escrita em favor da grande causa dos escravizados, e em favor das candidaturas de Joaquim Nabuco e José Mariano, mas, lembre-se, também, que estes dois candidatos são monarquistas, amigos do rei, e que não fica bem a um republicano, na verdadeira acepção dessa palavra, queimar incenso para elevação de dois inimigos da República. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 14-11-1884).

Com o desenrolar dos anos, Martins Júnior veria o quão acertada seria a previsão do Diário.

*Senhoras brasileiras,*
*Não vos esqueçais de que nos corações daquelas*
*Que amam com fervor a sua pátria*
*Estão estereotipadas em caracteres indeléveis*
*Estas palavras sublimes:*
*- Deus, Pátria e Liberdade.*

Ernestina Bastos, Jornal *Ave Libertas*, em 1885.

# 5 FORTALECER E UNIFICAR (1885-1888)

## 5.1. Propaganda em tempos obscuros

Celso Castilho notou em sua pesquisa (2008, p.XV) que em meados de 1884 o discurso antiabolicionista tomou as discussões na Assembleia Provincial, a ponto do Barão de Cotegipe nomear pessoas em Pernambuco para barrar o avanço do movimento. É tão intricada a relação entre o republicanismo e o abolicionismo nesta época que uma das principais causas para o fim da *Folha do Norte* foi a participação dos seus membros no Congresso Agrícola de 1884, cujo projeto apresentado era a abolição imediata e assistência ao liberto. A "má" fama dos republicanos entre os agricultores se aprofundou conforme a *Folha* se tornou ardorosa defensora das reformas sociais, da abolição imediata sem indenização e seus membros faziam parte de quase todas as diretorias das sociedades abolicionistas da capital. Digo ser profundamente intricada a relação entre abolicionismo e republicanismo, pois, apesar de ter tentado fazer uma divisão cronológica para fins de pesquisa do movimento, fui incapaz de desligar as fases do movimento republicano da própria tendência em se analisar o abolicionismo. Aliás, Celso Castilho chega a admitir que a presença de um clube abolicionista republicano (Clube Martins Júnior) e um clube feminino (Ave Libertas) são responsáveis por algumas mudanças políticas e sociais no movimento abolicionista a partir de 1884, fato observável também nesta dissertação (CASTILHO, 2008, p.XX).

Entre 1885 e 1888 falar de republicanismo é, quase simultaneamente, falar de abolicionismo. O foco da propaganda era atacar a monarquia através da escravidão. Não foram poucas as vezes que a palavra 'abolicionista' vinha combinada adjetivando o 'republicanismo'. Um desses exemplos partiu do jornal *A Ideia*, de Ricardo Guimarães, cuja afirmação "nos declaramos franca e abertamente abolicionistas republicanos", passava uma noção sutil de que o "verdadeiro" abolicionista tinha que ser republicano (A IDEIA, 1-1-1885). Neste mesmo jornal aparece a coluna Utilidade Pública, que elenca os endereços e telefones de sociedades, advogados e médicos abolicionistas.

Durante o período conservador do gabinete Cotegipe a imprensa republicana em Pernambuco diminuiu e os poucos que existiam permaneceram no anonimato. A estratégia encontrada foi achar espaços para atuarem dentro das folhas liberais. Enquanto que Antônio

Carlos Ferreira da Silva, Manoel Gomes de Matos e Maciel Pinheiro dirigiram *A Província* (Dezembro de 1886 a Junho de 1888[102]), o mesmo Maciel Pinheiro, Martins Júnior, Ciridião Durval e Afonso Olindense contribuíam para a coluna "Questões Sociais" do *Jornal do Recife*. O período que vai de 1885 até a Abolição é marcado por um republicanismo "cavalo de Tróia". Há casos também de terem sido usados jornais conservadores, como *O Tempo* em 1883, cuja coluna literária era feita por Antônio de Souza Pinto, Generino dos Santos e Vitoriano Palhares.

O governo Cotegipe é conhecido como o período de maior repressão aos movimentos abolicionistas. Nesta época, impulsionados pela perseguição, os núcleos do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco foram os que mais tomaram ares de desobediência civil (ALONSO, 2015, p.15). Diretamente relacionado a esse momento, também surgem as primeiras organizações confederativas de republicanos na província. Logo no início de 1885 uma nova campanha de Joaquim Nabuco reforça os laços entre este liberal e os republicanos da província, pelo Quinto Distrito (Nazareth). Ganhou no 1º distrito, sendo saudado por uma passeata em que participaram José Mariano, Belisário Pernambuco, Gonçalves Júnior, Numa Pompílio, Martins Júnior e Phaelante da Câmara (apenas o primeiro não se declarava oficialmente republicano) (A IDEIA, 10-1-1885).

Após a vitória, encontramos na correspondência de Nabuco uma contínua presença do pronome "nós" na fala dos republicanos, visando com isso relembrá-lo – cobrar, na verdade – as promessas da aliança.

> BELARMINO CARNEIRO - Abraço-o com toda efusão da alma e felicito-o de coração pelo estupendo triunfo que ***alcançamos*** no 5º distrito. (CJN, 10-6-1885, grifo meu)
>
> BARROS SOBRINHO – Parabéns! Parabéns! Parabéns! Nós, os abolicionistas, não nos cansaremos em saudar o nosso distinto chefe pela brilhante e esplendida vitória ganha em reduto negreiro! (CJN, 11-6-1885)
>
> MACIEL PINHEIRO – A chegada de V.Exª à Nazareth, aproximando-o ***de nós***, produziu-nos o alvoroço que causaria a marcha triunfal dos exércitos da pátria (CJN, 19-6-1885, grifo meu)

A atuação próxima entre Nabuco e os republicanos em Pernambuco pelo 5º distrito, rendeu uma carta do Clube 21 de Abril de Minas Gerais, que através de um anônimo, seduziu-o a imaginar "vosso nome inserido nas páginas da história como fundador do Partido Republicano Brasileiro e, quem sabe, se presidente da República Federativa Brasileira" (CJN,

[102] Estranhamente esse período é o único em que não existem exemplares para consulta. Em todos os arquivos pesquisados em Pernambuco só há arquivamento do período da década de 1870 e depois, de 1890 em diante.

23-9-1885). Além da atuação clandestina pela Abolição, os republicanos passaram a publicar textos cada vez mais polêmicos. Em conjunto, Martins Júnior, Clóvis Beviláqua e João Alfredo de Freitas traduziram *"Jesus e os evangelhos: uma psicologia mórbida"* de Júlio Soury em 1885. Esse texto retrata Jesus de forma científica e estava sendo editado pela segunda vez no Recife pela tipografia de J. J. Alves de Albuquerque, algo arriscado de se fazer, levando-se em consideração que as tipografias estavam sendo perseguidas. Em 1887, por exemplo, todos os membros do clube republicano deveriam doar 2$000 para o jornal *A República*, pois ela "não vivia em boa paz com as tipografias" (NASCIMENTO, 1972, p.234). Não era a primeira, mas a terceira vez que os positivistas lançaram obras polêmicas para a época. A primeira foi o drama de Aníbal Falcão, O Doutor Alberto. O segundo dessas obras também foi coletiva, chamou-se 'O Crime de Infanticídio', cujo relato anônimo na *Folha do Norte* demonstra bem como esses redatores ficaram conhecidos pelo público:

> Conhece o público este punhado de rapazes endiabrados[103], revolucionários dinamiticamente, ferozes que se chamam Phaelante da Câmara, Carlos Brandão, Pereira Simões César Monteiro e Anísio de Abreu? Pois esses vermelhos jacobinos[104] das nossas letras, acompanhados do principal redator deste jornal [Martins Júnior] vão, brevemente, dar começo num rodapé da Folha do Norte a um romance original em 6 capítulos (FOLHA DO NORTE, 29-6-1883).

Neste período obscuro para o abolicionismo na Província, o movimento ficou abrigado no *Jornal do Recife* em uma composição conjunta entre republicanos e liberais. À frente disso, ficaram Aníbal Falcão e Martins Júnior, que formavam a linha de frente da Comissão Central Emancipadora (ALONSO, 2015, p.266). A presença feminina no movimento também se tornou mais evidente, dentro das devidas proporções. Como foi dito no primeiro e terceiro capítulos desta dissertação, a atuação feminina nos círculos republicanos era bastante restrita, mas isso não significou que elas não "ousassem". Um desses exemplos foi o jornal *Ave Libertas* (1885) que, de maneira bastante sutil, indicou protestos como a de Ismênia Maria Duarte Pinheiro, ao dizer que "no Brasil, uma era em que imperam a monarquia e a escravidão, surge do seio da população pernambucana um núcleo de senhoras bem intencionadas, querendo quebrar os elos das grossas correntes que prendem os pulsos dos

[103] O apelido de 'diabos' era muito comumente atribuído a eles, desde o surgimento do *Diabo a Quatro* em 1875. Não ajudava em nada a esse respeito suas famas de serem contra a Igreja Católica (foram fervorosos defensores da maçonaria na Questão Religiosa) e serem a favor da radical separação entre Igreja e Estado. Para se ter uma ideia de como essa questão era séria entre eles, Germano Hasslocher, um gaúcho que viria a atuar tanto pelo PRPE quanto pelo PRRS, pediu desculpas publicamente aos seus colegas por ter se associado sem querer a um clube católico achando que eram aulas de dança (FOLHA DO NORTE, 31-8-1883).

[104] A própria autodenominação deste grupo causa bastante dificuldade em interpretá-los no período do governo de Floriano Peixoto, quando um grupo de seus defensores também eram denominados de jacobinos. Mas a ideia aqui é menos bélica e mais idealista, consideram-se quebradores de paradigmas sociais.

nossos irmãos" (PINHEIRO apud FERREIRA, 1999, p.214). Outro jornal, também lançado em 1885 em homenagem a *Victor Hugo*, mostra a sutil advertência dada por Maria Augusta C. Meira de Vasconcelos, que confidenciou: "reconheço a minha incompetência para julgar o grande homem, que acaba de obumbrar-se no ocaso da eternidade; mas não consinto que se me negue o direito de render-lhe o meu preito de admiração" (VICTOR HUGO, 1885).

Durante o governo Cotegipe as possibilidades de promover *meeting*s ficaram mais difíceis. Com o Teatro de Santa Isabel fechado para os abolicionistas, outros locais emergem como ponto de encontro. No caso dos republicanos, esse novo local foi o Teatro Variedades, de propriedade de um imigrante alemão chamado Augusto Kruss. Em 25 de março de 1886, o Centro Republicano junto com o Clube Ceará Livre, o Ave Libertas e a Comissão Redentora promoveram um *meeting* (CASTILHO, 2008, p.186). Este local passou a ser a sede das conferências republicanas, como a de Martins Júnior em 16 de abril de 1886, com público estimado de 500 pessoas (JORNAL DO RECIFE, 16-4-1886). Em 25 de setembro de 1887, diante de uma plateia majoritariamente masculina, positivista e acadêmica, a simples professora pública Maria Amélia de Queiroz discursou a favor da abolição, contra a monarquia, mas exaltou os princípios liberais republicanos, demonstrando uma visão autônoma não apenas na escrita, mas na coragem de exposição. Após citar poema de Martins Júnior e saldar Joaquim Nabuco, ali presente como representante da SBPC, Maria Amélia conclama suas colegas senhoras para entrar na luta:

> Felizmente meus senhores, não são muitos que pensam que uma monarquia pervertida, anacrônica, cheia de vícios e misérias, pode perdurar e introduzir impunemente na consciência de um povo, o aviltamento e o opróbrio, com o fim de arruinar o seu organismo social [...] é preciso, minhas amáveis patrícias, que a mulher se convença de uma vez para sempre, que já é tempo de levantar um brado de indignação contra o passado ignominioso de tantas raças malditas. A mulher também é capaz de grandes e altos comedimentos. Vindes! Vinde, pois minhas amáveis patrícias! Vamos! É nosso dever trabalhar para a reconstrução da nossa pátria, a fim de mais tarde entregarmos aos vindouros uma pátria mais livre, enriquecida de tradição brilhantes e feitos gloriosíssimos. (QUEIROZ apud FERREIRA, 1999, p.222-3).

O *Ave Libertas* marcou em março de 1885 uma conferência comemorativa da libertação do Ceará para o Teatro de Santa Isabel. Estiveram presentes Leonor Porto e Maria Amélia, como organizadoras; Fernando de Castro Paes Barreto como orador principal; e os oradores João de Oliveira (Comissão Redentora), Ovídio Filho (Clube 28 de Setembro) Linhares de Albuquerque (5º ano da FDR) - todos republicanos - e Esmeraldino Bandeira (Clube Carlos Gomes), assim como Ayres Junqueira (Clube Ferreira França). Fernando de Castro, que teve

seu discurso publicado, dirigiu-se ao "sexo afetivo", exaltando os mártires republicanos, assim como o abolicionismo do "governo republicano provisório de 1817"; chegou a citar Littré, Comte e disse que a atual geração republicana era "o proletário brasileiro", a "geração moderna", o "pequeno lavrador rural", "a indústria", o "operário nacional", a "legislação do país", a "religião", "os índios", "a raça de cor" e a "família brasileira" (CASTRO, 1885, P.26-35). O discurso, além de bastante presunçoso em colocar a geração republicana como representante de quase todos os setores marginalizados da sociedade, era uma grande afronta ao governo Cotegipe que, naquele momento não tolerava reuniões abolicionistas. Reunir em um único momento abolicionismo, republicanismo e a presença feminina no maior teatro da capital era uma mensagem ousada.

### 5.2. Agora somos um: o centro e o partido

Em 4 de maio de 1886 forma-se a primeira congregação geral de republicanos em torno do Centro Republicano de Pernambuco. A convocação marcada por Martins Júnior foi pública, no sobrado do nº51 da Rua do Imperador, ao meio-dia. A audácia foi tanta que, não apenas divulgaram abertamente o local, como escolheram um reduto conhecido dos liberais da província. Compareceram 34 pessoas, com adesão ausente de mais 10[105] (JORNAL DO RECIFE, 4-5-1886). Foi formada, nesta mesma reunião, a comissão responsável por fundar o Partido Republicano: Martins Júnior, Adolpho Guedes; Belarmino Carneiro; Antônio de Freitas e Cussy Juvenal do Rego. Se antes havia qualquer dúvida de que o movimento republicano deveria ou não ser categorizado em diversos núcleos, a criação do Centro Republicano de Pernambuco demonstra que, de fato, essa divisão com base na ideologia/escola de pensamento não faz sentido, já que em suas fileiras há desde positivistas ortodoxos (no sentido historiográfico mais abrangente do termo) até liberais federalistas. Em junho de 1886 lançam a primeira chapa republicana em nome do Centro de Pernambuco.

[105] Foram assinantes: Arthur Mattos Sobrinho; João Ramos; Adolpho Guedes; Fenelon de Mendonça; Arthur de Matos; Ângelo Tavares; Pedro Rego; Manoel Pontes; Frederico Bastos; Pedro Pessoa; Antônio Benigno; João Fonte; Ricardo Guimarães; Alves Pimentel; Manoel Ignácio; Felício Buarque; Rangel Sobrinho; Pereira Malta; Fortunato Pinheiro; Maximiniano José Duarte; Galdino Loreto; José Rabello; João Affonso; Pardal Mallet; Francisco Campello; João Bastos; Antônio de Freitas; Hermínio Amaral; Alexandre Catanho; Manoel Martins; Cussy do Rego; José F. Carneiro; Argemiro Aroxa; Martins Júnior. Aderiram ausentes: Belarmino Carneiro; Amaro Rabello; Benvenuto da Silveira Lobo; Alfredo Falcão; João dos Santos; Carlos Falcão; João Félix de Oliveira; José L. G. Ferreira; Adolpho Santos (JORNAL DO RECIFE, 4-5-1886)

**TABELA 12 - CHAPA REPUBLICANA PARA ELEIÇÃO EM 1886**

| VEREADOR | |
|---|---|
| JOÃO CARLOS BALTHAZAR DA SILVEIRA | |
| **JUÍZES DE PAZ** | |
| SANTO ANTÔNIO | CUSSY JUVENAL DO REGO |
| BOA VISTA | JOSÉ ISIDORO MARTINS JÚNIOR |
| AFOGADOS | MANOEL DA CRUZ MARTINS |
| GRAÇAS | JOÃO RAMOS |

Fonte: Diário de Pernambuco, 13-6-1886.

Alguns meses depois, surgiu um jornal "francamente adepto do movimento progressista" com objetivo de organizar a propaganda no interior da província, chamado *A Propaganda*. Através da sua única edição encontrada, sabemos que havia correligionários em 17 cidades[106] da província, e tinham como divisa "Ordem e Progresso" (A PROPAGANDA, 5-7-1886). Na reconhecida data de 14 de julho – Queda da Bastilha – promoveram um grande *meeting* no Teatro Variedades, com grande presença de senhoras e alunos da FDR. Discursaram Albino Meira, Martins Júnior, Manoel Gomes de Matos e José Mariano, para cerca de mil pessoas (A FEDERAÇÃO, 3-8-1886). Outro local, que mantinha relação com os republicanos desde a década de 1870, o Gabinete Português de Leitura, recebeu a conferência de Alfredo Pinto Vieira de Mello, que rebateu as acusações de eles serem "revolucionários" e "loucos":

> São revolucionários, mas querem a ideia em lugar de sangue, os princípios fortificantes da ciência em lugar dos instrumentos de destruição humana. Odeiam os preconceitos e o fanatismo, combatem os privilégios de casta; educam as inteligências sem luz e lamentam uma pátria sem instituições! Pois bem, Senhores, nós os loucos do presente, mas os reconstrutores do porvir, admiremos os homens como Emílio Littré, gravemos os seus exemplos em nossos corações e num vasto sentimento de solidariedade cosmopolita, façamos chegar à posteridade o seu nome aureolado pela – sabedoria. (MELLO, 1886, p.28).

Em 20 de setembro, em homenagem aos seus participantes gaúchos, homenageiam a República do Piratini no Teatro Santo Antônio (sempre ao toque da Marselhesa) com discursos de Manoel Coelho dos Reis, Martins Júnior, Barros Cassal e Antônio Freitas. Após os discursos, saíram em procissão pelas ruas do Recife até a casa de um deles para um banquete. Os pratos, servidos com bandeirinhas de barrete frígio foram acompanhados de folhetos gratuitos do manifesto de Bento Gonçalves (A FEDERAÇÃO, 12-10-1886). O *Anti-Rebate*, apesar do tom lamentoso pela derrota eleitoral de Ângelo Tavares em 1887, admite

[106] Nazareth, Goiana, Nossa Senhora do Ó, Lapa, Taquaretinga, Palmares, Olinda, Itambé, Timbaúba, Cruangy, Vicência, Mulumgu, Gameleira, Alagoa Seca, Escada, Limoeiro e Aliança.

que o Centro Republicano sempre tinha *meeting*s muito concorridos (O ANTI-REBATE, 1-11-1887). O que é mais curioso de todos esses *meeting*s é a coragem de enfrentarem uma possível repreensão policial. Neste período que vai de 1885 a 1888 a perseguição a republicanos se torna cada vez mais violenta e o acontecimento de eventos desse porte causam estranheza de terem conseguido vingar.

O ano de 1887 foi tão importante para o abolicionismo como foi para o republicanismo na província, talvez exatamente por estarem intimamente relacionados. Afirma Celso Castilho que durante o período que vai de 1887 a 1888, ficou bastante comum nesta época uma associação histórica entre as lutas libertárias de 1801, 1817 e 1824 com a luta pela liberdade dos escravos, principalmente na divulgação da obra de Pereira da Costa, *"De Pernambuco ao Ceará"*, editado em 1884 (CASTILHO, 2011, p.6). *A República*, periódico do Centro Republicano, ganhou uma nova aliada, a *Revista do Norte.* Além dessas, também circulavam o *Rebate* e o *Anti-Rebate* com bastante destaque da primeira, pois seu formato era popular e apelativo. O jornal liberal, reduto de José Mariano, *A Província*, estava sob controle expresso dos republicanos Antônio Carlos, Manoel Gomes de Matos e Maciel Pinheiro; o *Jornal do Recife* passou a ter uma coluna fixa de Martins Júnior, Maciel Pinheiro e Ciridião Durval. Em suma: quase toda a imprensa diária em Pernambuco no ano de 1887 tinha presente algum dos republicanos. Estranhamente, foi exatamente esse período o de maior dificuldade de acesso às fontes para esse trabalho[107].

Em maio de 1887 o bispo de Pernambuco pediu para que os padres da província libertassem seus escravos, mas essa não era uma atitude isolada, pois bispos do Brasil inteiro (MG/BA/SP/MT) também pediram (ALONSO, 2015, p.333). O ano de 1887 é considerado um dos mais importantes e conflituosos do movimento abolicionista para Pernambuco, São Paulo, Bahia e Maranhão, com o aumento das fugas de escravos (SANTOS, 2015). Em julho, uma circular proibiu os policiais de caçarem escravos fugitivos, já que o número de fugas em massa cresceu absurdamente naquele ano, principalmente em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pernambuco (idem, p.334). Para se ter uma ideia de como os republicanos passaram de uma posição mais pacificadora do início da década de 1880 para a luta a "qualquer custo", José Isidoro Martins Júnior chegou a publicar em *A Província*, a defesa aberta ao 'roubo' de escravos das fazendas (HOFFNAGEL, 1975, p.155) – veja bem: um positivista no órgão

[107] Não existem exemplares para consulta de A Província. O jornal A República (1887-8) está inacessível no Arquivo Público de Pernambuco, seu único local de acesso, nas bases do CEPE e Hemeroteca Digital só se tem acesso a pouquíssimos números. Os jornais O Rebate e o Anti-Rebate têm poucos exemplares para consulta na base da FUNDAJ e quase nenhum no CEPE, também inacessíveis no Arquivo Público de Pernambuco.

liberal[108]. Em sua análise sobre a escravidão neste ano, Celso Castilho demonstra que ¾ dos escravos presentes na província tinham idade apta ao trabalho. Destes, 85% estava concentrada na área agrícola e representavam cerca de 10% do total de trabalhadores neste setor (CASTILHO, 2008, p.210). Sua conclusão demonstra que a resistência ao fim da escravidão em Pernambuco não estava ligada à quantidade de escravos na província, mas a extrema importância daqueles que restaram. Diante de uma situação tão tensa entre o crescimento da desobediência civil e a forte repressão do governo Cotegipe, é que os republicanos em Pernambuco articulam seu primeiro congresso republicano na província. O Clube Republicano Acadêmico de 1887 (CRA-87) passou a fazer conferências em Olinda, no teatro Melpomene Olindense, com vistas a libertar o município (A REPÚBLICA, 14-7-1887). E uma série de conferências abolicionistas, das mais diversas sociedades, passou a promover meetings, tais como o de José Isidoro Martins Júnior no Teatro Variedades pela Sociedade Pernambucana Contra a Escravidão[109] (JORNAL DO RECIFE, 29-4-1887).

Em sua nova campanha eleitoral, Joaquim Nabuco assumiu de vez a bandeira da abolição imediata e sem indenização. Novamente, quando aporta em Recife para sua campanha de 1887, é recebido pelo sempre parceiro José Mariano e Costa Ribeiro, além dos republicanos, Antônio de Barros Sobrinho, Manoel Gomes de Matos e Numa Pompílio (CASTILHO, 2008, p.212). Ao iniciar seus *meeting*s, Nabuco deixa claro que não acredita na opção republicana, apesar de estar rodeado deles. O jornal *O Antheu*, órgão republicano federativo, cujos membros se declaram do Centro Republicano, deixam claro que "Contudo, nós eleitores do Centro concorremos para o triunfo do candidato abolicionista, vistos como a ideia abolicionista está em correlatividade com o nosso programa" (O ANTHEU, 13-10-1887). Apesar da coligação política e da relação sempre respeitosa existente entre Martins Júnior e Joaquim Nabuco, ambos costumavam discordar nesse período quanto à solução que deveria ser dada para a "questão do trabalho" no Brasil. Curiosamente (ou talvez não tanto), quando Nabuco lança sua candidatura em Pernambuco, o Centro Republicano marca um *meeting* em homenagem ao 70º aniversário da Revolução de 1817 no Teatro Santo Antônio, com discursos de Martins Júnior, Albino Meira e João Rodrigues Cardoso. No mesmo dia, também é marcada uma conferência por Nabuco, ao que a *Revista do Norte* admite terem sido ambas concorridíssimas (REVISTA DO NORTE, 10-3-1887). Em um número anterior,

[108] Como foi dito no 1º capítulo desta dissertação, os positivistas não costumavam apoiar atos de rebeldia e desordem pública, pois ia contra todos os ensinamentos de Comte, do qual José Isidoro era inegável adepto. Além disso, A Província era o órgão liberal democrata de Pernambuco, dando abertura para o chefe republicano.
[109] Neste ano a Sociedade Pernambucana Contra a Escravidão promoveu quase 30 conferências públicas, com os mais variados convidados. Entre eles está Albino Meira, Alcebíades Peçanha, Maria Amélia de Queiroz, etc...

Martins Júnior deixa claro sua oposição sutil quanto à solução republicana sobre "a questão do trabalho", citando inclusive a Internacional Comunista:

> Entre nós, o problema social, ou da emancipação do proletariado, ainda se não formulou, porque a massa dos futuros proletários é representada ainda hoje pelos escravos. E se se quiser considerar a questão dos escravos como a nossa *questão do trabalho*, então eu tenho o direito de dizer que a reforma capital, para nós brasileiros, é a política, porque, neste país, é a monarquia que tem dado vida à escravidão e impede o seu acabamento. Quanto a velha sociedade europeia, parece efetivamente, à primeira vista, que a questão política é secundária, em face do problema da miséria e dos progressos da *Internacional*... Mas, antes de tudo, eu pergunto: O que é que tem impedido a Inglaterra de libertar a Irlanda e de melhorar a condição dos seus proletários? (REVISTA DO NORTE, 20-2-1887).

É minha hipótese que, diante do número reduzido de adeptos e pela falta de recursos financeiros, eles tenham abdicado de chapas republicanas – certamente derrotadas – para apoiarem um aliado político com causa comum. Nabuco, ciente da importância que outrora tiveram, encontra a chefia do Centro Republicano[110] em 6 de março de 1887 para discutir os termos de sua campanha e a correlação entre abolição e federação (Idem, p.213). Logo depois, ao lado de Mariano, Barros Sobrinho e Phaelante da Câmara, começam uma excursão pelas cidades agrícolas de Pernambuco: Palmares, Gameleira, Nazaré e Escada (Idem, p.214). Em uma carta endereçada a Aníbal Falcão em 1887, Joaquim Nabuco deixa claro que os republicanos foram cabos eleitorais essenciais para sua vitória, ao perguntá-lo se iria vir ao Recife (Aníbal estava na Corte servindo de representante do Centro Republicano) a fim de votar, comenta sobre um *meeting* seu proibido e de quantos homens poderia conseguir para a eleição em Pernambuco (CJN, 29-8-1887). Entretanto, o Centro Republicano manteve a fria perspectiva que "os liberais, apesar de próximos pelo abolicionismo, vão tratar os republicanos com o mesmo jeito do passado, quando chegarem ao poder" (A REPÚBLICA, 20-8-1887).

Em julho de 1887 surge o *Anti-Rebate*, jornal republicano e abolicionista, cuja redação era feita por Ricardo Guimarães, Rangel Sobrinho, Martins Júnior e Madeira Filho. Esse jornal, a princípio, tinha como objetivo atacar *O Rebate*, periódico redigido por Fortunato Pinheiro. Já vimos no capítulo 3 dessa dissertação que Fortunato tinha uma personalidade que gerava inimigos em todos os lados. A antipatia para com suas palavras levou à criação do *Anti-Rebate*, periódico que também professava o republicanismo. Seus redatores, membros do

[110] No original Celso Castilho cita como "Partido" Republicano, mas o partido só será fundado em 13 de dezembro de 1888. Em 1887 existe uma confederação de clubes republicanos em torno do Centro Republicano, criado desde 1886.

Centro Republicano, admitem haver orientações diferentes dentro do Centro, mas afirmam que "nós julgamo-nos obrigados a trabalhar também, ainda que separada e obscurantemente" (O ANTI-REBATE, 23-7-1887). Curiosamente, a entrada de Martins Júnior como colunista é precisamente no mesmo momento que o *Anti-Rebate* deixa de atacar Fortunato. De qualquer forma, o título do jornal parece ter sido muito bem aceito, tendo em vista a péssima fama de Fortunato Pinheiro.

Conforme o movimento republicano ganhou cada vez mais força e amplitude, o Centro Republicano de Pernambuco marcou o I Congresso Republicano da província. Foi deliberado em conjunto que a propaganda deveria ser intensificada no interior de Pernambuco, através de intenso recrutamento nos distritos rurais, por meio de excursões, distribuições de folhetos e fundação de clubes locais. Além disso, comprometeram-se a organizar os clubes republicanos da província e a publicarem um jornal que seria órgão da associação – *A República* (HOFFNAGEL, 1975, p.167).

Em meados de 1887 surge uma nova confederação de sociedades abolicionistas, desta vez com o teor republicano, chamada de União Federal Abolicionista que irá, ao lado da Sociedade Pernambucana Contra a Escravidão, em 1888, liderar o movimento abolicionista na província (CASTILHO, 2008, p.216). Em setembro de 1887 o Centro Republicano lançou a candidatura de Balthazar da Silveira, mas também apoia Joaquim Nabuco. O *Anti-Rebate*, em artigo assinado por Ricardo Guimarães, Rangel Sobrinho, Madeira Filho e J.J Figueiredo Júnior declaram ao eleitor que...

> Ao sair de casa para a eleição, muna-se primeiro de uma boa arma para com ela poder resistir aos ataques prováveis dos servos do governo. Sim! É preciso que cada qual se prepare para não correr no caso de uma invasão na seção em que tiver que votar. Se o governo é uma emanação do povo e tem desplante de armar-se contra o seu criador, cabe a este o direito de anulá-lo por todos os meus ao seu alcance (O ANTI-REBATE, 10-9-1887).

Diferentemente dos partidos monárquicos, o Centro Republicano inaugurou uma nova modalidade de escolha dos seus candidatos à eleição: eleição interna, por voto individual. Durante a campanha de 1887 foram eleitos por seus colegas a chapa José Faustino Porto e Manoel Gomes de Mattos para pleitearem, respectivamente, o 1º e o 2º distrito. A comissão, assinada por Martins Júnior, Nilo Peçanha, Martiniano Veras, Albino Meira e Pinto Pessoa declararam aos seus correligionários "máxima disciplina" (JORNAL DO RECIFE, 2-12-1887).

Em comemoração ao Seis de Março, o Centro Republicano marcou uma conferência com Albino Meira e Martins Júnior no Teatro Santo Antônio e pediu aos moradores para que iluminassem suas casas (A REPÚBLICA, 6-5-1888). Em abril de 1888, os abolicionistas já começavam a se dividirem entre os que desejavam manter a monarquia e os que queriam a república. Joaquim Nabuco marcou um jantar no Recife para discutir sobre isso junto com os líderes do Clube do Cupim, José Mariano, João Ramos e os irmãos Falcão (correspondência de Nabuco, FUNDAJ, 11-12-21 de abril de 1888). De acordo com Castilho (2008, p.213) a última fase do movimento abolicionista (1887-8) teve como a maior influência o republicanismo e o Centro Republicano.

Até as vésperas da Abolição, Recife já havia perdido cerca de 88% da sua população escrava desde 1872 (ALONSO, 2015, p.241). Entretanto, isso não era motivo para diminuir a intensa comemoração que se instalou na cidade após 13 de maio de 1888. Quando a notícia chegou, diz-se que se aglomerou muita gente diante da sacada d'*A Província*[111], na Rua do Imperador, de onde discursaram José Mariano, João Teixeira, Martins Júnior e Fernando de Castro (todos republicanos assumidos, com exceção de Mariano). No dia seguinte as sociedades abolicionistas fizeram passeatas pelas ruas, com todos os estandartes e diversos oradores. Na mesma tarde desfilou o grupo caixeiral e a sociedade Juventude, à noite o comércio fechou. Na terça cerca de doze mil compareceram ao Largo do Corpo Santo. Na quarta-feira foi marcada uma conferência no Teatro de Santa Isabel, que ficou lotada. Discursaram José Mariano, Phaelante da Câmara, Gaspar (Drummond?), Cassiano Lopes, Henrique Martins, Francisco Campello, com música de Maria Motta e apoteose de Afonso Olindense (A REPÚBLICA, 17-5-1889). O mais interessante em notar na consequência imediata da Abolição para os republicanos foi a 'esperança' (ou seria estratégia?) de incorporar Joaquim Nabuco e José Mariano na "continuidade" da luta contra a monarquia. Em número comemorativo da festa da Lei Áurea, Fortunato Pinheiro amarra esta continuidade, ao deixar claro que:

> Os chefes do partido liberal entendem, como já disseram, que não pode haver federação das províncias com a monarquia. Nabuco e José Mariano terão forças bastante para agrupar todo o pais em torno desta bandeira (...) queremos ver Joaquim Nabuco e José Mariano na frente do combate. Joaquim Nabuco fazendo a revolução das ideias, José Mariano apregoando a revolução das armas, caso haja resistência dos tiranos (O REBATE, 14-5-1888).

[111] Lembrar que *A Província* estava sob direção de republicanos neste período.

Se foi esperança sincera ou uma forma de pressionar Nabuco e Mariano para o lado republicano – ou até colocá-los em xeque diante do povo – a questão é que o movimento não parou de crescer. *O Rebate*, jornal polêmico – para dizer o mínimo -, ganhou um extenso formato de 5 colunas, com inúmeros anúncios. Seu crescimento enquanto veículo republicano nesta época preocupava a oposição escravista ao conclamar os libertos para a luta republicana, como explicitamente depõe Fortunato: "digo aos meus irmãos que saíram do cativeiro, que venham agora nos ajudar a libertar doze milhões de habitantes do jugo da Corte e dos desmandos da monarquia" (O REBATE, 14-5-1888). É também durante o período do gabinete Cotegipe que as diferenças entre os republicanos "pacifistas" e os "violentos" se tornarão mais acentuadas. *O Atalaia*, jornal republicano e abolicionista redigido pelo português Ricardo Guimarães, é uma desses exemplos: "nós não pertencemos ao número daqueles que pensam que pacificamente se possa mudar a forma do nosso governo monárquico em republicano" (O ATALAIA, 8-8-1885). Já o jornal acadêmico *Nova Pátria* considera uma "revolução pacífica e enérgica", além de indicar que "um certo número de homens instruídos e conscientes conquistam e subjugam um número relativamente muito maior de homens fracos e embrutecidos" (NOVA PÁTRIA, 10-3-1888).

O movimento em Pernambuco, por volta do ano de 1888, já havia estabelecido como forte parceiro os republicanos no Rio Grande do Sul. *A Federação*, órgão do partido gaúcho, chegava mesmo a tomar conhecimento de uma simples recusa de Manoel Gomes de Matos, presidente da Comissão Redentora, da Ordem da Rosa por ter se filiado ao Centro Republicano (A FEDERAÇÃO, 28-4-1888). Aproveitando-se do momento político instaurado após a Abolição, o Centro Republicano define seu novo público-alvo para recrutamento: os agricultores. Em um ciclo de conferências marcado para novembro de 1888, que acarretou na criação do primeiro clube republicano fora da capital (Goiana), um manifesto lançado no *Diário de Pernambuco* por Martins Júnior, João Cardoso, Martininano Veras, Albino Meira, Pinto Pessoa, Balthazar da Silveira, Francisco Campello e João Ramos, define que:

> O Centro Republicano, cônscio de que a classe agrícola da província é a mais interessada em que não perdure por longo tempo este triste estado de coisas em que se afunda o país, pede aos representantes dessa classe, domiciliados na Escada, que compareçam e se reúnam, na cidade desse nome, no indicado dia 2 de dezembro, a fim de assistirem a aludida conferência que terá lugar às duas ou três da tarde do mesmo dia. Do patriotismo dos cidadãos escadenses espera o Centro Republicano todo o auxílio e apoio (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30-11-1888).

A estratégia deu tão certo que em 12 de dezembro de 1888, 30 delegados de 15 localidades da província se reuniram em Recife para a formação do Partido Republicano de Pernambuco, no II Congresso Republicano de 3 dias, convocado pelo Centro (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 12-12-1888). Já se sabia que o Centro Republicano, em 1887, tinha mais de 200 sócios conhecidos (O ANTI-REBATE, 22-10-1887). Nesta ocasião a comissão formada aprovou o documento redigido por Aníbal Falcão, *As Normas Republicanas*. Nele ficou explícita a escolha pela Ditadura Positivista, algo bastante ousado, se levarmos em consideração que em fins de 1888 a insatisfação dos ex-senhores era um fator fundamental para ganhar prestígio.

> Realisada esta essencial condição, a plena liberdade espiritual, o regime republicano exerce-se no campo da ação prática, pela concentração das forças políticas isto é, pela ditadura, tão forte quanto responsável, incumbida de permitir a livre expansão de progresso, garantindo a ordem social. O preconceito democrático levou muitos espíritos a confundirem na mesma ideia de despotismo as ditaduras reais e as republicanas; mas a distinção é fundamental e forçosa. Basta considerar que o absolutismo monárquico, oriundo do direito divino, ou da subserviência parlamentar, de um dogma teológico ou de uma constituição metafísica é sempre irresponsável ao passo que na ditadura republicana quem governa é um representante da opinião pública, por ela instituído ou sancionado. Ainda quando não seja o sufrágio universal dos cidadãos que institua o chefe republicano, a sua investidura é sempre revogável (AS NORMAS REPUBLICANAS apud PESSOA, 1973, p.109).

O Partido Republicano de Pernambuco foi o único no país a citar explicitamente o termo "ditadura", algo que foi evitado no Rio Grande do Sul[112] e no Pará, provavelmente para não espantar possíveis adeptos. Silva Jardim chegou a considerar a colocação infeliz, mas sentiu-se no dever de aceitar a posição dos pernambucanos, sua principal base aliada (BUENO, 1991, p.89). A questão é se perguntar: se os republicanos em Pernambuco estavam tão empenhados em conquistar a adesão de agricultores, porque manter a 'ditadura' tão explicita em suas *Normas*? A única resposta a que consegui chegar foi a persistência pela "intransigência" do movimento. Se há algo que retardou ou até mesmo prejudicou a ascensão deste grupo no poder pernambucano após a República, certamente foi esse traço característico de seus líderes. Não tive êxito em encontrar algum documento ou trecho de jornal que pudesse esclarecer qual a razão política – ou se foi realmente "teimosia" – por trás desta persistência em um momento tão crítico. A verdade é que, dentre outros fatores – tais como o

[112] A ditadura e Comte sequer foram mencionadas pelos primeiros governos republicanos gaúchos (PINTO, 1986, p.25). Margareth Bakos também comenta que no período da propaganda até mesmo a abolição e a religião foram deixadas de lado para manter o grupo unido (BAKOS, 2006, p.19).

econômico – os gaúchos evitaram sempre citar a Ditadura, mesmo sendo adeptos dela, e foram exitosos em se manterem no poder[113].

Em meio a passeatas, desfiles alegóricos, bandas de marchas e lamparinas, o momento de catarse pelo fim da escravidão era importantíssimo para a visibilidade do movimento republicano. O problema todo era que, dos despojos da escravidão, tanto José Mariano como José Isidoro Martins Júnior sentiram-se no direito de reivindicar.

[113] Assim como Lauro Sodré (duas vezes!) e Justo Chermont foram capazes de permanecer no poder no Pará.

*Minha alma entusiasmada*
*Vai ardente, acreditada*
*No teu clarão se banhar*
*Tu és o sol da verdade*

Amaro Pessoa, dedicado à Silva Jardim em sua visita a Pernambuco, *A Ronca*, 22 de junho de 1889.

*Vós não tendes mais direitos,*
*Foram calcados aos pés!*
*No presente – escravizados,*
*Para o futuro – soldados,*
*Eis o que sois e sereis...*

*Viva, viva a monarquia*
*Viva Pedro e sua grei!*
*Viva a santa dinastia,*
*Viva toda porcaria,*
*Morra o povo, viva o Rei!*

Poesia anônima sobre 'O Caso Crispim'.
Jornal O Norte, 19 de setembro de 1889

# 6 REAGIR E ATACAR (1888-1889)

## 6.1. Os despojos da abolição

Se o abolicionismo foi a causa unificadora de republicanos e liberais democratas, foi também a causa da guerra política que se instalou após o 13 de maio. Com a Lei Áurea a briga pela memória e, principalmente, pela glória abolicionista tornou o pacto tácito frágil. Para se ter uma ideia de como essa associação entre liberais e positivistas se tornou tão imbricada, até autores estudiosos do tema chegam a argumentar alguns equívocos como "Ao Norte, abolicionistas de Pernambuco, liderados pelo deputado José Mariano, conectavam-se com Teixeira Mendes, por conta de afinidades positivistas, e com a Sociedade Cearense Libertadora do Ceará" (ALONSO, 2015, p.181). Ora, sabe-se muito bem que José Mariano pode até ter sido republicano nas sombras da sua vida, mas nunca se declarou positivista, a ponto de se associar com Teixeira Mendes por "afinidades positivistas", mas estava certamente mais próximo dos líderes republicanos – a família Falcão – que eram ligados, estes sim, a Teixeira Mendes.

Parte da "confusão" em se dissociar a pretensa liderança de Mariano vem da crescente influência que o Partido Republicano passou a ter. De acordo com Celso Castilho "The Republicans thus rode the abolitionist wave and gained unprecedent public visibility between 1884 and 1888, something that certainly helped consolidate the party[114]" (2008, p.225). Outros jornais também assumiram o crescimento do movimento ao afirmar que "tem considerável incremento nesta província o movimento republicano. A ideia, simpática sem dúvida, vai ganhando os espíritos e fazendo prosélitos por toda parte. Vai talvez mais depressa do que andou a Abolição" (JORNAL DO POVO, 21-1-1889). Interpretar José Mariano e suas posições é um esforço contínuo de contextualização política. Parte da confusão feita por Ângela Alonso pode estar associado ao fato de que, em 1890, durante o período em que foi marginalizado da política, Mariano tentou conseguir aliados do grupo de Martins Júnior declarando-se a favor de Comte e da Ditadura, posição que ele mudaria logo depois (OZANAM, 2013, p.45-6).

As acusações – com fundamento, aliás – partiram de ambos os lados. Enquanto os liberais, em especial José Mariano, acusavam os republicanos de terem abandonado os

[114] "Os republicanos controlaram a onda abolicionista e ganharam uma visibilidade pública for a de previsões entre 1884 e 1888, algo que certamente ajudou a consolidar o partido".

libertos à própria sorte e aliarem-se aos ex-escravistas, os republicanos, em especial Martins Júnior, rebatiam dizendo que os liberais abandonaram a república, comendo as migalhas dadas pela Princesa. Mariano chamava os republicanos de "republicanos do tronco" e até "Ditadura Republicana dos Escravocratas" (HOFFNAGEL, 2005, p.213), ao passo que o grupo de Martins Júnior o chama de "chefe da Guarda Negra" e "monarquista de 13 de maio". Ninguém estava mais certo que ninguém. Como vimos, José Mariano deu provas recorrentes de sua orientação republicana, mas sua posição dentro do partido liberal era conveniente. Com dinheiro, cargos e eleitores a sua disposição, Mariano tinha uma posição de destaque, tendo se tornado a face 'oficial' da Abolição na província. Do seu ponto de vista, tornar-se publicamente republicano, perdendo visibilidade para Aníbal Falcão e José Isidoro Martins Júnior, não era sedutor o suficiente. A percepção desta "conveniência monárquica" de Mariano já vinha sendo alertada há muito tempo. Fortunato Pinheiro, analisando um discurso abolicionista promovido por José Mariano no Teatro Santa Isabel em abril de 1883, afirma que:

> Estamos de acordo com as ideias de S. Ex., porém o que queremos ver é a realidade do que diz. Censurou em parte o governo da monarquia, isso muito de leve, e todos compreendem que S. Ex. tem altas aspirações, é um representante da nação, e não lhe convém sair fora das graças do Rei que é o único baluarte, que os tiranos rendem preito. Por isso duvidamos do que prometeu ao povo o Sr. Dr. José Mariano, e esperamos pelos fatos (O REBATE, 1-5-1883).

Em festa comemorativa da Bastilha, em julho de 1885, Manoel Gomes de Mattos indica em sua biografia que "convém saber que o grupo de republicanos convidou a José Mariano a se incorporar e que este respondeu que era republicano, mas que não convinha então sua incorporação" (MATOS, AMGM, sem data). A ambiguidade de José Mariano durou até poucos meses antes da República, pois o deputado conservador Meira de Vasconcelos, em 24 de abril de 1889 diz que

> O nobre deputado [José Mariano] que apontava então os vícios da monarquia, que a julgava, por assim dizer, carcomida e impotente para fazer a felicidade deste povo [...] Nós vimos ainda ontem o nobre deputado pelo 2º distrito dizer àqueles que o seguem como o seu norte e seu rumo que o Dr. Silva Jardim era um propagandista consciencioso e digno de respeito (MEIRA DE VASCONCELOS, Anais da ALP, 22-4-1889).

Ao que parece, a ambiguidade das ações de José Mariano também provocarão uma luta pela "glória" republicana após a Proclamação, antepondo-se, novamente, à liderança de José Isidoro Martins Júnior (OZANAM, 2013, p.33). Por outro lado, os líderes republicanos

passaram a ter mais visibilidade e mais adeptos do que nunca. Poderiam se manter herméticos como na época d'*O Democrata* e, provavelmente, definharem, ou podiam lançar todas as cartas – mesmo amargas – e buscarem o apoio de ricos fazendeiros e grandes políticos. A questão, creio eu, não deveria ser quem se manteve 'puro' e 'íntegro' após a Abolição, mas de focar nas estratégias políticas utilizadas para manter-se ou conquistar poder. Para isso, ambos se transformaram. Joaquim Nabuco, em tom apelativo, pediu a Mariano que não se declarasse republicano:

> És positivamente a esperança dos republicanos e teu pronunciamento teria a importância de uma batalha perdida para a monarquia e ganha para a república. Eu, tu sabes, não tenho ambição política, nada quero nem espero da política, hoje que a missão da minha vida está terminada, mas deixa-me dizer-te: não te enganes! A causa do povo não é a República. Eu vi os teus apartes na Assembleia Provincial, na tua veia republicana, e fizeste muito bem em defender homens como Maciel Pinheiro e Martins Júnior da suspeita de quererem reescravizar os libertos! [...] No dia em que te vir passado para a República, como os republicanos esperam, terei pena do pobre povo do qual és um dos poucos sinceros amigos que tenho conhecido e terei pena de Pernambuco (NABUCO apud SALLES, 2013, p.198-9).

A corda andava tão bamba que a questão foi parar no gabinete de Ouro Preto. Mandou prometer-lhe mundos e fundos para que continuasse no Partido Liberal. Nabuco entregou-lhe a causa da Federação. Não era recente a dubiedade política de José Mariano. Fortunato Pinheiro, o dono do jornal *O Rebate*, garantiu publicamente que Mariano havia lhe confessado o republicanismo (O REBATE, 10-3-1884). Joaquim Nabuco também andava a falar coisas dúbias que serviram de munição para os republicanos. Como se sabe, em 1888 ele estava publicando no jornal republicano *O Paiz* (RJ), mas isso não o tornava, obviamente, republicano. Entretanto, num desses artigos, declarou:

> Se alguém me perguntar se sou monarquista ou republicano, em princípio, eu mesmo não saberei responder. (...) Republicano onde a república é a tradição nacional, a forma social psicológica, como na Suíça e nos Estados Unidos, e monarquista onde a monarquia não é um obstáculo à liberdade, mas, por assim dizer, a condição climática permanente e regular que a deixe crescer e frutificar (...). Para ser bom monarquista é preciso ter o ideal republicano, mas a confusão está em supor que o ideal republicano se realiza sob a forma republicana da América do que sob a forma monárquica da Inglaterra (NABUCO apud GOUVEA, 1989, p.380).

O trecho acima, propositadamente confuso e dúbio, demonstra como as posições de José Mariano e Joaquim Nabuco após a Abolição colocaram-nos em um difícil processo de adaptação. Tidos como estranhos dentro do seu próprio partido (HOFFNAGEL, 2005), a relação de proximidade deles com os republicanos positivistas não só em termos ideológicos (ALONSO, 2002), mas também na propaganda em Pernambuco, escancarava como eles

precisavam se identificar perante o público, que lhes taxavam continuamente de republicanos. Ângela Alonso chega a afirmar que Joaquim Nabuco e André Rebouças "namoraram" o republicanismo durante o governo Cotegipe (ALONSO, 2015, p.364). Antônio Silva Jardim rebate:

> Assim, o Sr. Dr. Joaquim Nabuco é monarquista na Inglaterra, republicano hesitante, ou monarquista hesitante, ou monarquista republicano na França; no Brasil monarquista; na Suíça, nos Estados Unidos, republicano! (JARDIM, 1978, p.261).

É por causa desses artigos dúbios de Joaquim Nabuco que análises como a de Christian Edward Cyril Lynch ficam bastante prejudicadas, ao tentar defender uma espécie de posição "monárquica republicana" de alguém que só teve uma bandeira, a da Abolição (LYNCH, 2012). Jardim e Nabuco andavam por essa época a trocar farpas nas colunas dos jornais *Gazeta de Notícias* e *O País*, respectivamente. O primeiro, já alertando no sentido que Nabuco buscava se tornar o único grande responsável pela Abolição, ralha "Não!, sua Exª não trabalhou mais do que nós [republicanos positivistas] pela Abolição" (JARDIM apud FERNANDES, 2007, p.277). Nabuco chama-o de incitador de guerras ao declarar a morte de Conde D'eu, ao que ele confirma "Execução? Sim, execução. Matar? Sim! [...] É perdição o sentimentalismo em política" (Idem, 2007, p.278). Mas engana-se o leitor se pensa que a dificuldade em analisar politicamente Joaquim Nabuco seja mera questão acadêmica. Seus próprios aliados políticos, seus eleitores e seus amigos continuamente precisavam alertá-lo para "jogar limpo". Num desses momentos, ocorrido em janeiro de 1889, logo após a criação do Partido Republicano de Pernambuco em dezembro de 1888, seu colega republicano Barros Sobrinho escreve-lhe pedindo, com urgência, que regresse à província por ser...

> Muito necessária a sua vinda aqui a fim de destruir a má impressão que tem sentido muitos dos seus eleitores por causa da sua posição defendendo a monarquia [eleitores consideravam-no republicano] (...) quanto ao seu monumental artigo sobre o movimento republicano aqui [no *Paiz*, nº4 e 5], a não ser um pequeno grupo de republicanos que de passagem digo, não admitem que se lhes toque no seu vestal, todos os outros [ilegível] não fizeram mais do que justiça ao seu talento e caráter, pois foi muito procurado, muito lido e muito elogiado! Como o meu amigo é o que sempre foi, monarquista, alguns republicanos que não se distinguem pela generosidade entendem, ou pelo menos, dão a entender que o não devem defender, embora meu amigo os tivesse defendido encarecendo, aliás, o fato de serem republicanos (CJN, 12-1-1889)

Neste clima de agitação, com essa clivagem entre os antigos aliados liberais e republicanos, que a vinda de Silva Jardim criou o período mais conturbado do período. Partidário de uma visão positivista favorável à revolução popular, Silva Jardim viu-se isolado

em São Paulo, mas encontrou apoio do grupo de Pernambuco, tornando a província a sede de uma contra proposta à moderada liderança de Quintino Bocaiúva (FERNANDES, 2008, p. 53).

### 6.2. A deserção positivista e o recrutamento

Em 1889 Quintino conseguiu "eleger-se"[115] líder do Partido Republicano nacional, mas mal começou sua liderança, já recebeu a primeira deserção: Silva Jardim declarou-se contra, foi apoiado por Pernambuco que arrastou a adesão do Rio Grande do Norte. Junto com ele também apoiaram o Pará, Rio Grande do Sul, Bahia, alguns núcleos no Ceará e Maranhão, além do Apostolado no Rio de Janeiro. Aníbal Falcão, ao se declarar contrário a Quintino em nome de Pernambuco, declara que

> Não aderimos à escolha de qualquer chefe, outro que não aquele em cuja capacidade política e ardor patriótico depositamos a esperança de que saberá organizar um partido verdadeiramente republicano, que realmente queira a instituição de uma ditadura prática e da mais pela liberdade espiritual (FALCÃO apud JARDIM, 1978, p.376-7)

José Leitão, líder dos potiguares, segue na orientação do PRPE.

> Creio bem interpretar os generosos sentimentos do Partido Republicano de minha província, nesta questão de chefia, pondo-me ao lado dos nossos correligionários de Pernambuco, com quem o Rio Grande do Norte já em 1817 e 1824 foi sempre solidário. Perfilhando, pois, o protesto do Dr. Aníbal Falcão, julgo haver cumprido um dever de lealdade para com o Partido Republicano Brasileiro e meus distintos comprovincianos norte-rio-grandenses (LEITÃO apud JARDIM, 1978, p.379)

Em janeiro de 1889 Silva Jardim inicia uma coluna política na *Gazeta de Notícias*, onde convida seus partidários Aníbal Falcão, Júlio Dinis e Xavier da Silveira para colaborarem. Em maio, quando sai a eleição de Quintino para a chefia do partido, Jardim assume publicamente sua posição, já com o PRPE ao seu encalço.

> Torno-me, portanto, solidário com todos aqueles que – e não serão poucos – malgrados os manejos da conveniência política levada até o sacrifício das opiniões – tácita ou explicitamente repelirem, por um motivo de desejo de ação, ou por uma questão de princípios, a chefia do senhor Quintino

[115] Silva Jardim explica que o congresso republicano que se disse nacional, na verdade foi representado por pouquíssimas províncias e destas poucos representantes apareceram. Além disso houve uma forte predominância de São Paulo. Na Gazeta de Notícias (Rio, 25-5-1889) afirma que não reconhece a liderança de Quintino e é a partir daí que surgem dois grupos distintos na propaganda republicana. (JARDIM, 1978, p.355).

> Bocaiúva: e pois com o órgão do Partido Republicano de Pernambuco, procurando corresponder aos votos que em nome daquele agremiamento faz quanto à minha obra política, no que toca à organização de um Partido Republicano construtor, preliminarmente revolucionário, em que realmente se deseje para a pátria uma presidência poderosa, instituída pela vontade popular, a princípio por aclamação, sujeita em seguida ao sufrágio universal (GAZETA DE NOTÍCIAS, 25-5-1889)

Em fevereiro daquele ano (logo, o primeiro documento contra seu mandato) Quintino Bocaiúva declarou não acreditar em Aníbal Falcão como porta-voz de Pernambuco – visando com isso desmoralizar a "onda" de desertores – entretanto, o PRPE volta a republicar o manifesto assinado por Maciel Pinheiro, Martins Júnior, João Cardoso, Antônio Martiniano Veras, João Walfrido de Medeiros, Raimundo Bandeira, Antônio de Souza Pinto, Albino Meira, Rodolfo Lima e Honório Silva que reforçam Aníbal como seu porta-voz.

> Os correligionários desta província prestam adesão e todo o possível apoio moral à chefia suprema do cidadão Silva Jardim, em quem reconhecem a competência teórica e a prática necessárias para a boa marcha e feliz êxito da agitação republicana (*O NORTE*, 4-2-1889)

A "onda de desertores" levou a uma sequencia de réplicas e tréplicas entre a liderança paulista encabeçada por Quintino e o bloco oposicionista, cujas províncias de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará e Rio Grande do Sul já tinham prestado total adesão, além de lideranças isoladas em outras províncias. Posteriormente também declaram adesão à Silva Jardim (sem representarem um partido, mas sim o grupo republicano da província): Paraíba, Maceió e Bahia (O NORTE, 20-6-1889). O que me levou a concluir que a oposição à liderança de Quintino Bocaiúva tinha algum caráter regional e significou, sobremaneira, na forma como a Proclamação foi feita à revelia das lideranças do Norte e do Rio Grande do Sul. Aníbal Falcão deixa bem claro que:

> [...] cabe-me declarar, em nome do Partido Republicano de Pernambuco, que não podem merecer a nossa aquiescência – nem o modo de instituição do chefe, nem a escolha do cidadão a quem foi investida a direção suprema da agitação republicana [...] não aderimos à escola de qualquer chefe, outro que não aquele em cuja capacidade política e ardor patriótico depositamos a esperança de que saberá organizar um partido verdadeiramente republicano, que realmente queira a instituição de uma ditadura prática e da mais plena liberdade espiritual [...] o problema atual não consiste unicamente em suprimir a realeza, senão também na extinção do parlamentarismo democrático. (FALCÃO apud JARDIM, 1978, p.376-7).

Deve-se ter em conta, portanto, que a maior parte das memórias e da sistematização das ideias de Joaquim Nabuco e sobre José Mariano foram posteriores ao golpe/proclamação de 15 de novembro de 1889. Há, desta forma, um processo de polimento e escolha das

memórias que iriam se tornar a base para as análises de historiadores sobre o período da propaganda republicana em Pernambuco. Principalmente aquelas que foram publicadas da primeira década do novo regime, quando o grupo de José Isidoro Martins Júnior e Aníbal Falcão estavam em clara desvantagem política.

Em política, além dos textos, a aparência e a expressividade contam para a análise do discurso (POCOCK, 2003, p.24). Pode parecer de segunda importância, mas José Isidoro Martins Júnior sempre foi tido pelos seus próprios colegas como um rapaz austero demais. Alfredo Falcão, um dos seus mais íntimos colegas, descreveu-o como um rapaz "mergulhado nessa melancolia profunda tão prejudicial, tão fatal mesmo aos 22 anos. É um rapaz triste, sem expansões, sensato, trabalhador morigerado" fato que o deixava com raiva a ponto de publicamente admitir que "dá-me vontade às vezes de esganá-lo ou cobri-lo de carícias [...] revolto-me contra o bandido de 22 anos que não ri, não caça, não dá pequenos escândalos... decentes*"* e termina ao adverti-lo que "se deixar, porém, amanhã arrastar pela onda corruptora, enforco-o no primeiro lampião" (FOLHA DO NORTE, 22-8-1883). Essa postura melancólica de Martins Júnior vem desde a sua adolescência, quando apareceu nos primeiros jornais republicanos, ao publicar poesias como Desalento (O PROGRESSO, 10-8-1875) "A vida é toda assim, é um composto/ de riso e sofrimento/ se há um dia de riso, segue um ano/ de inteiro desalento", e A Morte (O PROGRESSO, 20-8-1875*)* "E ainda há quem ouse levantar a voz/ p'ra desta vida recordar brasão,/ quando ela só é um sofrer atroz!".

Arthur Muniz, seu biógrafo logo após a morte em 1904, também relata que Martins Júnior não costumava sorrir (MUNIZ, 1906, p.42); esse tipo de descrição de José Isidoro é bastante comum na historiografia, pois até Nelson Saldanha diz que ele "viveu o ideal republicano como uma fé inabalável" (SALDANHA, 1966, p.40). Esta falta de carisma do líder do movimento (reconhecido como tal pelos seus contemporâneos) pode ser um dos fatores, aliado aos péssimos recursos financeiros, porque em conferências públicas e *meeting*s, o famoso orador José Mariano levava a melhor. Somando-se a essa melancolia, falta de carisma e relativa pobreza, a própria aparência de Martins Júnior o deixava à sombra. Rapaz sempre muito magro, franzino e um pouco vesgo, não se comparava em presença com o alto e belo[116] Mariano. Além disso, sua saúde era muito inconstante (FALCÃO, 1933, p.30).

[116] Há inclusive um relato de uma moça no jornal a *Folha do Norte* que descreve 'Zé Mariano' como "o centro daquele mundo, a alma daquela população, a modelar tudo sobre a sua simpática fisionomia" (FOLHA DO NORTE, 25-1-1884).

Seu fanatismo político, muitas vezes uma obstrução à sua vida íntima, relevou-se em uma carta à sua primeira esposa (casamento só aconteceria após a República), Elisa Quinteiro:

> Eu sei, Elisa, que tu te queixas intimamente do fervor com que eu me apego as minhas ideias e, sobretudo, do amor que eu voto ao meu ideal político, pelo qual me tenho feito até hoje uma espécie de apóstolo. Imaginas, talvez, que isso diminui a minha adoração por ti, enfraquece o amor que te voto. Como te enganas, Elisa! Escuta: a minha alma arrastada por esse caminho escuro da vida, vê, no maio da treva que a cerca, dois grandes fachos que a deslumbram e guiam: um, alumia-lhe uma Babilônia que se chama Pátria; outro, aclara-lhe um oásis que tem o home de Família. O primeiro facho é representado pelas minhas ideias (ilusões, se quiseres) que eu me esforço por conservar puras como o afeto que te tenho; o segundo, que mais parece um astro do que simples facho é representado por ti, ou antes, pelo amor, de que és a concretização ou realidade objetiva exterior. Essas duas manifestações do meu eu – as minhas ideias e o meu amor – não se repelem, atraem-se. (MARTINS JÚNIOR apud SOUTO MAIOR, AMJ[117], 1960, sem página).

**Figura 12 - José Mariano próximo aos 30 anos (1880)**
Fonte: CEHIBRA-Fundaj

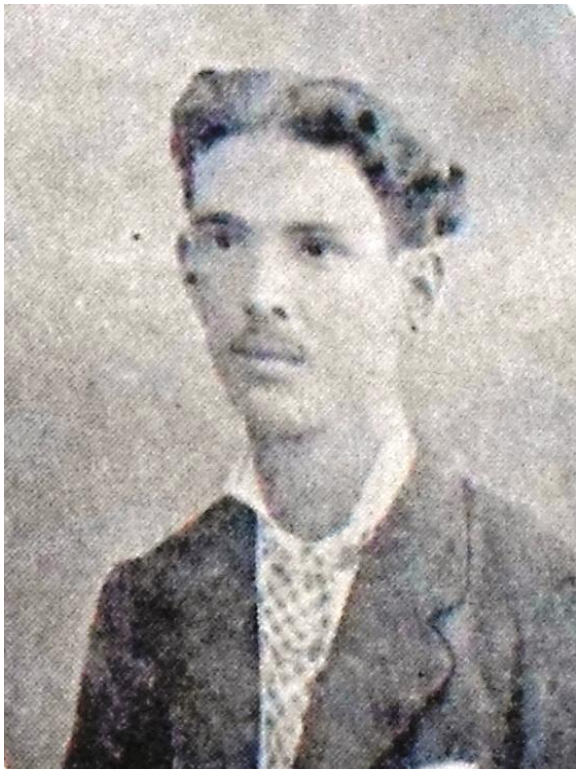


**Figura 13 - Martins Júnior aos 19 anos (1879)**
Fonte: (MUNIZ, 1906, P.40)

*Mas porque só dizer isso no final da dissertação?* Porque foi neste período pós-abolicionista que essas diferenças, pequenas e aparentemente desimportantes, se tornaram

[117] Arquivo Martins Júnior, no acervo do Arquivo Público de Pernambuco. A documentação desta série encontra-se despaginada. O relato vem de uma conferência de Isidoro Souto Maior, genro de Martins Júnior, no ciclo de conferências dos cem anos de nascimento do propagandista, em 1960.

uma arma política de valor. O tom do discurso, tanto de republicanos como de liberais-democratas, tornou-se mais agressivo e o público servia de corda numa espécie de cabo-de-guerra da propaganda. Não foram poucas vezes que a capacidade de mobilização popular foi um instrumento para demonstrar poder, principalmente num período em que havia profunda incerteza no futuro. Não é a toa que é justamente neste período que as redações dos jornais *O Norte* e *O Obreiro*, ambas republicanas, discutem entre si a importância de uma boa oratória para a propaganda.

> Se não podemos convencer, porque não somos entendidos, o nosso dever, em vez de abandonar os que tiveram a paciência de ouvir-nos, é procurar uma linguagem mais adaptada às condições de espírito dos ouvintes, é procurar uma dialética – mais insinuante e mais clara. [...] se o auditório é indiferente, o doutrinador deve procurar saber por que. Arranje um assunto que chame a atenção e só depois comece a propaganda [...] Não bastaria elevar mais a voz para vencer a distância ou mudar de posição? Será preciso abater uma parede? (O NORTE, 27-7-1889).

Arthur Muniz, expectador de algumas conferências de Martins Júnior, diz que ele nunca levou nada escrito, sendo levado sempre pela sua veia sentimental, e que o "auditório formado quase sempre pelos ignorados do bas-fond social" (A CULTURA ACADÊMICA, 1904, p.51). A disputa entre quem era o melhor orador popular em Pernambuco nesta época foi relatada por Otávio Pinto num possível episódio comentando o regresso de Silva Jardim da cidade de Goiana junto com Martiniano Veras e um bolieiro chamado Miguel Joaquim Ribeiro, mais conhecido como 'Miguelzinho do Casusão':

> Martiniano Veras que ia com o tribuno no carro quis experimentar o bolieiro e lhe fez a seguinte pergunta:
> - Diga-me uma coisa, Miguelzinho: quem você tem ouvido dizer que fala melhor, Nabuco ou Silva Jardim?
> Manuelzinho diminuiu um pouco a marcha da diligência, endireitou o chapéu, retorceu o bigode e, sem olhar para seu interlocutor, exclamou:
> - Dizem que Nabuco não se encosta para a banda de Silva Jardim. Mas, se por acaso se encostar, não se confessa. (PINTO, 1945, p.253-4).

Explicando o trecho acima, o bolieiro fez um elogio velado à Silva Jardim. Para ele, provavelmente um embate entre os dois tribunos não aconteceria, mas se acontecesse, Nabuco morreria antes mesmo de se confessar, demonstrando a língua afiada de Silva Jardim. Para se ter uma ideia de como a aparência física e o tom de voz se tornou um acervo permanente de contrapropaganda neste momento, após discursar para um público de quase 60 pessoas (ou 500) (JORNAL DO RECIFE, 16-1-1889) em Nazareth, o *Diário de Pernambuco* avalia Albino Meira como:

> Sem dotes oratórios, isto é, sem a figura de Emílio Castela, sem o órgão de Silveira Martins, sem a brilhante e fecunda imaginação de José Bonifácio, e ao contrário, de estatura abaixo da mediana, de voz fraquíssima a reproduzir umas chapas já conhecidas até pelas classes menos instruídas, não conseguiu fazer prosélitos como se diz na referida notícia, e a prova está no fato de recusarem todos a assinar uma ata que lavrou-se depois de concluída a conferência (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18-1-1889)

Talvez o evento-chave que arregimentou todas essas pequenas características, todas as redes de sociabilidade e todas os recursos propagandísticos foi a vinda de Antônio Silva Jardim à Pernambuco em junho de 1889. De acordo com Maria Fernanda (2008, p.139) a presença de Silva Jardim em Pernambuco demonstrou que, conforme o aparato defensor dos seus aliados se tornava mais forte, seu discurso ganhava um tom mais agressivo. Não é a toa que a autora, apesar de focar toda sua tese na propaganda de Jardim ao sul do país, faz um parêntesis para tratar sobre Pernambuco. Além de ser a principal base aliada nacional – e talvez exatamente por causa disso – a chegada de Silva Jardim e Conde D'eu num ambiente já muito polarizado escancarou o clima agressivo entre monarquistas e republicanos na província. Enquanto Jardim acusava Conde D'eu e José Mariano de se utilizarem da Guarda Negra para reprimir os republicanos, estes os acusaram de incitarem a desordem. Afirma Maria Fernanda que a estratégia dos republicanos de imputarem à Coroa a causa da violência política daquele período só surtiu efeito depois da passagem de Silva Jardim por Pernambuco, quando Conde D'eu precisou pedir desculpas publicamente em nome da Família Real (FERNANDES, 2008, p.139).

José Isidoro Martins Júnior fez o concurso para a FDR e, como era de se esperar, apesar de ser classificado em primeiro, não foi escolhido. Não foi a primeira vez que isso aconteceu, mas naquele momento pós-Abolição, tudo isso era motivo de inflamação contra a monarquia. Martins Júnior sempre teve uma trajetória educacional brilhante, passando com distinção em exames (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17-12-1874), mas sempre teve oportunidades negadas e sempre precisou dar aulas extras para se sustentar (A PROVÍNCIA, 6-7-1877). Em uma interessante carta escrita por José Isidoro para Joaquim Nabuco neste momento, indica inúmeras possíveis conclusões:

> Recife, 19 de junho de 1888.
> Ilustre amigo Sr. Dr. Joaquim Nabuco,
> Antes de tudo, um abraço pela conquista final da Grande Ideia. Não quero tomar-lhe grande parte do seu precioso tempo. Por esta razão digo, em muitas poucas linhas, qual o fim desta carta: É dizer-lhe que, se mereço alguma coisa por qualquer título, espero que promoverá aí, por todos os meios consentâneos com a sua e a minha dignidade, a minha nomeação para lente da faculdade.

> No 2º concurso, que acabo de fazer, fui classificado em 1º lugar. Creio, portanto, que me nomeando, o governo não me faz um favor, faz-me simplesmente justiça.
> Atrevo-me a lembrar-lhe que por intermédio do José do Patrocínio talvez fosse fácil atrair sobre mim as simpatias do João Alfredo, de quem, aliás, tenho receio.
> Não merecerei, nesta conjuntura, a honra de ver o meu nome lembrado por V. Exª em artigo editorial do *Paiz*?
> É agora a ocasião de cumprir o que me prometeu o ano passado: - a publicação de um artigo a meu respeito. Se de tanto julgar digno, conte com o eterno agradecimento.
> Seu patrício e admirador,
> Isidoro Martins Júnior.
> (CJN, 19-6-1889)

Esta carta demonstra três coisas principais: 1) Acesso aos cargos públicos pelos republicanos dependia bastante das indicações e apadrinhamentos, demonstrando uma relativa dificuldade de ascensão somente baseada no mérito, como já demonstrou Ângela Alonso (ALONSO, 2002); 2) A associação entre o grupo republicano e Joaquim Nabuco também foi marcada por um jogo de promessas que, após a Abolição, passaram a ser cobradas; 3) A insistência de Isidoro em ver um artigo seu publicado no *Paiz* revela sua tentativa de ganhar simpatias para sua causa para tornar-se lente da Faculdade de Direito, algo que já havia conseguido de Rui Barbosa. Uma carta semelhante foi endereçada por Barros Sobrinho a pedido de João Ramos:

> O nosso amigo João Ramos pede-me não só para lembrar-lhe o pedido que lhe fiz em favor dele sobre a agência do [ilegível] transatlântica do Jaceguary, como também para dizer-lhe que ele muito antes de ser abolicionista, já era republicano, pois não quer que o julgue no rol dos despeitados republicanos de 13 de Maio (CJN, 12-1-1889).

Raul do Valle, em artigo para a *Revista Ilustrada* (RJ, 1-9-1888) declara a culpa contra semelhante abuso ao sistema político que nunca escolhe o mérito. Em novo concurso, no mesmo mês, Isidoro é o único classificado e novamente preterido, de forma que a *Revista Ilustrada* exclama "É assim que as instituições criam formidáveis adversários. Erro gravíssimo!" (29-9-1888)[118].

A Revista Ilustrada tinha razão. Naquele mesmo ano o Partido Republicano de Pernambuco formalizou sua existência enquanto grupo e dali passaram a promover conferências nas

[118] Martins Júnior só será nomeado para a cadeira que conquistou por direito 4 dias após a Proclamação da República. Em artigo anônimo na *Revista Ilustrada* afirmam que "as opiniões políticas que tinha e não sabia esconder, provocavam as iras de quem timbrava em ser monarquista" (REVISTA ILUSTRADA, 19-3-1890) demonstrando que para a opinião geral a única causa da não escolha de Martins Júnior eram suas orientações políticas.

principais cidades agrícolas da província. Em dezembro foi Escada (FALCÃO, 1933, p.33). Logo de início, Tobias Barreto, que nunca foi muito próximo da propaganda republicana, "desconfiou cedo do autoritarismo do Partido Republicano e não nutria simpatias pelo novo agrupamento" (PAIM, 1997, p.96). Inicialmente, eu tinha como hipótese de que o número de adesões de agricultores após a Abolição não seguisse a mesma "avalanche de deserção" que ocorrera no sul do país. A hipótese veio a se confirmar: poucos agricultores declararam-se republicanos após a Lei Áurea em Pernambuco e, desses poucos, menos ainda passaram a participar da propaganda republicana.

Posso indicar apenas quatro agricultores que se empenharam *ativamente* na propaganda republicana: Ignácio Rabello (Goiana), Francisco Campello[119] (Cabo), Leonardo Cavalcanti de Albuquerque (Escada) e Ambrósio Machado (Vitória) e, mesmo assim, os dois primeiros já tinham ligação com os republicanos antes mesmo do Treze de Maio. Ambrósio Machado, em circular ao eleitorado, demonstra como um argumento ex-conservador se tornou associado ao discurso republicano ao dizer que "pertenço, cidadão eleitor, à classe da lavoura, uma das classes conservadoras por natureza, e por isso mesmo, amigo da ordem, da paz, da tranquilidade e do lar doméstico" (O NORTE, 8-8-1889). As adesões partiram, em sua maior parte, não do partido da oposição (Conservador), mas do próprio partido liberal que estava no poder. Oras, se o número de agricultores que aderiram ao PRPE foi reduzido e esses pouco contribuíram – mesmo em candidaturas e auxílio pecuniário – por que aderiram a um partido visivelmente incapaz de ganhar o poder? Bem se sabe que em política há negociações, promessas e trocas. Então resta a pergunta: que vantagem tinha um agricultor em filiar-se ao PRPE?

Para começar a responder essa indagação, preciso partir da primeira conclusão necessária. Primeiro, os agricultores não "debandaram" dos seus partidos de origem. Eles foram ativamente *recrutados*. Cada adesão de um agricultor foi um esforço de propaganda e conquista, levado a cabo pelas diretorias regionais e pela própria cúpula do PRPE. O Centro Republicano de Pernambuco, em novembro de 1888, marcou uma reunião em Escada em que foram "convidados principalmente os senhores agricultores" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30-11-1888). A princípio considerei que os agricultores tivessem esperança na indenização por seus ex-escravos, apostando no fim do regime monárquico com a iminente morte de Dom Pedro II (sua saúde andava péssima), entretanto o órgão oficial do PRPE, *O Norte*, declarava

[119] Este nem sequer tinha uma longa trajetória como agricultor, pois era bacharel em direito e toda sua atuação republicana se deu através da faculdade. Herdou uma propriedade no Cabo, o que o tornou membro da classe.

repetidamente e em alto e bom tom que "a indenização é impossível" e que o PR "não pode usar a indenização para conseguir adeptos" (O NORTE, 5-6-1889). Não era de 1889 que os republicanos demonstravam-se abertos para desertores dos partidos monárquicos, antes essa foi uma conduta ininterrupta desde 1880. *O Democrata*, em 1880, já destacava que "os Srs. Liberais e conservadores que se envergonharem do erro em que vivem, venham e serão recebidos entre nós com toda fraternidade, contanto que lutem conosco para desde já eliminarmos a monarquia e proclamarmos a República" (O DEMOCRATA, 19-6-1880). Em outro momento, replicando as contínuas críticas que receberam, responderam categoricamente:

> 'Ao republicano' que na Província de ontem pede que o Dr. Silva Jardim declare se o nosso partido pretende pagar aos ex-senhores de escravos o valor destes, respondermos que os agricultores, quando se declaram republicanos, declaram também que consideram perdido o valor dos libertos, e não querem que a República lhes pague o prejuízo que lhes deu a monarquia. [...] temos dito e repetido isso diversas vezes... (O NORTE, 26-6-1889).

Poderiam os agricultores, talvez, apostar na queda da monarquia, já assegurando suas conquistas/permanências no poder com o novo regime, algo como uma "medida de segurança" para evitar a ascensão dos positivistas ao poder? Seria uma aposta de alto risco? A "radicalização" da propaganda positivista era tema muito comentado no final da monarquia. Celso Castilho indica que, após a Lei Áurea, um setor mais conservador do Partido Republicano cresceu com auxílio de agricultores ressentidos, e que foi essa ala quem predominou após a Proclamação (CASTILHO, 2008, p.256). Por essa razão *A Província* utiliza esse argumento central – a da indenização – para construir uma imagem pejorativa do PRPE, com uma insistência notável. Em sua coluna "República da Escravidão" acusa os redatores do *Norte* de só terem se tornado abolicionistas após a Lei Áurea, mas os republicanos relembram (e há verdade nisso, como demonstrei nos capítulos anteriores) que os liberais [José Mariano] só se declararam abolicionistas após a libertação do Ceará, em 25 de março de 1884. E bradam:

> Essa república não é a nossa, porque FOMOS ABOLICIONISTAS ANTES QUE OS REDATORES D'A PROVÍNCIA O FOSSEM (Sic). Não, essa República não é a do Partido Republicano de Pernambuco, porque Gomes de Matos, Aníbal Falcão, João de Oliveira, João Ramos e os diretores do Norte não são abolicionistas de última hora, como talvez o fossem os d'A Província (O NORTE, 8-8-1889).

Notícias de tentativas de golpe contra Dom Pedro II impetrado por positivistas era recorrente durante o ano de 1889. Aníbal, em conluio com Sena Madureira e Silva Jardim,

estabeleceu que a excursão da propaganda empregada pelo último seria realizada com fito de arrecadar fundos para a compra de armas. Mas a trama sofreu de má sorte: Silva Jardim adoeceu no mesmo momento em que Sena Madureira morreu (ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, Vol. XIX, 1968, p.120). Concomitante a essa ação conspiratória, seus correligionários gaúchos também arquitetaram um golpe na estância de Júlio de Castilhos entre 1887 e 1889, com data prevista para março de 1889 (PACHECO, 2006, p.149), a ideia incluía radicalizar para as armas (SUPERTI, 2004, p.142). Também nesse ano Dom Pedro II sofre uma tentativa de assassinato, cujo acusado – Adriano Augusto Valle, português - indicou a influência de alguns republicanos, entre eles de Germano Hasslocher, positivista republicano comum tanto ao PRRS como ao PRPE. *A Província*, órgão liberal opositor do *O Norte*, trata logo de atribuir a tentativa de homicídio à agitação republicana e ao uso imoderado da liberdade de imprensa, ao que os redatores rebatem "Qual foi o jornalista, qual foi o orador republicano, que em Pernambuco aplaudiu e sancionou o ato irrefletido e violento praticado no Rio de Janeiro, na noite do dia 15? Diga-o *A Província*" (*O NORTE*, 20-7-1889).

Como indagou Joseph Love "Castilhos e Assis Brasil estavam mais bem informados sobre os esquemas de Silva Jardim do que sobre os planos daqueles que executaram o golpe vitorioso" (LOVE, 1975, p.40-1). De maneira geral, os positivistas brasileiros, muito além do Apostolado, representavam uma corrente alternativa ao Partido Republicano Paulista, e estavam estreitamente relacionados desde 1884. O elo de ligação de Norte ao Sul do país eram Antônio Silva Jardim e Aníbal Falcão que, de maneira geral, foram pegos de surpresa no dia 15 de novembro de 1889.

Em junho de 1889 Aníbal Falcão foi indicado para concorrer à Câmara, no mesmo mês que chegava em Pernambuco seu amigo íntimo e propagandista Silva Jardim. Em meio a agitação que trouxe o paulista, veio um manifesto escrito por Falcão à sociedade recifense. No Rio, Aníbal passou a colaborar com o *Correio do Povo*, que veio a formar o Clube dos Caboclos junto com Ubaldino do Amaral, Xavier da Silveira Júnior, Sampaio Ferraz e Chagas Lobato. Esta sociedade se declarou em julho de 1889 fazer parte da ala radical do republicanismo (ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, Vol. XIX, 1968, p.119). Em agosto, *O Norte* lança seus candidatos para a deputação, voltando à estratégia que era utilizada em 1880-2.

| Candidatos republicanos | | | Candidatos Liberais | Candidatos Conservadores |
|---|---|---|---|---|
| Círculo | Ocupação | Nome | Nome | Nome |
| 1º | Artista | Aníbal Falcão | Joaquim Nabuco | Machado Portela |
| 2º | Negociante | Manoel Gomes de Mattos | José Mariano | José Nicolau de Carvalho |
| 3º | Médico | João Carlos Balthazar da Silveira | Informação não encontrada | Informação não encontrada |
| 4º | Jornalista | Luiz Ferreira Maciel Pinheiro | Joaquim Tavares | João Ferreira de Aguiar |
| 6º | Bacharel | José Isidoro Martins Júnior | José Maria de Albuquerque Melo | Barão de Suassuna |
| 7º | Agricultor (Ipojuca-PE) | Ambrósio Machado da Cunha Cavalcante | Ulysses Vianna | José Vicente Meira de Vasconcelos |
| 8º | Médico; Agricultor (Cuyambuca-PE) | Bernardo José da Câmara | Aristarco Lopes | Barão de Granito |
| 9º | Agricultor (Cabo-PE) | Francisco Campello | Informação não encontrada | Informação não encontrada |
| 12º | Agricultor (Escada-PE) | Leonardo Cavalcante de Albuquerque | Praxedes Pitanga | Antônio Gonçalves Ferreira |

**Tabela 13 - Candidatos para a eleição de 31 de agosto de 1889**
Fonte: A Federação (RS) 26 de agosto de 1889

Como temos visto desde o início desta dissertação, as chapas republicanas lançadas desde 1880 não tinham pretensão alguma de serem eleitas, mas essa era exatamente a estratégia. De acordo com eles "o que quisemos foi habituar os republicanos a votarem em republicanos" (O NORTE, 30-8-1889). Entre 1880 e 1889 não houve uma mudança significativa nos resultados das eleições que pudesse sugerir uma possível vitória republicana. Nem mesmo o tamanho da chapa variou, variando apenas a presença de agricultores, quando no início da década restringia-se a comerciantes e artistas. O *Norte* aponta a consciência de sua timidez eleitoral:

> A nenhum eleitor do nosso partido deve causar impressão a possibilidade ou mesmo probabilidade de não ser eleito qualquer dos candidatos republicanos. Sendo esta a primeira vez que entre nós os republicanos pleiteiam regularmente, e como partido organizado, uma eleição – nenhum pesar haverá para esse partido se seus candidatos não forem vitoriosos (O NORTE, 22-8-1889)

De acordo com o quadro acima, seria de se esperar que o local de maior conflito político viesse a ser os dois primeiros distritos da capital, principalmente entre José Mariano e Manoel Gomes de Matos. Entretanto, foi em Escada que o clima esquentou. Os redatores do *Norte* receberam um abaixo-assinado de moradores atestando que um destacamento de mais de 40 praças fora enviado para a cidade, de forma a impedir a vitória de José Isidoro contra José Maria (a chance era real) (O NORTE, 29-8-1889). E que "...os liberais, convencidos de que estão em minoria na Escada, pretendem perturbar o processo eleitoral na cidade!" (30-8-1889). O que é mais interessante nesse episódio não é a iminente violência, mas a defesa explicita feita a favor de José Maria Albuquerque Melo. Como dito anteriormente nesta dissertação, apesar de após a Abolição o clima ter esquentado entre Marianistas e Martinistas,

a relação entre José Maria e Joaquim Nabuco com os positivistas nunca deixou de ser amigável, gentil e respeitosa.

Naquele momento, após a vinda de Silva Jardim e João Cordeiro para Pernambuco, mesmo tornando o ambiente político tenso, e mesmo sendo José Maria braço direito de José Mariano, em nenhum momento os redatores d'*O Norte* acreditaram na possibilidade de José Maria ter utilizado de jagunços para se eleger. Para os republicanos, José Maria estava sendo enganado pelo Partido Liberal. Para os primeiros, o ato de traição de José Mariano era muito mais grave que a sinceridade política de Joaquim Nabuco e José Maria. Nabuco, sempre respeitoso e monarquista, jamais titubeou sobre suas posições políticas; José Maria tinha se declarado publicamente afastado do republicanismo por não se identificar com o positivismo. A questão com José Mariano era, portanto, de uma "hipocrisia" política. De acordo com eles "O Sr. Joaquim Nabuco tem-se mostrado coerente; o Sr. José Mariano, não" (O NORTE, 28-8-1889).

O que mais irritava os republicanos não era a conversão de José Maria para o Partido Liberal, feita em 1880, já que o ex-republicano da década de 1870 explicou publicamente sua adesão no *Jornal do Recife*. Nem os irritava o monarquismo de Joaquim Nabuco, pois o consideravam coerente em seu discurso desde o movimento abolicionista: "*O Norte* cumprimenta respeitosamente o Dr. Joaquim Nabuco, em que vê um adversário a combater, mas vê também um enorme talento a admirar e um sólido caráter a reconhecer e aplaudir" (O NORTE, 17-9-1889). O que realmente tirava os republicanos do sério era a "hipocrisia" de José Mariano que, além de ter inúmeras vezes se declarado republicano, foi com a ajuda do grupo positivista que ele se tornou o herói imortalizado do abolicionismo em Pernambuco. E era sobre a injúria e a difamação sobre seus ex-companheiros que Mariano queria se tornar o grande mandatário político da região.

Pela primeira vez os republicanos conseguem eleger representantes para as mesas eleitorais, em especial o bairro da Boa Vista, grande reduto de republicanos[120]. Era lá que aconteciam boa parte dos *meeting*s, onde se hospedavam republicanos de outras províncias e onde havia um clube republicano atuante, o Clube Republicano Paroquial da Boa Vista.

[120] Dos bairros centrais da capital, era nítida a influência republicana em Santo Antônio e Boa Vista; Já o grupo de José Mariano era bastante forte em São José. – Para se ter uma ideia da força dos republicanos na Boa Vista, foi o bairro escolhido pelo Clube Martins Júnior em 1884 para se dedicarem a sua completa emancipação escrava (FOLHA DO NORTE, 17-5-1884).

**Tabela 14 - REPUBLICANOS PARA MESAS ELEITORAIS - BAIRRO DA BOA VISTA**

| SEÇÃO | CARGO | NOME |
|---|---|---|
| 1ª | MESÁRIO | FREDERICO MAGALHÃES DA SILVA |
| 2ª | PRESIDENTE | JOÃO DE OLIVEIRA |
| 4ª | PRESIDENTE | ANTÔNIO DE SOUZA PINTO |
| 4ª | MESÁRIO | ANTÔNIO ELYSARIO DA SILVA CAMÕES |
| 5ª | MESÁRIO | JOAQUIM MENA CARDOSO |
| 6ª | MESÁRIO | ERNESTO ARCELINO DE BARROS FRANCO |
| 7ª | MESÁRIO | ARTHUR GOMES DE MATOS |

Fonte: *O Norte*, 29 de agosto de 1889.

Pernambuco, apesar de não ter eleito um único candidato republicano durante o Império, representou um centro do movimento para as províncias que iam do Amazonas à Bahia. Silva Jardim costumeiramente chamava Pernambuco de "Minas do Norte" (Jornal SILVA JARDIM, 30-10-1889). Na última eleição do Império, Pernambuco teve 9 dos 23 candidatos republicanos em todo o Norte, sem contar naqueles que saíram de Pernambuco para se candidatarem, como Albino Meira pela Paraíba e Sílvio Romero por Sergipe. Esses 9 tiveram a 6ª maior votação republicana no país.

**Tabela 15 - Candidatos Republicanos no Norte do Império (Agosto/1889)**

| | |
|---|---|
| **AMAZONAS** | **PARAÍBA** |
| JOÃO FRANCISCO SOARES FILHO | ALBINO GONÇALVES MEIRA DE VASCONCELOS |
| **PARÁ** | **RIO GRANDE DO NORTE** |
| JUSTO CHERMONT | PEDRO VELHO DE A. MARANHÃO |
| AURELIANO RODRIGUES COELHO | JOSÉ LEÃO FERREIRA SOUTO |
| **PIAUÍ** | **SERGIPE** |
| JOAQUIM NOGUEIRA PARANAGUÁ | SÍLVIO ROMERO |
| **BAHIA** | JOSÉ H. PEREIRA GUIMARÃES |
| GLYCÉRIO JOSÉ VELLOSO DA SILVA | **ALAGOAS** |
| MANOEL TEIXEIRA SOARES | JOÃO GOMES RIBEIRO |
| **PERNAMBUCO** | JOSÉ CAETANO DE SOUZA PINTO |
| ANÍBAL FALCÃO | MANOEL B. RIBEIRO DE MENEZES |
| MANOEL GOMES DE MATOS | |
| JOÃO CARLOS BALTHAZAR DA SILVEIRA | |
| LUÍS FERREIRA MACIEL PINHEIRO | |
| FRANCISCO GOMES LEOPOLDO DE ARAÚJO | |
| JOSÉ ISIDORO MARTINS JÚNIOR | |
| AMBRÓSIO MACHADO DA CUNHA CAVALCANTI | |
| BERNARDO CÂMARA | |
| FRANCISCO CAMPELLO | |

Fonte: O Norte, 30-8-1889.

O resultado da eleição de 31 de agosto aconteceu como era de se esperar: uma vitória acachapante do Partido Liberal. De acordo com os redatores "o partido conservador suicidou-se" (O NORTE, 1-9-1889). Ao total o Partido Republicano conseguiu 457 votos, com a

inesperada vitória de Maciel Pinheiro na seção de São Vicente no 4º distrito e o segundo lugar de Manoel Gomes de Matos na seção de Apipucos no 2º distrito. O mais votado entre os republicanos, entretanto, foi Aníbal Falcão, pelo 1º distrito, com 96 votos, seguido de Manoel Gomes de Matos, pelo 2º distrito, com 87 votos[121] (O NORTE, 1-9-1889). Os redatores recebem telegrama de José Brandão da Rocha denunciando que, além dos 40 praças que já haviam em Escada, chegaram quase 100 novos, impedindo os eleitores de votarem (O NORTE, 4-9-1889). *O Norte* passa a exigir a renúncia de José Maria. O jornal *O Combate* chegou a acusá-lo de não ter escrúpulos em se declarar um "futuro republicano", aproveitando-se, portanto, daquele momento político (O COMBATE, 6-7-1889).

**Tabela 16 - Votos alcançados pelos Partidos Republicanos no Império (Agosto/89)**

| | |
|---|---|
| MINAS GERAIS | 5504 |
| SÃO PAULO | 3611 |
| RIO GRANDE DO SUL | 2507 |
| RIO DE JANEIRO | 2198 |
| CORTE | 680 |
| PERNAMBUCO | 457 |
| ESPÍRITO SANTO | 217 |
| SANTA CATARINA | 173 |
| PARÁ | 100 |
| SERGIPE | 80 |
| BAHIA | 68 |
| RIO GRANDE DO NORTE | 62 |
| PIAUÍ | 49 |
| PARANÁ | 44 |
| PARAÍBA | 26 |
| CEARÁ | 25 |
| ALAGOAS | 7 |
| MARANHÃO | 1 |
| AMAZONAS | 0 |
| GOIÁS | 0 |
| MATO GROSSO | 0 |

Fonte: O Norte, 19-9-1889.

Donos de cerca de 60-70% das terras da zona açucareira, o Partido Liberal era um adversário de peso na última hora (HOFFNAGEL, 1988, p.197). Em circular endereçada ao eleitorado do 6º distrito, onde concorria Martins Júnior contra José Maria e o Barão de Suassuna, o propagandista deixa claro o plano de governo com a qual se alinha, em muito já discutido no primeiro capítulo desta dissertação.

[121] Resultado da votação republicana: Aníbal Falcão (96 votos); Manoel Gomes de Matos (87 votos); Maciel Pinheiro (54 votos); Leopoldo de Araújo (9 votos); Martins Júnior (35 votos); Ambrósio Cavalcanti (82 votos); Bernardo Câmara (59 votos) (O NORTE, 1-9-1889).

> (...) o Partido Republicano propõe-se a fazer do primeiro magistrado da nação, isto é, do chefe do poder executivo um genuíno e direto representante do povo: elegível, responsável, demissível e punível; propõe-se a manter a Ordem; propõe-se separar a política da administração e, por consequência, oferecer aos municípios e províncias a autonomia pleníssima de que necessitam para enriquecerem-se e progredirem; propõe-se a conservar e sustentar a integridade da Pátria; propõe-se a reduzir os impostos e proteger as nascentes indústrias nacionais; propõe-se finalmente a instituir: o sufrágio universal, a separação dos poderes temporal e espiritual (garantindo o livre desenvolvimento de todas as crenças), a difusão do ensino primário e do ensino técnico (escolas de agricultura, comércio, das artes mecânicas, liberais e dos ofícios), a inalterabilidade da paz interna, pelo respeito a todos os direitos, e da paz externa, pelo estabelecimento da arbitragem internacional entre os Estados da América (O NORTE, 6-8-1889).

Entre 1887 e 1889, mais ou menos 100 senhores de engenho se alistaram ao PRPE (HOFFNAGEL, 1988, p.202), entretanto não encontrei de onde surgiu esse quantitativo demonstrado por Hoffnagel, já que ele não apresenta suas fontes. Em outro artigo o autor volta a falar que o número não chegava a 100, mas continuou sem expor suas fontes (HOFFNAGEL, 2005, p.213). Até onde consta este trabalho, não houve um número significativo de senhores-de-engenho declarando-se republicanos, como aconteceu em São Paulo, menos ainda daqueles que de fato participaram da propaganda. Entretanto, a *percepção* desse número é outra história[122]. *O Norte*, rebatendo as críticas quanto à adesão de ex-conservadores e agricultores no PRPE, responde que:

> Conservador ou liberal não importa. O essencial é que as adesões sejam sinceras, que os espíritos se achem convencidos, que na consciência dos novos adeptos se ache radicado o sentimento dos males que afligem a sociedade brasileira, e da necessidade imprescindível de um remédio pronto e enérgico [...] por ora todos os elementos são e honestos, pela convicção e pela sinceridade, são igualmente merecedores de pronto acolhimento: - liberais ou conservadores, católicos ou acatólicos, capitalistas ou proletários, proprietários ou artistas, comerciantes ou agricultores, ciências ou industrias, ideia ou força militar. (*O NORTE*, 23-6-1889).

Mais específico ainda é o artigo intitulado "Os agricultores republicanos e o Dr. José Mariano", assinado por Ambrósio Machado no *Diário de Pernambuco*, defendendo-se ao dizer que havia sido contra a abolição, mas que já tinha se dado por vencido. Além disso, rebatendo as críticas de Mariano, afirma só haver três agricultores atuando no PRPE: ele mesmo, Marcionillo e Araribа. Ambrósio Machado retruca com um grau de sinceridade espantosa:

[122] Há relatos de adesões de agricultores antes mesmo da Abolição, como a de Joaquim Gomes do Rego pelo jornal *Folha do Norte* (FOLHA DO NORTE, 14-5-1884).

> Segundo o patriota, o desinteressado pai do Poço da Panela, só esses três agricultores são capazes de absorver a república pernambucana, de corrompê-la e aniquilá-la, sem levar em conta essa falange imensa de homens distintos de todas as classes, de médicos, de literatos, de negociantes, de artistas, de moços altivos e independentes, que das academias e das escolas afluem todos os dias, todas as horas, para fazerem a sua profissão de fé republicana! (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 4-8-1889)

Discordo de Marc Jay Hoffnagel quando ele afirma que somente após a Abolição foi que os republicanos em Pernambuco se aliaram à corrente revolucionária da propaganda (2005, p.211). Como já demonstrei, as redes de sociabilidade política desses indivíduos sempre estiveram relacionadas com essa vertente, principalmente em torno de questões polêmicas como a indenização ao escravo, leis trabalhistas, participação em *meeting*s populares, em clubes abolicionistas secretos, etc. Pelo contrário, afirmo que os republicanos em Pernambuco se aliaram a essa corrente porque *já* tinham uma estrutura propagandística profundamente enraizada no território nacional.

Outro ponto que também discordo de Marc Jay Hoffnagel é quanto a periodização do que ele chama "criar uma identidade" republicana só após a Abolição (2005, p.212). Como venho demonstrando ao longo desse trabalho, o esforço de delimitar a personalidade política do grupo vem desde a década de 1870, mas no meio do caminho a associação com os liberais se tornou mutuamente benéfica. Portanto, em nenhum momento eles se confundiram com os liberais, mas utilizaram de uma estratégia necessária para a sobrevivência. Quando as razões que os mantinham unidos sumiram, reapareceram as diferenças à flor da pele. Se a Abolição significou alguma coisa para os republicanos foi a de que eles não precisavam mais dos liberais para nada. Entretanto concordo com o autor quando afirma que um dos pontos de discordância entre liberais e republicanos após 1888 foi a de encontrar um lugar para o liberto após a Abolição.

No meio do ano de 1889 surgiu mais um jornal positivista, apenas que, desta vez, também representava politicamente o Partido Republicano de Pernambuco, surgido em dezembro de 1888. A primeira coisa a se notar em *O Norte* é na quase idêntica estrutura da antiga *Folha do Norte* que, como vimos, teve um sucesso editorial notável entre os anos de 1883 e 1884. Os republicanos reviveram várias das mesmas estratégias editoriais: largo espaço para o comércio e para anúncios (2,5 páginas de um total de 4); preço baratíssimo ($40 a $60); jornal utilitário com informações do cotidiano da província (preço dos alimentos, tábua das marés, boletim da polícia, correspondências...); tipografia própria de larga escala

(para trabalhos externos, gerando lucro extra para propaganda); abertura para denúncia de cidadãos e folhetins.

Em meio à troca de gabinetes, em junho de 1889, o clima de tensão entre o grupo "martinista" e o "marianista" começa a esboçar um caráter mais agressivo. *O Norte* acusa Mariano de ter traído a república em nome de favores do ministro e uma cadeira no senado. Além disso, passa a ser taxado de chefe da Guarda Negra, incitador da desordem social (OZANAM, 2013, p.39). Ao se defender o jornal *Novidades*, José Mariano diz ser uma calúnia a acusação de que estaria "gingando a frente da capadoçada do Recife" (JORNAL DO RECIFE, 4-8-1889).

### 6.3. Martinistas vs. Marianistas: a república nasce num barril de pólvora

Para completar o quadro tenso, em 19 de junho de 1889 aportou no Recife o propagandista Antônio da Silva Jardim, amigo pessoal de Clóvis Beviláqua, que encontrou em Pernambuco a sua base aliada. Diz o jornal *O Combate* que tanto Conde D'eu quanto Silva Jardim foram muito bem recebidos, tendo o primeiro maior público de oficiais e o segundo de populares (O COMBATE, 6-7-1889). Durante todos quase 40 dias quer permaneceu, não houve paz política. Logo antes de chegar o propagandista – fato que estava sendo amplamente esperado pela imprensa – o Partido Republicano lançou uma edição única de *O Clarim*, chamando o povo às armas.

*Às armas, republicanos!*
*Às armas contra a Coroa!*
*De tambores, de cornetas,*
*Tremendo rebate soa,*
*Às armas, republicanos!*
*Às armas contra a Coroa!*
(O CLARIM, junho de 1889).

Para se ter uma ideia de como a aproximação da chegada de Silva Jardim tornou as discussões políticas cada vez mais acirradas, Ayres de Albuquerque Bello, que não era de um todo estranho ao movimento republicano, rebate João de Oliveira dizendo que "não costumo meter-me com garotos, ainda que eles sejam republicanos. Sempre são indivíduos que desconhecem a lei da educação" (JORNAL DO RECIFE, 26-6-1889). Todo esse clima tenso está diretamente relacionado à estadia de Silva Jardim na Bahia, cuja conferência na Faculdade de Medicina fora invadida pela polícia e de onde saíram vários estudantes

feridos[123], conhecido como Massacre de Taboão[124]. As duas principais consequências desse massacre foram a carta de adesão dos caixeiros e negociantes na Bahia e a criação, em Recife, do Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio, que congregou todos os baianos da academia. Este clube tinha por princípio expandir a propaganda pelo interior da Bahia, e chegou a contar com 49 sócios e 21 correspondentes (ARAÚJO, 1992, p.80). Por telegrama pessoal, José Isidoro fica sabendo que alguns estudantes ainda permaneceram por várias horas sitiados no espaço da conferência por uma "guarda negra" (O NORTE, 16-6-1889). Além disso, chega um telegrama na redação avisando que José Mariano teria preparado um ato contra a chegada de Jardim, obrigando-o a se retratar diretamente com os republicanos (O NORTE, 18-6-1889). Na FDR, os professores também entraram na briga, quando Albino Meira deixa seus estudantes livres da aula para escolherem a quem queriam receber no porto, mas J. Seabra obriga seus estudantes de economia a receberem Conde D'eu (vinha no mesmo navio que Jardim), o que leva o diretor da faculdade a fechá-la mais cedo, temendo o confronto iminente (O NORTE, 18-6-1889).

Falar dos 40 dias que Silva Jardim permaneceu em Pernambuco entre junho e julho de 1889 empaca na polarização política entre martinistas e marianistas, certamente tendenciosa. Tanto o *Jornal do Recife*, *A Província* e o *Diário de Pernambuco* faziam propaganda contrária, também certamente tendenciosa, visando diminuir a importância do positivista no Norte. A dificuldade já começa na sua chegada à província. Diz-se que chovia, mas que no porto havia "grande massa" de gente. Em 18 barcos partiram as comissões que o interceptaram no navio, sendo um deles da diretoria do PRPE. Recebido no cais por uma salva de 26 tiros, seguiu em caminhada até a redação d'*O Norte*. De lá, foi hospedado na casa de Francisco Joaquim Ribeiro de Brito, cuja sacada na Rua do Hospício nº81, serviu de discurso para uma "multidão", de onde partiriam também outros momentos republicanos. No jantar oferecido, membros de todos os clubes republicanos existentes, com destaque meu para as diretorias de Goiana, Cabo e a União Artística Republicana; surgem também lideranças com patentes militares[125] (O NORTE, 20-6-1889).

[123] Por essa razão os estudantes baianos em Pernambuco declaram-se a favor de Silva Jardim, marcam uma conferência na FDR e fazem protesto em seu nome na frente da casa de Ribeiro de Brito e fundaram o Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio (*O NORTE*, 2-7-1889).

[124] Dilton Oliveira (1992, p.101) afirma que a manifestação de 15 de junho de 1889, que resultou em um massacre, foi organizado por Silva Jardim e pelos republicanos de Pernambuco. Acabou se tornando um símbolo da luta contra a monarquia.

[125] Estavam presentes no jantar de recepção: Maciel Pinheiro; Alfredo Falcão; Amaro Rabello Júnior; José do Espírito Santo e Silva; Francisco Campello; Manoel Cavalcanti de Melo Filho; Martiniano Veras; Martins Júnior; Ambrósio Machado; Manoel Gomes de Matos; Raymundo Bandeira; Leonardo Cavalcante de

**Figura 14 - Silva Jardim com a diretoria do Partido Republicano de Pernambuco (Julho/1889)**
Fonte: A Cultura Acadêmica, 1904, p.47.

A região de Goiana, inclusive, contava com um clube republicano mais antigo, com liderança efetiva, promovendo conferências como a de Antônio Gomes de Albuquerque, também redator do *Diário de Goiana*, no Teatro São Miguel (O NORTE, 26-6-1889). Goiana possuía periódicos republicanos, centro que direcionava os pequenos grupos republicanos espalhados e forte conexão com o grupo de Martins Júnior na Capital. Durante a passagem de Silva Jardim por Goiana, foi a única cidade que adornou todas suas ruas, o recebeu com 11 diligências e fez tocar a Marselhesa pelas ruas (O NORTE, 2-7-1889). O relato de sua passagem pela cidade diz que foi acolhido com grande festa no engenho Tabairé, cujo senhor era o coronel Amaro Rabello. Este mandou embandeirar toda a cidade. Contratou a banda Curica para divertir o povo aglomerado diante da redação da *Gazeta de Goiana* no Beco do Pavão. A cidade de Goiana era conhecida por ter grandes pontos de encontro republicano, tais como a farmácia Regueira, a relojoaria Zumba Peixoto e a escadaria da misericórdia (PINTO, 1945, p.249). Com o *meeting* marcado para o dia seguinte a sua chegada, foi impedido de

Albuquerque; Hermenegildo de Castro; José Brandão da Rocha; João de Oliveira; Coronel Manoel Cavalcante de Albuquerque; Levino da Silveira Lins; Major João da Cunha Wanderley; Barros Cassal; Coronel José Alves da Silva; Major Ernesto Pereira Lima; Clóvis Beviláqua; Sebastião Manoel do Rego Barros. (*O NORTE*, 20-6-1889).

discursar pela algazarra promovida por 'Neco Doido' contratado pela oposição. O *meeting* foi realocado para o prédio da sociedade Terpsicore (PINTO, 1945, p.251).

No dia seguinte a sua chegada em Pernambuco, o *meeting* promovido no Teatro de Santo Antônio sofreu um grande tumulto e diz-se que havia cerca de "1200 a 1300 pessoas" com discursos de Silva Jardim, Martins Júnior e Ricardo Guimarães (O NORTE, 22-6-1889). Em sua segunda conferência, marcada para uma reunião pequena no salão de Ribeiro de Brito, teve que ser realocada para a rua, pois havia "perto de mil pessoas" (O NORTE, 26-6-1889). Após ter um *meeting* invadido pela polícia no Teatro Santo Antônio e outro abortado, Silva Jardim recebeu banquetes políticos na casa de Martins Júnior, Alfredo Falcão, Barros Cassal e Clóvis Beviláqua. Partiu, então, junto ao cabeça-quente (escolhido a dedo[126]) Júlio Falcão para uma excursão pelas cidades do interior, a começar por Nazaré, Timbaúba e Goiana. Em sua passagem por Nazaré, foi recebido com fogos e festa. Em sua conferência diz-se que havia "muitos homens de cor", mas deve-se levar em consideração o momento político para os republicanos (O NORTE, 28-6-1889). Destacar a presença de homens de cor em conferências republicanas após a Abolição era uma estratégia tanto para dar uma resposta aos liberais-democratas que os acusavam de trair os libertos, assim como não tornar a população de cor contrária ao movimento, já que costumavam falar da 'guarda negra de Mariano' com tom pejorativo. O relato feito da passagem de Silva Jardim em Estada é bastante exemplificativo "No sábado dia 6, por ocasião da conferência, uma grande multidão de libertos e homens de cor assistiu a ela – a princípio desconfiados e em atitude quase hostil; mas depois francamente adeptos ao orador e aos republicanos em geral". (*O NORTE*, 10-7-1889)

Há também destaque para a presença de senhoras, como em seu *meeting* em Timbaúba (O NORTE, 2-7-1889). Em recepção à Silva Jardim e Martins Júnior em Escada, dizem ter sido recebidos por quase 200 pessoas e 20 senhoras. Este último ofereceu seu brinde no banquete político "à mulher brasileira, como cooperadora da agitação republicana" (O NORTE, 9-7-1889). Por essa época, causado pelo falecimento de Tobias Barreto, abriu-se uma subscrição em Recife em auxílio à viúva e seus filhos. Encabeçou o movimento um grupo de senhoras, ao lado de acadêmicos, que porta-a-porta iam pedido as esmolas. Nesta época as primeiras bacharelandas em direito em Pernambuco já eram conhecidas e, uma delas, Anna Sampaio, dedica 50 obras do seu escrito "A Astronomia das Senhoras" em favor da

[126] De todos os filhos de Guilhermina Falcão, Júlio era o mais conhecido por seu temperamento explosivo. O PRPE considerou que embarcá-lo junto a Silva Jardim pelas cidades do interior era uma excelente estratégia para promover *meeting*s provocadores.

família de Tobias Barreto[127] (O NORTE, 10-7-1889). Ao todo, a comissão formada por Delmira Costa, Maria Fragoso e Maria Coelho, arrecadaram em Recife e Santo Antônio cerca de 1:200$000 (O NORTE, 21-7-1889). Estas bacharelandas, as primeiras de Pernambuco, foram homenageadas na edição de 10 de novembro de 1888 pelo jornal *O Binóculo*, de expressiva participação republicana, assim como pelo republicano *Recife Ilustrado*. Em maio de 1889, diante das comemorações de um ano de Lei Áurea, Maria Amélia de Queiroz discursou em Olinda afirmando que "embora não abrace as ideias monarquistas que nos regem, não me furtaria jamais a sacudir as minhas pobres violetas no regaço da mulher que, sabendo dirigir-se no desempenho das suas altas missões, legou ao título de Princesa Imperial" (QUEIROZ apud FERREIRA, 1999, p.234). Trazer as mulheres para a frente da propaganda naquele período pareceu uma boa estratégia, tendo em vista que a presença feminina nos espaços públicos se intensificou com o final do Império.

Em uma conferência marcada pelos estudantes baianos na Faculdade de Direito do Recife, em 2 de julho de 1889, Silva Jardim – apesar de paulista – demonstrou em seu discurso que o foco de sua propaganda era mesmo o norte do Império que, em grande medida, havia-lhe dado total suporte. Mesmo convidado por estudantes baianos, Silva Jardim insinua que:

> Gastão de Orleans, funesto e fatal, na sede delirante da ambição, brilhante de egoísmo, a pupila do usurpador, lança o olhar aventureiro às regiões do Norte da pátria [...] Pernambuco! Que vos lançais da terra para os mares com um impulso de águia! Eis de operar a majestosa ligação dos Andes e do Atlântico, em abóbada altíssima e majestosa, um novo céu! Céu mais belo e mais puro! Onde ecoem os hinos triunfais da Pátria redimida na grande, boa, ideal, brasileira, americana! Eu apelo para as províncias do Norte! (JARDIM, 1978, p.397).

É durante o período da estada de Silva Jardim em Pernambuco que o número de clubes republicanos na província têm suas maiores adesões[128], assim como as adesões independentes, tais como a de Napoleão da Costa Moreira, cujo local e ocupação permanecem desconhecidos.

> Eis, em poucas palavras, definido o que realmente sou: um republicano ou revolucionário convicto no combate dos princípios e das ideias, não só em proveito daqueles que muito trabalham e pouco lucram, tendo em alta consideração o respeito devido à propriedade e à família, base de todos os princípios sociais e econômicos. (O NORTE, 18-6-1889).

[127] Tobias Barreto ficou conhecido entre as mulheres cultas em Pernambuco principalmente por ter conseguido financiamento para Maria Augusta e Josefa Agueda para estudarem medicina nos Estados Unidos.
[128] Boa parte dos clubes, entretanto, já haviam sido fundados antes mesmo da notícia da sua chegada.

Clubes paroquiais – São José, Santo Antônio e Boa Vista – passam a atuar por distrito na Capital, assim como Diretorias são abertas no interior – Palmares, Goiana, Vitória... – buscando ampliar a propaganda e multiplicar os "tentáculos" do PRPE. Na véspera da sua chegada (15 de junho de 1889) os comerciantes do Recife abrem uma subscrição para realizar o festejo de recepção à Silva Jardim (O NORTE, 15-6-1889). Em 23 de junho de 1889 as adesões "em massa" tornaram-se frequentes, como os 30 cidadãos[129] que entregaram um abaixo-assinado partindo de Palmares, com adesões em sua maior parte de comerciantes e proprietários agrícolas, como reação às pedradas na janela onde estava hospedado Silva Jardim (O NORTE, 23-6-1889). Outra adesão "em massa" parte de Garanhuns, com 22 eleitores[130] (O NORTE, 9-7-1889). Era comum também a publicação de adesões em massa de outras províncias, provavelmente com a estratégia de criar uma espécie de 'catarse' de conversões em Pernambuco. As publicações de listas de pessoas aderindo ao Partido Republicano reflete um comportamento semelhante ao movimento abolicionista, cuja exposição era parte essencial do jogo de retroalimentação – o frisson incitava adesões, que por sua vez gerava mais frisson.

A princípio, não cheguei a cogitar que havia diferenças perceptíveis entre o perfil social dos membros dos clubes republicanos do interior de Pernambuco. Contudo, após listar cada um dos nomes e buscar suas ocupações, percebi que havia diferenças entre cada um desses clubes. O diretório de Palmares, por exemplo, tinha um número expressivo de agricultores, comerciantes e proprietários. Da mesma forma apresentou-se Garanhuns. Já o

[129] São assinantes: *Capitão Ismael da Cruz Gouveia (agricultor); Clodoaldo de Barros Franco; José da Costa Brandão Cordeiro (negociante); Cândido da Costa Brandão Cordeiro (negociante); João Vicente de Carvalho; Philemon Augusto da Rosa; F. Gomes Leopoldo de Araújo (médico); Seixas Borges; José Ramos Pereira; Floriano da Silva Guimarães (Agricultor); Affonso Freire; David Augusto da Silva; Júlio Adolpho de Souza; Hygino Pacheco Queiroga; José Hypolito Bandeira de Melo; Eduardo Marinho de Paula Lins; Manoel Caldas Barreto Neto (Acadêmico); Capitão José Bezerra Cavalcanti Maciel (Agricultor); Alexandrino Ferreira Lima (Agricultor); Joaquim Fernandes da Silva; Manoel Augusto Benevides Falcão; Augusto Fernandes Vieira da Cunha; Manoel Emílio Fernandes; João Nunes Paes Barreto; Leonardo Bezerra Cavalcanti (Agricultor); Joaquim Bezerra Cavalcanti; João Batista Alves Ferreira; Clementino Accioly Lins; Manoel José do Rego Barros; Manoel Peregrino Cavalcanti de Albuquerque (Agricultor).* (*O NORTE*, 23-6-1889) – As pessoas que não têm ocupação em parêntesis geralmente assinaram simplesmente como "proprietário" e não como "proprietário agrícola". Acredito que estão relacionados com o comércio, ou apenas possuem um imóvel, utilizando a palavra 'proprietário' para dar mais importância ao seu nome. No mesmo número, *O Norte* coloca "proprietário" como o oposto de "artista", o que leva a reforçar a ideia de que o termo designa alguém que possui um imóvel, apenas. Geralmente, quando um agricultor aderia ao PRPE ele era explícito quanto a sua posição social.

[130] São assinantes como "negociantes, proprietários e agricultores": *Francisco Gueros Filho; Bernardino Lins; Manoel de Carvalho Furtado; Tenente Laurentino Antônio Ferreira; João Baptista Costa; João Ferreira Barbosa; Capitão João Frederico do Rego Vasconcelos; Aristides Olímpio da Silva; Tenente Coronel João Correia Brazil; Antônio Ferreira Barbosa; Clorindo Barbosa de Souza Gueros; João da Silva Gueros; Manoel Lopes Muritiba; João de Mello Matta; Pedro de Athayde; Evaristo Pereira Athayde; Laurentino da Silva Gueros; José de Carvalho da Silva Gueros; Alfredo Teixeira Calado*. (*O NORTE*, 9-7-1889).

diretório de Pesqueira, era formado exclusivamente por médicos e comerciantes. O de Nazaré era em sua maioria eram comerciantes e proprietários. O diretório de Limoeiro era formado exclusivamente por artistas, ou como eles mesmos se denominavam, "dignos proletários" (O NORTE, 2-7-1889). De maneira geral, no interior da província a ocupação mais frequente dos membros dos clubes republicanos era de comerciantes e proprietários.

Em 1889 havia, novamente, uma grande seca assolando o interior da província. Os republicanos, de maneira semelhante ao que fizeram durante a Grande Seca de 1878, utilizaram-se do descaso da monarquia para com as populações interioranas para fazer contrapropaganda. Só que desta vez havia um adicional: a presença do Conde D'eu em Pernambuco. Por isto fazem questão de lembrar que a "monarquia" – leia-se o possível Terceiro Reinado[131] – só aparecia em época de calamidade quando convinha, pois durante a seca de 78 o Conde não deu as caras (O NORTE, 3-7-1889).

**Figura 15 - O Terceiro Reinado e sua Corte**
Fonte: O *Diabo a Quatro*, 3 de outubro de 1875.

[131] O terceiro reinado era bastante atacado, também, pelo fato de ser liderado por uma mulher. O jornal acadêmico *Nova Pátria* assim se posiciona: "A nossa carta constitucional, permitindo a uma mulher o privilégio de empunhar o sceptro do poder, é incoerente, absurda, contraditória, quando franca, positiva, evidente e formalmente reconhece a incapacidade da mulher" (NOVA PÁTRIA, 20-3-1888); já em *A República*, num artigo escrito por Manoel Adeodato Júnior, chama a princesa Isabel de "fanática e impopular" (A REPÚBLICA, 11-8-1882).

Em 22 de julho de 1889 estava marcada uma grandiosa conferência de Silva Jardim e dos diretores do PRPE para encerrar a presença do propagandista em Pernambuco, na Praça Saldanha Marinho. Impedidos de se reunirem em locais particulares, ameaçados que o Partido Liberal botasse tudo abaixo, o PRPE (Martins Júnior; Martiniano Veras; Ribeiro de Brito; Aníbal Falcão; Barros Cassal; Silva Jardim) lança um manifesto em protesto ao clima de medo que se instalou.

> Nós nos reuniremos segunda-feira, às quatro e meia da tarde, na praça da Matriz de Santo Antônio, dispostos a não ceder do nosso direito, e a morrer, se for preciso, no nosso posto de honra, defendendo os direitos do povo [...] que os falsos liberais, que acenam ao povo e obedecem aos acenos do Sr. Gaston de Orleans, nos mandem assassinar! Teremos prazer em que o nosso sangue os manche para todo o sempre! (O NORTE, 21-7-1889)

Quando no dia 22 o *meeting* marcado estava prestes a acontecer, com uma multidão reconhecida inclusive pelos jornais opositores (JORNAL DO RECIFE, 23-7-1889), as casas de comércio e residências fecharam as portas. Uma grande quantidade de homens armados circulava pela praça e intermediações. Na iminência de acontecer um banho de sangue, o delegado do 1º distrito, Manoel Francisco do Rego Barros, vai até a tipografia d'*O Norte* e pede para que cancelem o *meeting*, pois não teria condições de salvar-lhes a vida (O NORTE, 24-7-1889). Dias depois a redação explica que o delegado "nos dizia que íamos morrer, e que não garantia as vidas; e que nos obrigava a, realizando o *meeting*, tomar a responsabilidade da nossa própria morte" (O NORTE, 29-7-1889). A confusão que se armou foi tão grande que o *meeting* virou o tema principal da Assembleia Provincial e o delegado precisou deixar a ameaça por escrito.

Sem conseguir dar conta da quantidade de gente que buscou a tipografia, o *Norte* deixou de sair nos dias 22 e 23 de julho. Logo depois Rui Barbosa inicia uma série de artigos tratando sobre a repressão aos *meeting*s republicanos, dando ênfase ao ocorrido em Pernambuco. Os deputados defenderam que a reunião deveria ser reprimida com força armada, ao que os redatores intitularam em legras garrafais "Regime do Terror" (O NORTE, 25-7-1889). Gaspar Drummond, deputado provincial conservador (na época, era oposição), fez um discurso tão inflamado na Assembleia Provincial que "dava a entender que o nobre deputado acabaria declarando-se republicano, tal era a veemência com que acusava os liberais como inimigos da república" (JORNAL DO RECIFE, 23-7-1889). Ao exigir do governo que suspendesse o *meeting* ou protegesse Silva Jardim, José Mariano rebate:

> O que o governo não pode fazer, nem está em harmonia com a índole do Partido Liberal, é defender o Dr. Silva Jardim contra qualquer explosão de

> sentimento popular. O povo pernambucano é contra qualquer manifestação de autocracia, tome ela a forma de monarquia ou de república, e nestas condições como o Partido Liberal, que sempre esteve ao lado da democracia, há de proteger uma propaganda que marcha para o absolutismo? (JORNAL DO RECIFE, 23-7-1889)

José Mariano usou de um tipo de retórica que se tornaria bastante comum na guerra entre Martinistas e Marianistas: falar em nome do povo, como se fosse seu único porta-voz. Além disso, defende-se das acusações de que seria ele o mandante da repressão e põe a responsabilidade sobre a "explosão de sentimento popular", terminando por tachar Silva Jardim de absolutista. A forma como o *Jornal do Recife* relata o *meeting* republicano fica bastante evidente a estratégia de colocar sobre os republicanos a responsabilidade de um possível banho de sangue.

> Esta cidade esteve ontem sob a ameaça de tristíssimas cenas, provocadas pela imprudência do Sr. Dr. Silva Jardim e outros convocadores de um *meeting* republicano que devia ter lugar às 4 e ½ horas da tarde no largo da Matriz de Santo Antônio. A convocação do *meeting* foi feita em termos irritantes e denunciavam que os signatários dela estavam dispostos à levá-lo à efeito quaisquer que fossem as consequências (...) Às três horas da tarde começou a afluir ao largo da Matriz de Santo Antônio grande massa popular disposta a impedir o *meeting*, sendo que as quatro horas da tarde já era difícil o transido pelo mesmo largo e rua do Cabugá, manifestando-se com grande animação todo esse ajuntamento em sentido contrário a pessoa do Sr. Silva Jardim e dos seus amigos (JORNAL DO RECIFE, 23-7-1889)

Já *A Ronca*, jornal republicano, atribui a culpa aos liberais que armaram a polícia.

> Arma-se a polícia, os trens vêm cheios de capangas da Várzea, e pela Rua Imperial e adjacentes escoa-se pela capital de malvados e à política que se armara, e os chefes que dirigem por intermédio dessa mesma política pede vilmente, mireravelmente, tréguas a aqueles a quem ameaçavam de morte! (...) honra a aqueles que tanto trabalho deram à polícia, e que afinal, sem uma palavra, sem um tiro, calcaram aos pés essa mesma polícia esses mesmos chefes (A RONCA, 10-8-1889).

É claro que cada lado irá defender uma "razão" para a presença de uma multidão de pessoas na hora do *meeting*. Se para José Mariano a grande 'massa popular' estava ali para impedir o *meeting*, para os republicanos estava exatamente para o motivo inverso. Não há como responder qual lado tinha razão, mas demonstra como Mariano e o grupo positivista – especialmente Martins Júnior – passaram a brigar em torno de quem tinha mais poder de mobilização. Após uma ininterrupta série de artigos que se acusam *O Norte* e *A Província* – e para qual não há espaço suficiente aqui para transcrever – Maciel Pinheiro e Martins Júnior lançam um desabafo público.

> O que nos parece é que temos sido diariamente provocados, editorialmente injuriados na Província com as mais infames e torpes imputações; que temos tido a hombridade de não fazer caso desses desabafos; que contra nós tem sido açulado dia por dia nessa folha liberal o ódio das classes ignorantes, de cuja simplicidade tem ela abusado cruelmente; que contra nós foi armada uma cilada homicida; que contra nós foi derramada nas ruas desta cidade uma multidão de facínoras, vindos de fora dela; e que – tanto antes como depois, o diretório do Partido Republicano não se tem uma só vez desviado da linha de uma discussão moderara e decente (O NORTE, 27-7-1889).

No meio de todo esse rebuliço, um caso simples despertou um cenário de guerra. Um moço tal chamado Antônio Crispim de Oliveira, negro, foi acusado de desvirginamento. O problema todo era que a suposta vítima era filha de um grande companheiro de José Mariano que, sendo interceptado pelos populares, negou qualquer ajuda a Crispim. O rapaz foi obrigado a assentar praça no 14º batalhão e foi enviado para Fernando de Noronha, mas uma grande multidão foi impedida pela cavalaria de soltar Crispim do navio. *O Norte*, usando-se do caso do rapaz, utiliza a fúria popular a favor de Crispim para convocar todos os homens de cor no dia 17 de setembro de 1889 para exigir a soltura do rapaz diante da hospedaria de Joaquim Nabuco no Pátio do Carmo. Diante de um público de 1500 pessoas, sob discurso acalorado de Valdevino Wanderley – republicano – ouvem a negativa da ajuda por parte de Nabuco (O NORTE, 17-9-1889). No dia seguinte, marcado novo *meeting* no Largo de Pedro II pelos estudantes do preparatório para a FDR, o delegado Barros Rego envia 50 praças e 8 cavalarias. Desta vez, liderados por Gaspar Drummond (conservador), recebem a negativa de ajuda da sacada d*'A Província* por José Maria (O NORTE, 18-9-1889). Um terceiro *meeting* em apoio a Crispim é marcado por Rangel Sobrinho (republicano) no Largo de Santo Antônio para o dia seguinte, mas o delegado impede-o de fazer (O NORTE, 19-9-1889). Aproveitando-se do clima de desobediência, uma poesia de Rangel Sobrinho fortalece a vinculação entre Crispim e a República.

*Contudo inda aqui se fala*
*Em liberdade. Irrisão!*
*É muita barbaridade*
*Confundir-se a liberdade*
*Com tão negra escravidão!*
*Enquanto houver monarquia*
*Levará tudo igual fim!*
*Dar-se-ão sempre iguais casos,*
*Todos nós soldados rasos*
*Seremos, como o Crispim...*
(O NORTE, 18-9-1889)

Durante todo o caso Crispim *O Norte* teve uma tiragem recorde de 3 mil exemplares por dia, esgotados. Esse foi um dos casos em que a pressão popular obteve êxito. O presidente da Província, diante de novos *meeting*s cada vez mais populosos, manda Crispim voltar de Fernando de Noronha, obrigando-se a publicar o ato. O júbilo da vitória virou catarse, e três *meeting*s comemorativos foram marcados para o dia 20 de setembro. Aparece gente de ambos os lados. E no meio da pancadaria, da quebradeira e dos tiros morre o comerciante português, republicano do grupo de Martins Júnior, Ricardo Guimarães.

Ricardo virou instantâneo mártir. O caso todo piorou quando se soube que o assassino era João de Paula Nery, guarda fiscal do Poço da Panela, reduto de Mariano. Após esfaquear Ricardo Guimarães, Nery refugiou-se dentro da redação d'*A Província*, diante da multidão furiosa. O povo seguiu-o até *A Província*, mas o delegado Barros Rego o protegeu do lado de dentro, enquanto o povo presente carregava o corpo de Ricardo nos braços. Seguiram para o Palácio do presidente com o corpo, novamente, a pedir providências. O comércio fechou e então as ruas ficaram desertas (O NORTE, 20-9-1889). A tiragem sobre a morte de Ricardo Guimarães começou com 5mil, mas foi publicada novamente, com mais 10 mil exemplares, nela vários correligionários e caixeiros (Ricardo era caixeiro e lutou pelo descanso do domingo em Alagoas) exaltaram sua personalidade, chegando a atribuir-lhe "aptidão para a poesia socialista e revolucionária" (O DEZESSETE DE SETEMBRO, 17-9-1889).

*A Província* acusou Martins Júnior de ter sido o advogado de Crispim, ter incitado o povo à rebelião, ter se aliado à comunidade portuguesa[132] e de ter usado o caso para promover a República (estes dois últimos, com certeza) (O NORTE, 24-9-1889). Mas os republicanos utilizaram uma boa estratégia: perguntaram publicamente à *Província* se eles apoiavam a prisão de Paula Nery, expondo-os à difícil questão de proteger um aliado e se indisporem com a população, ou apoiar a prisão e serem tidos como hipócritas (O NORTE, 26-9-1889). Logo depois Martins Júnior publica em editorial estar sendo perseguido por 3 capangas[133] e ter a redação rondada à noite. A ameaça contra a tipografia e contra sua vida fica mais evidente quando um dos presos, José da Benta, confirma que Martins estava jurado de morte no mesmo dia de Ricardo Guimarães (O NORTE, 29-9-1889).

[132] Temos visto desde o primeiro capítulo desta dissertação que a associação entre os positivistas e os portugueses era bastante sólida desde o início da década de 1880. Uma dessas associações se materializou na presença de Silvio Romero, Clóvis Beviláqua e Martins Júnior na Revista de Estudos Livres em Portugal, entre 1883 e 1886.

[133] Martins Júnior divulga o seu endereço residencial justamente para se proteger. Rua Santo Amaro, nº4.

Mas a questão aqui é mais subliminar: primeiro, a capacidade de mobilização popular não era exclusiva de José Mariano, mas também dos republicanos. Segundo, porque populares iriam se meter numa briga de titãs? Não podemos dizer que as pessoas de cor apoiavam este ou aquele político, mas que de maneira geral, a população recifense estava atenta e participativa do processo. Foi no meio dessa confusão generalizada entre Jardim, Ricardo e Crispim que José Mariano ganhou a fama de ser chefe da "guarda negra", uma estratégia desmoralizadora e, certamente, bastante insuflada pelos republicanos. A tática era racializar o lado marianista para desautorizar suas atitudes diante da população (OZANAM, 2013, p.35). Este período ficou marcado nos anais da Assembleia Legislativa como um dos períodos de maior recorrência do abuso policial contra adversários do governo até então (AMORIM, 1994, p.64). O clima político polarizado forçou os jornais a se posicionarem, ou terem seu posicionamento taxado, pois como bem afirmou Isabel Marson para o caso da Revolta Praieira, não deixa de ser verdade que "se o escritor não se define, os outros jornais se encarregam de julgar sua posição e filiá-lo partidariamente" (MARSON, 1980, p.32).

Em todo caso, a presença de Silva Jardim em Pernambuco rendeu bons frutos para o Partido Republicano, causando, consequentemente, no endurecimento do discurso de José Mariano. Além de inúmeras adesões públicas, houve novas diretorias fundadas no interior da província, e a fundação de novos clubes republicanos, como a chamada feita a todo o povo "de diferentes classes sociais" pelo *Echo do Povo* para a formação de um novo agrupamento (O NORTE, 28-7-1889). Em sua sessão de posse, o Clube Frei Caneca teve como um de seus oradores a professora pública Maria Amélia de Queiroz, que passou a se tornar frequente oradora do clube. Na 3ª conferência ela chama as mulheres para a luta republicana e proclama que:

> [...] também nós vivemos completamente agrilhoados pelas leis absolutas e autocráticas de uma forma de governo hereditário (como é a monarquia), que nascendo na Europa não pode se aclimatar no Brasil, por isso que queremos uma pátria regenerada; é forçoso que nós não nos satisfaçamos simplesmente com aquela reforma [Lei Áurea], não. (QUEIROZ apud FERREIRA, 1999, p.71)

Aproveitando-se do prestígio, *O Norte* abre publicações a $40 a linha (metade do preço do mercado) e espaço gratuito para qualquer um que deseje publicar em nome do "interesse público", além de reduzir o preço do avulso para $40, tornando-se o diário mais barato (O NORTE, 6-7-1889, 13-7-1889). A palavra 'república' tornou-se tão popular neste período que, à semelhança do que aconteceu em 1884 com o abolicionismo, tornou-se comercialmente apelativo. Para se ter uma ideia, o simples jornal *A Ronca*, feito por

estudantes, chegou a ter quase suas 4 páginas completas de anúncios (A RONCA, 22-6-1889). Abaixo, por exemplo, está os anúncios da loja de roupas Graciosa e do restaurante Gomes &C.

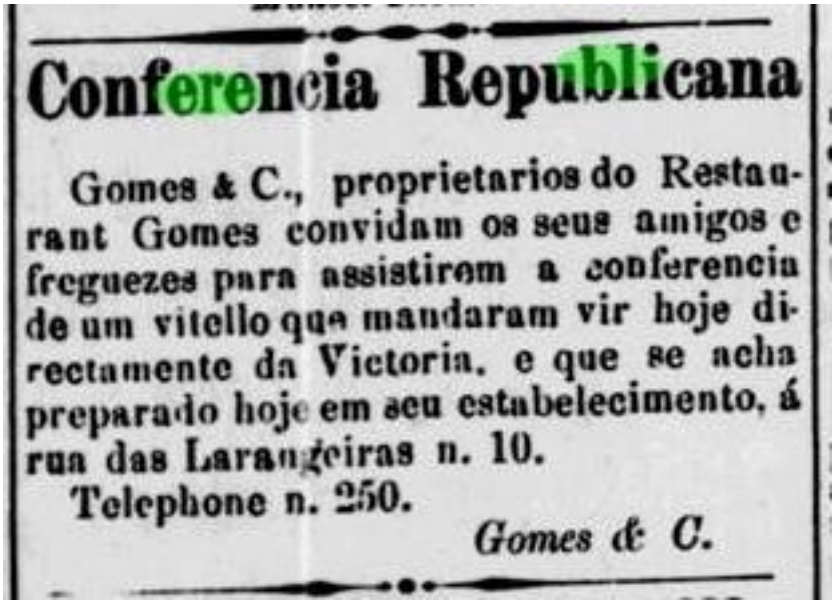
A Republica

Estando prestes a rebentar a grande revolução para a proclamação do patriotico governo republicano, todo cidadão bem intencionado e que deseja o engrandecimento desta terra, deve com presteza e afan munir-se de; *gravatas, camisas, punhos, collarinhos, lindas regatas, bolços, carteiras*, etc., e as Exmas. Sras., de *leques, luvas, extractos finos, fitas modernas, bicos de séda, algodão e lã, bordados e entremeios*, objectos para toillete e para presentes etc., aproveitando o sortimento que a **Graciosa** offerece ao publico por preços muito resumidos.

Rua 1.º de Março n. 7

**Telephone 80**

**Figura 16 - Anúncio da loja Graciosa (1889)**
Fonte: *O Norte*, 5 julho de 1889.



**Conferencia Republicana**

Gomes & C., proprietarios do Restaurant Gomes convidam os seus amigos e freguezes para assistirem a conferencia de um vitello que mandaram vir hoje directamente da Victoria, e que se acha preparado hoje em seu estabelecimento, á rua das Laranjeiras n. 10.

Telephone n. 250.

*Gomes & C.*

**Figura 17 - Anúncio do restaurante Gomes**
Fonte: Jornal do Recife, 26 de junho de 1889.

No mesmo dia em que Silva Jardim estava de saída de Pernambuco, emendou-se a chegada de João Cordeiro, abolicionista e ferrenho republicano cearense, com quem o grupo de Martins Júnior, especialmente João Ramos, tinha afinidade desde 1880. Diante de sua chegada, *O Norte* diz que ele "é um dos bons abolicionistas republicanos, que não fizeram da abolição uma ponte para passar aos arraiais monárquicos", alfinetando diretamente, portanto, José Mariano (O NORTE, 28-7-1889). No dia em que chega é recebido pelo PRPE em um almoço no Hotel d'Europe por Martins Júnior, Aníbal Falcão, Barros Cassal, Martiniano Veras, Luiz Pires, Carlos Falcão, Silva Ferreira e Silva Jardim. João Ramos, por sua vez, marca o jantar. No final de julho a redação já indicava haver uma campanha de difamação promovida pela *Província*, em que lhes atribuía a prática de furto e embriaguez como sinônimo de "gente do Norte"[134] (O NORTE, 31-7-1889).

Quando tudo estava quase voltando a uma relativa paz, Joaquim Nabuco começou a sua série de conferências em defesa do federalismo das províncias, levando novamente uma multidão de pessoas ao Teatro de Santa Isabel. A redação do *Norte*, divulgando sua conferência por escrito, destaca o ponto de discordância dado por Nabuco em não aceitar ingressar nas fileiras republicanas de Pernambuco:

[134] Algo semelhante aconteceu com a redação da Folha do Norte em 1884, passaram a ser chamados de "gente das Laranjeiras", pois sua tipografia ficava na Rua das Laranjeiras, conhecida como ponto de vida noturna.

> Não o fez, não por gratidão á monarquia, mas porque, em sua consciência, resolvera começar a luta ativa em prol da província, da autonomia federal e, como republicano, teria outras preocupações e maiores dificuldades. Ademais confessa que o partido republicano não está todo decidido pela federação; os republicanos de Pernambuco não são federalistas, acompanhando o unitarismo de um separatista do Sul (O NORTE, 12-10-1889)

Com tom elogioso e respeitável (deixando explicito a provocação com o tratamento diferenciado em relação a Mariano) apresentam sua tese contrária, demonstrando que a federação de Nabuco é contraditória "Mas Joaquim Nabuco engana-se querendo por tudo isto a federação das províncias, porque a federação, se radical, é republicana, impossível na monarquia; se aparente, a monarquia é inútil, prejudicial, e até cruel ao nosso país" (O NORTE, 19-10-1889). E seguem explicando-se que não são separatistas, nem que aderiram à Silva Jardim, mas foi Jardim quem aderiu ao PRPE. Destacam, inclusive, o documento de fundação do partido em dezembro de 1888, demonstrando não ter qualquer traço de separatismo nos estatutos (O NORTE, 21-10-1889). A discussão visava a nova eleição que se daria em 28 de dezembro de 1889, para a qual lançaram a seguinte chapa:

**Tabela 17 - Candidatos republicanos para eleição de 28 de dezembro de 1889**

| OCUPAÇÃO | LOCAL | NOME |
|---|---|---|
| ADVOGADO | 1º DISTRITO | JOSÉ ISIDORO MARTINS JÚNIOR |
| AGRICULTOR | 3º DISTRITO | JOSÉ DA CUNHA RABELLO |
| MÉDICO | 4º DISTRITO | ALVES PEREIRA DE LYRA |
| ADVOGADO | 4º DISTRITO | MANOEL PEREIRA BORBA |
| MÉDICO | 5º DISTRITO | FRANCISCO GOMES LEOPOLDO DE ARAÚJO |
| ADVOGADO | 6º DISTRITO | JOSÉ BRANDÃO DA ROCHA |
| MÉDICO | 6º DISTRITO | ANTÔNIO HERMENEGILDO DE CASTRO |

Fonte: O Norte, 1-11-1889.

O discurso do deputado conservador Meira de Vasconcelos, no calor dos embates entre liberais e republicanos, é talvez um dos relatos mais indicativos de como a crise política vivida na província deixou de ser entre Leões e Cachorros para se tornar Democratas vs. Positivistas (ou como ficou conhecido: Marianistas vs. Martinistas). Ao afirmar nitidamente na ALP de que os liberais – leia-se José Mariano – estavam oportunamente usando o discurso dos republicanos para justificar maiores fatias de poder, reafirma a contínua acusação ao longo dos anos de que a ascensão política dele estava sempre nas costas de republicanos.

> Acredito, tendo em vista os fatos políticos presentes e passados para chegar a conclusões, fundados, que o 3º Reinado não virá, porque os nobres deputados [liberais] são os melhores colaboradores da república – porque os

> nobres deputados são cúmplices conscientes ou inconscientes do incremento da propaganda republicana. O nobre deputado [José Mariano] procurando ato coactar agora o movimento republicano, por modo tão irregular, não está fazendo senão acumular elementos explosivos que numa bela ocasião hão de exercer a sua ação, expandir-se a luz do sol, para lança-los [os republicanos] nos antros da ação, para atirá-los na conjuração, será sem dúvida o aparecimento da república, será o baqueamento deste trono, que os nobres deputados querem sustentar (MEIRA DE VASCONCELOS, Anais da ALP, 22-7-1889).

A mesma sensação teve *O Norte*:

> Quem, por acaso, não sente vontade de oferecer a esta última folha um bocado de honestidade política e de pudor jornalístico ao ver que ela – que até 3 meses passados mantinha uma sessão intitulada 'Partido Republicano' – onde era registrada e encomiado o movimento respectivo, profere hoje, diante do público boquiaberto, este grande e nojento aleive de que o partido republicano é um produto das pretensões indizenistas dos ex-senhores de escravos? (O NORTE, 21-7-1889)

Luís Ferreira Maciel Pinheiro, membro diretor do PRPE e ferrenho jornalista republicano, morreu 4 dias antes da República. Ainda de luto, ninguém em Pernambuco soube do golpe/proclamação de 15 de novembro antes que ele acontecesse. A coisa toda foi tramada à revelia, mas sabemos que as redes políticas entre os positivistas já demonstravam esse caminho de longa data. Tudo veio por cabo submarino às doze horas do dia seguinte, e quase todos acharam que era apenas um boato. Um relato feito pro Mário Sette indica essa mesma surpresa.

> (...) ninguém levou a história a sério. Nem os zangões da praça que bebiam umas botijas de cerveja pretas nas mesinhas do sohipchlander da lingueta, nem os armazenários de algodão do cais da Companhia Pernambucana entretidos com um grosso embarque no vapor Jacuípe, nem os trapicheiros do largo do Corpo Santo às voltas com uma partida de manteiga francesa, nem os corretores da rua do Comércio mais interessados em fechar negócios nos bancos de câmbio de 27 1/2 (SETTE apud LIMA, 2005, p.40)

A república foi oficializada por Albino Meira e Martiniano Veras, apesar de pegos de surpresa (OZANAM, 2013, p.61). Graça Aranha comenta que "ninguém fanatizou Pernambuco e todo o Norte como Martins Júnior, no advento da República de 1889. O seu fim foi lamentável" (ARANHA, 1931, p.161). Aqui termina o limite cronológico deste trabalho, mas concluo de maneira semelhante a Ricardo Pacheco sobre o mesmo processo no Rio Grande do Sul: a cisão entre os republicanos e estes com os liberais está relacionada, na República, com as orientações na época da propaganda (PACHECO, 2006, p.152). Com o novo regime, Pernambuco conheceu uma fase crítica e violenta entre esses grupos que perdurou por quase dez anos. As novas relações políticas foram reajustadas, trazendo à flor da

pele as rachaduras antigas dentro do movimento republicano. Todo o perfil construído para explicar os republicanos na época de propaganda pode explicar quem – e porque – uns se viraram contra José Isidoro Martins Júnior, principalmente durante o breve governo do perrepista Albino Gonçalves Meira (25-4-1890 a 21-6-1890). Entretanto, a análise das novas estruturas estabelecidas durante a consolidação da república em Pernambuco deverão ficar para outros pesquisadores.

# 7 CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objeto de estudo principal um grupo de jovens, em sua maior parte aderentes do positivismo, que lutaram pela República a partir de Pernambuco entre 1875 e 1889. Como parte de um grande conjunto de propostas políticas frustradas pela Proclamação em 15 de novembro de 1889, os republicanos positivistas em Pernambuco também fizeram parte daqueles que foram pegos de surpresa com o novo regime. Desta forma, este estudo buscou contribuir para a compreensão do positivismo a nível nacional e sua importância para os conflitos que se instauraram após a república em Pernambuco. De maneira geral, a historiografia sobre o positivismo acaba, indiretamente, associando-o às províncias do Sul, ignorando os movimentos semelhantes no Norte, como o caso do Pará e Pernambuco.

Defensores da Ditadura Positivista de inspiração comtiana, os republicanos em Pernambuco foram os únicos no Império a citarem explicitamente sua adesão no documento fundador do Partido Republicano de Pernambuco, em dezembro de 1888. De maneira geral, defenderam a abolição do legislativo e na adoção de um líder centralizador que combinasse tanto o poder executivo quanto o legislativo em si. Apesar da expressão 'Ditadura' remeter no século XXI às experiências totalitaristas, e principalmente militares, do século XX, essa palavra não teve o mesmo significado para esses republicanos. Em geral, esse sistema de governo contrabalanceava a centralização do Ditador com os referendos e plebiscitos populares, além de focar nos deveres do governante para com o bem estar social. O foco da atuação positivista era a organização do trabalho, em especial na garantia dos direitos sociais aos ex-escravos, e na boa condição de vida do proletário.

Uma análise do perfil do movimento republicano em Pernambuco mostrou que houve uma grande diversificação provincial em seus membros, sendo muito relevante a presença de baianos, cearenses, gaúchos e paraenses, demonstrando que houve, a nível nacional, uma forte ligação entre os diversos núcleos positivistas da época. Isto se revelou com uma intricada malha de indivíduos que contribuíram tanto para o republicanismo e abolicionismo em Pernambuco, como em suas províncias natais. Também se verificou que as províncias mais representadas no movimento foram também as que se uniram em torno da liderança de Silva Jardim contra a dominação paulista, representada por Quintino Bocaiúva, o que se levou a

sugerir para pesquisas futuras uma possível análise da corrente ‘revolucionária’ ou ‘popular’ como uma forma de afirmação regionalista.

Quanto as ocupações, confirmou-se o que já havia sido indicado pela historiografia, com uma presença considerável de bacharéis em direito. Todavia, a presença de comerciantes, profissionais da arte e artistas revela uma diversificação maior do movimento do que foi anteriormente estudado. Outro ponto importante foi a imprensa republicana, que se revelou maior e mais abrangente do que se imaginava. Das várias estratégias utilizadas, os republicanos reduziram propositadamente o preço dos seus jornais, tornaram-no úteis através de informações da vida cotidiana, e serviram-se da ilustração em larga escala. Somado a isso, foram presentes em jornais liberais e conservadores sempre que possível. Com tudo isso, lograram atingir cerca de 1/3 de todos os jornais circulantes de 1 a 7 vezes por semana em Pernambuco entre 1875 e 1889.

O surgimento desta geração positivista pode ser compreendido na aparição dos jornais *O Diabo a Quatro* e *O Progresso*, editados ambos em 1875. Apesar da indicação de que já havia existido outro jornal positivista (*O Trabalhador*, em 1873), foi somente com aqueles dois jornais que o núcleo formativo do futuro Partido Republicano se impôs na imprensa pernambucana. Naquele momento a província ainda vivia a querela da Questão Religiosa, algo que foi fundamental no direcionamento das críticas à monarquia. Além disso, em Pernambuco havia uma cisão no Partido Liberal entre Leões e Cachorros, tornando a propaganda republicana ainda mais radical, de forma a buscar uma identidade que se diferenciasse do antigo Clube Popular, então forte em Pernambuco. Em acordo com o que já foi dito pela historiografia, a radicalização positivista deste grupo está diretamente associado com a força do Partido Liberal, com a marginalização política desses jovens e, com a contribuição desta dissertação, com a necessidade de resguardar o futuro da província numa possível república federativa, que poderia colocar Pernambuco em situação desigual às províncias do sul.

As primeiras tentativas de formar clubes e pleitear eleições aconteceram em 1880, revelando com isso a oportunidade criada com a cisão do Partido Liberal. As primeiras chapas republicanas lançadas demonstram uma forte presença de negociantes e artistas, cujo objetivo não era a vitória, mas a possibilidade de usar a derrota como argumento antimonárquico. Esta se demonstrou uma estratégia constante durante todo o período analisado. Em 1880 também surgiu o primeiro clube republicano capaz de mobilizar conferências, o Clube Democrata.

Apesar das primeiras aparições públicas e nas tentativas de propaganda, esse momento inicial revelou-se bastante doutrinário e fechado. Posteriormente, um novo jornal positivista superou essas dificuldades, foi a *Folha do Norte*. Jornal barato e utilitário, foi uma das mais importantes plataformas da propaganda republicana e foi responsável por crescer e tornar conhecido o movimento.

Por volta de 1884 o movimento republicano já havia se incorporado ao movimento abolicionista, levando a conclusão que a relação de ambos os movimentos foi tão intricada que é impossível dissociá-los. Os republicanos estiveram presentes em quase todas as diretorias das sociedades abolicionistas existentes, foram responsáveis pelo único clube que garantiu a atuação de escravos como sócios (Clube Martins Júnior) e engajaram-se ao lado de mulheres. Elas demonstraram ter autonomia de atuação e pensamento, mesmo diante de um grupo positivista que lhes reservava apenas o lar doméstico. Os republicanos foram os principais responsáveis pela campanha abolicionista de Nabuco e Mariano em 1884, levando a uma associação com os liberais que perduraria todo o período do gabinete Cotegipe.

É justamente durante o gabinete Cotegipe que os republicanos terão mais dificuldade de promoverem meetings, mas isso não se torna impedimento para o crescimento do movimento em Pernambuco. Utilizaram os jornais liberais, tornando-se diretores de A Província, além de terem se associado com a ala democrata do Partido Liberal. No período que vai de 1885 a 1887, os republicanos passaram a se agrupar em torno do Centro Republicano de Pernambuco, criado em 1886. Apesar de ser um dos períodos mais ricos para entender como o processo de propaganda se instaurou na Zona da Mata e no Agreste Pernambuco, se revelou o período mais difícil em termos de acesso à documentação. O que se sabe é que, apesar das divergências ideológicas, os republicanos se uniram em torno do Centro e passaram a promover cada vez mais conferências no interior da província, recrutando ativamente alguns agricultores para suas fileiras.

Com a Abolição, a antiga associação entre os republicanos e os democratas liberais tornou-se cada vez mais tênue, principalmente após a criação do Partido Republicano de Pernambuco em dezembro de 1888. Sendo o único partido do Império a aderir publicamente à Ditadura Positivista em suas Normas Republicanas, Pernambuco foi sede da principal base aliada de Silva Jardim. Enquanto isso no sul do Império a dominação da ala evolucionista, protagonizada pela liderança de Quintino Bocaiúva no Partido Republicano Paulista, levou a uma congregação de alianças positivistas contrárias, no qual Pernambuco, Bahia, Pará, Rio

Grande do Norte, Rio Grande do Sul e outros núcleos positivistas formaram uma contraproposta.

Com a vinda de Silva Jardim à Pernambuco em junho de 1889, a província que estava dividida entre partidários de José Mariano e José Isidoro Martins Júnior, conviveu com um clima político acirrado, em que a república se tornou tão popular a ponto de figurar como apelativa para anúncios comerciais. A presença do tribuno paulista em Pernambuco definiu as posições políticas de José Mariano e instaurou uma clivagem política que perduraria por mais de uma década em Pernambuco. Aumentou o número de adesões públicas, as criações de diretorias no interior da província, a ponto de Pernambuco ter se tornado a 6ª maior votação republicana nas eleições gerais de agosto de 1889. Quando a Proclamação pegou a todos de surpresa, em 15 de novembro de 1889, Pernambuco estava vivendo uma grande cisão política que inaugurou o novo regime com base nas disputas entre Marianistas e Martinistas do período da propaganda.

De maneira geral, esta dissertação buscou auxiliar na compreensão do processo de propaganda republicana feita pela nova geração, autodenominada positivista, de forma a contribuir para os estudos sobre o positivismo político no Brasil. Além de ajudar na compreensão dos conflitos políticos que perdurarão por mais de dez anos no novo regime do estado, também indica como as nossas elites políticas foram formadas na mentalidade positivista e como isso ajuda a entender o nosso país atualmente.

# 8 FONTES UTILIZADAS

### 8.1.1. Periódicos

Companhia Editorial de Pernambuco - CEPE DIGITAL
(Por ordem alfabética)

1. 19 de Setembro (1889)
2. A Academia (1888)
3. A Arte Dramática (1884-5)
4. A Baroneza Rabugenta (1883)
5. A Crise (1884)
6. A Esmola (1887)
7. A Guerrilha (1876)
8. A Ideia (1885)
9. A Marquesa do Linguarudo (1875-6)
10. A Propaganda (1886)
11. A Razão (1884)
12. A República (1882-7)
13. A Ronca (1889)
14. A Setta (1883)
15. A Tempestade (1878)
16. A Tribuna (1888)
17. A Tribuna do Povo (1879)
18. A Velha Rabugenta (1883)
19. A Voz do Povo (1875/1885)
20. Academus (1876)
21. Ave Libertas (1885)
22. Eusébio de Queiroz (1882)
23. Gazeta da Tarde (1889)
24. Homens e Letras (1888)
25. Lanterna de Diógenes (1876-1882)
26. Liga Operária (1877)
27. Martins Júnior (1889)
28. Nova Pátria (1888)
29. O Alfinete (1878)
30. O Antheu (1887)
31. O Anti-Rebate (1887)
32. O Atalaia (1885)
33. O Atheneu (1882)
34. O Ceará Livre (1884)
35. O Clarim- Silva Jardim (1889)
36. O Combate (1889)
37. O Crente (1880)
38. O Democrata (1880-1)
39. O Desespero (1880)
40. O Diabo a Quatro (1875)
41. O Escalpelo (1887)
42. O Estímulo (1888)
43. O Etna (1881-2)
44. O Latego (1885)
45. O Movimento Republicano (1889)
46. O Peregrino (1875)
47. O Petróleo (1880)
48. O Pharol (1879)
49. O Progresso (1875-7)
50. O Rebate (1878)
51. O Rebate (1885-8)
52. O Recife Ilustrado (1887)
53. O Republicano Federativo (1876)
54. O Século (1883)
55. O Século (1883-4)
56. O Seis de Março (1886)
57. O Telégrafo (1884)
58. O Tentamen (1883-4)
59. Pernambuco a Camões (1880)
60. Pernambuco ao Marquês de Pombal (1882)
61. Romeiro das Letras (1876-1882)
62. Silva Jardim (1889)
63. Victor Hugo (1885)
64. Vinte e Cinco de Março (1884-1889)
65. Voz do Povo (1875)

CEHIBRA/FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – Por ordem alfabética

A Academia (1888)
A Lanterna (1873)
A Luz (1873)
A Opinião (1879-1880)
A Província (1888)
A República (1871)
Folha do Norte (1883-1884)
O Nacional (1879)
O Rebate (1884-6)
O Recife (1888)
O Republicano Federativo (1875)
Vinte e Cinco de Março (1885)

HEMEROTECA DIGITAL – Por ordem alfabética

A Federação (RS, 1884)
A Luz (1873-4)
A República [Acadêmico] (1882)
Diário de Pernambuco (1875-1889)
Gazeta de Notícias (RJ, 1880)
Jornal do Recife (1875-1889)
Liga Operária (1877)
O Democrata (1880-1)
O Homem (1876)
O Sahara (1883)

HEMEROTECA DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE
A Cultura Acadêmica (1904)
*O Norte* (1889)

HEMEROTECA DIGITAL DE LISBOA
Revista de Estudos Livres (1883-6)

SETOR DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
O Diabo a Quatro (1875-1877)

### 8.2. Manuscritos e impressos

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Acervo Particular de Manoel Gomes de Matos
Acervo Particular de José Isidoro Martins Júnior
Acervo Particular de Clóvis Beviláqua
Acervo Particular de Arthur Orlando

Série ‘Documentos Avulsos’ – Abaixo-assinado dos agricultores de IPOJUCA-PE pedindo ao governo provincial providências sobre ataques abolicionistas
Série Petições – Pedido do Clube Abolicionista Martins Júnior ao governo provincial

INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PERNAMBUCO

Correspondência de João Ramos
Atas e documentos do Clube Abolicionista Nova Emancipadora
Atas e documentos do Clube Abolicionista Cupim
*20 Atas das sessões do Club (1884-5)*
*Listas e esboços dos participantes do Club (1889)*

MEMORIAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Comarca do Recife. Processo Cível. *Ação de Liberdade da escrava Maria pertencente à Maria Thereza de Almeida por pedido da Sociedade Nova Emancipadora*. 30 de abril de 1884. Cx.1193

Comarca do Recife. Processo Cível. *Ação de Espólio de Elias Marinho Falcão de Albuquerque Maranhão*. 1884. Cx.1193

Comarca do Recife. Processo Cível. *Penhora Executiva contra a ‘Sociedade Secreta 6 de Março de 1817*’. 1878. Cx.1194

Comarca do Recife. Processo Cível. *Ação de Liberdade da escrava Silvéria pertencente a José Moreira da Silva por requisição de Romualdo Alves de Oliveira*. 27 de abril de 1878. Cx.1194

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
Correspondência de Joaquim Nabuco

### 8.3. Obras da época

**BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE**

MENEZES, Tobias Barreto de. PEREIRA, José Higino Duarte. *Selfgovernament:* uma polêmica. Recife, Tipografia econômica, 1889.

BEVILÁQUA, Clóvis. *A Filosofia Positiva no Brazil*. Recife: Tipografia industrial, 1883.

ROMERO, Sílvio. *Doutrina versus Doutrina*: o evolucionismo e o positivismo no Brasil. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e Cia, 1895.

ROMERO, Sílvio. *A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro*. In: Revista Brasileira de Filosofia, Vol.5, Fascículo III, 1955. [1879]

ROMERO, Sílvio. *Introdução da História da Literatura Brasileira (parte 1).* In: Revista Brasileira, ano II, tomo VIII Rio de Janeiro: 1881.

ROMERO, Sílvio. *Introdução da História da Literatura Brasileira (parte 2).* In: Revista Brasileira, ano III, tomo IX. Rio de Janeiro: 1881.

ROMERO, Sílvio. *Introdução da História da Literatura Brasileira (Parte 3). In*: Revista Brasileira, ano III, tomo X. Rio de Janeiro: 1881.

JARDIM, Silva. *Pela República contra a Monarquia*. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1889.

*Revista do Norte***.** Edição de março de 1891.

Revista *Cultura Acadêmica*. 1904-1906.

**SETOR DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

FALCÃO, Aníbal. *Fórmula da Civilização Brasileira.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933[1883].

MARTINS JÚNIOR, José Isidoro. *A Poesia Científica*. Recife: Imprensa Industrial, 1914. [1883]

MARTINS JÚNIOR, José Isidoro. *Um capítulo de história política*. Recife: Pantheon das Artes, 1898.

MARTINS JÚNIOR, José Isidoro. *Visões de Hoje*. Recife: Tipografia Industrial, 1881.

ROMERO, Sílvio. *Estudos de Literatura Contemporânea*: páginas de crítica. Rio de Janeiro: Tipografia Universal Laemmert e Cia, 1885.

ROMERO, Sílvio. *Últimos Harpejos*. Porto Alegre: Tipografia da Livraria Americana, 1883.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Pernambuco ao Ceará*: o dia 25 de março de 1884. Recife: Tipografia Central, 1884.

ABREU, Anísio de. *Sciencia e Theologia*. Recife: Tipografia Central, 1883.

MELLO, Alfredo Pinto Vieira de. *Conferência pronunciada no Gabinete Português de Leitura em 2 de junho de 1886*: quinto aniversário do falecimento do eminente positivista francês Emile Littré. Recife: Tipografia da Rua das Flores-24, 1886.

ESPÍUCA, Thomaz. *O Cupim e a Lei de 13 de maio*: comédia-drama em 4 atos. Recife: Tipografia do Comércio, 1889.

SABINO, Ignez. *Mulheres Ilustres do Brazil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.

MELLO, Henrique Capitolino Pereira de. *Pernambucanas Ilustres*. Recife: Tipografia Mercantil, 1879.

**ACERVO DIGITAL DA USP BRASILIANA**

BARRETO, Fernando de Castro Paes. *Conferência Abolicionista no Teatro de Santa Isabel a 25 de março de 1885 mandada publicar pela Ave Libertas*. Pernambuco: Tip. Apolo, 1885

O ÁLBUM. Março de 1893. Nº10.

ARANHA, Graça. *O meu próprio romance.* São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1931.

**ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA DO SENADO E CÂMARA FEDERAL**

BEVILÁQUA, Clóvis. *Emílio Littré* (1882); conferência realizada em nome da Sociedade Positivista do Recife. In: *Esboços e Fragmentos*, Rio de Janeiro, 1899, págs. 141 a 165.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. Brasília: Ministério da Cultura, [s/d], [1876].

NABUCO, Joaquim**.** *O Abolicionismo*. Brasília: Senado Federal, 2003 [1883]

NABUCO, Joaquim. *A Campanha Abolicionista no Recife*. Brasília: Senado Federal, 2005 [1885].

LEMOS, Miguel. MENDES, Teixeira. *Bases de uma Constituição Política Ditatorial Federativa para a República Brasileira*: Em nome da Humanidade, da pátria e da família. Câmara Federal, 1934 [1890].

*A Constituição federal e as constituições dos estados da republica do Brazil*: precedida aquela de uma parte histórica e acompanhada de alguns decretos posteriores. Pelotas: Echenique & Irmão, 1895-1896.

**ACERVO DIGITAL DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO.**

MARTINS JÚNIOR, Isidoro Martins. *Discurso do orador da comissão do Conselho Superior da Sociedade Propagadora da Instrução Pública*. Revista do IAHGP, V. 5, n. 33, p. 69-74, ago. 1887.

**ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS**

FALCÃO, Aníbal. *O Doutor Alberto*: drama em 3 atos. Recife: Tipografia a vapor de J.E. Purcell, 1878.

MARTINS JÚNIOR, José Isidoro. *Estilhaços*. Recife: Tipografia Industrial, 1885.

### 8.4. Fontes transcritas publicadas

BESSA, Gumercindo. *O Concurso de Tobias Barreto.* [Carta – 1º de Maio de 1882]. In: Tobias Barreto: Biografia e Estudos Críticos. CPDOC-FGV, acessível em < http://www.cdpb.org.br/tobias_barreto.pdf >

ARANHA, Graça. *O Milagre de Tobias Barreto*. [Sem data]. In: Tobias Barreto: Biografia e Estudos Críticos. CPDOC-FGV, acessível em < http://www.cdpb.org.br/tobias_barreto.pdf >

*Normas Republicanas* [Manifesto de criação do Partido Republicano de Pernambuco, dezembro de 1888]. In: PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro. A ideia republicana no Brasil através dos documentos: textos para seminários. São Paulo: Alfa-Ômega, 1973.

### 8.5. Acervo de consulta

**BIOGRAFIAS**

FALCÃO, Luiz Aníbal. *Aníbal Falcão*. In: FALCÃO, Aníbal. Fórmula da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.

FIGUEIREDO. A. J. *Aspectos da Vida e do Estilo de Clóvis Beviláqua*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1960.

ROMERO, Lauro. *Clóvis Beviláqua*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1956.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. São Paulo: Martin Claret, 2004. [1900]

SALES, Tadeu José Gouveia de. *José Mariano e seu tempo*: 1850-1912: o tribuno do Recife e a utopia da liberdade durante o Império e a República. Recife: Cepe, 2013.

**OBRAS PARA REFERÊNCIAS GERAIS**

BLAKE, Augusto Alves Vitorino Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. 7 vol.

*Dicionário Bio-bibliográfico do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro*<http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico.html>

*Dicionário de Elite Política do CPDOC* <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>

FERREIRA, Luzilá Gonçalves (org). *Escritores Pernambucanos do século XIX*. Recife: Cepe, 2010. Tomo I e II.

FIGUEIROA, Elieser. *História da Imprensa de Jaboatão*. Recife: FIAM, 1983.

MOURA, Clóvis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2004.

NASCIMENTO, Luiz. *História da Imprensa de Goiana*. Recife, EdUFPE, 1970.

NASCIMENTO, Luiz. *História da Imprensa de Pernambuco*. Volumes V, VI, IX-XIV. Recife, EdUFPE, 1970-2002.

*Perfis biográficos da Academia Brasileira de Letras*<http://www.academia.org.br/academicos/membros>

*Perfis biográficos dos membros fundadores da Academia Pernambucana de Letras*<http://www.aplpe.com.br/academicosfundadores.php>

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da Língua Brasileira*. Ouro Preto: Tipografia do Silva, 1832.

SCHUMAHER, Shuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil***:** de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2mil.

*Sinopse do Recenciamento Geral do Império do Brasil, 1872.* Rio de Janeiro. < http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br/pop72/index.html > Apoio da ferramenta do Núcleo de Pesquisa Histórica Econômica e Demográfica.

*Sinopse do Recenciamento Geral dos Estados Unidos do Brasil de 1890*. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1898.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. *O Recife e suas ruas*: se essas ruas fossem minhas. Recife, IAHGP, 2010.

*Dicionário de pseudônimos de jornalistas pernambucanos*. Luiz do Nascimento [Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983]. Índice de pseudônimos elaborado por Maria Falcão Soares da Cunha, Com a orientação de Lúcia Gaspar, Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco.

**REFERÊNCIAS**

ABREU, Martha Campos. MARZANO, Andrea Barbosa. *Entre palcos e músicas: caminhos de cidadania no início da República*. In: CARVALHO José Murilo. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (orgs.). Repensando o Brasil dos Oitocentos. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. P.120-150.

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *Apontamentos iniciais para uma investigação sobre o papel da moral nos romances naturalistas brasileiros.* Anais do SETA, Nº4, 2010.

ALONSO, Ângela. *Apropriação de Ideias no Segundo Reinado*. In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial. Volume III: 1870-1889. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. P. 83-118.

_____. *Associativismo avant la lettre:* as sociedades pela abolição no Brasil oitocentista. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, nº28, 2011.

_____. *De positivismo e de positivistas*: correntes positivistas brasileiras e o caso Pereira Barreto. Anais do XIX Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo-USP, 1995.

_____. *Flores, votos e balas*: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888). São Paulo: Cia das Letras, 2015.

_____. *Ideias em movimento***:** a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AMORIM, Tânia Maria Soares de. *O Alvorecer da república em Pernambuco*: a atuação do poder constituinte estadual no processo de formação do estado republicano brasileiro (1889-1891). Dissertação de mestrado em História, PPGH-UFPE, 1994.

ANDRADE, Regis de Castro. *Notas sobre a metodologia da história política*. Paper escaneado de papel datilografado e disponível pelo site da ANPOCS. S/d. <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5776&Itemid=375>

ARAÚJO, Cícero. *República e Democracia*. Revista Lua Nova de Cultura e Política. N.51. São Paulo, 2000. P.6-30.

ARAÚJO, Dilton Oliveira de. *Republicanismo e classe média em Salvador (1870-1889).* Dissertação em Ciências Sociais, UFBA, 1992.

ARAÚJO, José Francelino de. *A Escola do Recife no Rio Grande do Sul*: influência dos nordestinos na magistratura, no magistério e nas letras jurídicas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

ARAÚJO, Vinícius Leão. *Belicosas Palavras: o jornalismo político de David Caldas entre 1868 e 1875***.** Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural, 2012.

ARDÃO, Arturo. "Assimilation and Transformation of Positivism in Latin America". *Journal of the History of Ideas* 24.4 (1963): 515–522.

AURNHEIMER FILHO, Sérgio Paulo. *Visões republicanas:* um estudo panorâmico da pedagogia conceitual da República Brasileira. Anais da XIII ANPUH : Rio de Janeiro, 2008.

BAKOS, Margaret (org). *Júlio de Castilhos*: Positivismo, Abolição e República. Porto Alegre: IEL: Edipucrs, 2006.

BARBOSA, Silvana Mota. *Panfletos vendidos como canela*: anotações em torno do debate político nos anos 1860. In: CARVALHO, José Murilo de. (org.). Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. P. 153-184.

BARROS, Raimundo Nascimento Pereira. *Imprensa republicana no Pará*: a visão do jornal O Cosmopolita (1885-6). Anais do III Congresso Internacional de História de Jataí. Goiás, 2014.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República: das origens até 1889*. Rio de Janeiro : Livraria São José, 1957.

BATALHA, Claudio H.M. (orgs.) *Organizar e proteger*: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX). Campinas: Unicamp, 2014.

BELLINTANI, Adriana Iop. *O positivismo e o Exército Brasileiro*. Anais do XXV Simpósito Nacional de História, Fortaleza, 2009.

BERNARDO, Isadora Brévide**.** *O De Re Publica, de Cícero:* natureza, política e História. PUC-SP, 2012. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In: RIOUX & SIRINELLI (orgs.) Para uma história cultural. Lisboa: Estampa, 1998. PP.349-368.

BEVILAQUA, Clóvis. *História da Faculdade de Direito do Recife*. Brasília: INL, 1977.

BIGNOTTO, Newton. *Republicanismo*. In: BARRETO, Vicente de Paula (org.). Dicionário de filosofia do Direito. São Leopoldo : Rio de Janeiro : Unisinos; Renovar, 2006. P.716-719.

BOEHRER, George. *Da monarquia à República*: a história do partido republicano do Brasil. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura, 1954.

BOSI, Alfredo. *O positivismo no Brasil*: uma ideologia de longa duração. In: PERRONE-MOYSÉS, Leyla. (Org.). Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América. São Paulo: Edusp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGA, Flávia. *Eu, Cidadão*: O povo, a República e os caminhos da cidadania no Brasil. Monografia de conclusão de curso. Departamento de História, UFPE, 2014.

BUENO, Almir de Carvalho. *A trajetória de uma desilução; Silva Jardim e Aníbal Falcão*: dois positivistas revolucionários na transição império-república (1870-1900). Dissertação em História, PUC-SP, 1991.

_____.*Visões de República*: ideias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895). Natal, EDUFRN, 2016.
BULST, Neitlhard. *Sobre o objeto e o método da prosopografia*. Vitória da Conquista, Politéia, V.5, N.1, 2005. [1986].

CAPPELLETTI, Ángel José. *Sentido del positivismo latinoamericano*. Revista de filosofia da Universidade da Costa Rica, XXV(85), 1997.

CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. SILVA, Hélio. *História da República Brasileira: nasce a República*. Volume 1. São Paulo : Editora Três, 1975.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. *O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier*. Diálogos, DHI/PPGH/UEM, V.9, N.1, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *As conferências radicais do Rio de Janeiro: novo espaço de debate.* In: CARVALHO, José Murilo de. (org.). Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. P.17-42.

_____. *Os bestializados:* O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo : Cia das Letras, 1987.

_____. *Radicalismo e republicanismo.* In: CARVALHO José Murilo. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (orgs.). Repensando o Brasil dos Oitocentos. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. P.19-48.

_____. *A formação das Almas*: o imaginário da República no Brasil. São Paulo : Cia das Letras, 1990.

_____. *Os bestializados*: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo : Cia das Letras, 1987.

_____. *Os três povos da República*. Revista da USP, São Paulo, Nº59, P.96-115, 2003.

_____. *República, democracia e federalismo:* Brasil, 1870-1891. Revista Varia História, Belo Horizonte, vol.27, nº45. P.141-157, 2011.

CASTILHO, Celso. *Agitação abolicionista, transtornos políticos*: o Recife na véspera da Campanha Abolicionista. In: ALBUQUERQUE, Severino J. (org.) Conferências sobre Joaquim Nabuco nas universidades de Wisconsin e Yale. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2010.

_____. COWLING, Camilla. *Bancando a liberdade, popularizando a política*: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no Brasil. Revista Afro-Ásia, 47, 2013.

_____.*O '25 de Março' e a radicalização dos embates abolicionistas no Recife.* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUN: São Paulo, Julho de 2011.

_____. *Abolitionism matters*: the politics of antislavery in Pernambuco, Brazil, 1869-1888. University of California, PhD, 2008.

CASTRO, Celso. *A Proclamação da República*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed, 2mil

CAVALCANTI, Carlos Manoel de Hollanda. *Angelo Agostini e seu "Zé Caipora" entre a Corte e a República*. Revista História, imagem e narrativas. Nº 3, ano 2, setembro/2006.

CHALHOUB, Sidney. *Medo Branco de Almas Negras*: Escravos, libertos e republicanos na Cidade do Rio. Revista Brasileira de História, São Paulo. Vol.8, nº16, 1988. P.83-105.

CHARLE, Christophe. *A prosopografia ou biografia coletiva*: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio (org.). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. *O Mundo como representação.* Revista Estudos Avançados, nº11(5), 1991. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis.

COELHO, Alan Watrin. *A ciência de governar*: positivismo, evolucionismo e natureza em Lauro Sodré. Dissertação em História Social da Amazônia, UFPA, 2006.

CORREA, Amélia Siegel. *Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, V.17, Nº32, 2009.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *A ideia abolicionista em Pernambuco*. Revista do IHAGP, V.VI, 1891. p.247-268.

DANTAS, Carolina Vianna. *Música Popular, folclore e nação no Brasil (1890-1920)***.** In: CARVALHO, José Murilo de. (org.). Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. P.123-152.

DANTAS, Laércio Albuquerque. *A Escola do Recife e os discursos sobre a criminalidade: teorias científicas e projetos de sociedade no Recife das décadas de 1880-90*. Dissertação de mestrado em História. PPGH-UFPE, 2013.

DORNAS FILHO, João. *Silva Jardim*. São Paulo: Cia da Editora Nacional, 1936.

EAKIN, Marshall C.. "Race and Identity: Sílvio Romero, Science, and Social Thought in Late 19th Century Brazil". *Luso-Brazilian Review* 22.2 (1985): 151–174.

EISENBERG, Peter. *Modernização sem mudança*: a indústria açucareira em Pernambuco (1840-1910). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. *Nos funerais de D. Pedro II:* batalhas e incertezas na escrita da memória e da história da monarquia. Anais do XIV encontro regional da ANPUH-Rio, 2010.

FELIZARDO, Joaquim. *História nova da República Velha:* do manifesto de 1870 à Revolução de 1930. Petrópolis : Vozes, 1980.

FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. *A Esperança e o desencanto:* Silva Jardim e a República. São Paulo: Humanitas, 2008.

_____. *Os republicanos e a Abolição.* Revista de Sociologia Política. Curitiba, 27, pp.181-195, nov. 2006.

FERRARI, Pedro Felipe Marques Gomes. *Com quantos passos se faz uma República: Proclamações e apropriações urbanas do Rio de Janeiro.* Revista Especialidades, Vol.4, Nº3, 2011.

FERRAZ, Paula Ribeiro. *A História dos conceitos e sua relação com a História Política.* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH, São Paulo : 2011.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves et al. *Suaves Amazonas*: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste. Recife: EdUFPE, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A nova "velha História":* o retorno da História Política. Revista de Estudos Históricos, vol.10, 1992.

FIGUEIREDO, Marcelo. *Transição do Brasil Império à República Velha.* Revista Iberoamericana de filosofia, política y humanidades. Año 13, nº26, 2011. Araucaria. P.119-145.

FIGUEREDO, Elton Flaubert. *As ideias se esvoaçam em meio a sua marcha:* as elites letradas e Silvio Romero na formação da sua obra (1865-1880). Dissertação em História, PPGH-UFPE, 2015.

FONSECA, Celia Freire A. *L'idée républicaine au Brésil*. In : Annales historiques de la Révolution française. Nº298, 1994. P.715-726.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *A linguagem republicana em Pernambuco (1824-1835).* Varia História, Belo Horizonte, Vol.27, nº45, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Dois volumes. Rio de Janeiro : José Olympio, 1959.

GOHN, Maria da Glória. *História dos movimentos e lutas sociais:* a construção da cidadania dos brasileiros. Edições Loyola, São Paulo, 1995.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro : FGV, 2005.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Abolição: A liberdade veio dO Norte*. Recife: Massangana, 1988.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Henrique Fleiüss: a função cívica e pedagógica da caricatura nas páginas da Semana Ilustrada*. In: CARVALHO José Murilo. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (orgs.). Repensando o Brasil dos Oitocentos. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. P.153-180.

HOBSBAWM, Eric, *Ecos da Marselhesa*: dois séculos revêem a Revolução Francesa. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

HOFFNAGEL, Marc Jay. *From monarchy to republic in northeast Brazil: the case of Pernambuco*, 1868-1895. Indiana University, PHD, 1975.

_____. *O Partido Liberal de Pernambuco e a Questão Abolicionista (1880-8).* Caderno de Estudos Sociais, Recife, nº2, 1988.

_____. *Recife entre a monarquia e a república*. Anais da XXV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Rio de Janeiro, 2005.

_____. *Rumos do republicanismo em Pernambuco*. In: DANTAS, Leonardo (org). A República em Pernambuco. Recife: FUNDAJ: Massangana, 1990. P.157-179.

_____. *Tensões e conflitos na consolidação da República em Pernambuco.* Revista CLIO, Vol. 28.2, 2010.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. *História Geral da Civilização Brasileira*: O Brasil Monárquico. Tomo II. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

HURTADO, José Luís Jiménez. *Las ideas positivistas en la America latina del siglo XIX*. Revista Derecho y Humanidades, número 5, 2008.

IMÍZCOZ, José Maria. *Actores, redes, procesos*: reflexiones para una historia más global. Revista da Faculdade de Letras, HISTÓRIA, Porto, III Série, volume 5, 2004.

JARDIM, Antônio da Silva. *Propaganda Republicana (1888-1889):* discursos, opúsculos, manifestos e artigos coligidos anotados e prefaciados por Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1978.

LACERDA, Arthur Virmond de. *A República Positivista*: teoria e ação no pensamento político de Augusto Comte. Curitiba: Juruá, 2mil.

LACERDA, Gustavo Biscaia. *O momento comtiano*. Tese de doutorado em Sociologia Política. Santa Catarina: UFSC, 2010.

LAFER, Celso. *O significado de República*. Revista Estudos Históricos: Rio de Janeiro. Vol.2. N.4, 1989, p.214-224.

LARA, Silva Hunold. *Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil.* Proj. História, São Paulo, (16), fev. 1998.

LEAL, Ana Regina Barros Rego. *Imprensa Piauiense e os Ideais Republicanos: a atuação do jornalista David Moreira Caldas no Piauí.* Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004.

LEITE, Beatriz Westin de Cerqueira. *O Senado nos anos finais do Império (1870-89).* Brasília: Senado Federal, 1978.

LEITE, Fábio Carvalho. *1891: A construção da matriz político-institucional da República no Brasil.* Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional e Teoria do Estado. PUC-Rio, 2003.

LEITE, Jurandyr Carvalho Ferrari. *Proteção e incorporação: a questão indígena no pensamento político do positivismo ortodoxo*. Revista de Antropologia 30/32 (1987): 255–275.

LEMOS, Renato. *A alternativa republicana e o fim da monarquia*. In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial. Volume III: 1870-1889. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. P.401-444.

LEONÍDIO, Adalmir. *O "Republicanismo Social" no Brasil na passagem do Império à República.* Revista Diálogos, Vol. 11, Nº1-2, PP.193-213.

LIMA, Fátima Maria Batista de. *Um olhar sobre a cidade do Recife na Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella*. Dissertação em Letras e Linguística, UFPE, 2005.

LIMA, Hermes. *Tobias Barreto*: a época e o homem. São Paulo: Dia da Editora Nacional, 1939.

LOPES, Aristeu Elisando Machado. *Imagens de humor e de política*: relações entre a imprensa ilustrada e a simbologia republicana – Pelotas (1880-9). Revista Biblos, Rio Grande, 23(1), 2009.

LOPES, Marcos Antônio. *Aspectos teóricos do pensamento histórico de Quentin Skinner*. Kriterion, Belo Horizonte, nº123, 2011.

LOVE, Joseph. *O Regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira. NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. *O debate em torno da emancipação feminina no Recife* (1870-1920). Cadernos Pagu, nº42, 2014.

_____. *Os caminhos do olhar*: circulação, propaganda e humor, Recife (1880-1914). Tese de doutorado em História, UFPE, 2008.

LYNCH, Christian Edward Cyril. *O Império é que era a república: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco*. Revista Lua Nova: São Paulo, 85: 277-311, 2012.

MAC CORD, Marcelo. *Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais*: mutualismo, cidadania e reforma eleitoral de 1881 no Recife. In: MAC CORD, Marcelo.

MACHADO, Heloísa Guaracy. *De Res Publica e de República:* o significado histórico de um conceito. Cadernos de História. Belo Horizonte. Vol. 1, nº 1, p.7-15, out. 1995.

MARSON, Isabel. *A Imprensa Político-Partidária em Pernambuco*. In: O movimento Praieiro. São Paulo: Moderno, 1980.

MATTOS, Hebe. *Racialização e cidadania no Império do Brasil.* In: CARVALHO José Murilo. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (orgs.). Repensando o Brasil dos Oitocentos. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009. P.349-392.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio*: o imaginário da restauração pernambucana. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana*. Revista Tempo, 26, 2008. P.15-31.

_____. *A República Consentida*: cultura democrática e científica do final do Império. Rio de Janeiro : FGV Editora, 2007.

_____. *República versus Monarquia:* a consciência história da década de 1880. Revista História Unisinos, 14(1), 2010.

MELLO, Rafael Reis Pereira Bandeira de. *A militância do Apostolado Positivista do Brasil em favor da abolição da escravidão por intermédio de opúsculos e correspondências (1881-1888)*. Anais do XV Encontro Regional de História. ANPUH, Rio de Janeiro, 2012.

MELO, Evaldo Cabral de. *O Norte Agrário e o Império*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira ; Brasília : INL, 1984.

MENDONÇA, Carlos Süssekind. *Sílvio Romero*: sua formação intelectual (1851-1880). São Paulo: Cia da Editora Nacional, 1938.

MESQUITA, André Campos. *Vocabulário de termos e questões centrais da filosofia positivista no Brasil e no Chile* (1860-1846). Dissertação em Ciências da Integração da América Latina, PROLAM/USP, São Paulo, 2011.

MONTEIRO, Lorena Madruga. *Prosopografia de grupos sociais, políticos situados historicamente:* método ou técnica de pesquisa? Pensamento Plural, Pelotas, Nº14, 11-21, 2014.

MORAES, Felipe Tavares de. *A educação no primeiro governo de Lauro Sodré (1886-1897):* os sentidos de uma concepção político-educacional republicana. Dissertação de Mestrado, UFPA-PPGED, 2011.

MORAIS, Maria Luiza Nóbrega de. *Presença feminina no jornalismo pernambucano:* dos primórdios à regulamentação profissional. Anais do V Congresso Nacional de História da Mídia, São Paulo, 2007.

MOURA, Denise A. Soares de. *Escravidão, cidadania e direitos nos oitocentos.* Anais do XXIII Encontro Nacional da ANPUH, Londrina, 2005.

MOUTOUKIAS, Zacarías. *Narración y analisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica*. In: BJERG, María & OTERO, Hernán. Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna. Tandil: CEMLA –IEHS, 1995. pp. 221-241.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral. LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira da. *Liberdade, transgressão e trabalho:* o cotidiano das mulheres na cidade do Recife (1870-1914). Caderno Espaço Feminino, Uberlândia-MG, V.25, Nº1, 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. *Martins Júnior*: traços da produção jurídica de um intelectual da Faculdade de Direito do Recife (1883-1904). Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013.

OLIVEIRA, Fayga Marcielle Madeira de. *A propaganda republicana como ação política* – apontamentos para a história da República, Campos Porto (1890). Anais do XXI Encontro Estadual de História. ANPUH-SP, Campinas, setembro 2012.

OLIVEIRA, Hilton César de. *O debate historiográfico sobre o movimento republicano no Brasil.* In: Revista E-Hum : Belo Horizonte, vol.3, nº 1, 2010.

OZANAM, Israel. *Capoeira e Capoeiras entre a Guarda Negra e a educação física no Recife*. Dissertação de mestrado em História, PPGH-UFPE, 2013.

PAIM, Antônio. *A Escola do Recife*: estudos complementares à História das idéias filosóficas no Brasil. Volume V. São Paulo: UEL, 1997.

PATTO, Maria Helena Souza. *Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres.* Revista Estudos Avançados 13, Nº 35, 1999.

35.1.1 PERINE, Marcelo. *Violência e niilismo:* o segredo e a tarefa da filosofia. Revista Kriterion, Belo Horizonte, vol.43, nº106, 2002.

PICCOLO, Helga I. L. *A crise do Império nas partes do Brasil: o caso do Rio Grande do Sul*. História Unisinos, Nº 14 (1), 2010.

_____. PADOÍN, Maria Medianeira. (orgs.) *Coleção História Geral do Rio Grande do Sul: Império.* Volume 2. Porto Alegre: Meritus, 2006.

PINTO, Celi Regina J. *Positivismo:* um projeto político alternativo (RS: 1889-1930). Porto Alegre: L&PM, 1986.

PINTO, Otávio. *A visita de Silva Jardim à Goiana*. Revista do IHAGP, V.XL, 1945. p.246-254.

POCAS, Maria Tereza de Carvalho. WAECHTER, Hans da Nóbrega. *O padrão visual das revistas ilustradas pernambucanas da segunda metade do século XIX*. Anais do VII Congresso Internacional de Design da Informação. São Paulo : Blucher, 2015.

PRADO, Maria Emília. *Memorial das desigualdades*: os impasses da cidadania no Brasil (1870-1902). Rio de Janeiro: Revan, 2005.

RAMOS, Igor Guedes. JOANILHO, André Luiz. *A historiografia dos vencidos da Primeira República: uma análise historiográfica e conceitual.* In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

RAUSCH, Fábio Flores. HOHLFELDT, Antônio. *A campanha do Partido Republicano Rio-Grandense pela proclamação da República nas páginas de A Federação*. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos-SP, 2007.

REAL, Victor Kraide Cortes. *Propaganda republicana: estratégias de comunicação política contra a monarquia brasileira.* Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004.

RIBEIRO, Maria Thereza Rosa. *Controvérsias da questão social:* liberalismo e positivismo na causa abolicionista no Brasil. Porto Alegre: Zouk, 2012.

_____. *Jacobinismo comteano e seu desdobramento na ação dos positivistas republicanos no Brasil*. Anais do Colóquio Dilemas do pensamento social, homenagem ao bicentenário de Augusto Comte. Porto Alegre: UFRGS-École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1998.

RIBEIRO, Pedro Krause. *Jornais de Zé Povinho: os usos do personagem de Bordalo Pinheiro nos periódicos do século XIX e XX.* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, 2011.

ROSANVALLON. Pierre**.** *Por uma história* do *político.* São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010, 101p.

SABINO, Márcia Peters. *Augusto dos Anjos e a Poesia Científica*. Dissertação em Letras, Juiz de Fora, UFJF, 2006.

SACCOL, Tassiana Maria Parcianello. *Na região da campanha ou nas capitais de província*: a atuação da família Assis Brasil na propaganda republicana (1881-1889). Anais do XI Encontro Estadual de História (ANPUH-RS). Porto Alegre, FURG, 2012.

SALDANHA, Nelson Nogueira. *A campanha republicana no Brasil: fundamentos doutrinários e outros aspectos.* Revista de Direito Público e Ciência Política, Rio de Janeiro, vol.IX, Nº3, 1966.

SALES, Maria Letícia Xavier. *O Clube do Cupim e a memória pernambucana*. Revista do Arquivo Público, Recife, V.40, n.43, 1990.

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. *O 25 de março de 1884 e a luta pela libertação dos escravos em Pernambuco.* Recife: CLIO revista de pesquisa histórica, nº 33.2, 2015.

SANTOS, Vitor Cei. *Niilismo Político e galhofa em Esaú e Jacó de Machado de Assis*. Revista Literatura e Sociedade, USP, n.21, 2015. P.18-29.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SÊGA, Rafael Augustus. PERISSINOTTO, Renato Monseff. *Republicanismo paulista e o republicanismo gaúcho: entre o partido de classe e o partido de estado*: aproximações e distinções (1873-1890). Almanack, São Paulo, Nº02, 2011.

SILVA, André Luís. *A história do pensamento político como história do discurso político*: considerações acerca do Whiggism no contextualismo linguístico de John Pocock. Diálogos (Maringá. Online), v. 17, n.2, p. 585-609, mai.-ago./2013.

SIMON, Maria Cecília. *O Positivismo de Comte* in: REZENDE, Antônio. Curso de Filosofia, 15° ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, pp.144-158.

SKINNER, Quentin. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

_____. *Visions of Politics*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2002.

SOUZA, Felipe Azevedo e. *Direitos Políticos em depuração*: a lei Saraiva e o eleitorado do Recife entre as décadas de 1870 e 1880. Dissertação de Mestrado em História, PPGH-UFPE, 2012.

STONE, Lawrence. *Prosopografia*. Revista de Sociologia e Política. Vol,19, N.39, 2011 [1971].

SUPERTI, Eliane. *Da incorporação do proletário ao direito do trabalho*: um estudo sobre o projeto positivista de organização das relações de trabalho no Brasil. Tese de doutorado em Ciências Sociais, São Carlos, UFSCar, 2004.

_____. *O positivismo de Augusto Comte e seu projeto político.* Revista Hórus, FAESO. São Paulo: 2003.

_____. *Positivismo e escravidão: um estudo sobre o projeto positivista de reorganização das relações de trabalho no Brasil no final do século XIX*. Anais do XXII Simpósio Nacional de História. ANPUH, João Pessoa, 2003.

TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Representações dos populares nas revistas ilustradas.* Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUH-Rio, 2008.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. *História do Rio Grande do Norte*. Natal, Editora do IFRN, 2010.

VAN YOUNG, Eric. *Haciendo historia regional: consideraciones metodológicas y teóricas*. San Diego: University of California, [Sem data].

VARGAS, Jonas Moreira. *Entre a paróquia e a Corte*: uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889). Dissertação de mestrado em História, PPGH-UFRGS, Porto Alegre, 2007.

VILELA, Joaquim Maria Carneiro. *O Clube do Cupim*. Revista do IHAGP, V.XXVII, 1925. p.417-427.

VIOTTI, Emília. *Da monarquia à república.* São Paulo : UNESP, 2010.

XAVIER, Leopoldo Bibiano. *Revivendo o Brasil-Império*: coletânea. São Paulo : Artpress, 1991.

XAVIER, Paula Lima. ROCHA, Marina Leal de Carvalho. SÁ, Vera Borges. *Jornais de bacharéis da Escola do Recife como espaço de sociabilidade no século 19: a produção de Martins Júnior.* Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Natal, 2015.

ZACARIAS, Audenice Alves dos Santos. *Legalidade e autoridade*: a implantação da República no Estado de Pernambuco (1889-1893). Dissertação de mestrado em História, PPGH-UFPE, Recife, 2009.

# ANEXOS

## ANEXO A – Perfil do movimento republicano em Pernambuco

### TABELA 18 - RELAÇÃO DE INDIVÍDUOS QUE PARTICIPARAM DO MOVIMENTO REPUBLICANO EM PERNAMBUCO (1875-1889)

**CRITÉRIOS DE SELEÇÃO FORAM DISCUTIDOS NO CAPÍTULO 1, TÓPICO 1.1[135]**

**FONTES: LISTADOS NO ITEM 7.1 DESTA DISSERTAÇÃO**

| PERFIL DO MOVIMENTO REPUBLICANO EM PERNAMBUCO (1875-1889) | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **SOBRENOME[136]** | **NOME** | **NATURALIDADE** | **OCUPAÇÃO** | **ASSOCIADO À** |
| ABREU | ANÍSIO DE ABREU | PIAUÍ | BACHAREL | JORNAL IRACEMA/ JORNAL O LIBERTADOR/ JORNAL O 25 DE MARÇO DE 1885/ FOLHA DO NORTE/ CLUBE MARTINS JÚNIOR/ CONFERÊNCIA PARA O CLUBE MARTINS JÚNIOR NO TEATRO SANTO ANTÔNIO |
| | FRANCISCO PINTO DE ABREU | PERNAMBUCO (GOIANA) | | DIÁRIO DE GOIANA/ DECLAMA POESIA NO MEETING DE SILVA JARDIM EM GOIANA (1889) |
| | J. J. DE ABREU | | | JORNAL O REBATE |
| ACCIOLY | EURICO VITRUVIO PINTO ACCIOLY | | | CLUBE FREI CANECA/ JORNAL A RONCA/ JORNAL A FEDERAÇÃO/ CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |
| ADEODATO | MANOEL ADEODATO DE SOUZA JÚNIOR | BAHIA | BACHAREL | JORNAL A REPÚBLICA (1882) |
| AFFONSO | JOÃO AFFONSO | | | CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| ALBUQUERQUE | ANTÔNIO GOMES DE ALBUQUERQUE | PERNAMBUCO (GOIANA) | | GAZETA DE GOIANA/ DIÁRIO DE GOIANA/ SECRETÁRIO DO DIRETÓRIO REPUBLICANO / CLUBE REPUBLICANO DE GOIANA/ JORNAL O REBATE/ JORNAL O NORTE/ CONFERÊNCIA REPUBLICANA NO TEATRO SÃO MIGUEL EM GOIANA (1889) |
| | ANTÔNIO PEREGRINO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE | PERNAMBUCO (PALMARES) | | CLUBE REPUBLICANO DE PALMARES/ JORNAL O NORTE |
| | DIOGO LINS CARNEIRO DE ALBUQUERQUE | PERNAMBUCO (NAZARETH) | COMERCIANTE | DIRETÓRIO DO PRPE EM NAZARETH |
| | HERCULANO ALBUQUERQUE | | AGRICULTOR | JORNAL O RECIFE |
| | JOSÉ CAMILO ALVES LINHARES DE ALBUQUERQUE | CEARÁ | | JORNAL A PEDRO PEREIRA/ JORNAL O LIBERTADOR/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1881/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1883/ JORNAL O VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL A OPINIÃO/ JORNAL A FOLHA DO NORTE/ JORNAL A REPÚBLICA (1881)/ CAIXA EMANCIPADORA PEDRO PEREIRA/ COMISSÃO CENTRAL EMANCIPADORA/ CONFERÊNCIA PELO CLUBE CEARÁ LIVRE NO 14 DE JULHO DE 1884 |
| | JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS DA COSTA DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE | PERNAMBUCO | ESCRITOR/ FUNCIONÁRIO PÚBLICO | JORNAL GAZETA DA TARDE/ JORNAL SILVA JARDIM (1889) |

[135] 1) publicaram livros, artigos, folhetos ou conferências em que a República ou eminentes republicanos foram os temas; 2) contribuíram para periódicos que se declararam republicanos (no título ou em editoriais); 3) participaram de ou organizaram *meetings* promovidos por republicanos; 4) candidataram-se pela legenda republicana ou auxiliaram candidatos republicanos; 5) fizeram parte de clubes, Centro ou Partido republicano; 6) auxiliaram direta ou indiretamente nas ações promovidas por republicanos.

[136] Os sobrenomes foram mesclados quando iguais para melhor visualização do leitor, não se refere necessariamente à parentesco.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Leonardo Cavalcante de Albuquerque | Pernambuco (Escada) | Agricultor | Convertido 1888/ Candidato pelo PRPE em agosto de 1889/ Almoço de recepção à Silva Jardim/ Jornal O Norte |
| | Lydio de Albuquerque | | | Edição 25 de março de 1884 da Folha do Norte/ Jornal A Arte Dramática |
| | Manoel Cavalcanti de Albuquerque | Pernambuco (Vitória de Santo Antão) | Coronel | Banquete de recepção à Silva Jardim |
| ALCOFORADO | Adolpho Guedes Alcoforado | Ceará (?) | | Centro Republicano de Pernambuco/ Nova Emancipadora |
| ALENCAR | Cândido Alencar | | | Jornal O Recife Ilustrado/ Edição 25 de março de 1884 da Folha do Norte |
| ALMEIDA | Alcides Barata de Almeida | Pernambuco | | Candidato a Juiz de Paz pelas Graças pelo Clube Democrata em 1880 |
| | Alfredo dos S. Almeida | | Comerciante | Candidato Republicano de 1880 |
| | Arthur A. de Almeida | | Comerciante | Candidato Republicano de 1880/ Nova Emancipadora |
| | J. Augusto de Almeida | | | O Progresso (1875-77) |
| | Lacerda de Almeida | | | Jornal A Academia (1889) |
| | M. Francisco de Almeida | | Comerciante | Jornal Folha do Norte |
| AMARAL | Crispim Amaral | Pernambuco (Olinda) | Ilustrador | Jornal O Recife Ilustrado/ Jornal A América Ilustrada |
| | Hermínio Ernesto Lemos Amaral | | | Jornal A Lanterna de Diógenes (artigo sobre Nunes Machado)/ Centro Republicano de Pernambuco (homonimo?) |
| | Hilarino do Amaral | | Ilustrador | Jornal América Ilustrada |
| | Libânio Amaral | Pernambuco | Pintor/Fotógrafo | Jornal A Exposição/ Jornal O Recife Ilustrado |
| | Livino Amaral | | Ilustrador | Jornal O Recife Ilustrado/ Jornal O Philartista |
| ANDRADE | Apolinário de Andrade | Pernambuco (Palmares) | Agricultor | Clube Republicano de Palmares |
| | Belmiro Pereira de Andrade | Pernambuco (Mulumgú) | | Jornal A Propaganda (1886) |
| | Camilo de Andrade | | | Dono do jornal O Atalaia |
| | Luiz Andrade | | | Correspondente da Gazeta da Tarde com João Ramos |
| | Marcílio de Andrade | Pernambuco (Palmares) | Agricultor | Clube Republicano de Palmares |
| | Paschoal de Andrade | Pernambuco (Nazareth) | | Diretório do PRPE em Nazareth |
| | Plácido Serrano de Andrade | | | Assinante do manifesto fundador do PRPE/ O Clarim (1889) |
| | Vitoriano de Andrade | | | Jornal A Opinião (1878-1880) |
| ANTUNES | H. Eugênio Antunes | | | Gazeta da Tarde |
| ARAGÃO | Jaques Aragão | | | Jornal O Postilhão |
| ARANHA | José Pereira da Graça Aranha | Maranhão | Bacharel / Escritor | Jornal A Tribuna Acadêmica/ Edição 25 de março de 1884 da Folha do Norte |
| ARAÚJO | Antônio Baptista de Araújo | | | Clube Republicano Paroquial do Recife/ Revista Nova Pátria (1888) |
| | Francisco Gomes Leopoldo de Araújo | Pernambuco (Palmares) | Médico | Adesão em 1889/ Clube Republicano de Palmares/ Candidato do PR em agosto de 1889/ Candidato republicano para a eleição de 28 de dezembro de 1889 |
| | José Gomes de Moraes Araújo | Pernambuco (Limoeiro) | | Jornal A Propaganda (1886) |
| | Miguel Pessoa de Araújo | Pernambuco (Nazareth) | | Hospeda Silva Jardim em visita a Nazareth |
| | Pereira de Araújo | | | O Século (1878) |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Rodolfo Araújo | | | Jornal O Progresso (1875-1877) |
| | Severino Araújo | | | Jornal O Postilhão |
| Areia | Antônio de Areia | | | Jornal O Rebate |
| ARÕXA | Argemiro Alves ARÕXA | | | Jornal A República de 1887/ Jornal A Juventude/ Proprietário do Jornal A Opinião (1878-1880)/ Clube Republicano de Goiana/ Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal O Norte/ Conferência republicana no teatro São Miguel em Goiana (1889) |
| ASSIS | Coelho de Assis | | | Jornal A República (1881) |
| | F. Camillo de Assis | | | Clube Republicano Acadêmico (1889) |
| | José Calazans de Assis | | | Jornal O Século (1883) |
| | Pedro de Assis | | Tipógrafo | Gazeta da Tarde |
| AUDIFAX | Joaquim Audifax | | | Clube Marcelino Cleto (1883) |
| AUGUSTO | Mariano Augusto | | | Jornal O Democrata/ Jornal Palmas e Louros/ Almanak Literário de Pernambuco/ Gazeta do Recife/ Jornal A Alvorada (militar)/ Correio da Noite (1879)/ Jornal A Opinião |
| AUSTREGÉSILO | José Austregésilo | | | Jornal O Vinte e Cinco de Março |
| AUTRAN | Henrique Autran da Matta Albuquerque | Bahia (?) | | Clube Martins Júnior |
| AZEVEDO | Antônio Ramos de Azevedo Júnior | | | Candidato a Juiz de Paz por Poço da Panela pelo Clube Democrata em 1880 |
| | Arthur Azevedo | | | Jornal O Rebate |
| | Augusto C. de Miranda Azevedo | | | Jornal O Rebate |
| | Feliciano de Azevedo | | | Jornal 24 de Fevereiro (Theófilo Braga)/ Jornal Folha do Norte |
| | Frederico Conlandriny de Azevedo | | | Partido Republicano de Pernambuco |
| | Henrique Azevedo | | | Jornal Ao Maestro Carlos Gomes/ Gazeta do Recife/ Jornal O Século(1883)/ Jornal Echo da Revolução/ Gazeta de Notícias/ Jornal Vítor Hugo |
| BACELAR | Alfredo Bacelar | | | Clube Martins Júnior |
| | Gonzaga Bacelar | | | Jornal Era Nova |
| BAHIA | Arthur Bahia | | | Clube Frei Caneca |
| BANDEIRA | João Carneiro de Sousa Bandeira | Pernambuco (Recife) | Bacharel | Colaborador da Folha do Norte/ A República (1882)/ O Século (1878)/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Clube Republicano Acadêmico de 1883/ Jornal O Ceará Livre/Jornal A Opinião/ Jornal A República (1881) |
| | Raimundo Bandeira | | | Almoço de recepção à Silva Jardim/ Jornal Eusébio de Queiroz/ Jornal A Propaganda (1886)/ Jornal O Norte |
| BARBOSA | Aureliano Pinto Barbosa | Rio Grande do Sul | Bacharel | Jornal Folha do Norte/ Jornal O Ceará Livre/ Conferência sobre a Revolução Farroupilha no Gabinete Português em 1883/ Clube Republicano Acadêmico de 1883/ Clube Republicano 20 de Setembro |
| | Francisco de Sales Barbosa | Bahia | Bacharel | Clube do Cupim - CONDINOME PARAÍBA/ Jornal A República (1881)/ Libertadora Acadêmica do Recife |
| | Heitor Barbosa | | | Jornal O Rebate |
| | José Laurentino Barbosa | Pernambuco (Limoeiro) | Artista | Clube Republicano Limoeirense |
| | Leodgário Barbosa | | | Clube Frei Caneca |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Antônio Barboza | Bahia | Bacharel | "Grupo de estudantes republicanos da Bahia"/ Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio |
| BARCELLOS | Henriques de Barcellos | | | Jornal O Rebate |
| BARRADAS | Hugo Barradas | Maranhão | | Jornal A Folha do Norte/ Jornal O Ceará Livre/ Conferência pelo Clube Ceará Livre no 14 de julho de 1884 |
| BARRETO | A. V. Barreto | | | Revista O Clarim (1889) |
| | Austriclínio Paes Barreto | Pernambuco (Vitória de Sto Antão) | | Comissão executiva da excursão de propaganda de Ambrósio Machado |
| | C. Gomes Barreto | | | Jornal Liga Operária |
| | Constantino de Sá Barreto | | | Assinante do manifesto fundador do PRPE/ Jornal O Rebate |
| | Fernando de Castro Paes Barreto | Pernambuco (Palmares) | Bacharel | Fundador do Clube do Cupim - CONDINOME MARANHÃO/ Jornal O Porvir/ Jornal O Certamen/ Jornal 25 de Março de 1885/ Jornal da Tarde/ Jornal Romeiro das Letras (1876-1882)/ Conferência com teor republicano no meeting do Ave Libertas em 25 de março de 1885/ Discursante na notícia da Lei Áurea na sacada de A Província/ Colaborador da Folha do Norte/ Clube Ceará Livre/ Jornal O Ceará Livre/ Jornal Folha do Norte |
| | J. D. Barreto | | | Clube Martins Júnior |
| | Jeronymo de Castro Sá Barreto | Pernambuco (Palmares) | Comerciante | Partido Republicano de Pernambuco/ Clube Republicano de Palmares |
| | José de Castro Paes Barreto | | | Clube Martins Júnior |
| | Sá Barreto | Bahia | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio |
| | Vítor de Sá Barreto Júnior | | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico (1889) |
| BARROCA | Fernando Barroca | | | Jornal O Tentamen/ Jornal A Federação |
| BARROS | Agostinho Alves de Barros | Pernambuco (Escada) | | Banquete de recepção à Silva Jardim |
| | Ernestina Bastos | | | Coluna no jornal Ave Libertas (1885) com teor republicano |
| | João de Barros Netto Júnior | | | Clube Ceará Livre |
| | Leal de Barros | | | Revista do Norte |
| | Sebastião Manoel do Rego Barros | | | Clube Republicano Paroquial da Boa Vista/ Almoço de recepção à Silva Jardim |
| BARROSO | Aníbal Barroso | | | Jornal A Exposição |
| | Dias Barroso | | | Jornal A Alvorada (militar)/ Jornal O Rebate |
| | Estefânio Barroso | | | Jornal Era Nova |
| BARTHOLO | Manoel Bartholo Júnior | | | Jornal Vitor Hugo |
| BASTOS | A. J. Mendes Bastos | | | Jornal O Tentamen/ Jornal Folha do Recife/ Jornal O Romeiro das Lettras |
| | Frederico Bastos | Rio Grande do Sul | | Jornal 12 de Setembro - Club Republicano sul-Riograndense/ Centro Republicano de Pernambuco |
| | João Bastos | | | Centro Republicano de Pernambuco |
| | Joaquim Antônio de Abreu Bastos | Maranhão (?) | | Jornal A Folha do Norte |
| BAVIERA | Sindolfo Baviera | | | Jornal O Atheneu/ Clube Marcelino Cleto |
| BEDA | Sérvulo Beda | | | Jornal O Estímulo |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| BELLO | AYRES DE ALBUQUERQUE BELLO | PERNAMBUCO | BACHAREL | JORNAL A TRIBUNA ACADÊMICA/ JORNAL O SEIS DE MARÇO (1886) |
| | EDBERTO BELLO | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | EDGARD BELLO | | | CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |
| | GREGÓRIO BELLO | | | CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |
| BENIGNO | ANTÔNIO BENIGNO | | | CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| BENSAÚDE | RAIMUNDO BENSAÚDE | | | DIRETÓRIO DO PARTIDO REPUBLICANO |
| BENTZEM | PEDRO BENTZEM | | | JORNAL ECHO DA REVOLUÇÃO |
| BERNARDINO | ANTÔNIO BERNARDINO | PARAÍBA | | JORNAL O REBATE |
| BESSA | GUMERCINDO DE ARAÚJO BESSA | SERGIPE | BACHAREL | JORNAL A FOLHA DO NORTE |
| BETTENCOURT | MANOEL BETTENCOURT | BAHIA | BACHAREL | "GRUPO DE ESTUDANTES REPUBLICANOS DA BAHIA"/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO VIRGÍLIO DAMÁSIO |
| BEVILAQUA | CLÓVIS BEVILAQUA | CEARÁ | BIBLIOTECÁRIO DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE | CORRESPONDENTE DA FOLHA DO NORTE NO MARANHÃO/ JORNAL A IDÉIA NOVA/ JORNAL O ESCALPELO (1881)/ JORNAL PERNAMBUCO AO MARQUÊS DE POMBAL/ JORNAL AO MAESTRO CARLOS GOMES/ JORNAL A CYTHARA/ JORNAL IRACEMA/ JORNAL A PEDRO PEREIRA/ JORNAL A OPINIÃO (1878-1880)/ MARTINS JR LHE DEDICA O POEMA À EMÍLIO LITTRÉ EM VISÕES DE HOJE/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1881/ JORNAL A REPÚBLICA DE 1882/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL EUSÉBIO DE QUEIROZ/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL A ACADEMIA (1889))/ JORNAL A REPÚBLICA (1881)/ JORNAL O NORTE |
| | EUCLYDES BEVILAQUA | | | PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| BEZERRA | AUGUSTO BEZERRA | | | JORNAL A LANTERNA DE DIÓGENES/ DISCURSANTE NA ELEIÇÃO DE FORTUNATO PINHEIRO EM 1883 |
| | GUILHERME DUQUE BEZERRA | PERNAMBUCO (TAQUARETINGA) | TENENTE | JORNAL A PROPAGANDA (1886) |
| BORBA | FENELON BORBA | | | JORNAL FOLHA DO RECIFE |
| | MANOEL PEREIRA BORBA | PERNAMBUCO (GOIANA) | MÉDICO | DIÁRIO DE GOIANA/ CANDIDATO REPUBLICANO PARA A ELEIÇÃO DE 28 DE DEZEMBRO DE 1889 |
| BORGES | J. M. SEIXAS BORGES | | | O PROGRESSO (1875-77)/ JORNAL A ARTE DRAMÁTICA |
| | RANDULPHO FRANCISCO BORGES | | | CLUBE CIENTÍFICO DO CURSO ANEXO DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE DE 1883 |
| BRAGA | JOÃO VIEIRA BRAGA | RIO GRANDE DO SUL | BACHAREL | JORNAL 12 DE SETEMBRO - CLUB REPUBLICANO RIOGRANDENSE |
| BRANCO | FRANCISCO BRANCO | | ARTISTA | UNIÃO ARTISTICA REPUBLICANA |
| BRANDÃO | CARLOS BRANDÃO | BAHIA | | JORNAL FOLHA DO NORTE |
| BRASILEIRO | FELICIANO HORIZONTE BRASILEIRO | PERNAMBUCO (PAU D'ALHO) | | CONFERÊNCIA REPUBLICANA EM PAU D'ALHO AO LADO DE LUIZ NUNES PIRES/ CLUBE REPUBLICANO PAU D'ALHENSE/ CARTA DE BOAS-VINDAS À SILVA JARDIM |
| BRAZIL | PEDRO BRAZIL | | | CLUBE FREI CANECA |
| BRAZILIANO | JOSÉ BRAZILIANO | | | JORNAL O ANTI-REBATE |
| BRITO | FRANCISCO JOAQUIM RIBEIRO DE BRITO | | | RECEBE SILVA JARDIM EM SUA CASA EM 19 DE JUNHO DE 1889/ DIREÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DA BOA VISTA |
| | JOÃO MARIA DE BRITO | | | PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| BUARQUE | CRISPINIANO BUARQUE | | | JORNAL AO MAESTRO CARLOS GOMES/ JORNAL A EXPOSIÇÃO/ JORNAL A OPINIÃO (1879)/ JORNAL FOLHA DO NORTE |
| | FELÍCIO BUARQUE | ALAGOAS | | JORNAL O SÉCULO DE 1883/ JORNAL O NORTE/ CLUBE FREI CANECA/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O SEIS DE MARÇO/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO |
| BURITY | GALDINO BURITY | | | CLUBE CEARÁ LIVRE |
| CABRAL | FELIPE CABRAL | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | JOÃO C. DE MELO CABRAL | | | JORNAL O ESTÍMULO |
| CADUFF | RICARDO CADUFF | PERNAMBUCO (PESQUEIRA) | COMERCIANTE | CLUBE REPUBLICANO DE PESQUEIRA |
| CALAZANS | JOAQUIM CALAZANS | | | JORNAL O SAHARA |
| CALMON | ANTÔNIO CALMON | BAHIA | | "GRUPO DE ESTUDANTES REPUBLICANOS DA BAHIA"/ COMISSÃO DE RECEPÇÃO DE SILVA JARDIM |
| CÂMARA | BERNARDO JOSÉ DE CÂMARA | PERNAMBUCO (CUYAMBUCA) | AGRICULTOR | CANDIDATO PELO PRPE EM AGOSTO DE 1889 |
| | JOSÉ FRANCISCO DE ARRUDA CÂMARA | | | JORNAL O REPUBLICANO FEDERATIVO |
| | LANDELINO CÂMARA | | | ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O LIBERTADOR/ JORNAL INCENTIVO/ JORNAL ECHO DA REVOLUÇÃO/ GAZETA DE NOTÍCIAS/ JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882)/ JORNAL O CEARÁ LIVRE |
| | TORRES CÂMARA | | | JORNAL A ACADEMIA |
| CAMÕES | ANTÔNIO ELYSIARIO DA SILVA CAMÕES | | | MESÁRIO DA 4ª SEÇÃO ELEITORAL DA BOA VISTA COMO REPUBLICANO EM 1889 |
| CAMPELO | FRANCISCO CARNEIRO RODRIGUES CAMPELLO | PERNAMBUCO (CABO) | BACHAREL/ AGRICULTOR | JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL O PROGRESSO (1875-1877)/ CLUBE MARTINS JÚNIOR/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM/ CANDIDATO DO PR EM AGOSTO DE 1889/ CONFERENCISTA DA COMEMORAÇÃO DA LEI AUREA NO TEATRO DE SANTA ISABEL/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PRPE/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL O NORTE |
| | BRANDÃO CAMPELO [?] | | | JORNAL FOLHA DO NORTE |
| CAMPOS | MANOEL RODRIGUES ALFREDO CAMPOS | | | CLUBE FREI CANECA |
| CANECA | VIRGÍLIO BACELAR CANECA | | | JORNAL O REBATE |
| CARDOSO | ANTÔNIO LOPES CARDOSO | PERNAMBUCO | FOTÓGRAFO | JORNAL O DIABO A QUATRO |
| | FAUSTO CARDOSO | SERGIPE | BACHAREL | JORNAL O SAHARA |
| | JESUÍNO CARDOSO | | | JORNAL O REBATE |
| | JOÃO RODRIGUES CARDOSO | RIO GRANDE DO SUL | | JORNAL A REPÚBLICA DE 1887-8/ JORNAL 12 DE SETEMBRO - CLUB REPUBLICANO RIOGRANDENSE/ ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PRPE/ CITADO POR SILVA JARDIM COMO SEU ALIADO EM PERNAMBUCO/ DISCURSANTE NO MEETING DO 70ª ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 1887 |
| | ULYSSES CARDOSO | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| CARLOS | JOSÉ CARLOS JÚNIOR | | | JORNAL A REPÚBLICA (1881)/ JORNAL FOLHA DO NORTE |
| CARNEIRO | ALFREDO CARNEIRO | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Belarmino Carneiro | | Comerciante | Centro Republicano de Pernambuco/ Clube Democrata/ Jornal Palmas e Louros/ Representa o Centro Republicano de Pernambuco no Congresso Republicano na Corte em 1887/ Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal A República (1882-8)/ Jornal O Democrata |
| | Domingos Carneiro | | | Diretor do jornal Folha do Norte |
| | José Francisco Carneiro | | | Hasteou a bandeira da França e da Revolução de 1817 na comemoração da Bastilha de 1883/ Centro Republicano de Pernambuco |
| Carolino | João Carolino | | | Clube Frei Caneca |
| Carrero | Carlos Porto Carrero | Pernambuco | Professor/ Escritor | O Vinte e Cinco de Março citado em Suaves Amazonas/ Jornal Folha do Norte/ Jornal O Norte/ Jornal Victor Hugo/ Jornal Vinte e Cinco de Março |
| Carvalho | Constâncio Carvalho | Piauí (?) | | Jornal A República (1882-8) |
| | Ernesto Ratis Moreira de Carvalho | | | Clube Republicano Frei Caneca |
| | Rodolfo de Carvalho | | | Clube Marcelino Cleto (1883) |
| | Vitor Pereira de Carvalho | Pernambuco (Gameleira) | | Jornal A Propaganda |
| Cassal | João de Barros Cassal | Rio Grande do Sul | Bacharel | Marido de Sylvia Falcão/ Direção do Partido Republicano de Pernambuco/ Almoço de recepção à Silva Jardim/ Almoço de recepção a João Cordeiro/ Jornal Eusébio de Queiroz/ Citado por Silva Jardim como seu aliado/ Jornal Folha do Norte/ Jornal O Norte |
| Castro | Alfredo de Castro | | | Jornal A Cythara |
| | Antônio da Silva Castro | | | Clube Martins Júnior |
| | Antônio Hermenegildo de Castro | Pernambuco (Escada) | Médico | Almoço de recepção à Silva Jardim/ Candidato republicano para a eleição de 28 de dezembro de 1889 |
| | Arthur de Castro | | | Partido Republicano de Pernambuco |
| | Augusto Olímpio Viveiro de Castro | Maranhão | Bacharel | Jornal A Tribuna Acadêmica/ Jornal Era Nova |
| | Castro Filho | | | Jornal O Pharol |
| | João Elísio de Castro Fonseca | Santa Catarina | Bacharel | Jornal Iracema/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Jornal A Opinião/ Jornal Folha do Norte/ Jornal A República (1881)/ Conferência pelo CRA-1881 em julho de 1882 |
| Catanho | Alexandre Catanho | | | Centro Republicano de Pernambuco |
| | Antônio Gameiro e Almeida Catanho | | | Clube Martins Júnior |
| Cavalcante | Antônio de Barros Vieira Cavalcante | | | Clube Republicano Frei Caneca |
| | Fernando Cavalcante | | | Clube Literário Martins Júnior |
| | Fortunato Cavalcante | Pernambuco (Pesqueira) | Comerciante | Clube Republicano de Pesqueira |
| | Manoel Pogy Silva Cavalcante | | | Clube Frei Caneca |
| Cavalcanti | Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti | Pernambuco (Vitória de Sto Antão) | Agricultor | Candidato pelo PRPE em agosto de 1889/ Almoço de recepção à Silva Jardim/ Diretório do PRPE em Ipojuca/ Excursão de propaganda pelas cidades do ciclo do açúcar em 1889/ Assinante da ata de fundação do |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | | | PRPE/ JORNAL O NORTE |
| | LAURENTINO VITORIANO DE BORBA CAVALCANTI | | | JORNAL 'O REPUBLICANO' DO COLÉGIO SETE DE SETEMBRO |
| | VALDEMIRO CAVALCANTI | CEARÁ | BACHAREL | ORGANIZAÇÃO DE MEETING DE COMEMORAÇÃO À SILVA JARDIM/ JORNAL O CLARIM (1889)/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889 |
| | VICENTE CYSNEIROS CAVALCANTI | PERNAMBUCO (CAPITAL) | | ADESÃO PÚBLICA EM 1889/ MANIFESTO AO ELEITORADO REPUBLICANO RECIFENSE |
| CÉSAR | CÍCERO V. CESAR | | | CLUBE REPUBLICANO ACADEMICO/ JORNAL ECHO DA REVOLUÇÃO/ JORNAL AO MAESTRO CARLOS GOMES/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1887/ JORNAL A REPÚBLICA (1882-8)/ JORNAL A OPINIÃO |
| | LADISLÁO CÉSAR | PERNAMBUCO (ALIANÇA) | | RECEPÇÃO À SILVA JARDIM |
| CHAGAS | JOSÉ MARIA GONÇALVES CHAGAS | | | JORNAL A REPÚBLICA (1882)/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1881/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1883/JORNAL A OPINIÃO/ JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL A REPÚBLICA (1881) |
| | LAFAYETTE CHAGAS | | | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889/ JANTAR EM HOMENAGEM A SILVA JARDIM |
| CHAVES | MANOEL JOÃO RIO DE JORDÃO CHAVES | PERNAMBUCO (NAZARETH) | | JORNAL A PROPAGANDA |
| | MANOEL LOPES DE CARVALHO CHAVES | | | JORNAL O ARREBOL/ CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | MÁRIO CHAVES | PERNAMBUCO | | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889/ JORNAL O NORTE/ CLUBE FREI CANECA |
| COELHO | BRÁULIO RICARDO COELHO | | ARTISTA | CANDIDATO REPUBLICANO DE 1880 |
| | CARLOS COELHO | | | GAZETA DA TARDE |
| | JOÃO NEPOMUCENO COELHO | | | CONVOCA MEETING REPUBLICANO PARA DEFINIR FISCAIS ELEITORAIS DA ELEIÇÃO DE AGOSTO DE 1889/ FUNDADOR DO CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DO RECIFE |
| | JOSÉ COELHO | | | CLUBE FREI CANECA |
| CORDEIRO | JOÃO RODRIGUES CORDEIRO | | | CANDIDATO A JUIZ DE PAZ POR BOA VISTA PELO CLUBE DEMOCRATA EM 1880 |
| CORREA | ERNESTO CORREA | | | JORNAL ECHO DO POVO/ JORNAL A REPÚBLICA (1888) |
| CORREIA | JOSÉ CORREIA | | | JORNAL O ANTI-REBATE |
| | MARIANO CORREIA | BAHIA | BACHAREL | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO VIRGÍLIO DAMÁSIO |
| | PEDRO CORREIA | | | CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DO RECIFE |
| COSTA | A. F. COSTA FILHO | | | JORNAL O RECIFE ILUSTRADO/ JORNAL O CEARÁ LIVRE |
| | ALVARES DA COSTA | PARÁ | | JORNAL INCENTIVO/ JORNAL O CLARIM (1889)/ JORNAL VICTOR HUGO |
| | ANTÔNIO MARCELINO ALVES DA COSTA | | | CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DA BOA VISTA |
| | FRANCISCO AUGUSTO PEREIRA DA COSTA | PERNAMBUCO | ESCRITOR | LIVRO: PERNAMBUCO AO CEARÁ: O DIA 25 DE MARÇO (TEOR REPUBLICANO)/JORNAL CAMÕES A PERNAMBUCO/REVISTA DAS ARTES/ JORNAL A ARTE DRAMÁTICA |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | GASPAR VICENTE DA COSTA | PARÁ (?) | | FUNDADOR DO CLUBE DO CUPIM - CONDINOME RIO DE JANEIRO/ JORNAL INCENTIVO/ FOLHA DO RECIFE/ JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882)/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL CORREIO DA NOITE (1879) (?) |
| | JOÃO BATISTA REGUEIRA COSTA | | | JORNAL O ESCALPELO/ JORNAL O DEMOCRATA/ JORNAL A OPINIÃO |
| | JOSÉ DOMINGOS DA COSTA | | BACHAREL | CLUBE DEMOCRATA/ CANDIDATO A VEREADOR PELO CLUBE DEMOCRATA EM 1880 |
| | JOSÉ TEIXEIRA DA COSTA | | BACHAREL (?) | DECLARA-SE REPUBLICANO PARA O PRPE/ TESOUREIRO DO CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1887 (?) |
| | OCTAVIO COSTA | | | PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | PIRAGIBE HAGISSE DA SILVA COSTA | | | O PROGRESSO (1875-77) |
| COUTINHO | PEDRO DE ALCÂNTARA SILVA COUTINHO | PERNAMBUCO (PAU D'ALHO) | | CLUBE REPUBLICANO PAU D'ALHENSE |
| CRESTO | FÁBIO CRESTO | | | JORNAL O PROGRESSO (1875) |
| CRUZ | ANTÔNIO VERA CRUZ | BAHIA | ILUSTRADOR | JORNAL O RECIFE ILUSTRADO/ O ETNA/ A EXPOSIÇÃO/ DEDICA OBRA À ANTÔNIO SOUZA PINTO |
| CUNHA | HIGINO CUNHA | MARANHÃO | BACHAREL | JORNAL A REPÚBLICA (1883)/ JORNAL O LIBERTADOR/ JORNAL O ABOLICIONISTA - MARANHENSE/ FOLHA DO NORTE/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1881/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1883/ JORNAL A OPINIÃO |
| | JOÃO DINIZ RIBEIRO DA CUNHA | | BACHAREL | JORNAL A ACADEMIA |
| | PEDRO NOLASCO PEREIRA DA CUNHA | | | JORNAL A ACADEMIA |
| DEZ | JOÃO DEZ | | ARTISTA (PINTOR) | UNIÃO ARTISTICA REPUBLICANA |
| DIAS | ALBERTO DIAS | PARÁ | | JORNAL A FEDERAÇÃO/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889/ ORGANIZAÇÃO DE MEETING DE COMEMORAÇÃO À SILVA JARDIM/ CONFERÊNCIA FÚNEBRE À TOBIAS BARRETO |
| | TEÓFILO DIAS | | | JORNAL O NORTE/ JORNAL A ESMOLA |
| DINIZ | J. J. BORGES DINIZ | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| DOURADO | BELARMINO DOURADO | | | JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882)/ JORNAL LIGA OPERÁRIA |
| DRUMMOND | GASPAR DRUMMOND FILHO | | | ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL A EXPOSIÇÃO/ LIDEROU A 2ª MANIFESTAÇÃO DO CASO-CRISPIM |
| DUARTE | DEOCLÉCIO DUARTE | | | PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | J. M. LEMOS DUARTE | | | JORNAL O CEARÁ LIVRE |
| | MAXIMINIANO JOSÉ DUARTE | | | CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| DUBOST | JÚLIO DUBOST | | | JORNAL FOLHA DO NORTE |
| DUPERRON | NACISO DUPERRON (PROVÁVEL PSEUNONIMO) | | | JORNAL A IDEIA (1885) |
| DURVAL | CYRIDIÃO DURVAL | ALAGOAS | BACHAREL | JORNAL A REPÚBLICA (1882)/ ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL A ESTAÇÃO LYRICA/ JORNAL AO MAESTRO CARLOS GOMES/ JORNAL A CYTHARA/ JORNAL DA TARDE/ JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882)/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1881/ JORNAL VICTOR HUGO/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL A OPINIÃO/ JORNAL A REPÚBLICA (1881) |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| DUSCABLE | Alfred Duscable | Alemanha | Fotógrafo | Jantar em sua casa reúnde Aníbal e Alfredo Falcão, com brindes políticos e toque da marselhesa/ Reunião com a comunidade francesa no Hotel Europa para comemoração do 14 de julho de 1884/ Revista do Norte |
| ESCOBAR | Eleutério Escobar | | Artista | União Artistica Republicana |
| ESPÍRITO SANTO | José do Espírito Santo e Silva | | Artista | Partido Republicano de Pernambuco/ União Artística Republicana |
| | M. Phamphilo do Espírito Santo | | | Clube Marcelino Cleto (1883)/ Jornal O Atheneu |
| | Vicente do Espírito Santo | | | Conferência positivista no Gabinete Português de Leitura em 1883 |
| ESPIÚCA | Tomás Espiúca | | Ator | Participante do Clube do Cupim/ Revista das Artes/ Jornal Juventude |
| EVANDRO | Luiz Evandro | | | Edição 25 de março de 1884 da Folha do Norte |
| FALCÃO | Alfredo Falcão | Pernambuco (Capital) | Estenógrafo | Membro do Club Democrata/ Colaborador da Folha do Norte/ Jornal Camões a Pernambuco/ Jornal Palmas e Louros/ Jornal O Etna/ Revista das Artes/ Revista do Norte/ Jornal da Tarde/ Gazeta da Tarde/ Jornal O Norte/ Jornal O Diabo a Quatro/ Diário de Goiana/ Partido Republicano de Pernambuco/ Almoço de recepção à Silva Jardim/ Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal O Ceará Livre/ Jornal A Esmola/ Jornal A Arte Dramática/ Jornal O Norte |
| | Aníbal Falcão | Pernambuco (Capital) | Estenógrafo | Presidente do Club Democrata/ Jornal Pernambuco ao Marquês de Pombal/ Gazeta de Notícias/ Jornal A Luz/ Jornal O Estudo/ Jornal O Diabo a Quatro/ Direção do Partido Republicano de Pernambuco/ Candidato pelo PRPE em agosto de 1889/ Almoço de recepção a João Cordeiro/ Prefácio de "Campanha Abolicionista no Recife" de Joaquim Nabuco/ Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco/ Jornal Eusébio de Queiroz/Jornal O Democrata |
| | Argemiro Falcão | Pernambuco (Capital) | Caixa da Repartição dos Telégrafos da Madalena | Clube do Cupim - CONDINOME PIAUÍ - Morre cedo de aneurisma |
| | Carlos Falcão | Pernambuco (Capital) | | Jornal A República (1887-8)/ Jornal 19 de Setembro (Morte de Ricardo Guimarães)/ Gazeta de Notícias/ Jornal Folha do Norte/ Comemoração do 14 de julho na casa de Joseph Gérard/ Almoço de recepção a João Cordeiro/ Centro Republicano de Pernambuco/ Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco/ Jornal Eusébio de Queiroz/ Jornal O Norte/ Conferência em Tejipió em fevereiro de 1889 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Júlio Falcão | Pernambuco (Capital) | | Clube Dramático Familiar/ Publicou em O Beija-Flor, jornal feminino/ Jornal A Exposição/ Gazeta de Notícias/ Auxiliar do Clube do Cupim/ Jornal A Arte Dramática/ Excursão com Silva Jardim pelas cidades açucareiras em 1889/ Clube Ceará Livre |
| | Sylvia Falcão | Pernambuco (Capital) | | Sua casa serviu de posto para Silva Jardim durante a propaganda na província |
| | Theophilo Falcão | Bahia | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio |
| Farias | Lindolpho da Silva Farias | Pernambuco (Palmares) | Agricultor | Clube Republicano de Palmares |
| | Samuel Ramos de Farias | | | Clube Científico do Curso Anexo da Faculdade de Direito de 1883/ Clube Frei Caneca |
| Fenelon | Artur Fenelon | | | O Etna/ Jornal O Meteoro/ Jornal A Exposição/ Gazeta de Notícias/ Jornal da Tarde/ Liga Operária |
| Fernandes | João Ribeiro Fernandes | | | Jornal O Sahara |
| Ferreira | Gercino Ferreira | | | Jornal O Progresso |
| | Gervásio Fioravanti Pires Ferreira | Pernambuco | Bacharel | Jornal O Século de 1883/ Jornal O Recife Ilustrado/ Gazeta da Tarde/ Clube Científico do Curso Anexo da Faculdade de Direito de 1883/ Jornal O Seis de Março/Jornal Victor Hugo |
| | Ignácio Ferreira Filho | | | Jornal Folha do Norte |
| | José L. G. Ferreira | | | Centro Republicano de Pernambuco |
| | Júlio Pires Ferreira | | Bacharel | Almanak Literário de Pernambuco/ Jornal O Recife Ilustrado/ Gazeta da Tarde/ Jornal O Norte |
| | Vicente Alves Ferreira | Pernambuco (Itambé) | | Jornal A Propaganda |
| Fialho | José da Costa Fialho | | | Clube Martins Júnior/ Clube Marcelino Cleto |
| Figueiredo | J. Figueiredo | | | Jornal O Anti-Rebate |
| | J.J. Figueiredo Júnior | | | Jornal O Anti-Rebate |
| | João Alfredo de Figueiredo | | | Clube Científico do Clube Anexo de 1883 |
| | Maximiniano de Figueiredo | | | Jornal O Rebate |
| Filho | Adelino Filho | | Bacharel | Revista do Norte/ Jornal Juventude/ Jornal A Esmola |
| | Jesuíno Filho | Pernambuco (Pesqueira) | Comerciante | Clube Republicano de Pesqueira |
| | Juvenal Filho | | | Jornal O Rebate |
| Fonseca | Elísio Fonseca | | | Jornal O Pharol |
| | Joaquim Tiago Lopes da Fonseca | | | Jornal O Recife Ilustrado |
| | José Thiago Lopes da Fonseca | | Vice-diretor de Escola | Clube Frei Caneca/ Jornal O Meteoro/ Jornal Victor Hugo/ Jornal A Academia/ Conferência pelo Clube Ceará Livre no 14 de julho de 1884/ Conferência fúnebre à Tobias Barreto |
| | Laura da Fonseca | | | Jornal O Philartista/ Gazeta da Tarde |
| Fonte | João Fonte | | | Centro Republicano de Pernambuco/ Nova Emancipadora |
| França | João Macedo de França | | | Jornal O Tentamen |
| Francisco | Martim Francisco | | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico de 1889/ Jantar em homenagem a Silva Jardim |
| Franco | Ernesto Arcelino de Barros Franco | | Comerciante | Mesário da 6ª seção eleitoral da Boa Vista como republicano em 1889 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| FREIRE | EMERENCIANO FREIRE | | | CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |
| | FREIRE JÚNIOR | | | JORNAL O ATHENEU |
| | JÚLIO A. DE LUNA FREIRE | | | JORNAL FOLHA DO NORTE |
| | MANOEL THEOTONIO FREIRE JÚNIOR | RIO GRANDE DO NORTE (?) | | FUNDADOR DO JORNAL O NORTE/ CLUBE FREI CANECA/ ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O ATHENEU/ REVISTA DO NORTE/ JORNAL A ALVORADA (MILITAR)/ JORNAL A REPÚBLICA DE 1887/ JORNAL O RECIFE ILUSTRADO/ JORNAL O PHILARTISTA/ JORNAL O ESTÍMULO/ JORNAL 19 DE SETEMBRO (MORTE DE RICARDO GUIMARÃES)/ JORNAL O CLARIM/ GAZETA DA TARDE/ EDIÇÃO 25 DE MARÇO DE 1884 DA FOLHA DO NORTE/JORNAL SILVA JARDIM/ JORNAL A ESMOLA/ CLUBE MARCELINO CLETO/ CLUBE DOS ESTRÓINAS/ JORNAL O ATHENEU |
| | PAULINO A. V. FREIRE | | | CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |
| FREITAS | ANTÔNIO DE FREITAS | | | CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | CLODOALDO DE FREITAS | PIAUÍ | | CORRESPONDENTE DA FOLHA DO NORTE/ JORNAL A IDEIA NOVA/MARTINS JR LHE DEDICA O POEMA HISTÓRIA EM VISÕES DE HOJE/ JORNAL FOLHA DO NORTE |
| | HERCULANO DE FREITAS | | | JORNAL A REPÚBLICA (1888) |
| | JOÃO ALFREDO DE FREITAS | PIAUÍ | BACHAREL | JORNAL VICTÓRIA/ TRADUZ "JESUS E OS EVANGELHOS" JUNTO COM MARTINS JÚNIOR E CLÓVIS BEVILAQUA/ JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ CLUBE ABOLICIONISTA PIAUIENSE |
| | JOSÉ MARTINS DE FREITAS | | | PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | LUIZ ALVES DE ALMEIDA FREITAS | | | JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL VICTOR HUGO |
| FROTA | JOÃO FROTA | | | JORNAL O TENTAMEN |
| GALINDO | M. RODRIGUES TORRES GALINDO | | | ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| GALVÃO | ARGEMIRO CÍCERO GALVÃO | RIO GRANDE DO SUL | BACHAREL | JORNAL O REBATE |
| | MANOEL S. DE GALVÃO | | COMERCIANTE | CANDIDATO REPUBLICANO DE 1880 |
| | SEBASTIÃO DE VASCONCELOS GALVÃO | PERNAMBUCO (LIMOEIRO) | BACHAREL | ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O SÉCULO DE 1883 |
| GIBSON | TOMÉ GIBSON | | | JORNAL A REPÚBLICA (1887) |
| GOMES | ANDRÉ GOMES | | | CLUBE MARCELINO CLETO (1883) |
| | FIRMINO GOMES | | ARTISTA | UNIÃO ARTISTICA REPUBLICANA |
| | HERCULANO DAS NEVES GOMES | | | CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DO RECIFE |
| GONÇALVES | GEORGEANO GONÇALVES | | | JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL VICTOR HUGO/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ LIBERTADORA ACADÊMICA DO RECIFE |
| | JOÃO GREGÓRIO GONÇALVES JÚNIOR | PORTUGAL | | CLUBE DRAMÁTICO FAMILIAR/JORNAL AO MAESTRO CARLOS GOMES/ REVISTA DAS ARTES/ REVISTA DO NORTE/ JORNAL A EXPOSIÇÃO/ GAZETA DA TARDE/ CLUBE CEARÁ LIVRE/ EDIÇÃO 25 DE MARÇO DE 1884 DA FOLHA DO NORTE/JORNAL A ARTE DRAMÁTICA/ JORNAL FOLHA DO NORTE |
| GOUVEIA | AMÉRICO CARLOS DE GOUVEIA | | | PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | MANUEL AURÉLIO TAVARES DE GOUVEIA | PERNAMBUCO (GOIANA) | | CLUBE REPUBLICANO DE GOIANA |
| GUEDES | SEBASTIÃO GUEDES | | ARTISTA | UNIÃO ARTISTICA REPUBLICANA |
| | FRANCISCO GOMES PEREIRA GUERRA | PERNAMBUCO (OLINDA) | | JORNAL A PROPAGANDA |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| GUERRA | PEDRO ARAÚJO GONÇALVES GUERRA | PERNAMBUCO (GOIANA) | | ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ CLUBE REPUBLICANO DE GOIANA |
| GUILHERME | JÚLIO GUILHERME | | | JORNAL A RONCA |
| GUIMARÃES | ANTÔNIO CARNEIRO ANTUNES GUIMARÃES | PERNAMBUCO | | JORNAL O NORTE/ JORNAL VICTOR HUGO |
| | BARROS GUIMARÃES | | BACHAREL | JORNAL O INDUSTRIAL/ JORNAL O LIBERTADOR/ APARECE COMO PRESIDENTE DO CLUBE REPUBLICANO DE 1878 |
| | FIRMINO GUIMARÃES | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | FORTUNATO B. GUIMARÃES | | | CLUBE MARCELINO CLETO (1883) |
| | FRANCISCO GUIMARÃES | | | CLUBE CIENTÍFICO DO CLUBE ANEXO DE 1883/ CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | HILDEBERTO GUIMARÃES | | | JORNAL A TRIBUNA ACADÊMICA |
| | MANOEL JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES | | COMERCIANTE | CANDIDATO REPUBLICANO EM 1880/ JORNAL O ANTI-REBATE/ JORNAL A OPINIÃO |
| | RICARDO GUIMARÃES | PORTUGAL | CAIXEIRO | MORTO A FACADAS EM FRENTE A PROVÍNCIA NA QUESTÃO CRISPIM/ JORNAL O POSTILHÃO/ JORNAL O LATEGO/ JORNAL A IDEIA DE 1885/ JORNAL ECHO DO POVO/ JORNAL O REBATE/ JORNAL O ANTI-REBATE/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O ANTHEU/ JORNAL O ATALAIA/ JORNAL O RECIFE/ DISCURSANTE NO MEETING COMEMORATIVO DO 14 DE JULHO DE 1884 |
| HANCEM | JÚLIO HANCEM | | ATOR | CLUBE FREI CANECA/ JORNAL O ARREBOL/ JORNAL O METEORO/ CLUBE MARTINS JÚNIOR/ JORNAL FOLHA DO NORTE |
| HASSLOCHER | GERMANO HASSLOCHER | RIO GRANDE DO SUL | BACHAREL | JORNAL A REPÚBLICA (1882)/JORNAL EUSÉBIO DE QUEIROZ |
| IGNÁCIO | MANOEL IGNÁCIO | | | CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| INGLÊS | BRITO INGLÊS | | | JORNAL ERA NOVA |
| INOJOSA | JOÃO LUIZ DE INOJOSA | PERNAMBUCO (PESQUEIRA) | COMERCIANTE | CLUBE REPUBLICANO DE PESQUEIRA |
| IRERÊ | LUCIANO IRERÊ | | | JORNAL ACADEMUS |
| JAQUES | PEDRO JAQUES | | | JORNAL PALMAS E LOUROS/ ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL A ESTAÇÃO LYRICA/ JORNAL AO MAESTRO CARLOS GOMES/ JORNAL FOLHA DO NORTE |
| JILMAR | CARLOS JILMAR | | | JORNAL O COMBATE |
| KRUSS | AUGUSTO KRUSS | ALEMANHA | COMERCIANTE (FÁBRICA APOLO) | DONO DO TEATRO VARIEDADES QUE POR SEU INTERMÉDIO SE TORNOU LOCUS DAS CONFERÊNCIAS REPUBLICANAS |
| LAMEGO | ALBERTO FREDERICO MORAES LAMEGO | RIO DE JANEIRO | BACHAREL | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889 |
| LANDIM | P. LANDIM | | | JORNAL A ACADEMIA DE 1889 |
| LEAL | JOÃO LEAL | | ATOR | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | VITOR LEAL (PSEUNÔNIMO DE PARDAL MALLET?) | | | REVISTA DO NORTE/ JORNAL A ESMOLA/ NOVA EMANCIPADORA |
| LEITÃO | TRANQUILINO GRACIANO DE MELO LEITÃO | PARAÍBA | | CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DA BOA VISTA/ ORADOR DA FESTIVIDADE DO 14 DE JULHO DE 1889 |
| | ÁLVARO DE A. MELLO LEITÃO | | | CLUBE FREI CANECA/ JORNAL A RONCA |
| LEITE | JOAQUIM DO PRADO SAMPAIO LEITE | SERGIPE | BACHAREL | JORNAL NOVA PÁTRIA |
| LEMOS | HERMÍNIO A. MOREIRA LEMOS | | | JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882) |
| | JOÃO PINTO DE LEMOS | | COMENDADOR | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | THOMAZ DE LEMOS DUARTE | PARÁ (?) | | CLUBE DEMOCRATA/ JORNAL O CEARÁ LIVRE |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| LIMA | Affonso P. de Lima | | | Clube Martins Júnior |
| | Alfredo Vaz de Oliveira Lima | | | Clube Frei Caneca/ Clube Literário Martins Júnior |
| | Américo Lima | | Artista | União Artistica Republicana |
| | Belisário Pernambuco e Sá Lima | | Prático do Porto (?) | A Lyra/ Jornal Incentivo/ Jornal A Exposição/ Correio da Noite (1879)/ O Progresso (1875) |
| | Damião Aderito F. de Lima | | Comerciante | Candidato Republicano de 1880 |
| | Ernesto Gonçalves Pereira Lima | Pernambuco (Escada) | Agricultor | Almoço de recepção à Silva Jardim/ Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco |
| | Francisco Phaelante da Câmara Lima | Pernambuco | Bacharel | Jornal O Vinte e Cinco de Março / Jornal A República (1882-1883)/Jornal A Lyra/ Almanak Literário de Pernambuco/ Jornal A Estação Lyrica/ Jornal 24 de Fevereiro (Theófilo Braga)/ Jornal O Libertador/ Jornal O Certamen/ Jornal Trinta de Setembro (Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense)/ Revista das Artes/ Revista do Norte/ Folha do Norte/ Jornal da Tarde/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Clube Republicano Acadêmico de 1883/ Clube Martins Júnior/ Conferencista da comemoração da Lei Aurea no Teatro de Santa Isabel/Jornal O Ceará Livre/ Jornal Victor Hugo/ Jornal A Opinião/ Jornal Folha do Norte/ Conferência pelo Clube Ceará Livre no 14 de julho de 1884 |
| | J. de Lima | | | Jornal O Anti-Rebate |
| | Marcelino Cleto Ribeiro Lima | | Músico (Orquestrante) | Clube Dramático Familiar/ O Atheneu/ Revista das Artes/ Jornal O Philartista/ Clube Martins Júnior/ Clube dos Estróinas/ Clube Marcelino Cleto |
| | Rocha Lima | | | Clube Frei Caneca |
| | Rodolfo Lima | | Ilustrador | Diretório do Partido Republicano de Pernambuco/ Jornal A Alvorada (militar)/ Jornal O João Fernandes/ Jornal A Exposição/ Citado por Silva Jardim como seu aliado |
| LINS | Cícero Lins | | Artista | Candidato Republicano de 1880/ Club Democrata |
| | João de Sá Cavalcanti Lins | Pernambuco (Vitória de Santo Antão) | Agricultor | Banquete de recepção à Silva Jardim |
| | Levino da Silveira Lins | Pernambuco (Escada) | | Almoço de recepção à Silva Jardim |
| | Luiz Caldas Lins | Pernambuco (Vitória de Santo Antão) | Médico (?) | Banquete de recepção à Silva Jardim |
| | Manoel de Barros Lins | | | Clube Frei Caneca |
| | Marcelino da Silveira Lins | | | Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco |
| | Thomaz Cavalcanti da Silveira Lins | Pernambuco | Agricultor | Jornal Echo do Povo/ Jornal O Brado Pernambucano/ Clube Frei Caneca/ Jornal A República (1888)/Jornal O Norte |
| LIRA | Pereira de Lira | Pernambuco (Goiana) | Médico | Diário de Goiana/ Clube Republicano de Goiana/ Candidato republicano para a eleição de 28 de dezembro de 1889 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| LISBOA | JOÃO COELHO GONÇALVES LISBOA | PARAÍBA | | JORNAL PERNAMBUCO AO MARQUÊS DE POMBAL/ JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882)/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1881/ JORNAL A OPINIÃO |
| LOBO | BENVENUTO DA SILVEIRA LOBO | | | CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | S. CUNHA LOBO | | | GAZETA DA TARDE |
| | SEBASTIÃO LOBO | | | JORNAL A ACADEMIA |
| LOPES | CASSIANO LOPES | | | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1887/ CONFERENCISTA DA COMEMORAÇÃO DA LEI AUREA NO TEATRO DE SANTA ISABEL/JORNAL A OPINIÃO |
| | MANUEL DA MOTA MONTEIRO LOPES | PERNAMBUCO | BACHAREL | JORNAL ECHO DO POVO/ JORNAL O REBATE |
| LORETO | GALDINO TEIXEIRA LINS DE BARROS LORETO | PERNAMBUCO (ÁGUAS BELAS) | PROFESSOR/ BACHAREL | JORNAL O ENSAIO/ JORNAL O SÉCULO DE 1883/ JORNAL A TRIBUNA ACADÊMICA/ CLUBE CIENTÍFICO DO CURSO ANEXO DA FACULDADE DE DIREITO DE 1883/ EDIÇÃO 25 DE MARÇO DE 1884 DA FOLHA DO NORTE/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O SEIS DE MARÇO/ JORNAL VICTOR HUGO/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL A ACADEMIA |
| LUSTOZA | JESUINO LUSTOZA | | | JORNAL NOVA PÁTRIA/ JORNAL A ACADEMIA |
| LYRA | FRANCISCO PEREIRA DE LYRA | PERNAMBUCO (GOIANA) | MÉDICO | ALMOÇO OFERECIDO EM GOIANA PARA SILVA JARDIM/ JORNAL FOLHA DO NORTE/ CLUBE REPUBLICANO DE GOIANA |
| LYRIO | J. MOREIRA LYRIO | | | JORNAL LIGA OPERÁRIA |
| MACEDO | JOÃO EUTHYMIO DE BRITO MACEDO | | | CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DA BOA VISTA |
| | JOSÉ F. B. MACEDO | | | JORNAL O SÉCULO DE 1883 |
| | LICÍNIO DE MACEDO | | | CORRESPONDENTE DO CIRCULAR "REPÚBLICA BRASILEIRA" SOBRE A PRESENÇA DE SILVA JARDIM EM PE |
| MACHADO | ADOLFO MACHADO | | | JORNAL O REBATE |
| | OCTAVIANO MACHADO | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | PEDRO ALEXANDRINO MACHADO | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| MACIEL | THOMAZ DE AQUINO ALMEIDA MACIEL | PERNAMBUCO (PESQUEIRA) | COMERCIANTE | CLUBE REPUBLICANO DE PESQUEIRA |
| MADEIRA | A. C. DE CASTRO MADEIRA | | | JORNAL ACADEMUS |
| | MADEIRA FILHO | | | JORNAL O ANTI-REBATE |
| MAFRA | FRANCISCO DE PAULA MAFRA (FRANCISCO DE PAULA CARNEIRO UCHOA) | | DONO DE FUNERÁRIA | CLUBE DRAMÁTICO FAMILIAR/ REVISTA DAS ARTES/ COLABORADOR DO CLUBE DO CUPIM/ DECLARA-SE REPUBLICANO NO JORNAL O DEMOCRATA/ JORNAL A OPINIÃO |
| MAIA | ANTÔNIO J. DE A. MAIA | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | JOSÉ GONÇALVES MAIA | PERNAMBUCO | | GAZETA DE NOTÍCIAS/ JORNAL O ETNA |
| MALLET | JOÃO CARLOS DE MEDEIROS PARDAL MALLET | RIO GRANDE DO SUL | BACHAREL | REVISTA DO NORTE/ JORNAL 12 DE SETEMBRO - CLUB REPUBLICANO RIOGRANDENSE/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O ANTI-REBATE/ JORNAL A ESMOÇA/ JORNAL O RECIFE |
| MALTA | ANTÔNIO DA COSTA PEREIRA MALTA | PERNAMBUCO (NAZARETH) | | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889/ DIRETÓRIO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO EM NAZARETH/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | QUINTINO MALTA | | | JORNAL A PROPAGANDA/ JORNAL O REBATE |
| MANTA | JOSÉ FERNANDES DA SILVA MANTA | | BACHAREL | JORNAL A TRIBUNA ACADÊMICA/ JORNAL VICTOR HUGO/ JORNAL A ACADEMIA |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| MARACAJÁ | LUCAS FREIRE MARIZ MARACAJÁ | PARAÍBA | | CLUBE DEMOCRATA/ CANDIDATO A JUIZ DE PAZ POR SÃO JOSÉ PELO CLUBE DEMOCRATA EM 1880 |
| MARINHO | PAULO MARINHO | | | CLUBE CEARÁ LIVRE |
| MARQUES | ALFREDO MARQUES | | | EDIÇÃO 25 DE MARÇO DE 1884 DA FOLHA DO NORTE |
| | JOÃO LÍCIO MARQUES | ALAGOAS | | CLUBE DEMOCRATA/ CANDIDATO A JUIZ DE PAZ POR RECIFE PELO CLUBE DEMOCRATA EM 1880 |
| | SEVERINO MARQUES | | | JORNAL O ESTÍMULO |
| MARROCOS | FRANCISCO ALCEDO DA SILVA MARROCOS | | | JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL A ESTAÇÃO LYRICA |
| MARTINS | ENÉAS MARTINS | PARÁ | | CLUBRE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889/ JORNAL O NORTE/ JORNAL O CLARIM |
| MARTINS | HENRIQUE MARTINS | PERNAMBUCO | | FUNDADOR DO JORNAL O NORTE/ JORNAL A TRIBUNA ACADÊMICA/ JANTAR EM HOMENAGEM A SILVA JARDIM/ CONFERENCISTA DA COMEMORAÇÃO DA LEI AUREA NO TEATRO DE SANTA ISABEL/ JORNAL A REPÚBLICA (1882-8)/JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL HOMENS E LETRAS/ JORNAL VICTOR HUGO/ JORNAL A ACADEMIA |
| | JOSÉ ISIDORO MARTINS JÚNIOR | PERNAMBUCO | BACHAREL | FUNDADOR DO CLUBE CEARÁ LIVRE/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL A IDEIA NOVA/ JORNAL CAMÕES A PERNAMBUCO/ JORNAL O ESCALPELO/ JORNAL A LYRA/ ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL A ESTAÇÃO LYRICA/ JORNAL AO MAESTRO CARLOS GOMES/ JORNAL A CYTHARA/ JORNAL 24 DE FEVEREIRO (THEÓFILO BRAGA)/ JORNAL O LIBERTADOR/ JORNAL TRINTA DE SETEMBRO (SOCIEDADE LIBERTADORA NORTE-RIO-GRANDENSE)/ REVISTA DAS ARTES/ REVISTA DO NORTE/ JORNAL A ALVORADA (MILITAR)/ JORNAL ERA NOVA/JORNAL A REPÚBLICA (1882-8)/ JORNAL A EXPOSIÇÃO/ JORNAL VICTÓRIA/ JORNAL O RECIFE ILUSTRADO/ JORNAL A OPINIÃO (1878-1880)/ JORNAL CORREIO DA NOITE (1879)/ GAZETA DE NOTÍCIAS/JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL DA TARDE/ GAZETA DA TARDE/ JORNAL O NORTE/ JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882/ JORNAL A LUZ/ JORNAL O PROGRESSO/ DIREÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ CANDIDATO PELO PRPE EM AGOSTO DE 1889/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1881/ JORNAL O DEMOCRATA/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1883/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM/ JANTAR EM HOMENAGEM A SILVA JARDIM/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO A JOÃO CORDEIRO/ CANDIDATO REPUBLICANO PARA A ELEIÇÃO DE 28 DE DEZEMBRO DE 1889/ DISCURSANTE NA NOTÍCIA DA LEI ÁUREA NA SACADA DE A PROVÍNCIA/ ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O REBATE/ JORNAL O ANTI-REBATE/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL A ESMOLA/ JORNAL EUSÉBIO |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | | | de Queiroz/ Jornal Homens e Letras/ Jornal Victor Hugo/ Jornal Vinte e Cinco de Março/ Jornal A Arte Dramática/ Jornal O Recife/ Jornal A Academia/ Discursante no Congresso Agrícola de 1884/ Discursante no meeting do 70ª aniversário da Revolução de 1887/ Conferência sobre escravidão em novembro de 1884/ Conferência pelo CRA-1881 em abril de 1881/ 3ª conferência eleitoral em 1885 (Nabuco)/ Conferência no Teatro Variedades da fábrica Nova Hambugo para fundação do Centro Republicano / Discursante no 14 de julho de 1884 pelo Clube Ceará Livre/ Jornal A América Ilustrada/ Discursante no meeting comemorativo do 14 de Julho de 1884/ Conferência do Clube Abolicionista em 1884 |
| | Manoel Martins | | | Centro Republicano de Pernambuco |
| | Raymundo Ermelindo de Souza Martins | Maranhão | | Correspondente da Folha do Norte |
| | Samuel Martins | Pernambuco | | Jornal A Estação Lyrica/ Jornal A Tribuna Acadêmica/ Revista do Norte/ Jornal Era Nova/ Jornal A Exposição / Jornal Folha do Norte/Edição 25 de março de 1884 da Folha do Norte/ Jornal O Ceará Livre/ Jornal A Esmola/ Jornal Homens e Letras/ Jornal Victor Hugo/ Jornal A Academia/ Jornal A Opinião |
| MARUJO | Francisco de Castro Marujo | | | Jornal O Anti-Rebate |
| MATTOS | Antônio Gomes de Matos | Ceará | Comerciante | Jornal O Ceará Livre/ Nova Emancipadora |
| | Arthur Gomes de Matos | Ceará | Comerciante | Mesário da 7ª seção eleitoral da Boa Vista como republicano em 1889/ Jornal Vinte e Cinco de Março |
| | Manoel Gomes de Matos | Ceará | Comerciante | Presidente da Comissão Redentora do Município do Recife/ Presidente da Associação Comercial de Pernambuco em 1886/ colaborador do clube do cupim/Candidato pelo PRPE em agosto de 1889/ Almoço de recepção à Silva Jardim/Clube Republicano Paroquial da Boa Vista/ Discursante no Congresso Agrícola de 1884 |
| | Arthur de Mattos | | | Centro Republicano de Pernambuco |
| | Arthur Mattos Sobrinho | | | Centro Republicano de Pernambuco |
| MEDEIROS | Batista de Medeiros | | | Jornal A Academia |
| | Bianor de Medeiros | | | Jornal A Tribuna Acadêmica/ Provável redator do Gazeta da Tarde/ Jornal Homens e Letras/ Jornal O Seis de Março/ Jornal Vinte e Cinco de Março/ Jornal A Academia |
| | Carlos José de Medeiros | | Comerciante (Casa de Banhos) | Candidato Republicano de 1880 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | JOÃO WALFRIDO DE MEDEIROS | | COMERCIANTE (LIVREIRO) | DIRETÓRIO DO PARTIDO REPUBLICANO/ CLUBE DEMOCRATA/ CANDIDATO A VEREADOR PELO CLUBE DEMOCRATA EM 1880/ CITADO POR SILVA JARDIM COMO SEU ALIADO |
| | JOAQUIM F. DE MEDEIROS | | COMERCIANTE | CANDIDATO REPUBLICANO DE 1880 |
| | MARIANO DE MEDEIROS | | | JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ REVISTA DAS ARTES/ JORNAL A TRIBUNA ACADÊMICA/ GAZETA DE NOTÍCIAS/ CLUBE CEARÁ LIVRE/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL VICTOR HUGO |
| | PEDRO VIANNA DE MEDEIROS | | | CLUBE MARCELINO CLETO (1883) |
| MEIRA | ASCÊNCIO MINERVINO DE MEIRA | PERNAMBUCO (BARREIROS) | TENENTE | ELEITO VEREADOR DE BARREIROS COMO CORRELIGIONÁRIO DO CLUBE DEMOCRATA EM 1880 |
| | J. MEIRA | | | JORNAL O REBATE |
| MELO | A. PEDRO DE MELLO | | | COLABORADOR DA FOLHA DO NORTE/JORNAL A REPÚBLICA (1882)/ JORNAL PERNAMBUCO AO MARQUÊS DE POMBAL/ JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL A REPÚBLICA (1881) |
| | BRAZ DE A. MELLO | RIO GRANDE DO NORTE | BACHAREL | JORNAL A REPÚBLICA (1887)/ JORNAL A JUVENTUDE/ JORNAL A REPÚBLICA(1881)/CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889/ ORGANIZAÇÃO DE MEETING DE COMEMORAÇÃO À SILVA JARDIM/ JORNAL O CLARIM/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL O NORTE |
| | CLAUDINO DE MELLO | | | JORNAL O REBATE |
| | GOMEZINDO C. DE MELLO | | | CLUBE MARCELINO CLETO (1883) |
| | GONÇALO JOSÉ DE MELLO | PERNAMBUCO (ESCADA) | AGRICULTOR | BANQUETE DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM |
| | JOAQUIM GUENNES DA SILVA MELLO JÚNIOR | | | JORNAL O SÉCULO (1883)/ JORNAL DA TARDE/ CLUBE CIENTÍFICO DO CURSO ANEXO DA FACULDADE DE DIREITO DE 1883/ JORNAL O SEIS DE MARÇO |
| | JOAQUIM SOARES FERNANDES DE MELLO | PERNAMBUCO (N.S. DO Ó) | | JORNAL A PROPAGANDA |
| | PÓRCIA CONSTANÇA DE MELLO | PERNAMBUCO | PROFESSORA/TIPÓGRAFA | O VINTE E CINCO DE MARÇO / DIRIGIU A TIPOGRAFIA DONA PÓRCIA QUE EDITAVA TEXTOS REPUBLICANOS |
| | AFONSO DE ALBUQUERQUE MELO | | | JORNAL FOLHA DO RECIFE/CANDIDATO PELO 2º DISTRITO EM 1884 COMO REPUBLICANO |
| | ALFREDO PINTO VIEIRA DE MELO | PERNAMBUCO (CAPITAL) | ESTUDANTE DE DIREITO/ PROMOTOR | FUNDADOR CLUBE DO CUPIM - CONDINOME MINAS GERAIS/ JORNAL O PORVIR/ JORNAL 24 DE FEVEREIRO (THEÓFILO BRAGA)/ JORNAL O INCENTIVO/ JORNAL O CERTAMEN/ FOLHA DO RECIFE/ JORNAL ECHO DA REVOLUÇÃO/ JORNAL FOLHA DO NORTE/ CLUBE MARTINS JÚNIOR/ CONFERÊNCIA SOBRE EMILLE LITTRÉ NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA EM 1886/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL VICTOR HUGO/ LIBERTADORA ACADÊMICA DO RECIFE/ CONFERÊNCIA DO CLUBE ABOLICIONISTA EM 1884 |
| | B. DE ANDRADE MELO | | | JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882) |
| | ELÍSIO DE MELO | | | JORNAL O ESTÍMULO |
| | JOÃO CAPISTRANO BANDEIRA DE MELO FILHO | | | JORNAL O LIBERTADOR/ JORNAL FOLHA DO NORTE/JORNAL NOVA PÁTRIA |
| | JOAQUIM HOMEM BOM PESSOA DE | | | JORNAL O PEREGRINO |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Melo | | | |
| | Manuel Cavalcanti de Melo Filho | | | Jornal O Norte/ Clube Paroquial de São José/ Partido Republicano de Pernambuco/Clube Republicano Paroquial da Boa Vista/ Almoço de recepção à Silva Jardim |
| | Monteiro de Melo | | | Clube Literário Martins Júnior |
| | R. Elviro de Melo | | | Jornal O Telegrapho |
| Mendes | Allyrio Mendes | | | Clube dos Estróinas/ Jornal O Atheneu |
| | Manuel Mendes | Bahia | Bacharel | "Grupo de estudantes republicanos da Bahia"/ Comissão de recepção de Silva Jardim/ Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio |
| | Pedro Mendes | Bahia | Bacharel | Organização de meeting de comemoração à Silva Jardim/ Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio |
| Mendonça | Alves de Mendonça | | | Jornal Echo da Revolução |
| | Fenelon Pinheiro de Mendonça | | Guarda-Livros | Candidato Republicano de 1880/ Centro Republicano de Pernambuco/ Nova Emancipadora |
| | José Luiz Netto de Mendonça Júnior | | | Clube Ceará Livre |
| Menezes | João Barreto de Menezes | Pernambuco (Escada) | | Clube Republicano Frei Caneca |
| | S. de Menezes | | | Jornal O Século(1883) |
| | Tobias Barreto de Menezes | Sergipe | Professor da Faculdade de Direito | Colaborador da Folha do Norte/ Jornal A Lyra/ Jornal A Estação Lyrica/ Jornal O Industrial/ Revista das Artes/ O Século (1878)/ Jornal Homens e Letras/ Jornal Nova Pátria/ Jornal A Arte Dramática/ Jornal A Academia |
| Mercês | Ricardo das Mercês | | | Jornal O Anti-Rebate |
| Mesquita | Elipídio Pereira de Mesquita | Bahia | Bacharel | Jornal A República(1881)/ Jornal A Lyra/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Jornal A Opinião/ Conferência do Clube Democrata em 1881 |
| Migueis | Félix de França Lumachi Migueis | | | Auxilia Pepes de Vascondelos na eleição de 1883 |
| Mira | Bento de Souza Mira | | | Auxilia Pepes de Vascondelos na eleição de 1883 |
| Miranda | Jayme Miranda | | | Jornal O Ceará Livre |
| | João Evangelista Correia de Miranda Filho | Pará | | Clube Republicano Acadêmico de 1889 |
| | Manoel Miranda | | | Clube Martins Júnior |
| Mitra | M. M. Mitra | | | Jornal O Anti-Rebate |
| Monhard | Adolpho Monhard | Pará (?) | Ator | Clube Martins Júnior |
| Monteiro | César do Rego Monteiro | Piauí | | Jornal A República (1882-3)/ Jornal Folha do Norte/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Clube Republicano Acadêmico de 1883/ Jornal A Opinião |
| | Felipe Monteiro | Bahia | Bacharel | Organização de meeting de comemoração à Silva Jardim |
| | Floro Monteiro | | | Clube Marcelino Cleto (1883) |
| | Honório da Costa Monteiro | Pernambuco | Professor/ Teatrólogo | Jornal Correio da Noite (1879)/ Jornal O Progresso (1875-77)/ Jornal A Opinião (1879)/ Jornal Folha do Norte |
| | Walfrido Monteiro | | | Clube Martins Júnior |
| Moraes | E. Moraes | | | Jornal O Anti-Rebate |
| Moura | Alexandre Moura | Bahia | | "Grupo de estudantes republicanos da Bahia"/ Comissão de recepção de Silva Jardim |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Antônio Xavier Carneiro de Moura | Pernambuco (Nazareth) | | Diretório do PRPE em Nazareth |
| | Rufina de Castro Moura | | | Clube Martins Júnior |
| | Tomaz Afonso de Moura | | | O Século (1878) |
| NASCIMENTO | Antônio José do Nascimento | Pernambuco (Timbaúba) | | Jornal A Propaganda |
| NEPOMUCENO | João Machado Nepomuceno | | | Clube Marcelino Cleto (1883) |
| NETO | Spencer Neto | | | Gazeta da Tarde |
| NEVES | Mandu Neves | | | Jornal O Rebate |
| NÓBREGA | Janúcio da Nóbrega | Rio Grande do Norte | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico de 1889/ Jornal O Clarim/ Jornal O Norte |
| NOGUEIRA | A. Nogueira | | | Jornal A Academia |
| | José Nogueira Filho | | | Jornal A Academia |
| NOLASCO | J. B. Nolasco | | | Jornal A República (1887) |
| OLINDA | Demosthenes de Olinda | | | Clube Republicano Frei Caneca/ Clube Literário Martins Júnior/ Jornal O Norte |
| OLIVEIRA | Agostinho de Oliveira Júnior | | | Gazeta de Notícias/ Jornal Romeiro das Letras (1876-1882)/ Jornal Homens e Letras |
| | Alberto de Oliveira | | | Jornal Folha do Norte |
| | Graciano O. de Oliveira | Pernambuco (Lapa) | | Jornal A Propaganda |
| | João de Oliveira | | Bacharel | Clube Frei Caneca/ Jornal O Norte/ Jornal O Estudo/ Jornal O Peregrino/ Candidato Republicano de 1880/ Clube Republicano Paroquial da Boa Vista/ Almoço de recepção à Silva Jardim/ Presidente da 2ª seção eleitoral da Boa Vista como republicano/ Conferência para o Clube Democrata em 19-jun-1880 |
| | Joao Delfino David de Oliveira | | | Jornal A Lanterna de Diógenes |
| | João Félix de Oliveira | Pernambuco (Capital) | Caixeiro | Centro Republicano de Pernambuco |
| | Joaquim J. de Oliveira | | Empregado Público | Candidato Republicano de 1880 |
| | José Elias de Oliveira | | | Clube Dramático Familiar/Auxilia Pepes de Vascondelos na eleição de 1883 |
| | José Eusébio Carvalho de Oliveira | Piauí | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico de 1889 |
| | Rutílio José de Oliveira | | | Jornal O Tentamen/ Jornal O Meteoro/Clube Martins Júnior/ Jornal Vinte e Cinco de Março/ Jornal A Ronca/ Jornal Folha do Norte/ Jornal A Ronca |
| | Josepha Agueda Felisbella de Oliveira | Pernambuco | Médica | Jornal O Beija Flor/ Jornal A Mulher - Crônica "O Progresso Humano" citado no Beija Flor de 1883 / Discursante da comemoração da Lei do Ventre Livre de 1879 |
| PACHECO | Ernesto Alves Pacheco | | | Jornal O Postilhão |
| PAIO | Rangel de S. Paio | | | Jornal O Homem |
| PAIVA | João Paiva | | | Gazeta da Tarde |
| PALHARES | Victoriano José Marinho Palhares | Pernambuco | Escritor/ Funcionário Público | Jornal Camões a Pernambuco/ Jornal O Diabo a Quatro/ Jornal O Século (1878)/ Jornal Homens e Letras/ Jornal Victor Hugo |
| PAMPLONA | Lycurgo Pamplona | | | Jornal O Tentamen/ Conferência fúnebre à Tobias Barreto/ Jornal A Academia/ Jornal O |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | | | Norte |
| PANTALEÃO | Manoel Pantaleão | | | Clube Frei Caneca |
| PAULA | Delphino A. F. de Paula | | | Jornal O Século(1883)/Jornal Seis de Março/ Jornal Vinte e Cinco de Março/ Jornal A Academia |
| | Theophilo de Paula | | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico de 1889 |
| PEÇANHA | Alcibíades Peçanha | | | Jornal Era Nova/ Jornal A República (1887-8)/ Clube Republicano Acadêmico de 1887/ Clube Republicano Frei Caneca/ Jornal A Opinião/ Jornal O Norte |
| | Nilo Peçanha | Rio de Janeiro | Bacharel | Jornal A Tribuna Acadêmica/ Jornal Era Nova/ Jornal A República (1887)/ Clube Republicano Acadêmico de 1887/ Jornal A Opinião |
| PEDREIRA | Emygdio G. Pedreira | | | Clube Republicano Acadêmico de 1889 |
| PEQUENO | Manoel M. da Cruz Pequeno | Pernambuco (Pau D'alho) | | Clube Republicano Pau D'alhense |
| PEREIRA | Alexandre Diocleciano Pereira | | | Revista do Norte |
| | José Hygino Duarte Pereira | Pernambuco | Professor da Faculdade de Direito | Colaborador da Folha do Norte/ Jornal O Industrial/ Jornal Victória/ Dono do Jornal da Tarde/Jornal O Rebate |
| | Luiz França Pereira | | | Jornal O Philartista/ Jornal 19 de Setembro (Morte de Ricardo Guimarães)/ Gazeta da Tarde/ Clube Frei Caneca/ Jornal O Incentivo |
| PERNAMBUCO | Joaquim José de Almeida Pernambuco | | Engenheiro Civil | Representa o Centro Republicano de Pernambuco no Congresso Republicano na Corte em 1887 |
| | O. Pernambuco | | | Clube Ceará Livre |
| | Pedro Pernambuco | | | Clube Ceará Livre |
| PESSOA | Alípio Freire de Salles Pessoa | | Bachareç | Partido Republicano de Pernambuco/ Jornal O Clarim |
| | Amaro Pessoa | Pernambuco (Vitória de Sto Antão) | | Clube Frei Caneca/ Jornal Echo do Povo/ Jornal A Ronca/ Jornal A Luz/ Jornal O Combate/Jornal O Norte |
| | Conceição Pessoa | | | Jornal O Postilhão |
| | Francisco Pinto Pessoa | | | Clube Nova Emancipadora/ Jornal A República (1882-8)/ Centro Republicano de Pernambuco/Jornal Vinte e Cinco de Março |
| | Ignez de Almeida Pessoa | | Professora | Jornal A Cidadã |
| | João Barbosa de Paula Pessoa | | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico de 1889/ Jornal O Clarim |
| | Pedro J. da Silva Pessoa | | | Clube Frei Caneca/ Jornal A República (1887-8)/ Centro Republicano de Pernambuco/ Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco |
| PIGARRO | Hermínio Pigarro | | Juíz de Paz | Pretendete candidato pelo Club Democrata/ Jornal O Leão |
| PIMENTEL | José Alves Pimentel | | Ator | Clube Martins Júnior/ Centro Republicano de Pernambuco |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| PINA | JOÃO CAVALCANTE PINA | | | CLUBE FREI CANECA/CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |
| PINHEIRO | ANTÔNIO COELHO PINHEIRO | | | JORNAL O REBATE/ DISCURSANTE NO MEETING COMEMORATIVO DO 14 DE JULHO DE 1884 |
| | ANTÔNIO DOS SANTOS PINHEIRO | PERNAMBUCO (BARREIROS) | COMERCIANTE | ELEITO JUIZ DE PAZ DE BARREIROS COMO CORRELIGIONÁRIO DO CLUBE DEMOCRATA EM 1880/ CARTA DE BOAS-VINDAS À SILVA JARDIM/ PRESIDENTE DO DIRETÓRIO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO EM BARREIROS |
| | ANTÔNIO MARTINS PINHEIRO | | BACHAREL | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889 |
| | FORTUNATO PINHEIRO | | COMERCIANTE (OU EMPREGADO DO COMÉRCIO) | JORNAL O REBATE/ JORNAL A FEDERAÇÃO/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ CANDIDATO REPUBLICANO EM 1883/ CONFERÊNCIA NO LARGO DE SÃO PEDRO EM 1888/ DISCURSANTE NO MEETING COMEMORATIVO DO 14 DE JULHO DE 1884 |
| | ISMÊNIA MARIA DUARTE PINHEIRO | | | COLUNA NO JORNAL AVE LIBERTAS (1885) COM TEOR REPUBLICANO |
| | J. F. MOARES PINHEIRO | | | JORNAL O SÉCULO DE 1883/ JORNAL O ARREBOL/ JORNAL A ACADEMIA |
| | JOÃO BRANCO PINHEIRO | | BACHAREL | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889 |
| | JOAQUIM PINHEIRO | | | CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | LUÍS FERREIRA MACIEL PINHEIRO | PARAÍBA | BACHAREL | EDITOR PRINCIPAL DO JORNAL O NORTE/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ PRESIDENTE DO CONGRESSO REPUBLICANO DE 1888/ CANDIDATO PELO PRPE EM AGOSTO DE 1889/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM/ JANTAR EM HOMENAGEM A SILVA JARDIM/ JANTAR DE RECEPÇÃO À JOÃO CORDEIRO/ ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ DIREÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | MANUEL PINHEIRO | | | DIRETÓRIO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| PINTO | ALMEIDA PINTO | | | JORNAL FOLHA DO NORTE |
| | ANTÔNIO DE SOUSA PINTO | PORTUGAL | BACHAREL | COLABORADOR DO JORNAL FOLHA DO NORTE/ CLUBE DEMOCRATA/ PROVÁVEL REDATOR DE O DEMOCRATA/ JORNAL CAMÕES A PERNAMBUCO/ JORNAL 24 DE FEVEREIRO (THEÓFILO BRAGA)/ REVISTA DAS ARTES/ JORNAL O DIABO A QUATRO/ CANDIDATO A VEREADOR DO CLUBE DEMOCRATA EM 1880/ JORNAL O TRABALHADOR (1873)/ PRESIDENTE DA 4ª SEÇÃO ELEITAL DA BOA VISTA COMO REPUBLICANO/ ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL A ESMOLA/ JORNAL EUSÉBIO DE QUEIROZ/ JORNAL A ARTE DRAMÁTICA/JORNAL O NORTE/ CONFERÊNCIA PELO CLUBE DEMOCRATA EM JUNHO DE 1880 |
| | CARLOS COSTA PINTO | BAHIA | | "GRUPO DE ESTUDANTES REPUBLICANOS DA BAHIA"/ COMISSÃO DE RECEPÇÃO DE SILVA JARDIM |
| | GUILHERME FERREIRA PINTO | | GUARDA-LIVROS | FUNDADOR CLUBE DO CUPIM - CODINOME GOIÁS/ CLUBE CEARÁ LIVRE |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| PIRES | Luiz Nunes Pires | Santa Catarina (?) | | Conferência republicana em Pau D'alho/ Almoço de recepção a João Cordeiro |
| | Rodolfo Pires | Paraíba (?) | | Jornal Echo da Revolução |
| PLÍNIO | Aristides Plínio | | | Clube Literário Martins Júnior |
| PONTES | Manoel A. de A. Pontes | | Artista | Candidato Republicano de 1880/ Centro Republicano de Pernambuco |
| PORTO | Arthur dos S. Porto | | | Jornal Folha do Norte |
| | Campos Porto | | | Jornal O Norte |
| PRAZERES | Câncio Prazeres | | | Clube Frei Caneca |
| PUGAS | Elisio Tavares de Mendonça Pugas | Pernambuco (Vicência) | Capitão | Jornal A Propaganda |
| QUEIROZ | Pedro de Queirós | Ceará | | Jornal Academus |
| | Maria Amélia de Queiroz | Pernambuco - Capital | Professora | Ave Libertas / Discursa no meeting de 28 de setembro de 1887/ Jornal 25 de Março de 1885/ Colaborou com o Jornal do Povo e o 13 de maio/ Meeting de posse da diretoria de 1889 do Clube Republicano Frei Caneca/ Conferencista do Clube Frei Caneca em 14 de outubro de 1889/ Conferência de comemoração do aniversário de um ano da Lei Áurea com teor republicano em 13 de maio de 1889/ Discursante no meeting do Ave Libertas em 25 de março de 1885/ Conferência republicana da União Federal e SBCE em 25 de setembro de 1887 |
| | Telles de Queiroz | Rio Grande do Sul | | Jornal A República (1887-8)/ Jornal 12 de Setembro - Club Republicano Riograndense |
| | Wenceslau de Queiroz | | | Gazeta da Tarde/ Jornal O Rebate |
| QUINTAL | João Quintal | | | Clube Literário Martins Júnior |
| QUINTEIRO | Euclides B. Quinteiro | | | Jornal O Século (1883)/ Jornal A Tribuna Acadêmica/ Jornal Juventude/ Clube Científico do Curso Anexo da Faculdade de Direito de 1883/ Clube Ceará Livre/ Edição 25 de março de 1884 da Folha do Norte/Jornal O Ceará Livre/Jornal Victor Hugo |
| RABELLO | Ignácio Rabello | Pernambuco (Goiana) | | Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco |
| | João I. Pereira Rabello | Pernambuco (Aliança) | | Jornal A Propaganda |
| | José da Cunha Rabello | Pernambuco (Goiana) | Agricultor | Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco/ Candidato republicano para a eleição de 28 de dezembro de 1889 |
| | José Ignácio da Cunha Rabello | Pernambuco (Goiana) | Agricultor | Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco/Jornal A República (1887-8)/ Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal O Norte |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Amaro Gones da Cunha Rabello Júnior | Pernambuco (Goiana) | Bacharel/ Agricultor | Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco/Jornal A República (1887-8)/ Diário de Goiana/ Clube Republicano Acadêmico de 1889/Partido Republicano de Pernambuco/ Clube Republicano de Goiana/ Almoço de recepção à Silva Jardim/ Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal O Clarim/ Jornal Victor Hugo/ Jornal O Norte |
| Ramos | Amâncio Ramos | | | Jornal Nova Pátria |
| | Canuto Ramos | | | Jornal O Rebate |
| | João Ramos | Maranhão (14 anos) | Guarda-Livros (Contador) | Clube Nova Emancipadora / Clube do Cupim - CODINOME CEARÁ/ Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal A Lyra/ Jornal O Diabo a Quatro/ Tesoureiro do Clube Dramático Familiar/ Jantar de recepção a João Cordeiro/ Gazeta de Notícias/ Jornal A República (1882-8)/Jornal O Norte |
| | José Ramos | | | Clube Martins Júnior |
| Rangel | Ulysses do Rego Rangel | | Comerciante (Depósito de cigarros) | Jornal A Voz do Povo (1875)/ Jornal O Rebate |
| Raphael | João Raphael | Pernambuco (Limoeiro) | Artista | Clube Republicano Limoeirense |
| Rego | Cussy Juvenal do Rego | | | Centro Republicano de Pernambuco |
| | João de Deus do Rego | Maranhão | Artista | Jornal O Democrata/ Jornal O Incentivo/ Gazeta da Tarde/ Jornal Folha do Norte/ Jornal O Antheu/ Jornal O Futuro |
| | Pedro da Costa Rego | | | Clube do Cupim - CONDINOME SANTA CATARINA (substituido)/ Centro Republicano de Pernambuco |
| | Vilela do Rego | | | Jornal O Ceará Livre |
| Reis | Cândido T. dos Reis | | | Jornal O Século(1883)/ Jornal Folha do Norte |
| | Gaspar A. dos Reis | | | Jornal O Rebate |
| | Manoel Coelho dos Reis | | | Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal A República (1881)(1882-3)/ Jornal O Ceará Livre/ Nova Emancipadora |
| | Victor A. G. de Almeida Reis | | Artista | Candidato Republicano de 1880 |
| Ribeiro | Costa Ribeiro Filho | | | Clube Republicano Acadêmico de 1883 |
| | Cunha Ribeiro | | | Jornal A Academia |
| | Flaviano Ribeiro | | | Clube Científico do Curso Anexo da Faculdade de Direito de 1883 |
| | Francisco Honório de Souza Ribeiro | | | Auxilia Pepes de Vascondelos na eleição de 1883 |
| | João da Costa Ribeiro | | | Jornal O Tentamen |
| | João F. Martins Ribeiro | | Artista | Candidato Republicano de 1880/União Artistica Republicana |
| | Joaquim Ribeiro | | | Clube Martins Júnior |
| | José Carlos da Costa Ribeiro Júnior | Paraíba | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Candidato Republicano de 1880/ Clube Martins Júnior |
| | S.C. Ribeiro Júnior | | | Jornal O Estímulo |
| | Theodomiro Ribeiro | | Comerciante | Candidato Republicano de 1880/ Clube Democrata/ Candidato a Juiz de Paz por Santo Antônio pelo Clube Democrata em 1880 |
| | Thomé Ribeiro | | | Clube Martins Júnior |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| RIEDEL | ANTÔNIO RIEDEL | | | JORNAL O DIABO A QUATRO |
| RIOS | JOVINO CARNEIRO MACHADO RIOS | | | CLUBE DEMOCRATA/ CANDIDATO A JUIZ DE PAZ POR AFOGADOS PELO CLUBE DEMOCRATA EM 1880 |
| ROCHA | ALBERTO MAGNO DA ROCHA | CEARÁ | BACHAREL | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889 |
| | HERCULANO C. GONÇALVES DA ROCHA | PERNAMBUCO (IPOJUCA) | | JORNAL A VONTADE |
| | JOSÉ BRANDÃO DA ROCHA | PERNAMBUCO (ESCADA) | | JORNAL FOLHA DO NORTE/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM/ DIRETÓRIO REPUBLICANO DE ESCADA/ CANDIDATO REPUBLICANO PARA A ELEIÇÃO DE 28 DE DEZEMBRO DE 1889/ ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |
| | LANDELINO ROCHA | | PROFESSOR | JORNAL O DEMOCRATA / SECRETÁRIO DO CLUB DEMOCRATA/ CANDIDATO REPUBLICANO DE 1880 |
| RODOLFO | RODOLFO P. C. | | | O ATHENEU |
| RODRIGUES | C. RODRIGUES | | | JORNAL O TELEGRAPHO |
| ROMERO | BENILDE ROMERO | SERGIPE | BACHAREL | JORNAL O SAHARA |
| | SÍLVIO ROMERO (SÍLVIO VASCONCELOS DA SILVEIRA RAMOS) | SERGIPE | BACHAREL | JORNAL CORREIO DA NOITE (1879)/ JORNAL O TRABALHADOR (1873) |
| ROSA | JOSÉ ROSA | PERNAMBUCO (PAUDALHO) | | CLUBE REPUBLICANO PAU D'ALHENSE |
| | JOSÉ ROSA JÚNIOR | PERNAMBUCO (PAUDALHO) | | CLUBE REPUBLICANO PAU D'ALHENSE |
| | MELCHIADES SANTA ROSA | | | CLUBE FREI CANECA |
| SÁ | FRANCISCO DE SALES MEIRA E SÁ | PARAÍBA | BACHAREL | O SÉCULO (1878) |
| | LEONIDAS E SÁ | | | JORNAL O RECIFE ILUSTRADO |
| SACRAMENTO | MANOEL DO SACRAMENTO | | ARTISTA | JORNAL O METEORO/ JORNAL O BRADO PERNAMBUCANO/ CLUBE FREI CANECA/ UNIÃO ARTÍSTICA REPUBLICANA/ JORNAL O ANTHEU/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL O NORTE |
| SALDANHA | CRUZ SALDANHA | | | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889/ JORNAL O CLARIM |
| | MANUEL TORQUARTO DE ARAÚJO SALDANHA | | | JORNAL O TRABALHADOR (1873)/ JORNAL O REBATE/ JORNAL O INCENTIVO |
| SALEMO | LEÔNIO SALEMO | | | JORNAL O PROGRESSO (1875) |
| SALLES | ABDIAS SALLES FILHO | | | CLUBE REPUBLICANO FREI CANECA/ CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |
| | FRANCISCO BENJAMIN DE C. SALLES | | | CLUBE CIENTÍFICO DO CURSO ANEXO DA FACULDADE DE DIREITO DE 1883 |
| SAMPAIO | MARCIANO SAMPAIO | BAHIA | BACHAREL | "GRUPO DE ESTUDANTES REPUBLICANOS DA BAHIA"/COMISSÃO DE RECEPÇÃO DE SILVA JARDIM/ CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO VIRGÍLIO DAMÁSIO |
| SAMUEL | LEOVIGILDO SAMUEL DA SILVA COSTA | | | ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O RECIFE ILUSTRADO/ JORNAL A OPINIÃO (1878-1880)/ GAZETA DE NOTÍCIAS/ JORNAL FOLHA DO NORTE/ JORNAL O PROGRESSO (1875-1877) |
| SANTOS | ADOLFO GENERINO DOS SANTOS | PERNAMBUCO | BACHAREL | JORNAL O DIABO A QUATRO/ JORNAL O TRABALHADOR (1873)/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos (Claudino dos Santos) | | | Jornal O Etna/ Jornal O Porvir/ Jornal O Ensaio/ Jornal 24 de Fevereiro (Theófilo Braga)/ Jornal O Incentivo/ Jornal Echo da Revolução/ Revista das Artes/ Jornal 25 de Março de 1885/ Gazeta de Notícias/ Jornal Folha do Norte/ Clube Ceará Livre/ Jornal O Rebate/Jornal O Ceará Livre/ Jornal Homens e Letras/ Jornal Victor Hugo/ Jornal Vinte e Cinco de Março/ Jornal A Academia/ Jornal O Rebate |
| | Elias dos Santos | | | Clube Frei Caneca/ Jornal A Ronca/ Clube Literário Martins Júnior |
| | João Pacífico Ferreira dos Santos | | | Jornal O Certamen/ Jornal O Tentamen/ Jornal O Arrebol/ Jornal Juventude/ Jornal A Academia de 1889/Jornal A Luta/ Jornal A Academia/ Centro Republicano de Pernambuco |
| | Leônio dos Santos | Pernambuco (Limoeiro) | Artista | Clube Republicano Limoeirense |
| | Marcelino dos Santos | | | Jornal O Brado Pernambucano |
| Seldar | Júlio Seldar | | | Jornal O Tentamen |
| Silva | Alfredo Carlos Ribeiro da Silva | | | Jornal O Romeiro das Letras |
| | Antônio Augusto Pereira da Silva Júnior | | | Clube Republicano Frei Caneca |
| | Antônio Carlos Ferreira da Silva | Pernambuco | Guarda-Livros/ Comerciante | Clube Democrata/ Provável redator do Club Democrata/ Clube do Cupim/ Candidato Republicano de 1880/ Jornal O Trabalhador (1873)/ Jornal O Rebate/ Jornal A Esmola/ Abre o discurso de João de Oliveira pelo Clube Democrata em junho de 1880 |
| | Aparício Mariense da Silva | | | Jantar em homenagem a Silva Jardim |
| | Apolônia Josephina da Silva | | Atriz | Clube Martins Júnior |
| | Arthur Orlando da Silva | Pernambuco | Bachareç | Colaborador do jornal Folha do Norte/ Jornal A Ideia Nova/ Jornal 24 de Fevereiro (Theófilo Braga)/ Revista das Artes/ Revista do Norte/ Jornal Juventude/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Jornal O Ceará Livre/ Jornal A Esmola/ Jornal Homens e Letras/ Jornal A Opinião |
| | Bartholomeu da Silva | | | Jornal O Rebate |
| | Clemente F. da Silva | | | Jornal O Telegrapho |
| | Cypriano da Silva | | | Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco |
| | David Augusto da Silva | Pernambuco (Palmares) | Comerciante | Clube Republicano de Palmares |
| | Frederico Magalhães da Silva | | | Mesário da 1ª seção eleitoral da Boa Vista como republicano em 1889 |
| | Gaspar da Silva | | | Jornal O Rebate |
| | Hermelindo da Silva | | | Clube Martins Júnior |
| | Honorio Silva | | | Jornal O Etna/ Jornal A Exposição/ Gazeta de Notícias/ Jornal Eusébio de Queiroz/ Citado por Silva Jardim como seu aliado |
| | João Cândido Gomes da Silva | Pernambuco | Bacharel | Jornal Folha do Norte |
| | Joaquim Leopoldo da Silva | | | Jornal Folha do Norte |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Joaquim Tertuliano da Silva | | | Clube Marcelino Cleto (1883) |
| | José Alves da Silva | | | Almoço de recepção à Silva Jardim |
| | José Cavalcanti Ribeiro da Silva | | Teatrólogo | Jornal O Etna/ Almanak Literário de Pernambuco/ Folha do Recife/ Jornal A Opinião (1878-1880)/ Correio da Noite (1879)/ Gazeta de Notícias/ Jornal O Rebate/ Jornal Romeiro das Letras (1876-1882)/ Clube Martins Júnior/ Núcleo Dramático Beneficente Acadêmico |
| | José de Castro e Silva | Ceará | | Provavelmente foi redator do Jornal O Arrebol/ Jornal A Academia/ Clube Martins Júnior/ Jornal Vinte e Cinco de Março/ Jornal O Rebate |
| | Manoel do Nascimento Castro e Silva | | | Jornal Correio da Noite (1879)/ Jornal Academus |
| | Manoel Henrique da Silva | Pernambuco (Cruangy) | | Jornal A Propaganda |
| | Maximiniano A. da Silva | | | Clube Marcelino Cleto (1883) |
| | Ovídio Ferreira da Silva Filho | Pernambuco | | Jornal O Etna/ Jornal Incentivo/Jornal Folha do Recife/ Jornal O Estímulo/ Jornal Correio da Noite (1879)/ Gazeta de Notícias/ Jornal Romeiro das Letras (1876-1882)/ Auxilia Pepes de Vascondelos na eleição de 1883/Jornal A Arte Dramática |
| | Pedro Ratis Azevedo e Silva | | | Clube Republicano Frei Caneca |
| | Ponciano Henrique da Silva | Pernambuco (Palmares) | | Jornal A Propaganda |
| | Sátiro Serafim da Silva | | Comerciante | Candidato Republicano de 1880 |
| | Thomaz Gomes da Silva | | Bacharel | Colaborador da Folha do Norte/ Jornal A República (1881)(1883)/ Jornal Palmas e Louros/ Jornal Pernambuco ao Marquês de Pombal/ Jornal Romeiro das Letras (1876-1882)/ Martins Júnior dedica Visões de Hoje a ele/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/ Clube Republicano Acadêmico de 1883/ Jornal Folha do Norte/ Jornal A Opinião |
| | Venceslau E. da Silva | | Artista | Candidato Republicano de 1880 |
| Silveira | Felinto E. Silveira | | | Clube Republicano Frei Caneca |
| | João Carlos Baltazar da Silveira | Pernambuco (Capital) | Médico | Jornal O Século (1878)/ Candidato Republicano de 1880/Candidato do Partido Republicano de Pernambuco em agosto de 1889 |
| | Olympio Venâncio da Silveira | Pernambuco (Barreiros) | | Eleito Juiz de Paz de Barreiros como correligionário do Clube Democrata em 1880 |
| | Paulo Silveira | | | Clube Republicano Acadêmico de 1887/ Jornal O Clarim/ Jornal A Opinião |
| | Rodolfo Silveira | | | Clube Científico do Curso Anexo da Faculdade de Direito de 1883 |
| | Xavier da Silveira Júnior | | | Jornal A República (1882-8) |
| Simões | Antônio Pereira Simões | | Bacharel | Colaborador da Folha do Norte/ Jornal A República (1881)(1883)/ Jornal 24 de Fevereiro (Theófilo Braga)/ Clube Republicano Acadêmico de 1881/Clube Republicano Acadêmico de 1883/ Jornal Folha do Norte/Jornal A Opinião |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| SIQUEIRA | RAYMUNDO P. DE SIQUEIRA | PARÁ | COMERCIANTE | CANDIDATO REPUBLICANO DE 1880 |
| SOARES | FIRMINO SOARES | | | JORNAL O SÉCULO (1878) |
| | PHANTINO SOARES | | | JORNAL O ANTHEU |
| SOBRINHO | ANTÔNIO JOAQUIM BARROS SOBRINHO | PERNAMBUCO | MÉDICO | FUNDADOR DO CLUBE DO CUPIM - CONDINOME SÃO PAULO/ CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | DIOGO VELHO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE SOBRINHO | PARAÍBA (?) | | JORNAL O REBATE |
| | FIGUEIROA SOBRINHO | | | JORNAL A TRIBUNA ACADÊMICA/ JORNAL VICTOR HUGO |
| | GRACILIANO MARTINS SOBRINHO | | COMERCIANTE (FARMACÊUTICO) | JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL JUVENTUDE/ EDIÇÃO 25 DE MARÇO DE 1884 DA FOLHA DO NORTE/ JORNAL O CEARÁ LIVRE |
| | JOÃO SARAIVA SOBRINHO | | | JORNAL A REPÚBLICA(1887)/ O SÉCULO (1878) |
| | JOSÉ TAVARES DA CUNHA MELO SOBRINHO | PERNAMBUCO | | JORNAL CAMÕES A PERNAMBUCO/ ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL ROMEIRO DAS LETRAS (1876-1882) |
| | RANGEL SOBRINHO | | | ALMANAK LITERÁRIO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O ENSAIO/ JORNAL O SÉCULO DE 1883/ GAZETA DO RECIFE/ JORNAL O INCENTIVO/ JORNAL A PROPAGANDA/ JORNAL O COMBATE/ CLUBE FREI CANECA/ LIDERA A 3ª MANIFESTAÇÃO DO CASO-CRISPIM/ JORNAL ANTI-REBATE/ CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O REBATE/ JORNAL O ANTHEU/ JORNAL O RECIFE/JORNAL O NORTE/ JORNAL O REBATE/ CONFERÊNCIA DO CLUBE ABOLICIONISTA EM 1884 |
| SOUSA | A. SOUSA FILHO | | | JORNAL O TENTAMEN/ CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR(?) |
| | ANTÔNIO DE SOUSA NETO | RIO GRANDE DO SUL | | JORNAL 12 DE SETEMBRO - CLUB REPUBLICANO RIOGRANDENSE |
| | CRUZ E SOUSA | | | JORNAL O CEARÁ LIVRE/ JORNAL FOLHA DO NORTE |
| | FRANCISCO XAVIER DE SOUSA | PERNAMBUCO (GOIANA) | | JORNAL A PROPAGANDA |
| | GRACILIANO DE SOUSA | | | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889 |
| | JOSÉ MARTINS DE SOUSA | | | JORNAL O ANTI-REBATE |
| | MISAEL DE SOUSA | | | JORNAL ECHO DA REVOLUÇÃO/ JORNAL O REBATE |
| SOUTO | ELIPÍDIO SOUTO | | | JORNAL ERA NOVA |
| | GALDINO SOUTO | | | JORNAL O TENTAMEN |
| SOUZA | AFONSO OLINDENSE RIBEIRO DE SOUZA | PERNAMBUCO | TEATRÓLOGO/ MÚSICO | JORNAL ECHO DA REVOLUÇÃO/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ JORNAL A ALVORADA (MILITAR)/ JORNAL A EXPOSIÇÃO/ JORNAL JUVENTUDE/ JORNAL O PHILARTISTA/ JORNAL DA TARDE/ GAZETA DA TARDE/ CONFERENCISTA DA COMEMORAÇÃO DA LEI AUREA NO TEATRO DE SANTA ISABEL/ JORNAL HOMENS E LETRAS/ JORNAL A ARTE DRAMÁTICA/ JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ REVISTA DO NORTE/ CLUBE MARCELINO CLETO |
| | ANTÔNIO PAULINO DE SOUZA | | | JORNAL O ANTI-REBATE |
| | EPAMINONDAS MARIANO DE SOUZA | | ILUSTRADOR | LANTERNA MÁGICA |
| | JOÃO DA COSTA RIBEIRO E SOUZA | PERNAMBUCO (NAZARETH) | | DIRETÓRIO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO EM NAZARETH |
| SOUZA LEÃO | FRANCISCO ANTÔNIO SOUZA LEÃO | | | JORNAL FOLHA DO NORTE |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| TAVARES | Ângelo Tavares | | | Candidato vereador pelo Centro Republicano de Pernambuco em 1887/ Centro Republicano de Pernambuco/ Jornal A República (1882-8) |
| TÁVORA | Luiz Antônio da Silva Távora | Ceará | Ilustrador | Lanterna Mágica |
| TEIXEIRA | Augusto Flávio Teixeira | | | Clube Martins Júnior |
| | José Ferreira Teixeira | Pará | Bacharel | Clube Republicano Academico 1889/ Jornal Era Nova/ Clube Republicano Acadêmico de 1887/ Jornal O Clarim/ Jornal A República (1882-8)/ Jornal A Opinião/ Jornal O Norte |
| | Sigismundo Teixeira | | Ator | Gazeta da Tarde/ Clube Martins Júnior |
| TELES | Alberto J. Gois Teles | | | Jornal Echo da Revolução |
| | Manoel dos Passos de Oliveira Teles | Sergipe | | Jornal Ao Maestro Carlos Gomes/ Jornal O Microscópio/ Jornal O Ceará Livre |
| | Marcílio Teles | | | Clube Ceará Livre |
| TIAGO | Cirilo S. Tiago | | | Clube Frei Caneca |
| TOURINHO | Ângelo Tourinho | | | Gazeta da Tarde |
| TROVÃO | Ismael Trovão | | | Jornal O Rebate |
| VAES | Thaumaturgo Sótero Vaes | | Bacharel | Clube Republicano Acadêmico de 1889 |
| VARELA | Alfredo Varela | Rio Grande do Sul | | Jornal 12 de Setembro - Club Republicano Riograndense |
| VASCONCELOS | Abdísio de Vasconcelos | | | Gazeta da Tarde |
| | Albino Gonçalves Meira de Vasconcelos | Paraíba | Professor da Faculdade de Direito | Membro da diretoria do Partido Republicano de Pernambuco/ Jornal A República (1887)/ Clube Republicano Acadêmico de 1887/ Jantar em homenagem a Silva Jardim/ Candidato Republicano no 1º distrito da Paraíba em 31 de agosto de 1889/ Centro Republicano de Pernambuco/Assinante da ata de fundação do Partido Republicano de Pernambuco/ Jornal A Opinião/ Jornal O Norte/ Citado por Silva Jardim como seu aliado/ Discursante no meeting do 70ª aniversário da Revolução de 1887/ Conferência em Nazareth em janeiro de 1889 |
| | Antônio Pepes de Vasconcelos | Pará | | Jornal O Etna/Jornal O Atheneu/Jornal Correio da Noite (1879)/ Jornal Romeiro das Letras (1876-1882)/Jornal O Peregrino/ Clube dos Estróinas/ Candidato Republicano em 1883 |
| | César Vasconcelos | Pernambuco (Paudalho) | | Conferência republicana em Pau D'alho ao lado de Luiz Nunes Pires |
| | Ciciliano Ribeiro de Vasconcelos | Pernambuco (Alagoa Seca) | Professor | Jornal A Propaganda |
| | Ernesto de Vasconcelos | | | Gazeta da Tarde |
| | Manoel de Vasconcelos | Pernambuco (Pesqueira) | Médico | Clube Republicano de Pesqueira |
| | Maria Augusta C. Meira de Vasconcelos (Freire em 1892) | | Bacharel | Jornal Victor Hugo/ Bacharel na Faculdade de Direito / Respondeu sobre a utilidade do diploma feminino em 4 cartas no Gazeta da Tarde/ Jornal Trinta de Setembro (Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense) |
| VAZ | Joaquim Batista da Silva Vaz | | | Gazeta de Notícias |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| VERAS | ANTÔNIO MARTINIANO VERAS | | COMERCIANTE (FARMACÊUTICO) | CENTRO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL A REPÚBLICA (1887)/ DIREÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM/ COMEMORAÇÃO DO 14 DE JULHO NA CASA DE JOSEPH GÉRARD/ ALMOÇO DE RECEPÇÃO A JOÃO CORDEIRO/ ASSINANTE DA ATA DE FUNDAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PERNAMBUCO/ JORNAL O NORTE |
| VIANA | ELIAS VIANA | | | CLUBE REPUBLICANO ACADÊMICO DE 1889 |
| | MANOEL RODRIGUES DE SOUSA VIANA | | | JORNAL O NORTE/ CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DA BOA VISTA/ JORNAL A RONCA |
| | MOY. P. VIANA | RIO GRANDE DO SUL | | JORNAL 12 DE SETEMBRO - CLUB REPUBLICANO RIOGRANDENSE |
| VICTOR | OLINTO VICTOR | | | JORNAL O CEARÁ LIVRE |
| VIEIRA | ARTHUNIO VIEIRA | CEARÁ (?) | TEATRÓLOGO | JORNAL O RECIFE ILUSTRADO/ JORNAL O PHILARTISTA/ JORNAL O ESTÍMULO/ JORNAL A RONCA/ GAZETA DA TARDE/ CLUBE MARTINS JÚNIOR |
| | FRANCISCO VIEIRA | | | JORNAL O ANTHEU |
| | PAIXÃO VIEIRA | | | CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR/ CLUBE FREI CANECA/ PROMOVE 4ª CONFERÊNCIA DO CLUBE FREI CANECA/ JORNAL A RONCA/ JORNAL O ANTHEU |
| VILELA | CARLOTA VILELA | | | JORNAL VINTE E CINCO DE MARÇO/ POEMA QUE CITA A REVOLUÇÃO FRANCESA NO JORNAL AVE LIBERTAS |
| | JOAQUIM MARIA CARNEIRO VILELA | PERNAMBUCO | ESCRITOR/TEATRÓLOGO | JORNAL AMÉRICA ILUSTRADA/ JORNAL O JOÃO FERNANDES |
| WANDERLEY | JOÃO DA CUNHA WANDERLEY | PERNAMBUCO (SERINHAÉM) | AGRICULTOR | ALMOÇO DE RECEPÇÃO À SILVA JARDIM |
| | JOÃO DE BARROS WANDERLEY | PERNAMBUCO (ESCADA) | | JORNAL A PROPAGANDA |
| | VALDEVINO DEMÉTRIO DA ROCHA WANDERLEY | | | JORNAL DA TARDE/CLUBE REPUBLICANO PAROQUIAL DA BOA VISTA/ CLUBE FREI CANECA/ LIDERA A 1ª MANIFESTAÇÃO DO CASO-CRISPIM/ JORNAL O SEIS DE MARÇO |
| WITRÚVIO | SALLES WITRÚVIO | | | CLUBE LITERÁRIO MARTINS JÚNIOR |

## ANEXO B – Periódicos circulantes em Pernambuco (1875-1889)

### TABELA 19 - PERIÓDICOS CIRCULANTES EM PERNAMBUCO ENTRE 1875 E 1889

LEGENDA: **R** (REPUBLICANO); **EP** (EXPRESSIVA PARTICIPAÇÃO); **"?"** (INCONCLUSIVO)

FONTES PARA A TABELA: FIGUEIROA, 1983. NASCIMENTO, 1970-2002.

| | | Nome do Periódico | Ano de início | Ano de término | Local de publicação | Valor do exemplar avulso | Frequência | | | | | | | | Tipografias | Redação |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | Diário (5-7 dias p/ semana) | Semanário | 2-3 vezes p/semana | 2-3 vezes p/mês | Mensal | Anual | Único | Sem Info. | | |
| 1 | | Diário de Pernambuco | 1825 | Atual | Recife | $320 ~$200 ~$120 ~$100 | X | | | | | | | | Diário de Pernambuco | Praça da Independência |
| 2 | | A Escada | 1833 | | Escada | $167 (aprox) | | X | | | | | | | Comercial (de Escada) | |
| 3 | | Jornal do Recife | 1859 | 1938 | Recife | $75 (aprox) | X | | | | | | | | Acadêmica | |
| 4 | | O Vitoriense | 1866 | 1878 | Vitória de Santo Antão | $250 (aprox) | | X | | | | | | | Vitoriense | |
| 5 | | Almanaque Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola | 1869 | 1886 (?) | Recife | | | | | | | X | | | Medeiros e Cia, Livraria Francesa | |
| 6 | | O Liberal Vitoriense | 1869 | 1878 | Vitória de Santo Antão | $250 (aprox) | | X | | | | | | | | |
| 7 | EP | A América Ilustrada | 1871 | 1886 | Recife | $417 (aprox) | | X | | | | | | | Americana; Correio Pernambucano; América Ilustrada; Tipografia da Rua Bom Jesus, 19; Tipografia da rua Camboa do Carmo, 28; Tipografia da rua Santo Amaro, 12; Tipografia de Antônio Irineu da Silva | |
| 8 | | Correio de Santo Antão | 1871 | 1875 | Vitória de Santo Antão | $250 (aprox) | | X | | | | | | | Correio de Santo Antão | |
| 9 | | A União | 1872 | 1876 | Recife | $125 (aprox) ~ $167 (aprox) | | | X | | | | | | Tipografia da Rua da Aurora, 1; Tipografia da rua do Hospício, 9 | |
| 10 | R | A Luz | 1873 | 1875 | Recife | $80 | | | X | | | | | | Liberal; Tipografia da Rua da Aurora, 7; Comércio; Província | Praia do Caldeireiro, 41 |
| 11 | R | A Vontade | 1873 | 1877 | Ipojuca | | | | | | | | | X | A Vontade | |
| 12 | | Comércio a Retalho | 1873 | 1875 | Recife | $100 ~ $120 | | X | | | | | | | Comercial | |
| 13 | ? | Culto às Lettras | 1873 | 1875 | Recife | | | | | | | | | X | Comercial; Comércio | Rua das Trincheiras, 48 |
| 14 | | Caritas Caridade | 1874 | 1879 | Recife | Grátis | | X | | | | | | | Correio do Recife | |
| 15 | | O Democrata | 1874 | 1876 | Goiana | $208(aprox) | | X | | | | | | | Liberal | |
| 16 | | O Echo Litterário | 1874 | 1875 | Recife | $223 (aprox) | | | | X | | | | | Correio do Recife; Mercantil | Rua 1º de Março; Largo do Rosário, 24 |
| 17 | | O Encouraçado | 1874 | 1876 | Recife | $125 (aprox) | | | X | | | | | | Americana; Encouraçado | |
| 18 | | O Município | 1874 | 1875 | Vitória de Santo Antão | $250 (aprox) | | X | | | | | | | O Município | |
| 19 | R | O Republicano Federativo | 1874 | 1876 | Recife | Grátis | | X | | | | | | | Americana | |
| 20 | | A Auctoridade | 1875 | | Recife | | | | | X | | | | | Mercantil | Rua Conceição, 27 |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 21 | | A Comarca de Escada | 1875 | | Escada | | | | | | | | | X | Comercial | |
| 22 | | A Cruz | 1875 | | Recife | | | | | | | | | X | Industrial | |
| 23 | ? | A Escola | 1875 | | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | | Província | Rua do Imperador, 65 |
| 24 | | A Fachina | 1875 | | Recife | | | | | | | | X | | Universal | |
| 25 | | A Gargalhada | 1875 | | Recife | $167 (aprox) | | | | X | | | | | Industrial | |
| 26 | | A Imprensa | 1875 | | Recife | | | | | | | | X | | Mercantil | |
| 27 | | A Juvenilia | 1875 | | Recife | | | | | | | | | | Mercantil | Rua do Imperador, 46 |
| 28 | R | A Lanterna de Diógenes | 1875 | 1885 | Recife | $40 | | X | | | | | | | Americana; Livre Pensador | Rua Camboa do Carmo, 13; Travessa do Carmo, 7 |
| 29 | | A Lucta | 1875 | 1876 | Recife | | | | | X | | | | | Comercial | Pátio do Carmo, 15 |
| 30 | R | A Mãe do Linguarudo | 1875 | | Recife | $80 | | | | X | | | | | Comércio a Retalho | |
| 31 | R | A Marqueza do Linguarudo | 1875 | 1876 | Recife | $80 | | X | | | | | | | Comércio a Retalho | |
| 32 | | A Mocidade | 1875 | | Recife | $400 | | | | X | | | | | Industrial | Rua da Alegria, 8 |
| 33 | | A Mulher | 1875 | | Recife | | | | | | | | | X | Mercantil | |
| 34 | | A Navalha | 1875 | | Recife | $300 | | X | | | | | | | Jornal do Recife; Industrial | |
| 35 | | A Sensitiva | 1875 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 36 | R | A Voz do Povo | 1875 | | Recife | $334 (aprox) | | | | X | | | | | Província | |
| 37 | ?? | Deutcher Kaempfer | 1875 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 38 | | Devaneio Literário | 1875 | | Escada | | | | X | | | | | | Comercial (de Escada) | |
| 39 | ?? | Dthynk | 1875 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 40 | | Jornal Crítico Musical | 1875 | | Recife | 1$mil | | | | | | | | X | J.E.Purcell | |
| 41 | | Jornal da Tarde | 1875 | 1876 | Recife | $40 | X | | | | | | | | Comercial; Província | R. Estreita do Rosário, 12; R. Estreita do Rosário, 23; R. Duque de Caxias, 39 |
| 42 | | O Bizouro | 1875 | | Recife | $125 (aprox) | | | X | | | | | | Bizouro | Pátio de São Pedro, 7 |
| 43 | | O Carnaval | 1875 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 44 | | O Desabuso | 1875 | 1880 | Escada | | | | | | | | | X | Comercial (de Escada) | |
| 45 | R | O*Diabo a Quatro* | 1875 | 1879 | Recife | $500 | | X | | | | | | | Mercantil ; Jornal do Recife; Mercantil; J.E. Purcell | Rua do Vigário, 29 |
| 46 | | O Echo Artístico | 1875 | 1876 | Recife | $100 ~ $125 | | X | | | | | | | Província; Mercantil; Echo Artístico | Rua dos Expostos, 10; Estreita do Rosário, 45 |
| 47 | | O Ensaio | 1875 | 1876 | Recife | $200 ~$250 | | | | | X | | | | Diário de Pernambuco | Rua das Trincheiras, 34; Pátio do Paraíso, 26 |
| 48 | | O Estabanado | 1875 | 1876 | Recife | $200 | | X | | | | | | | Americana; Industrial | Rua das Cruzes, 2 |
| 49 | | O Estudante Católico | 1875 | | Recife | $334 (aprox) | | | | X | | | | | Industrial | Rua da Imperatriz, 22 |
| 50 | EP | O Estudo | 1875 | | Recife | | | | | | | | | X | Província | Rua Direita, 91 |
| 51 | | O Gênio do Bem | 1875 | | Recife | $167 (aprox) | | | | | | | X | | Universal | |
| 52 | | O Linguarudo | 1875 | | Recife | $80 | | | | X | | | | | Comércio a Retalho | |
| 53 | | O Martello | 1875 | | Recife | | | | | | | | | X | Mercantil | |
| 54 | | O Myosotis | 1875 | | Recife | $250 | | | | | | | X | | | |
| 55 | R | O Peregrino | 1875 | | Recife | $500 | | | | | | | X | | Industrial | Rua da Roda, 29 |
| 56 | R | O Progresso | 1875 | 1877 | Recife | $334 (aprox) | | | | X | | | | | Universal ; Tempo; Bougard e Cia | Rua Formosa |
| 57 | | Salvação da Graça | 1875 | 1878 | Recife | $200 | | | | | | | | | Mercantil | |
| 58 | | A Estreia | 1876 | | Recife | $500 | | | | X | | | | | Mercantil | Travessa João Francisco, 11 |
| 59 | R | A Guerrilha | 1876 | | Recife | $40 | | | | X | | | | | Província | |
| 60 | | A Juventude | 1876 | | Recife | $400 | | | | X | | | | | Comércio a Retalho | |
| 61 | | A Pátria | 1876 | 1877 | Recife | $100 | | | | | | | | X | Comercial | Cais 22 de novembro, 30 |
| 62 | R | Academus | 1876 | | Recife | $500 | | | | X | | | | | Província | Rua Marquês de Herval, |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | | | | | 142 |
| 63 | | Contemporâneos | 1876 | | Recife | | | | | | | | | X | |
| 64 | | Correio da Tarde | 1876 | 1877 | Recife | $40 | X | | | | | | | | Comercial | R. Estreita do Rosário, 12 |
| 65 | | Farol d*O Norte* | 1876 | | Recife | $80 ~$40 | X | | | | | | | | Americana | Camboa do Carmo, 28 |
| 66 | | Folhinha de Variedades | 1876 | | Recife | $400 | | | | | | | X | | Universal | |
| 67 | | Ideia Conservadora | 1876 | 1879 | Vitória de Santo Antão | $240 | | X | | | | | | | Tipografia de José do Rego Barros | |
| 68 | | Jornal das Famílias | 1876 | | Recife | | | | | | | | | | | |
| 69 | | O Frade | 1876 | | Recife | $100 | | | | | | | | | América Ilustrada | |
| 70 | R | O Homem | 1876 | | Recife | $167 (aprox) | | X | | | | | | | Correio do Recife | |
| 71 | | O Movimento | 1876 | | Recife | | | | | | | | X | | Industrial | Rua da União, 67 |
| 72 | | O Popular de Vitória | 1876 | | Vitória de Santo Antão | | | | | | | | | X | | |
| 73 | | O Povo de Escada | 1876 | | Escada | | | | | | | | | X | Comercial (de Escada) | |
| 74 | | O Semanário | 1876 | 1878 | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | | | Rua do Aragão, 12 |
| 75 | | O Tempo | 1876 | 1885 | Recife | $56 (aprox) | X | | | | | | | | | |
| 76 | | O Vigilante | 1876 | | Recife | $100 | | X | | | | | | | América Ilustrada | |
| 77 | | Recreio Popular | 1876 | | Recife | $100 | | | | | | | X | | Universal | Larga do Rosário, 21 |
| 78 | | Revista Acadêmica de Ciências e Letras | 1876 | | Recife | | | | | X | | | | | | Rua Visconde de Albuquerque, 121 |
| 79 | | Revista Agrícola e Comercial | 1876 | 1877 | Recife | $250 | | | X | | | | | | Mercantil | |
| 80 | | Revista Carnavalesca | 1876 | 1880 | Recife | Grátis | | | | | | | | X | | |
| 81 | R | Romeiro das Letras | 1876 | 1882 | Recife | $500 | | | X | | | | | | Comércio; Filartística ; Central ; Gazeta de Notícias | Travessa da Congregação; Rua do Imperador, 39 |
| 82 | | A Cruz | 1877 | | Recife | $500 | | X | | | | | | | Universal | Rua do Queimado, 66 |
| 83 | R | A Duqueza do Linguarudo | 1877 | 1878 | Recife | $80 | | X | | | | | | | Duqueza do Linguarudo | |
| 84 | | A Igualdade | 1877 | | Escada | | | | | | | | X | | Comercial (de Escada) | |
| 85 | | A Situação | 1877 | 1879 | Recife | $500 (aprox) | | | X | | | | | | A Situação | |
| 86 | | A Soberania | 1877 | | Recife | $400 | | | X | | | | | | Industrial | Visconde de Albuquerque, 75 |
| 87 | | Aqui Para Nós | 1877 | | Escada | | | | | | | | | X | Comercial (de Escada) | |
| 88 | R | Echo do Povo | 1877 | | Recife | $100 | | | | | | | | X | Echo do Povo | Rua Rangel, 67 |
| 89 | | Jardim Infantil | 1877 | | Recife | $500 | | | | X | | | | | Jardim Infantil | |
| 90 | | Jornal do Domingo | 1877 | | Recife | $125 (aprox) | | X | | | | | | | Tempo | |
| 91 | R | Liga Operária | 1877 | | Recife | $80 | | X | | | | | | | Filartística | Rua Estreita do Rosário, 36 |
| 92 | | O Carnaval | 1877 | | Recife | Grátis | | | | | | | X | | | |
| 93 | | O Ensaio | 1877 | | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | | Correio da Tarde | Rua Estreita do Rosário, 12 |
| 94 | | O Escadense | 1877 | 1878 | Escada | $200 | | | | | | | | X | Comercial (de Escada) | |
| 95 | | O Espelho | 1877 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 96 | | O Gallo | 1877 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 97 | | O Livre Pensador | 1877 | | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | | Livre Pensador | Rua Duque de Caxias, 2 |
| 98 | | O Pano Sobe | 1877 | | Recife | $100 | | | | | | | X | | Echo do Povo | |
| 99 | | Phalena | 1877 | | Recife | | | | | | | | | ? | | |
| 100 | EP | Revista de Pernambuco | 1877 | | Recife | $250 (aprox) | | | X | | | | | | Tempo | Rua do Imperador, 37 |
| 101 | | Revista d*O Norte* | 1877 | | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | | Comercial | Rua Estreita do Rosário, 12 |
| 102 | | A Crença | 1878 | | Recife | | | | | | | | X | | Livre Pensador | Rua da Roda, 31 |
| 103 | R | A Ideia | 1878 | | Recife | $63 (aprox) | | | | | | | X | | | |
| 104 | | A Nova Crença | 1878 | 1880 | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 105 | R | A Opinião | 1878 | 1880 | Recife | $40 | X | | | | | | | | Opinião; Tipografia da Rua Duque de Caxias, 21 | Rua Duque de Caxias, 21 |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 106 | R | A Tempestade | 1878 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Industrial | |
| 107 | | Charivari | 1878 | | Recife | $80 | | | | | | | X | Cosmopolita | |
| 108 | | Correio de Nazareth | 1878 | | Nazaré da Mata | $250 (aprox) | | X | | | | | | Correio de Nazareth | |
| 109 | | Ensaio Jurídico e Literário | 1878 | | Recife | $500 | | | | X | | | | Industrial; Tempo | Rua do Riachuelo, 5 |
| 110 | | Jornal para Chorar | 1878 | | Recife | $80 | | | | | | | X | Comercial | |
| 111 | | Jornal para Rir | 1878 | | Recife | $80 | | X | | | | | | J. E. Purcell | |
| 112 | R | O Alfinete | 1878 | | Recife | $80 ~$40 | | | | | | | X | Bougard e Cia | |
| 113 | | O Cacete | 1878 | 1880 | Recife | $40 | | | | | | | X | | |
| 114 | | O Clarim | 1878 | 1879 | Recife | $40 | | X | | | | | | Clarim | |
| 115 | | O Commercial | 1878 | | Recife | | | X | | | | | | Tipografia da Rua Estreita do Rosário, 30 | |
| 116 | | O Futuro | 1878 | | Recife | | | | | X | | | | Nacional | Rua dos Pires, 30 |
| 117 | | O Guarda-Cívica | 1878 | | Recife | $40 | | X | | | | | | Duqueza Linguaruda; Guarda-Cívica | |
| 118 | R | O Rebate | 1878 | | Recife | $40 | | | | | | | X | | |
| 119 | EP | O Século | 1878 | | Recife | 1$mil | | | | | X | | | Tempo | |
| 120 | | Os Xênios | 1878 | 1879 | Recife | $300 | | X | | | | | | Cosmopolita; Xênios | |
| 121 | | A Convicção | 1879 | 1881 | Vitória de Santo Antão | $250 (aprox) | | X | | | | | | A Convicção | |
| 122 | | A Liberdade | 1879 | 1880 | Recife | $84 (aprox) | X | | | | | | | Central | Rua do Imperador, 73 |
| 123 | | A Metralha | 1879 | | Recife | $40 | | X | | | | | | Filantrópica | Rua da Viração, 39 |
| 124 | R | A Princesa Linguaruda | 1879 | | Recife | $80 | | X | | | | | | Princesa Linguaruda | Rua da Viração, 39 |
| 125 | | A Voz d*O Norte* | 1879 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 126 | | Almanaque da Província de Pernambuco | 1879 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 127 | R | Contra a Hipocrisia | 1879 | 1880 | Escada | $200 | | X | | | | | | Comercial (de Escada) | |
| 128 | EP | Correio da Noite | 1879 | | Recife | $40 | X | | | | | | | | |
| 129 | | Gazeta Acadêmica de Ciências e Letras | 1879 | | Recife | 1$mil | | | | | X | | | Correio da Noite | Barão de São Borja, 43 |
| 130 | | Gazeta da Tarde | 1879 | | Recife | $63 ~ $125 | | | X | | | | | Mercantil; Central | Duque de Caxias, 71 |
| 131 | | Jornal de Vitória | 1879 | 1880 | Vitória de Santo Antão | | | | | | | | X | | |
| 132 | | O Goytaense | 1879 | | Glória do Goitá | $250 (aprox) | | X | | | | | | O Goytaense | |
| 133 | R | O Nacional | 1879 | | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | Livre Pensador | Travessa do Carmo, 7 |
| 134 | R | O Operário | 1879 | | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | Mercantil | |
| 135 | R | O Pharol | 1879 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Diário de Pernambuco | |
| 136 | | O Protesto | 1879 | | Recife | | | | | | | | X | Mercantil | R. Visconde de Albuquerque, 26 |
| 137 | | O Thermometro | 1879 | 1885 | Nazaré da Mata | $167 (aprox) | | X | | | | | | O Thermometro | |
| 138 | | Província de Pernambuco | 1879 | 1880 | Recife | | | | | | | | X | Universal | |
| 139 | | Revista Progressista | 1879 | | Recife | | | | | | | | X | Filantrópica | |
| 140 | R | Tribuna do Povo | 1879 | | Recife | $40 | | | | | | | X | J.E. Purcell | R. Vigário Tenório, 19 |
| 141 | | A Cachorra | 1880 | | Recife | $40 | | | | | | | X | | |
| 142 | | A Democracia | 1880 | 1881 | Recife | $25 (aprox) | X | | | | | | | | |
| 143 | | A Emulação | 1880 | | Recife | $125 (aprox) | | X | | | | | | A.P.S. Soares | |
| 144 | R | A Idéia Nova | 1880 | | Recife | | | | | | | | X | Industrial | |
| 145 | R | A Revolução | 1880 | | Recife | $250 (aprox) | | X | | | | | | Amigo do Povo | |
| 146 | | A Seringa do Pravaz | 1880 | | Recife | $40 | | | | | | X | | | |
| 147 | | Echo da Torre | 1880 | | Recife | Grátis | | | | | | X | | | |
| 148 | | Estudos Alemães | 1880 | 1881 | Escada | | | | | | X | | | Comercial (de Escada) | |
| 149 | ??? | O Acadêmico | 1880 | | Recife | | | | | | | | X | A Opinião | |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 150 | | O Beija-Flor | 1880 | | Recife | $40 | | | | | | | | X | Acadêmica | |
| 151 | | O Brasil Agrícola | 1880 | 1882 | Recife | $6mil (provável) | | | | | | | | X | | |
| 152 | | O Cachorro | 1880 | | Recife | $40 | | | | | | | X | | | |
| 153 | | O Constitucional | 1880 | | Recife | | | | | | | | X | | Central | |
| 154 | R | O Crente | 1880 | | Recife | | | | | | | | | X | Industrial | |
| 155 | R | O Democrata | 1880 | 1881 | Recife | $170 (aprox) | | X | | | | | | | Industrial; Tipografia da Rua das Cruzes, 18 | Rua Barão de Vitória, 7 |
| 156 | R | O Desespero | 1880 | | Recife | $40 | | X | | | | | | | Filantrópica | |
| 157 | | O Futuro Revelado | 1880 | | Recife | | | | | | | | X | | Industrial | |
| 158 | | O Leão | 1880 | | Recife | $40 | | | | | | | X | | | |
| 159 | | O Lidador | 1880 | 1954 | Vitória de Santo Antão | $250 (aprox) | | X | | | | | | | O Lidador | |
| 160 | R | O Petróleo | 1880 | | Recife | $40 | | | | | | | | X | Correio da Noite | |
| 161 | | O Traço de União | 1880 | | Recife | $200 | | | | | | | X | | Central | |
| 162 | | O Vigilante | 1880 | | Recife | | | | | | | | | X | Central | |
| 163 | EP | Pernambuco à Camões | 1880 | | Recife | | | | | | | | X | | Industrial ;Libro-Papelaria Pinto | |
| 164 | | A Cruz | 1881 | | Recife | $160 | | | | | | | | X | Universal | |
| 165 | EP | A Lyra | 1881 | | Recife | | | | | | | | X | | Jornal do Recife | |
| 166 | R | A República | 1881 | 1883 | Recife | | | | | | | | | X | Universal / Central | |
| 167 | | A Sciencia | 1881 | | Recife | $500 | | | | | | | X | | Central | |
| 168 | | A Situação | 1881 | | Recife | $250 | | X | | | | | | | | |
| 169 | | A Tribuna | 1881 | 1888 | Recife | $40 | X | | | | | | | | Central; Econômica | |
| 170 | | Boletim Bibliográfico | 1881 | | Recife | | | | | | X | | | | Livraria Francesa | |
| 171 | EP | O Binóculo | 1881 | 1899 | Recife | $125 (aprox) | | X | | | | | | | Diário de Pernambuco; Comercial | Rua Laranjeiras, 14 ; Rua Estreita do Rosário, 18 ; Rua Barão de Vitória, 39 ; Rua da Conceição, 27 |
| 172 | | O Carnaval | 1881 | | Recife | | | | | | | | X | | Industrial | |
| 173 | R | O Escalpelo | 1881 | | Recife | | | | | | | | | X | Industrial | |
| 174 | R | O Etna | 1881 | 1882 | Recife | $300 | | X | | | | | | | Etna | Pátio de São Pedro, 54A |
| 175 | | O Fim do Mundo | 1881 | | Recife | $80 | | | | | | | X | | | |
| 176 | | O Martello | 1881 | | Escada | $160 | | X | | | | | | | Comercial (de Escada) | |
| 177 | | O Martello | 1881 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 178 | EP | Palmas e Louros | 1881 | | Recife | | | | | | | | X | | Mercantil | |
| 179 | EP | A Cythara | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 180 | EP | A Estação Lyrica | 1882 | | Recife | | | | | | | | | X | J.E.Purcell + Mercantil | |
| 181 | | A Evolução | 1882 | | Recife | $150 | | | | X | | | | | Gazeta do Recife | |
| 182 | R | A Lanterna Mágica | 1882 | 1909 | Recife | $340 (aprox) | | | X | | | | | | Mercantil; Atelier Miranda ; M. Sousa Mendes | Pátio do Terço, 4 ; Rua Rangel, 16 ; Rua Padre Nóbrega ; Rua do Bom Jesus, 63 |
| 183 | EP | À Pedro Pereira | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | | Industrial + J.R.Purcell | |
| 184 | R | A Revolução | 1882 | | Recife | $150 | | | | X | | | | | Revolução | Rua Coronel Lamenha, 4 |
| 185 | | A Ubiguidade | 1882 | | Recife | $125 (aprox) | | X | | | | | | | | Rua Imperial, 274 |
| 186 | EP | Almanak Literário Pernambucano | 1882 | 1912 | Recife | 2$500 (aprox) | | | | | | X | | | Central ; Apolo ; Tondela, Cockles e Cia | |
| 187 | EP | Ao Maestro Carlos Gomes | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | | Aza Negra | |
| 188 | EP | Aza Negra | 1882 | | Recife | | | | | | | | | X | Aza Negra | |
| 189 | | Boletim da SAAP | 1882 | | Recife | $500 | | | | | | | | X | Central | |
| 190 | | Club 33 | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 191 | EP | Eusébio de Queiroz | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | Mercantil | |
| 192 | | Flores Acadêmicas | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 193 | EP | Gazeta de Notícias | 1882 | 1883 | Recife | $40 | X | | | | | | | Tipografia da Rua do Imperador, 39; Tipografia da Rua São Francisco, 2F | |
| 194 | | Homenagem ao Maestro Carlos Gomes | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | Central | |
| 195 | EP | Iracema | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | Universal | |
| 196 | | Matuta | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | Medeiros e Cia, Livraria Francesa | |
| 197 | EP | Mefistofeles | 1882 | | Recife | | | X | | | | | | Mefistofeles | |
| 198 | R | O Atheneu | 1882 | | Recife | $170 (aprox) | | | X | | | | | Gazeta do Recife | R. Velha de Santa Rita, 95 |
| 199 | | O Cometa | 1882 | | Recife | $100 | | | | | | X | | | |
| 200 | EP | O Ensaio | 1882 | 1883 | Recife | $170 (aprox) | | | | X | | | | Gazeta do Recife ; Industrial | |
| 201 | | O Homeophata | 1882 | 1884 | Recife | | | | | | | | X | Central; Homeophata | |
| 202 | | O Intérprete | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 203 | EP | O Microscópio | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | Central | |
| 204 | | O Normalista | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | Gazeta de Notícias; Mefistofeles | |
| 205 | | *O Norte* | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | Gazeta de Notícias | |
| 206 | EP | O Porvir | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | Central | |
| 207 | R | O Postilhão | 1882 | 1884 | Recife | $400 | | | | | | | X | Postilhão | |
| 208 | | O Repórter | 1882 | 1883 | Recife | $250 (aprox) | | | X | | | | | Central | Rua Largo do Rosário, 24A |
| 209 | | O Saber | 1882 | | Recife | | | X | | | | | | Gazeta de Notícias | Praça Pedro II, 54 |
| 210 | | O Satanás | 1882 | | Recife | $400 | | X | | | | | | | |
| 211 | R | O Século | 1882 | 1884 | Recife | | | | | X | | | | Industrial | |
| 212 | R | Pernambuco ao Marquês de Pombal | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | J.E.Purcell + Mercantil | |
| 213 | | Quatro de Outubro | 1882 | | Recife | | | | | | | X | | Universal | |
| 214 | | Revista Comercial | 1882 | | Recife | | | | | X | | | | Jornal do Recife | |
| 215 | | Rio Branco | 1882 | | Recife | $100 | | | | | | X | | Mercantil | |
| 216 | R | Stereógrafo | 1882 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 217 | | Um Sinal dos Tempos | 1882 | | Escada | | | | | | | X | | | |
| 218 | | 21 de Agosto | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 219 | EP | 24 de Fevereiro | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Mercantil | |
| 220 | EP | 30 de Setembro | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Industrial | |
| 221 | | A Aurora | 1883 | | Recife | $500 | | | | X | | | | Central ; Industrial | |
| 222 | R | A Baroneza Rabugenta | 1883 | | Recife | $40 (provável) | | X | | | | | | Phonographo | |
| 223 | | A Brasileira | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Phonographo | Rua Pedro Afonso, 31 |
| 224 | | A Ciganinha | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 225 | | A Cotia | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Gazeta do Recife | Rua do Fogo, 54 |
| 226 | | A Derrota | 1883 | | Recife | | | | X | | | | | Phonographo | |
| 227 | | A Flor do Dia | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Industrial; Correio do Recife | |
| 228 | | A Ideia | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 229 | | A Indústria | 1883 | | Recife | Grátis | | | | | | | X | | |
| 230 | | A Liberdade | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Livre Pensador; Phonographo | Rua Pedro Afonso, 31 |
| 231 | | A Lucta | 1883 | 1884 | Recife | $167 (aprox) | | | | X | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 232 | | A Matraca | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Gazeta do Recife | Rua do Fogo, 54 |
| 233 | | A Mulher | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Jornal do Recife | |
| 234 | | A Peia | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Gazeta do Recife | Rua do Fogo, 54 |
| 235 | R | A Setta | 1883 | | Recife | $42 (aprox) | | | | X | | | | Industrial | |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 236 | | A Tabica | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Phonographo | |
| 237 | | A Tagarella | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Tipografia da Rua do Fogo, 54 | |
| 238 | R | A Velha Rabugenta | 1883 | | Recife | $40 | | X | | | | | | Phonographo | |
| 239 | | A Zingarella | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Central | |
| 240 | | Chronica Semanal | 1883 | | Recife | $200 | | X | | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua Estreita do Rosário, 34 |
| 241 | | Club dos Repórteres | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 242 | | Cruzada Acadêmica | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Central | |
| 243 | R | Folha d*O Norte* | 1883 | 1884 | Recife | $60 | X | | | | | | | Folha d*O Norte* | Rua das Laranjeiras, 18 |
| 244 | EP | Gazeta do Recife | 1883 | | Recife | $56 (aprox) | | | X | | | | | Gazeta do Recife; Correio do Recife | |
| 245 | EP | Libertador | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Central | |
| 246 | EP | O Abolicionista | 1883 | | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | Universal | |
| 247 | | O Azucrim | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Azucrim | |
| 248 | | O Bacamarte | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Phonographo | |
| 249 | | O Beija-Flor | 1883 | | Recife | $200 | | X | | | | | | Gazeta de Notícias | |
| 250 | | O Bem-Te-Vi | 1883 | | Recife | | | | | | X | | | Phonographo | |
| 251 | | O Cacete | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Livre Pensador | |
| 252 | | O Cachorro | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Postilhão | |
| 253 | | O Cadáver | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Livre Pensador | |
| 254 | | O Calador | 1883 | 1923 | Recife | | | | | | | | X | | |
| 255 | | O Canário | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Livre Pensador | Rua do Fogo, 54 |
| 256 | EP | O Certamen | 1883 | | Recife | $167 (aprox) | | | | X | | | | Industrial | |
| 257 | | O Chicote | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Phonographo | |
| 258 | | O Corisco | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Postilhão | |
| 259 | | O Desengano | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Phonographo | |
| 260 | | O Diabo | 1883 | 1887 | Recife | | | X | | | | | | Postilhão | |
| 261 | | O Echo de Palmares | 1883 | 1884 | Palmares | | | | X | | | | | Echo de Palmares | |
| 262 | | O Encouraçado | 1883 | 1885 | Recife | $40 | | | X | | | | | Livre Pensador | |
| 263 | | O Falla Tudo | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | X | | Livre Pensador | |
| 264 | | O Feiticeiro | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Antônio Irineu da Silva | Rua do Fogo, 18 |
| 265 | | O Frade | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Postilhão | |
| 266 | | O Globo | 1883 | 1884 | Recife | | | | | | | | X | Homeophata | |
| 267 | | O Grêmio dos Professores Primários | 1883 | | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | Universal | |
| 268 | EP | O Incentivo | 1883 | 1886 | Recife | | | | | | | | X | Mercantil; Tipografia da Rua das Flores, 24; Industrial | Rua da Aurora, 5; Rua da Imperatriz, 28; Rua 1º de Março, 4 |
| 269 | EP | O Industrial | 1883 | | Recife | $400 | | | | | X | | | Fábrica Apolo | Rua Cabugá, 14 |
| 270 | | O Jacaré | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | Phonographo | |
| 271 | | O Macaco | 1883 | | Recife | $500 | | | | | | | X | Industrial | Rua do Fogo, 54 |
| 272 | | O Mamoeiro | 1883 | | Jaboatão dos Guararapes | $40 | | | X | | | | | | |
| 273 | | O Maná | 1883 | | Recife | $40 | | X | | | | | | Antônio Irineu da Silva; Livre Pensador; Tipografia da Rua das Horas Mortas, 1425 | Rua das Horas Mortas, 1425; Rua do Fogo, 54 |
| 274 | | O Morcego | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Postilhão | |
| 275 | | O Pançudo | 1883 | | Recife | | | | | | | X | | Phonographo | |
| 276 | | O Papagaio | 1883 | 1884 | Recife | | | | | | | | X | Phonographo | |
| 277 | | O Phonographo | 1883 | | Recife | $120 | | X | | | | | | Gazeta de Notícias; Phonographo | Rua Cabugá, 1C |

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 278 | | O Popular | 1883 | | Recife | | | | | | | | | X | Gazeta de Notícias | |
| 279 | R | O Progresso | 1883 | | Recife | $150 (aprox) | | | | X | | | | | Homeophata | |
| 280 | EP | O Propulsor | 1883 | | Recife | $500 | | | | | | | | X | Mercantil | |
| 281 | | O Quiri | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | | Gazeta do Recife | Rua do Fogo, 54 |
| 282 | R | O Rebate | 1883 | 1889 | Recife | $40 ~ $200 ~ $160 ~ $60 ~ $320 | X | | | | | | | | Mercantil; Tipografia da Rua das Flores, 24; Tipografia da Rua Laranjeiras, 18; Tipografia da Rua de São Jorge, 72; Tipografia da Rua Oriente, 4. | |
| 283 | R | O Republicano | 1883 | | Recife | | | | | | | | | X | Colégio Sete de Setembro | |
| 284 | | O Repucho | 1883 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 285 | R | O Sahara | 1883 | | Recife | $200 | | X | | | | | | | Fábrica Apolo; Homeophata | |
| 286 | R | O Século | 1883 | 1884 | Recife | $125 (provável) | | | | X | | | | | Industrial | Rua do Rangel, 28 |
| 287 | R | O Século | 1883 | | Recife | $150 (aprox) | | | | X | | | | | Universal | |
| 288 | | O Telefone | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | | Gazeta de Notícias | |
| 289 | R | O Tentamen | 1883 | 1884 | Recife | $42 (aprox) | | | | X | | | | | Industrial | Rua da Aurora, 19 |
| 290 | | O Turbilhão | 1883 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 291 | | O Urso | 1883 | | Recife | $40 | | X | | | | | | | Postilhão | |
| 292 | | O Urubu | 1883 | | Recife | $40 | | | | | | | X | | Phonographo | |
| 293 | | Onze de Agosto | 1883 | 1903 | Recife | | | | | | | X | | | Diário de Pernambuco ; Universal ; G.Laporte e Cia; F.Boulitreau | |
| 294 | | Pierrot | 1883 | | Recife | | | | | | | | X | | Jornal do Recife | |
| 295 | | Revista Acadêmica | 1883 | | Recife | | | | | | X | | | | Central | Rua do Riachuelo, 8 |
| 296 | | Revista Lyrica | 1883 | | Recife | | | | | | | | | X | Antônio Irineu da Silva | |
| 297 | | Revista Paraense | 1883 | | Recife | | | | | | X | | | | Industrial | |
| 298 | | Seis de Outubro | 1883 | 1889 | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | | Universal | |
| 299 | EP | A Arte Dramatica | 1884 | | Recife | Gratis/ $400 | | | | | | | | X | Jornal do Recife ; Tipografia da Rua Duque de Caxias, 6 | |
| 300 | R | A Crise | 1884 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 301 | | A Democracia | 1884 | | Recife | $100 (aprox) | | | X | | | | | | Democratas | |
| 302 | | A Erudição | 1884 | | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | | Industrial | Rua Padre Floriano, 25 |
| 303 | | A Feiticeira | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | Mercantil | |
| 304 | | A Ideia | 1884 | | Recife | $42 (aprox) | | | | X | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 305 | | A Justiça | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 306 | | A Luz | 1884 | | Recife | $42 (aprox) | | | | X | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua das Flores, 24 |
| 307 | | A Macaca | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 308 | | A Ortiga | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 309 | R | A Razão | 1884 | | Recife | $63 (aprox) | | | | X | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua das Flores, 24 |
| 310 | | A Soberania | 1884 | | Recife | | | | | | | | | X | Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua Pedro Afonso, 59 |
| 311 | | América do Sul | 1884 | | Recife | $56 (aprox) | | | | X | | | | | Universal | Rua da Matriz, 44 |
| 312 | | Cassandra | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | Industrial | |
| 313 | | Cri-Cri | 1884 | | Recife | | | X | | | | | | | Tipografia de A. I. Silva | |
| 314 | EP | Echo da Evolução | 1884 | | Recife | | | | | X | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 315 | EP | Folha do Recife | 1884 | | Recife | $40 | | | X | | | | | | Folha do Recife | |
| 316 | | Folhinha Popular | 1884 | | Recife | $200 | | | | | | | | X | A Tribuna | |
| 317 | | Gazeta de Palmares | 1884 | | Palmares | $250 (aprox) | | X | | | | | | | Tipografia da Rua Bela, 3 | |
| 318 | | Homenagem à atriz Adela Naghel | 1884 | | Recife | Grátis | | | | | | | X | | Universal | |
| 319 | | O Araripe | 1884 | | Exú | | | | | | | | | X | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 320 | R | O Arrebol | 1884 | | Recife | | | | | X | | | | Industrial | |
| 321 | | O Badalo | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 322 | EP | O Ceará Livre | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 323 | | O Conservador Acadêmico | 1884 | | Recife | $400 | | | | X | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua Duque de Caxias, 30 |
| 324 | | O Diabinho | 1884 | | Recife | $40 | | | X | | | | | Tipografia da Rua das Cruzes | |
| 325 | | O Frade | 1884 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 326 | | O Futuro | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 327 | | O Jornal do Povo | 1884 | | Recife | | | | | | | X | | Mercantil | |
| 328 | | O Judas Iscariote | 1884 | 1886 | Recife | $40 | | | | | | | X | | |
| 329 | R | O Latego | 1884 | | Recife | $250 | | X | | | | | | Latego | |
| 330 | | O Neto do Diário | 1884 | | Recife | Grátis | | | | | | | X | Tipografia de Manoel J. Miranda | |
| 331 | | O Pharol | 1884 | | Recife | | | | | X | | | | | |
| 332 | | O Siri | 1884 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 333 | R | O Telegrapho | 1884 | | Recife | $125 | | X | | | | | X | Gazeta do Recife | |
| 334 | | Offerenda | 1884 | | Recife | Grátis | | | | | | X | | | |
| 335 | | Resabyos Líricos | 1884 | | Recife | $200 | | X | | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 336 | | Revista da Sociedade Bahiana Beneficente | 1884 | | Recife | | | | | | X | | | Universal | Rua Visconde de Albuquerque, 44 |
| 337 | | Revista de Pharmacia | 1884 | 1885 | Recife | | | | | | | | X | Mercantil | |
| 338 | | Rio Branco | 1884 | 1885 | Recife | $250 | | X | | | | | | Universal | Rua Cruz Cabugá, 11 |
| 339 | EP | Vinte e Cinco de Março | 1884 | | Recife | | | | | | | X | | Apolo | |
| 340 | | A Democracia | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | Democratas | |
| 341 | R | A Ideia | 1885 | 1886 | Recife | $200 | | X | | | | | X | Ideia | |
| 342 | EP | A Província | 1885 | 1933 | Recife | $60 (médio) | X | | | | | | | Comércio | |
| 343 | R | A Voz do Povo | 1885 | | Recife | | | X | | | | | | Voz do Povo | |
| 344 | | Ao Público | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | Sociedade Auxiliadora da Agricultura | Rua do Crespo, 2 |
| 345 | EP | Ave Libertas | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | Mercantil | |
| 346 | | Gazeta do Povo | 1885 | | Recife | $63 (aprox) | | X | | | | | | Tipografia da Rua de Caxias, 4 | |
| 347 | | Gazeta Gastronômica | 1885 | 1907 | Recife | $400 ~ $500 | | | | | X | | | Apolo ; Central ; Econômica; Província | |
| 348 | | Gazeta Rio-Pretana | 1885 | 1886 | Água Preta | $500 | | | X | | | | | Gazeta Rio-Pretana | Rua Paulino Câmara, 28 |
| 349 | EP | Jornal da Tarde | 1885 | | Recife | $40 | X | | | | | | | Tipografia da Rua das Laranjeiras, 18 | Rua das Laranjeiras, 18 |
| 350 | | Jornal das Moças | 1885 | | Recife | $40 | | | | | | X | | | |
| 351 | | Jornal do Domingo | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | G. Laporte e Cia | |
| 352 | R | O Atalaia | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua das Flores, 24 |
| 353 | | O Chicote | 1885 | | Recife | $40 | | | | | | X | | | |
| 354 | | O Corisco | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 355 | | O Diabinho | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 356 | | O Fantasma | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 357 | | O Leão | 1885 | | Recife | | | | | | | | X | Ideia | |
| 358 | EP | O Liberal Federativo | 1885 | 1886 | Recife | $125 (aprox) | | | X | | | | | Liberal Federativo | |
| 359 | | O Livro da Romaninha | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | Apolo | |
| 360 | | O Meteoro | 1885 | | Recife | $125 (aprox) | | | | X | | | | Industrial | |
| 361 | | O Pândego | 1885 | | Nazaré da Mata | $120 | | X | | | | | | Quinto Distrito | |
| 362 | | O Reclame | 1885 | | Recife | Grátis | | X | | | | | | Mercantil | |
| 363 | EP | Quinto Distrito | 1885 | | Nazaré da Mata | | | X | | | | | | Quinto Distrito | Rua Bom Jesus |
| 364 | EP | Revista das Artes | 1885 | 1886 | Recife | | | X | | | | | | Democratas ; Mercantil | |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 365 | EP | Victor Hugo | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | Apolo | |
| 366 | EP | Vinte e Cinco de Março | 1885 | | Recife | | | | | | | X | | Apolo | |
| 367 | | A Bruxa | 1886 | | Recife | | | | | | | X | | Industrial | |
| 368 | | A Ciganinha | 1886 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 369 | | A Evolução | 1886 | 1888 | Recife | $125 (aprox) | | | X | | | | | Tipografia da Rua Epaminondas, 1 | |
| 370 | R | A Propaganda | 1886 | | Recife | $208 (aprox) | | X | | | | | | Universal | Rua Estreita do Rosário, 12 |
| 371 | EP | A Tribuna Acadêmica | 1886 | | Recife | | | | | X | | | | Apolo | Praça Conde D'eu, 32 |
| 372 | | Amazônia Artística | 1886 | | Recife | | | | | | | X | | Industrial | |
| 373 | | Boletim Homeopático | 1886 | | Recife | Grátis | | | | | | X | | Tipografia da Rua Nova, 43 | |
| 374 | ? | Echo de Vitória | 1886 | 1887 | Vitória de Santo Antão | | | | | | | | X | | |
| 375 | R | Gazeta de Goyanna | 1886 | 1889 | Goiana | $250(aprox)/ $300 | | X | | | | | | Tipografia da Rua do Rio | Rua do Rio, 51 |
| 376 | | Gazeta dos Monos | 1886 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 377 | | O Contra-Rebate | 1886 | | Recife | $188 (aprox) | | X | | | | | | | |
| 378 | | O Deus Momo | 1886 | | Recife | $200 | | | | | | | X | | |
| 379 | R | O Equador | 1886 | | Recife | $330 (aprox) | | | | X | | | | Industrial | Praça Pedro II, 83 |
| 380 | | O Estudo | 1886 | | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | Apolo; Topografia da Rua 1º de Março, 18 | |
| 381 | R | O João Fernandes | 1886 | 1887 | Recife | | | X | | | | | | Apolo ; Universal ; João Fernandes | Rua Estreita do Rosário, 37 |
| 382 | | O Medonho | 1886 | | Recife | $40 | | | | | | | X | | |
| 383 | | O Papagaio | 1886 | | Recife | | | | | | | X | | Ideia | |
| 384 | | O Patusco | 1886 | | Recife | $417 (aprox) | | | | | X | | | Mercantil ; Central ; Patusco | |
| 385 | | O Rodrigues | 1886 | 1888 | Recife | | | | | | | | X | | |
| 386 | R | O Seis de Março | 1886 | | Recife | | | | | | | X | | Industrial | |
| 387 | | Revista Acadêmica | 1886 | | Recife | | | | | X | | | | Mercantil ; Industrial ; Apolo | Rua Estreita do Rosário, 31 |
| 388 | EP | Revistinha | 1886 | 1894 | Recife | $200 ~ $60 | | | | X | | | | Revistinha ; Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua da Penha, 23 |
| 389 | EP | Vinte e Cinco de Março | 1886 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 390 | | Vulcano | 1886 | | Recife | $200 | | | | | | X | | | |
| 391 | | 16 de Setembro | 1887 | | Recife | | | | | | | X | | Laporte e Cia | |
| 392 | R | 20 de Setembro | 1887 | | Recife | | | | | | | X | | Comércio | |
| 393 | EP | A Alvorada | 1887 | | Recife | | | | | X | | | | Jornal do Recife ; Industrial | |
| 394 | EP | A Esmola | 1887 | | Recife | | | | | | | X | | Industrial | |
| 395 | EP | A Exposição | 1887 | | Recife | $334 (aprox) | | | | X | | | | Central ; João Fernandes | |
| 396 | R | A República | 1887 | 1888 | Recife | Grátis ~ $40 | | | X | | | | | Industrial ; Comércio ; Apolo ; Dona Pórcia | Rua do Imperador, 77 |
| 397 | R | Anti-Rebate | 1887 | | Recife | $40 | | | | | | | X | Anti-Rebate | |
| 398 | | Archivo Brasileiro de Philosophia e Jurisprudência | 1887 | | Recife | 1$mil | | | | | X | | | Central | |
| 399 | R | Echo do Povo | 1887 | 1889 | Recife | $125 (aprox) | | X | | | | | | Echo do Povo | |
| 400 | EP | Era Nova | 1887 | | Recife | $334 (aprox) | | | | X | | | | Central ; Tipografia da Rua Barão de Vitória, 9 | |
| 401 | | Esboço Biográfico de Chichorro da Gama | 1887 | | Recife | | | | | | | X | | Industrial | |
| 402 | | Flor da Vitória | 1887 | | Vitória de Santo Antão | | | | | | | | X | Lidador | |
| 403 | | Gazeta Acadêmica | 1887 | | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | Industrial | Rua Marquês de Herval, 211 |
| 404 | | Gazetinha | 1887 | | Recife | $84 (aprox) | | | X | | | | | Gazetinha | |
| 405 | | Jornal Baratinho | 1887 | | Recife | Grátis | | | | | | X | | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 406 | EP | Juventude | 1887 | 1890 | Recife | | | | | | | | X | | Paula Marinho; F.P. Boulitreau | |
| 407 | | Madame Viremont | 1887 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 408 | R | O Antheu | 1887 | | Recife | $167 (aprox) | | | | X | | | | | | Rua da Penha, 1 |
| 409 | R | O Escalpelo | 1887 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 410 | | O Espião | 1887 | | Recife | | | | | | | | | X | Espião | |
| 411 | | O Futuro | 1887 | | Recife | $112 (aprox) | | | | X | | | | | | Rua da União, 10 |
| 412 | | O Grito do Povo | 1887 | | Recife | | | | | | | | | X | | |
| 413 | | O Meteoro | 1887 | 1892 | Vitória de Santo Antão | $125 (aprox) | | X | | | | | | | | |
| 414 | | *O Norte* | 1887 | | Recife | | | | | X | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 415 | | O Pansudo | 1887 | | Recife | $40 | | | | | | | X | | Ideia | |
| 416 | ? | O Provinciano | 1887 | | Recife | $223 (aprox) | | | | | | | X | | Central | |
| 417 | | O Saltimbanco | 1887 | | Recife | $250 (aprox) | | | | | | | X | | Saltimbanco | Rua São João, 63 |
| 418 | | O Sorriso | 1887 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 419 | | O Tabaco Livre | 1887 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 420 | | O Temerário | 1887 | | Recife | $40 | | | X | | | | | | Echo do Povo | |
| 421 | R | Revista d*O Norte* | 1887 | 1888 | Recife | $500 (aprox) | | | | X | | | | | Industrial | Rua do Imperador, 51 |
| 422 | ? | Voz do Povo | 1887 | | Recife | $63 (aprox) | | | X | | | | | | Mercantil | Rua das Trincheiras, 50 |
| 423 | R | A Academia | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 424 | | A Cidade do Recife | 1888 | | Recife | $20 (aprox) | X | | | | | | | | Clássica | Rua Barão de Vitória, 14 |
| 425 | | A Distração | 1888 | | Recife | | | | | | | | | X | | Rua do Imperador, 73 |
| 426 | EP | A Folha Moderna | 1888 | | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | | Comércio; Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua Padre Nóbrega, 2 |
| 427 | | A Tesoura | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 428 | ? | A Verdade | 1888 | 1889 | Recife | $40 | | X | | | | | | | Industrial | |
| 429 | R | Brado Pernambucano | 1888 | | Recife | | | | | | | | | X | | Rua Dom Vital, 25 |
| 430 | | Estrela D'alva | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | Jornal do Recife | |
| 431 | R | Gazeta da Tarde | 1888 | 1901 | Recife | $40 | X | | | | | | | | Comércio | |
| 432 | | Goyanna Livre | 1888 | | Goiana | | | | | | | | X | | | |
| 433 | EP | Homens e Letras | 1888 | | Recife | 1$mil | | | | | | | | X | Jornal do Recife; Tipografia da Rua Barão de Vitória, 9 | |
| 434 | | Juanita | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 435 | | Louros e Palmas | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 436 | R | Nova Pátria | 1888 | | Recife | $223 (aprox) | | | | X | | | | | Tipografia da Rua dos Ossos, 52 | |
| 437 | | Novidades | 1888 | | Recife | $167 (aprox) | | X | | | | | | | Econômica ; Industrial | |
| 438 | | O Album | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | Atelier Miranda | |
| 439 | | O Artista | 1888 | 1891 | Recife | $500 | | | | | | | | X | Artista ; Industrial | |
| 440 | | O Brado Juvenil | 1888 | | Recife | $80 | | | | | | | | X | Comércio | |
| 441 | | O Caiador | 1888 | 1923 | Recife | | | | | | | X | | | Caiador; Atelier Miranda ; Mendes (Rua das Laranjeiras, 16) | |
| 442 | | O Cara-Dura dos Salões | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | | |
| 443 | ? | O Equador | 1888 | | Recife | | | X | | | | | | | Industrial | |
| 444 | | O Esforço | 1888 | | Recife | $250 (aprox) | | | | X | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 445 | R | O Estímulo | 1888 | | Recife | | | | | | | | | X | | Rua São José, 29 |
| 446 | | O Parnaso | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | Rua Augusta, 161 |
| 447 | EP | O Philartista | 1888 | 1889 | Recife | $125 (aprox) | | | X | | | | | | Atelier Miranda | Rua Direita, 3 |
| 448 | | O Piparote | 1888 | | Recife | | | | | | | | X | | Atelier Miranda | |
| 449 | R | O Recife | 1888 | | Recife | $125 (aprox) | | X | | | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 24 | |
| 450 | | O Sport | 1888 | | Recife | | | | | | | | | X | Comércio | Rua Queimado, 43 |
| 451 | | O Sportsman | 1888 | | Recife | $100 | | X | | | | | | | Comércio | Rua do Imperador, 22 |

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 452 | | Rabo Escondido com o Gato de Fora | 1888 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 453 | R | Recife Ilustrado- | 1888 | 1889 | Recife | $334 (aprox) | | | | X | | | | Industrial | Rua da Soledade, 80 |
| 454 | EP | Victoria | 1888 | | Recife | | | | | | | X | | Universal | |
| 455 | R | 19 de Setembro | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | Norte | |
| 456 | | 27 de Fevereiro | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 457 | R | A Academia | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | Econômica | |
| 458 | | A Eleição | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | Província | |
| 459 | | A Épocha | 1889 | 1890 | Recife | $35 (aprox) | X | | | | | | | Tipografia da Rua 1º de Março, 10 | Rua 1º de Março, 10 |
| 460 | R | A Federação | 1889 | | Recife | $40 | X | | | | | | | Tipografia do Pátio do Carmo, 28 | |
| 461 | | A Mão Oculta | 1889 | | Recife | | | | | | | | X | | |
| 462 | | A Reação | 1889 | | Recife | $125 (aprox) | | X | | | | | | Tipografia da Rua do Imperador, 54 | |
| 463 | EP | A Renovação | 1889 | | Recife | $125 (aprox) | | | | | | X | | | |
| 464 | R | A Ronca | 1889 | | Recife | $60 | | X | | | | | | Tipografia da Rua Barão de Vitória, 30 | |
| 465 | | Bystoryl | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 466 | R | Diário de Goyanna | 1889 | | Goiana | $40 | X | | | | | | | Tipografia da Rua do Rio, 19 | |
| 467 | ? | Diário de Notícias | 1889 | | Recife | $40 | X | | | | | | | Tipografia da Rua das Flores, 3 | Rua das Flores, 3 |
| 468 | | Império do Brasil | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 469 | | Jornal do Commercio | 1889 | | Recife | $35 (aprox) | | | | | | X | | Tipografia da Rua das Flores, 3 | Rua das Flores, 3 |
| 470 | | Jornal do Miranda | 1889 | | Recife | Grátis | | | | | | X | | Atelier Miranda | |
| 471 | ? | Jornal do Povo | 1889 | | Recife | $40 | X | | | | | | | | |
| 472 | R | Movimento Republicano | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 473 | | Nicaula, Rainha de Sabá | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | Livraria Francesa | |
| 474 | | O Albacora | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 475 | | O Bandegó | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 476 | | O Beija-Flor | 1889 | | Recife | $20 | | | X | | | | | | Rua Visconde de Albuquerque, 44 |
| 477 | | O Capetinha | 1889 | | Recife | $20 | | | X | | | | | | Rua das Pernambucanas, 6 |
| 478 | | O Cara Mole | 1889 | | Recife | $20 | | | X | | | | | | Travessa do Falcão |
| 479 | | O Carnaval | 1889 | | Recife | Grátis | | | | | | X | | | |
| 480 | R | O Clarim | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 481 | R | O Clarim - Silva Jardim | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 482 | EP | O Clarim (2) | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 483 | R | O Combate | 1889 | | Recife | $20 | | | | | | | X | | Rua Visconde de Albuquerque, 44; Rua Estreita do Rosário, 4 |
| 484 | ? | O Descrente | 1889 | | Recife | $200 | | | | | | X | | | |
| 485 | | O Escholastico | 1889 | | Goiana | $250 (aprox) | | | X | | | | | | |
| 486 | | O Farinheiro | 1889 | | Recife | | X | | | | | | | | |
| 487 | | O Globinho | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | Comércio | |
| 488 | | O Litterato | 1889 | | Recife | $167 (aprox) | | | | X | | | | Tipografia da Rua do Conde da Boa Vista, 24; Parisiense | |
| 489 | | O Médico do Povo | 1889 | 1892 | Recife | | | | | | | | X | Tipografia da Rua das Flores, 3 | |
| 490 | R | *O Norte* | 1889 | | Recife | $60 ~$40 | X | | | | | | | Norte | |
| 491 | R | O Obreiro | 1889 | | Recife | $100 | | | X | | | | | Norte | |
| 492 | | O Pandego | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 493 | ? | O Porvir | 1889 | | Recife | $150 (aprox) | | | | | | X | | Rebate | |

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 494 | | O Propheta | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | Livraria Contemporânea | |
| 495 | | O Tribofe | 1889 | | Recife | $20 | | | | | | X | | | Rua da Penha, 1 |
| 496 | | Política Liberal | 1889 | | Goiana | | | | | | | | | Gazeta de Goiana | |
| 497 | R | Revista d*O Norte* | 1889 | | Recife | $334 (aprox) | | | X | | | | | Industrial | |
| 498 | | Revista Sportiva | 1889 | | Recife | $100 | | X | | | | | | Jornal do Recife | Rua do Imperador, 39 |
| 499 | R | Silva Jardim | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 500 | | Sport Pernambucano | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |
| 501 | R | Vinte e Cinco de Março | 1889 | | Recife | | | | | | | X | | | |

## ANEXO C – Clubes republicanos em Pernambuco (1875-1889)

## Tabela 20 - CLUBES REPUBLICANOS CRIADOS EM PERNAMBUCO ENTRE 1875-1889

| | NOME | LOCAL | INÍCIO | MEMBROS |
|---|---|---|---|---|
| 1 | **Clube Republicano de 1876** | Capital | 1876 | Manoel Augusto da Fonseca e Silva; Albino Meira de Vasconcelos; José Maria de Albuquerque Melo; |
| 2 | **Clube Republicano de 1878** | Capital | 1878 | Barros Guimarães |
| 3 | **Clube Democrata de 1879** | Capital | 1879 | Antônio de Souza Pinto; Landelino Câmara; Antônio Carlos Ferreira da Silva; Landelino Rocha; Jovino Carneio Machado Rios; Theodomiro Ribeiro; João Walfrido de Medeiros; João Lício Marques; Lucas Freire Mariz Maracajá; Cícero Lins; Thomaz Lemos Duarte; Aníbal Falcão; Alfredo Falcão; José Domingos da Costa; Belarmino Carneiro |
| 4 | **Clube Republicano Acadêmico de 1881** | Capital | 1881 | Arthur Orlando; José Carlos da Costa Ribeiro Júnior; Clóvis Beviláqua; Elipídio Pereira de Mesquita; José Isidoro Martins Júnior; Ciridião Durval; João Elísio de Castro Fonseca; João Coelho Gonçalves Lisboa; Gonçalves Chagas; Linhares de Albuquerque; João Bandeira; Thomaz Gomes; Pereira Simões; César Monteiro; Phaelante da Câmara; Higino Cunha. |
| 5 | **Clube dos Estroinas de 1882** | Capital | 1882 | Antônio Pepes de Vasconcelos; Theotonio Freire; Allyrio Mendes; Marcelino Cleto; Sindolpho Baviera; Pamphilo do Espírito Santo; F. Júnior |
| 6 | **Clube Científico do Curso Anexo da FDR de 1883** | Capital | 1883 | Euclides Quinteiro; Joaquim Guennes da Silva Melo Júnior; Galdino Loreto; Francisco Guimarães; João Alfredo de Figueiredo; Gervásio Fioravanti Pires Ferreira; Samuel Ramos de Farias; Randulpho Rodrigues Borges |
| 7 | **Clube Republicano Acadêmico de 1883** | Capital | 1883 | José Isidoro Martins Júnior; Gonçalves Chagas; João Bandeira; Costa Ribeiro Filho; Thomaz Gomes; Linhares de Albuquerque; Pereira Simões; Higino Cunha, César Monteiro; Phaelante da Câmara. |
| 8 | **Clube Ceará Livre** | Capital | 1884 | José Isidoro Martins Júnior; Marcílio Teles; Claudino dos Santos; Guilherme Ferreira Pinto; Pedro Pernambuco; O. Pernambuco; José Luiz Netto; Mariano de Medeiros; Paulo Marinho; Francisco Pereira de Lyra; João Gregório Gonçalves Júnior; Galdino Burity; João de Barros Netto Júnior; **Francisca Leal** |
| 9 | **Clube Martins Júnior de 1884** | Capital | 1884 | Arthunio Vieira; Sigismundo Teixeira; Augusto Flávio Teixeira; Antônio de Barros Sobrinho; José de Castro e Silva; José Cavalcanti Ribeiro da Silva; Hermelindo da Silva; **Apolônia Josephina da Silva;** Thomé Ribeiro; Marcelino Cleto; José Carlos da Costa Ribeiro Júnior; Joaquim Ribeiro; José Ramos; Joaquim Pinheiro; José Alves Pimentel; Rutílio José de Oliveira; **Rufina de Castro Moura**; Walfrido Monteiro; Adolpho Monhard; Manoel Miranda; Alfredo Pinto Vieira de Mello; Antônio Maia; Pedro Alexandrino Machado; Octaviano Machado; Phaelante da Câmara; Afonso de Lima; João Pinto de Lemos; João Leal; Júlio Hancem; Francisco Guimarães; Firmino Guimarães; José da Costa Fialho; Borges Diniz; Manoel Lopes Machado Chaves; Antônio Catanho; Antônio da Silva Castro; Alfredo Carneiro; Ulysses Cardoso; Francisco Campello; Felipe Cabral; Edberto Belo; José de Castro Paes Barreto; J.D. Barreto; Alfredo Bacelar; Henrique Autran; Anísio de Abreu |
| 10 | **Clube Republicano Acadêmico de 1887** | Capital | 1887 | Albino Meira de Vasconcelos; Nilo Peçanha; Cícero César; Paulo Silveira; Cassiano Lopes; Alcebíades Peçanha; José Ferreira; José Carlos Júnior; Pereira Simões; Thomás Gomez; José Teixeira |
| 11 | **Clube Acadêmico Sílvio Romero de 1887** | Capital | 1887 | SEM INFORMAÇÃO |
| 12 | **Clube Republicano Sul-Rio-Grandense 12 de Setembro** | Capital | ? | Moy P. Viana; Alfredo Varela; Antônio de Souza Neto; Telles de Queiroz; Pardal Mallet; João Cardoso; João Vieira Braga; Frederico Bastos |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 13 | **Centro Republicano de Pernambuco de 1886** | Capital | 1886 | José Isidoro Martins Júnior; Argemiro Alves Arõxa; Antônio Martiniano Veras; Albino Meira; Francisco Pinto Pessoa; Manoel Coelho dos Reis; Belarmino Carneiro; João Ramos; Luís Ferreira Maciel Pinheiro; Arthur Mattos Sobrinho; Adolpho Guedes Alcoforado; Fenelon de Mendonça; Arthur de Mattos; Angelo Tavares; Pedro Rego; Manoel Pontes; Frederico Bastos; Pedro Pessoa; Antônio Benigno; João Fonte; Ricardo Guimarães; Alves Pimentel; Manoel Ignácio; Felício Buarque; Rangel Sobrinho; Pereira Malta; Fortunato Pinheiro; Maximiniano José Duarte; Galdino Loreto; José Rabello; João Affonso; Pardal Mallet; Francisco Campello; João Bastos; Antônio de Freitas; Hermínio Amaral; Alexandre Catanho; Manoel Martins; Cassy do Rego; José F. Carneiro; Amaro Rabello; Benvenuto da Silveira Lobo; Alfredo Falcão; João dos Santos; Carlos Falcão; João Félix de Oliveira; José L.G. Ferreira; Adolpho Santos. |
| 14 | **Clube Frei Caneca** | Capital | 1889 | José Thiago da Fonseca; Artur Bahia; França Pereira; Júlio Hancem; José Coelho; Pedro Pessoa; João de Oliveira; Teotônio Freire; Amaro Pessoa; Cirilo S. Tiago; Câncio Prazeres; Theotonio Freire**, Maria Amélia de Queiroz**; Eurico Vitruvio Pinto Accioly; Paixão Vieira; João Cavalcanti Pina; Alfredo Vaz de Oliveira Lima; Manoel de Barros Lins; Álvaro A. de Mello Leitão; Manoel do Sacramento; Demosthenes de Olinda; Manoel Rodrigues Alfredo Campos Felinto Silveira; João Barreto de Menezes; Elias dos Santos; Ernesto Ratis Moreira de Carvalho; Antônio Augusto Pereira da Silva Júnior; Pedro Ratis Azevedo e Silva; Antônio de Barros Vieira Cavalcante; Abdias Salles Filho; Mário Chaves; Manoel Pogy Silva Cavalcante; E. Duarte; |
| 15 | **Partido Republicano de Pernambuco de 1888** | Capital | 1888 | Antônio Martiniano Veras; Albino Meira de Vasconcelos; Luís Ferreira Maciel Pinheiro; Walfrido de Medeiros; José Isidoro Martins Júnior; Rodolfo Lins; Aníbal Falcão; João de Barros Cassal; Francisco Ribeiro de Brito; Raimundo Bensaúde; José do Espírito Santo e Silva; Alfredo Falcão; Manoel Cavalcanti de Melo Filho; Amaro da Cunha Rabello Júnior; Alípio Freire de Salles Pessoa; José Martins de Freitas; Euclydes Bevilaqua; Octavio Costa; Frederico Colandriny de Azevedo; Arthur de Castro; Américo Carlos de Gouveia; Deoclécio Duarte; João Maria de Brito; Jeronimo de Castro Sá Barreto. |
| 16 | **Clube Republicano Acadêmico Virgílio Damásio** | Capital | 1889 | Antônio Barboza/ Sá Barreto/ Manoel Bettencourt/ Mariano Correia/ Theophilo Falcão/ Manuel Mendes/ Pedro Mendes/ Marciano Sampaio |
| 17 | **Centro Republicano de Goiana de 1888** | Goiana | 1888 | Antônio Gomes de Albuquerque/ Argemiro Aroxã/ Pereira Lyra/ Amaro Gomes da Cunha Rabello Filho/ Manuel Aurélio Tavares de Gouveia/ Pedro Araújo Gonçalves Guerra |
| 18 | **Clube Literário Martins Júnior de 1889** | Capital | 1889 | Felinto Silveira; Pedro Ratis; Antônio Augusto Pereira da Silva Júnior; Elias dos Santos; Abdias Sales Filho; Manoel Rodrigues; João Cavalcanti Pina; Demosthenes de Olinda; João Barreto de Menezes; Manoel de Barros Lins; Alfredo Vaz; Álvaro Leitão; José Coelho; Antônio de Barros Vieira Cavalcanti; Ernesto Ratis; Alfredo Campos; Eurico Vitruvio Pinto Accioly; Edgard Bello; Salles Witrúvio; João Ferreira Monteiro; João Quintal; Gregório Bello; Monteiro de Melo; Fernando Cavalcante. |
| 19 | **Clube Republicano Acadêmico de 1889** | Capital | 1889 | Amaro Rabello; José Ferreira Teixeira; Wladmir Cavalcante; Janúncio da Nóbrega; Cruz Saldanha; Braz de Mello; Eneas Martins; Antônio Martins Pinheiro; Graciliano de Sousa; Antônio da Costa; Mário Chaves; Thaumaturgo Sotero Vaes; Vítor de Sá Barreto Júnior; Emygdio G. Pedreira; José Eusébio Carvalho de Oliveira; Alberto Magno da Rocha; João Barbosa de Paula Pessoa; Elias Viana; João Branco Pinheiro; Theophilo de Paula; João E. Correia de Miranda Filho; Alberto Dias; Alberto Frederico Moraes Lamego; Martim Francisco; Lafayette Chagas; F. Camillo de Assis; Braz de Melo. |
| 20 | **Clube Republicano Paroquial da Boa Vista** | Capital | 1889 | Sebastião Manoel do Rego Barros; Francisco Joaquim Ribeiro de Britto; Antônio Marcelino Alves da Costa; Valdevino D.R. Wanderley; J. Euthynio de B. Macedo; João de Oliveira; Manuel Cavalcanti de Mello Filho; Manoel Gomes de Matos; Manoel Rodrigues de Souza Vianna; Tranquilino Graciano de Melo Leitão; |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 21 | **Clube Republicano Paroquial do Recife** | Capital | 1889 | João Nepomuceno Coelho; Pedro Correia; Herculano das Neves Gomes; Antônio Baptista de Araújo |
| 22 | **Clube Republicano Paroquial de São José** | Capital | 1889 | Manoel Cavalcante de Melo Filho |
| 23 | **Clube Republicano de Pau d'Alho** | Pau D'alho | 1889 | César Vasconcelos; Feliciano Horisonte Brasileiro; Manoel M. da Cruz Pequeno; Pedro de Alcântara Silva Coutinho; José Rosa Júnior; José Rosa. |
| 24 | **Clube Republicano de Nazaré** | Nazaré | 1889 | Miguel Pessoa de Araújo; João da Costa Ribeiro e Souza; Paschoal de Andrade; Diogo Lins Carneiro de Albuquerque; Antônio da Costa Pereira Malta; Antônio Xavier Carneiro de Moura. |
| 25 | **Clube Republicano de Escada** | Escada | 1889 | SEM INFORMAÇÃO |
| 26 | **Clube Republicano de Vitória de Santo Antão** | Vitória de Stº Antão | 1889 | SEM INFORMAÇÃO |
| 27 | **Clube Republicano de Palmares** | Palmares | 1889 | Francisco Leopoldo de Araújo; David Augusto da Silva; Jerônimo de Castro Sá Barreto; A. Peregrino Calvancati de Albuquerque; Lindolpho da Silva Farias; Apolinário de Andrade; Marcílio de Andrade |
| 28 | **Clube Republicano de Pesqueira** | Pesqueira | 1889 | Manoel de Vasconcelos; Ricardo Caduff; João Luís de Inojosa; Fortunato Cavalcante; Thomaz de Aquino Almeida Maciel; Jesuíno Filho |
| 29 | **Clube Marcelino Cleto** | Capital | 1883 | J. F. Costa Fialho; João da Silva Cabral; José Elídio; Bernardino de S. Lopes; Hermínio Vianna; João Ferreira Leite; Joaquim Audifax; Maximiniano da Silva; Marcelino Cleto; Fortunato Guimarães; André Gomes; Afonso Olindense; Floro Monteiro; Gomezindo C. de Mello; Syndolpho Baviera; Phamphilio do Espírito Santo |
| 30 | **União Artística Republicana** | Capital | 1889 | José do Espírito Santo e Silva; Américo Lima; Manoel do Sacramento; Eleutério Escobar; Sabastião Guedes; João Ribeiro; Francisco Branco; Firmino Gomes; João Dez. |
| 31 | **Clube Republicano Limoeirense** | Limoeiro | 1889 | João Raphael; José Laurentino Barbosa; Leônio dos Santos |
| 32 | **Clube Republicano Silva Jardim** | Capital | 1889 | ALUNOS DO PREPARATÓRIO PARA A FDR |
| 33 | **Clube Tobias Barreto (?)** [137] | Barreiros | 1885 | Antônio dos Santos Pinheiro; Lourenço Guedes Alcoforado; Pedro Elysio de Macedo França; Miguel Archanjo Barroso; Avelino Rodrigues de Paiva; Joaquim Alves da Silva; Francisco Queiroz Coutinho; Horácio da Silva Ferreira; Antônio Salgado; Agélio Alcoforado; João Cândido |

[137] Por haver poucas informações sobre esse clube, não posso confirmar sua orientação republicana, mas tudo indica (principalmente pelo nome) que teria orientações políticas nesse sentido. Sua descoberta se deu, curiosamente, nos últimos meses da monarquia através do jornal oficial do Partido Republicano de Pernambuco (O NORTE, 25-8-1889) indicando que já existia há 4 anos.

## ANEXO D – Lista de membros do Clube do Cupim (1889)

## LISTA DE MEMBROS DO CLUBE DO CUPIM (1889)[138]

**OBS.: NOMES DESTACADOS EM NEGRITO E SUBLINHADOS SÃO ENCONTRADOS NO PERFIL REPUBLICANO DO ANEXO 1.**

[139]Club Cupim – Fundado em 4 de outubro de 1884
Relação das pessoas a quem este clube confere medalhas em atenção aos serviços que as mesmas prestaram ao mesmo Club.

Sócios do Clube

1. **João Ramos (Ceará) [fundador]**
2. **Numa Pompílio (Mato Grosso) [fundador]**
3. **Guilherme Ferreira Pinto (Goiás) (Pérola dos Cupins) [fundador]**
4. Dr. José Mariano Carneiro da Cunha (Espírito Santo)
5. **Dr. Antônio Joaquim de Barros Sobrinho (São Paulo)**
6. **Dr. Alfredo Pinto Vieira de Melo (Minas Gerais) [fundador]**
7. Manoel Joaquim Pessoa (Rio Grande do Norte) [fundador]
8. Dr. Antônio de Farias (Rio Grande do Sul) [fundador]
9. **Dr. Gaspar [Vicente da] Costa (Rio de Janeiro) [fundador]**
10. João José da Cunha Lages (Amazonas, 1º Fiscal) [fundador]
11. Nuno Alves da Fonseca (Alagoas, 2º Fiscal) [fundador]
12. Alfredo Ferreira Pinto (Bahia) [fundador]
13. Dr. Wenceslau Guimarães (Paraná)
14. **Dr. Fernando de Castro Paes Barreto (Maranhão) [fundador]**
15. **Argemiro Falcão (Piauí)**
16. João Manoel da Veiga Seixas Filho (Pará)
17. Luiz Gonzaga do Amaral e Silva (Pernambuco) [fundador]
18. Joaquim de Oliveira Borges (Goiás)
19. **Dr. [Francisco de] Salles Barbosa (Paraíba)**
20. Antônio Ferreira Baltar Sobrinho (Santa Catarina)

Auxiliares Internos

21. Juvenal Machado (Acarape) [Capitão de Ceará]
22. Sebastião de Arruda (Mucuripe) [Capitão de Mato Grosso]
23. Manoel Francisco (Serrinha) [Capitão de Paraíba]
24. Veríssimo Doce (Acarati) [Capitão de Pernambuco]
25. Belisário Calvo
26. João Doudo
27. Israel de Barros
28. Lino Falcão
29. Fortunato dos Santos
30. Martinho Campo Alegre
31. Joaquim de Melo
32. João Canela (Beberibe) [Capitão de Rio Grande do Sul]
33. Rufino Teixeira (Apipucos) [Capitão de Goiás]
34. Eusébio Coimbra (Caxangá) [Capitão de Amazonas]
35. José Archanjo
36. Luiz Napoleão (Guararapes) [Capitão de Santa Catarina]
37. Gertrudes
38. Luíza

[138] *Documentos do Clube do Cupim*. IAHGP, Fundo FIA, Cx.16. Há um conjunto de folhas não numeradas que têm vários rabiscos e anotações. Considero esta a 'lista final' por ser a única listagem que contem cabeçalho, data e assinatura, além de estar "limpa" de qualquer rabisco. Este documento foi utilizado pela diretoria do Clube do Cupim em maio de 1889, um ano após a Lei Áurea, de forma a entregar medalhas de mérito aos participantes.
[139] As informações em parêntesis são dadas em outras partes da documentação. As informações em colchetes são adicionadas por mim para melhor compreensão.

39. Sebastiana
40. Ignácia Maia

Auxiliares Externos

41. Exmª Srª D. Leonor Porto [Presidente da Sociedade Ave Libertas]
42. **Exmª Srª D. Maria Amélia de Queiroz**
43. Exmª Srª D. Olegária Carneiro da Cunha [Esposa de José Mariano]
44. Exmª Srª D. Emília Cândida Ferreira Pinto [Esposa de Guilherme Pinto]
45. Exmª Srª D. Ernestina Lopes de Barros
46. Exmª Srª D. Francisca Drechster
47. Exmª Srª D. Francisca Roma
48. José de Azevedo Marques (ex-guarda-mor da Alfândega)
49. Henrique Diocleciano Tavares dos Santos (ex-comandante de guardas da alfândega)
50. José de Vasconcelos (ex-oficial externo da Polícia)
51. Jerônimo José Ferreira (ex-subdelegado da Boa Vista)
52. Dr. Raimundo Bandeira
53. Dr. Constâncio Pontual
54. Dr. Vicente Férrer de Barros Wanderley Araújo
55. [número ausente na documentação]
56. Francisco Raymundo de Carvalho (Comandante do vapor Pirapama)
57. Francisco Alves da Costa (Comandante do vapor Jaguaribe)
58. João Raymundo (despenseiro do vapor Pernambuco)
59. Joaquim Honório (mestre do iate Jeriquity)
60. Manoel Antônio (mestre do iate Camélia)
61. Joaquim Bazílio (mestre do iate João Valle)
62. Clementino de Macedo (mestre do iate Bom Jesus)
63. Joaquim Felipe (mestre o iate Rainha dos Anjos)
64. Luiz F. de Moura (mestre da barcaça Apody)
65. Antônio Martins (mestre do iate (?) Jeriquity)
66. Joaquim Félix do Nascimento (mestre do iate Jaguarary)
67. Florippe Moura (mestre da barcaça Adelina dos Anjos)
68. José de Matias (catraieiro) (Lingueta – [Capitão de Alagoas]) (almirante)
69. Manoel José da Rosa (catraieiro)
70. Joaquim Ferreira de Andrade (catraieiro)
71. Dr. José Maria de Albuquerque Melo
72. Dr. Vicente Férrer de Barros Wanderley Araújo [repetido]
73. Dr. Raymundo Bandeira [repetido]
74. Dr. Constâncio Pontual [repetido]
75. **Dr. Manoel Gomes de Matos**
76. **Dr. Antônio Pereira Simões**
77. Dr. José Antônio de Almeida Cunha
78. Dr. José Diniz Barreto
79. Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado
80. Manoel José de Sant'Anna Araújo
81. **Antônio Carlos Ferreira da Silva**
82. Luiz Oliveira
83. João Batista da Silva Praxedes [primeiro sócio a usar o codinome 'São Paulo']
84. Deodato Francisco da Silva
85. **Francisco de Paula Mafra**
86. Casimiro [?] de Ramos
87. **Júlio Falcão**
88. João Francisco de Carvalho
89. Hermenegildo Alves de Assis (Cabelereiro)
90. José Gomes Sanches
91. **Adolpho de A. Guedes Alcoforado**
92. Arthur de Souza Carvalho
93. Eduardo Layme
94. José Anastácio Ferreira da Costa
95. Carlos Monteiro da Silva Santos
96. Francisco Gonçalves Torres
97. Major Presciano Accioly Lins

98. Elias Pompílio
99. Major José Bonifácio dos Santos Mergulhão (Tabelião Público)
100. Carlos Carneiro Monteiro
101. João Cordeiro (do Ceará)
102. Francisco do Nascimento (do Ceará)
103. José do Amaral (do Ceará)
104. Antônio Bezerra (do Ceará)
105. Arthur de Mattos (de Acarati-CE)
106. Juvino César Paes Barreto (de Natal)
107. Antônio Rodrigues da Silva Figueiredo (de Acarati-CE)
108. Sebastião da Costa Pinheiro (de Macau-RN)
109. José Avelino Bezerra de Vasconcelos (de Natal)
110. Izácio de Almeira (de Palmares-PE)
111. José Amaro da Costa e Silva (de Escada-PE)
**112. Belarmino Carneiro (da Corte)**
113. Pedro Batista Carneiro
114. José Dativo Passos Bastos
115. João Gonçalves da Fonte

Como Colaboradores
116. Major Luiz Cintra (Escrivão)
117. Dr. Cícero O. Peregrino da Silva
118. Dr. Adrião Luiz Pereira da Silva
119. Instituto Arqueológico Geográfico Pernambucano

Recife, secretaria do Clube do Cupim em 12 de maio de 1889.
ASSINATURA ILEGÍVEL
[140]

120. Demétrio de Gusmão Coelho (ex-subdelegado da Graça)
121. Vieira Silva
122. Carízio de Barros
123. José Marcolino da Fonseca Manguinho (ex-subdelegado de Olinda)
124. Dr. João de Sá
125. D. J. Lopes P. Costa
126. Libânio de C. Pinho
127. Dalva da Silva
128. José de Aguedo Marques
129. Zozimo [Possivelmente pode ser o subdelegado Z. que aparece na peça de Thomaz Espíuca]
130. Carvalho da T [?]
**131. Phaelante da Câmara**
132. Telles [Pintor Telles Júnior?]
133. Euclides [Fonseca?]
134. Alfredo Guimarães
135. D. Apolônia [atriz]
136. Lyra [Ator]
**137. Antônio de Souza Pinto**
138. Dr. Antônio José da Costa Ribeiro
**139. Antônio Martiniano Veras**
140. Pedro Paula Mafra
141. Cícero
142. Antônio Marques
143. F. Leal
144. "Senhor de Engenho" [possivelmente aparece na peça de Thomaz Espíuca como 'Coronel Zuza']
145. João Rego
146. Andrade
147. Rosas
148. Mendes Guimarães (Pará) ["Este despediu-se numa sessão, temendo comprometer-se"]

[140] A partir deste ponto todos os nomes listados foram encontrados em diferentes versões deste documento, em rabiscos e cantos de página. São pessoas retiradas da lista final. A numeração a partir daqui não é encontrada na documentação, apenas dei continuidade para dar uma ideia do quantitativo de pessoas que ficaram de fora.

149. Otaviano [?] Araújo (Sergipe) ["Se retirou por não poder pagar"]
150. **Pedro da Costa Rego** (Santa Catarina) ["Este pulha, pusilânime, tendo uma escrava em sua casa, ocultando do clube, não lhe dava de comer e um dia pô-la na rua, expondo-a às garras dos capetas do campo"]
151. Dionísio Bastos (Picatuba) [Capitão de Bahia)
152. Antônio Ceará (Maranguape) [Capitão de Minas Gerais]
153. Joaquim Cambraia (Laranjeiras) [Capitão de Rio de Janeiro]
154. José Bezerra [ou Regueira] (Timbó)
155. Antônio Trindade (Itapissuma) [Capitão de Pará]
156. José Alves (Escada)
157. José Francisco Quadro São Gonçalo
158. Cláudio [?] de Barros
159. José de Azevedo Marques (ex-guarda-mor)
160. Dr. Ventura (ex-chefe de polícia)
161. Jerônimo José Ferreira
162. João Batista Lanati
163. A. Costa Lima (ex-subdelegado do Espinheiro)
164. Francisco Veríssimo de Jesus
165. Ludgeno [?] Rodrigues Nogueira Lima
166. Félix de França Lumachy Migueis
167. Umbelino Possidônio de Barros
168. Thomaz Garrett
169. Mariano Eduardo Jayme da Silva
170. Manoel Paulino da Costa
171. Manoel de Jesus Pedroso
172. Manoel Alves de Oliveira Braga
173. Francisco Moreira de Carvalho Lima
174. Manoel Francisco das Chagas
175. Herculano Garcia do Amaral
176. Luiz Pereira Mendonça Furtado
177. Thomaz da Gama Lobo
178. Francisco Ferreira de Alcântara Barros
179. Guilherme Jorge da Motta
180. João Gonçalves Pires Ferreira
181. José Marciano de Barros Cavalcante
182. Francisco Antônio Martins da Rosa
183. Lourenço José dos Santos
184. P. Carmo
185. Trajano [?] R.
186. João Maranhão
187. Batista Pispama [?]
188. Alfredo Monteiro
189. Manoel Brazileiro
190. Luiz de Andrade
191. Clapp [João Clapp, Rio de Janeiro]
**192. Arthur Gomes de Matos**
193. Carlos Santos
194. Pedro Borges
195. **Odília Pompílio** [Esposa de Numa Pompílio, líder do Ave Libertas]
196. Desembargador Martins Pereira
197. Francisco Cordeiro (do Ceará)
198. Augusto Silva
199. Jacyntho
200. Ramalho
201. Carlos (morto)
202. **Elvira Ramos** [Esposa de João Ramos]
203. Manoel da Silva Pimentel (ex-polícia)
204. Leonel
205. Comandante Rino
206. João Gonçalves Fonte
207. Palmyra Pernambuco (codinome Goiana)

208. Joaquim Juvenal
209. José Manoel da Veiga Seixas (codinome Sergipe)
**210. Antônio Carlos Ferreira da Silva**
211. Thomaz Espíuca [ator]
212. Amélia de Barros [atriz]